

LEILA REGO

A SEGUNDA VEZ
QUE TE AMEI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LEILA REGO

A SEGUNDA
VEZ QUE TE AMEI

Copyright © 2013 Leila Rego
Copyright © 2013 Editora Gutenberg

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg.

GERENTE EDITORIAL
Alessandra J. Gelman Ruiz

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Geisa Oliveira

DIAGRAMAÇÃO
Christiane Morais

REVISÃO
Lúcia Assumpção

CAPA
Diogo Droschi

PRODUÇÃO DO E-BOOK
Schaffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Rego, Leila

A segunda vez que te amei / Leila Rego. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2013.

ISBN 978-85-8235-110-9

1. Ficção brasileira I. Título.

13-11567

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

EDITORA GUTENBERG LTDA.

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301
Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Teleendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br

*Para Luíza e Lucas,
que me ensinam diariamente o que é o amor.*

Sumário

Agradecimentos

1 André

2 Raquel

3 André

4 Raquel

5 André

6 Raquel

7 Raquel

8 Raquel e André

9 Raquel

10 André

11 André e Raquel

12 Raquel

13 Alberto

- 14 André
- 15 Raquel
- 16 André e Raquel
- 17 André
- 18 Raquel
- 19 André
- 20 Raquel e André
- 21 Raquel
- 22 André
- 23 André, Raquel e Pedro
- 24 Eros e Juli
- 25 Raquel
- 26 Família di Bianchi
- 27 Raquel e Alberto
- 28 Raquel
- 29 André
- 30 Raquel
- 31 Raquel e André
- 32 Juli
- 33 Raquel e André
- 34 André e Juli

35 Raquel

36 André

37 Raquel, Alberto e Pedro

38 André e a família di Bianchi

39 Alberto e Joaquim

40 Raquel e André

41 Raquel e Juli

42 André

43 Raquel

44 Raquel e André

45 André e Juli

Epílogo

“Um dia você conhece uma pessoa que te faz sentir nas nuvens, mesmo com os pés no chão. E a vida ganha nova forma, novos tons, novos sons. Você começa a acreditar que tudo tem um significado e uma resposta bonita.

Um dia a vida dá uma reviravolta e, quando você olha para os lados, não enxerga ninguém. E começa a questionar tudo o que aprendeu e viveu. Tenta segurar a mão do passado, que sai correndo sem olhar para trás. Procura qualquer sinal, uma luz que diga para onde você deve ir. Sem sucesso, sem uma palavra amiga.

Um dia você entende que o tempo não é inimigo. E que ele é o nosso maior mestre. Que tudo vem na hora que deve vir. Que não adianta espremeir nem se esconder da vida. Que a fuga não é a melhor saída. E que no fim das contas a gente sempre acaba agradecendo tudo que passou. Porque o tempo (ah, o tempo!) está sempre ao nosso lado para nos mostrar o que realmente vale a pena.”

Clarissa Corrêa

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer a Deus por me manter firme no caminho da escrita, mesmo naqueles dias em que nada parece dar certo.

Meu muito obrigada à Priscila Braga, à Gláucia Campana, à Janda Montenegro e à Telma Coutinho Figueiredo, pelas leituras feitas enquanto eu escrevia. Suas opiniões e ideias fizeram toda a diferença. À Ludmila Rodrigues, pela leitura e revisão da primeira versão deste livro.

Não posso me esquecer de toda a ajuda que recebi do Guilherme durante o desenvolvimento do livro. Obrigada pela paciência, ajuda, apoio e companheirismo.

Agradeço demais todo o suporte e orientação da minha editora, Alessandra J. Gelman Ruiz, que tão bem me recebeu e acreditou na minha história. E também a todos da Editora Gutenberg, pelo carinho e dedicação com que cuidam dos meus livros.

Também não posso deixar de agradecer a ele, que quase nunca aparece, mas que está por trás disso tudo, meu agente Bruno Borges. Obrigada por acreditar em mim!

Por fim, quero agradecer a todos os leitores, razão principal deste trabalho, que sempre me escrevem pedindo mais histórias e falam dos meus livros com tanto carinho.

1

André

O apartamento era grande e arejado. A decoração, moderna e de bom gosto, mesclava papéis de parede que deixavam o ambiente aconchegante com móveis de design arrojado e peças divertidas, imprimindo assim a personalidade do casal na casa. Em uma das paredes laterais da sala havia um mural de fotos com dezenas de sorrisos, beijos e olhares apaixonados, registrados para toda a eternidade.

Seria um apartamento digno das melhores revistas de decoração não fosse por um detalhe: tudo nele estava fora de lugar. Havia sido decorado alguns anos antes para ser o lar de um casal recém-casado que queria ser feliz em todos os sentidos; para receber os amigos, para descansar depois de um longo dia de trabalho e, logicamente, para se passar bons momentos a dois. Porém, naquele momento, estava completamente abandonado. Quem morava nele já não se importava mais com decoração, visitas, momentos a dois ou com felicidade.

André, que analisava aquela bagunça com seu senso crítico, estava esparramado na sua poltrona de leitura. Às vezes, ele perdia seu olhar em Juli, do outro lado da sala, e suspirava sentindo-se angustiado por não entender no que ela havia se tornado. Era domingo à noite, últimas horas do final de semana. No passado, ele e Juli curtiam esses momentos como quem aproveita o último raio de sol de um dia de verão. Hoje eles também estão juntos... na mesma sala, porém em lugares diferentes. Fisicamente juntos no mesmo ambiente, mentalmente distantes um do outro.

Alguma coisa aconteceu ou será que eu fiz algo de errado? André refletia, com os olhos grudados em Juli.

André gostava de observar a esposa quando ela estava distraída. Reparava em seus cabelos, nas expressões espontâneas de seu rosto, na covinha que se formava quando sorria, no brilho dos seus olhos... Hoje, porém, o que via era uma mulher apática, com cabelos sem brilho, com o corpo precisando de cuidados e com o olhar distante, quase entediado.

Na cozinha, o interfone tocou, mas Juli não se moveu do sofá de onde assistia à televisão.

— Atende pra mim? — pediu ela, sem ao menos olhar para ele.

André deixou de lado o jornal que tentava ler, levantou-se de sua poltrona e foi atender ao interfone.

— É o lanche que você pediu. O motoqueiro está na portaria. — avisou, já de volta à sala.

— Você busca pra mim? Estou de pijama e com preguiça de colocar uma roupa só para ir lá...

— Busco, claro. — concordou, com sua habitual gentileza.

As coisas entre André e Juli não fluíram muito bem nos últimos anos. Enquanto Juli fingia para André e para ela mesma que estava tudo bem, ele se esforçava para tentar agradá-la no dia a dia. Ele cedia aqui e ali, bancava o psicólogo nos dias de TPM, buscava o diálogo pacífico nas brigas e discussões, tentava mostrar que eles ainda podiam ser felizes... se realmente quisessem. André sonhava com os dias alegres e tranquilos do passado, em fazer os programas despretensiosos que curtiam fazer, em ter de volta a Juli divertida e de bem com a vida que conheceu seis anos antes.

Apesar de saber que seu casamento já não era mais o mesmo, ele ainda cultivava a esperança de que eles voltariam a ser o casal apaixonado de outrora.

Enquanto esperava pelo elevador, André mexia nas chaves que estavam dentro do bolso de sua calça de moletom. Tirou o pequeno molho de lá de dentro, olhou para o chaveiro em formato de um Fusca, e sua mente o jogou de volta para o dia em que ele pediu Juli em casamento.

Quando seu namoro com Juli completou um ano, André decidiu que aquele era o momento certo. Conversou com seus pais, como sempre fazia quando precisava tomar qualquer decisão importante em sua vida, e colocou seu plano em prática. Preparou com bastante antecedência o presente que escolheu para ela, planejou um jantar em seu apartamento e comprou uma pequena caixa de veludo azul escuro.

No dia do jantar, Juli foi ao apartamento de André sentindo-se insegura, porém feliz por finalmente engatar um relacionamento sério com alguém tão especial como ele. Ela tocou a campainha e, segundos depois, André abriu a porta, recebendo Juli com um sorriso radiante no rosto:

— Oi!

— Uau! Quem é essa gata? — perguntou, em tom brincalhão — Desculpe, moça, mas sou um cara comprometido e estou esperando pela minha namorada. Uma que só usa calça jeans.

— Ai, Dé, pode falar, estou ridícula, né? Coisas de Mariana. Você sabe como ela é... — falou Juli sem graça, sentindo um leve rubor em sua face — Olha só para esse sapato... Nem sei andar direito com esses saltos. Mas, enfim, consegui chegar até aqui sem cair nem torcer o pé. E isso já é um verdadeiro milagre!

— Vem cá, amor. Você está linda! Preciso me lembrar de agradecer à Mariana por isso. — disse, segurando as mãos de Juli e se afastando para admirá-la.

Juli espiou o apartamento sempre impecável de André. Havia uma mesa posta com pratos, taças e velas acesas. André era tão metódico com sua casa que ela quase nunca o convidava para ir à casa de seus pais. A bagunça generalizada o espantaria de vez, ela tinha certeza.

— Eu fiz isso pra você — contou Juli, estendendo o pacote que trazia em uma das mãos — Para você nunca mais se esquecer desse ano que passou. Para lembrar o quanto foi intenso e divertido... E do quanto você é importante para mim.

Ele sorriu curioso e se sentou para abrir o embrulho.

— Acho que você vai gostar. — disse Juli, sentando-se ao lado de André no sofá da sala.

— Já gostei. — contou enquanto desembulhava o pacote. — Um álbum de fotos?

— Sim.

— Que bacana!

André começou a folhear o *scrapbook* com fotos do primeiro ano de namoro: os melhores momentos, os melhores dias, as melhores cenas... As lembranças iam surgindo a cada página virada e os dois comentavam aqui e ali sobre as fotografias, revivendo aqueles dias tão felizes só dos dois.

— Foi você que fez?

— Sim. Gostou? — perguntou, mesmo sabendo que não havia sido ela quem tinha feito o álbum, e sim a habilidosa funcionária de uma lojinha especializada em *scrapbook* que ela descobriu no shopping perto de sua casa. Mas André não precisava saber dos detalhes.

— Eu adorei, Juli. De verdade. Obrigado!

— Nossa! Você não sabe o quanto fico feliz em saber que gostou. — comentou Juli, suspirando aliviada.

Quando terminaram de ver o álbum, André pegou a pequena caixa de veludo azul que estava em cima da mesinha de centro e entregou à namorada.

— Depois de um ano maravilhoso como este, nada melhor do que te pedir em casamento — declarou, surpreendendo Juli, que quase desmaiou com a surpresa.

— André! — exclamou, pegando a pequena caixa com as mãos trêmulas — Você... Você tem certeza?

— Assim como preciso de ar para respirar, preciso de você para viver.

Ela o olhou estupefata.

— Tudo bem. Essa frase eu peguei emprestado de um livro e souu piegas demais, mas... — ele abriu um sorriso contagiante. — Claro que tenho certeza! Eu te amo, Juli. Você é tudo o que eu mais quero. Somos felizes... Combinamos em tudo... Pra que esperar?

— Ô, Dé! Eu também te amo. Muito!

— Abre — ele a encorajou, ansioso para mostrar de uma vez a surpresa que havia preparado.

Ela abriu a caixa e olhou, sem entender direito o conteúdo da pequena caixa de veludo.

— Chaves?

— Vem comigo que eu te explico.

Ele saiu quase correndo, puxando a namorada pelas mãos, e a levou até a garagem do prédio. Parou ofegante ao lado de um fusca bege e ficou contemplando o rosto dela.

O *Fusca* 1964 estava lindo. Tinha sido reformado, ganhou motor e estofamento novos. André havia passado os últimos três meses preparando a surpresa para a namorada, que permanecia ao seu lado sem compreender direito o motivo de estarem parados ao lado daquele carro.

— Uma das chaves abre a porta. — contou, apontando para a porta do motorista. — E essa moça bonita que está na minha frente é a dona dele.

Juli levou uma das mãos à boca. Ela não sabia medir se estava feliz ou chocada com aquele presente.

— Sempre amei Fuscas!

— Eu sei — afirmou André, sentindo seu coração explodindo de felicidade. Ao vê-la sorrindo e admirando o carro, André soube que, enquanto estivessem juntos, ele faria de tudo para vê-la sempre com aquele sorriso no rosto.

Sem perder mais tempo, Juli entrou no carro e sentiu o banco de couro em tom bege, tocou o painel, o câmbio... Tudo novinho e como ela sempre imaginou. Deu partida. Sentiu o ronco do motor e depois o desligou. Era muita emoção. Ela estava maravilhada com seu presente. Nunca ninguém havia feito algo tão lindo por ela e Juli não sabia como agradecer à altura.

— É lindo, amor! Poxa, eu nem sei o que dizer... Como eu queria ser boa com as palavras nessas horas...

— Diga apenas *sim*.

— Dizer sim?

— Isso. Diga *sim* ao meu pedido.

Ela tornou a abrir a caixinha de veludo e tocou na segunda chave.

— Minha casa será nossa a partir do seu *sim*. — disse ele, envolvendo-a pela cintura. — E, então, Julia Andrade de Oliveira, você aceita se casar comigo?

Juli deixou sua cabeça cair para trás, fechou os olhos e respondeu sorrindo:

— Sim! É claro que sim!

O solavanco da parada do elevador interrompeu os pensamentos de André. Ele havia chegado ao térreo. Em modo automático, caminhou até a portaria, pegou o lanche, pagou o motoqueiro e voltou para o apartamento.

— Aqui está o seu lanche. — avisou, fechando a porta.

— Ah, obrigada. Tem certeza de que não quer um pedaço?

— Tenho. Obrigado.

Juli pegou seu lanche e refrigerante, sentou-se no tapete da sala e voltou sua atenção para o *reality show* que acompanhava diariamente na TV.

André voltou para sua poltrona, mas não retomou a leitura do jornal. Em vez disso, ele a fitou incomodado. Aquela não era a sua Juli. Sua Juli não tinha uma expressão “estou-de-saco-cheio-e-já-não-me-importo-com-nada” tatuada na cara, como esta tinha. O que aconteceu com ela? O que havia mudado? Quando ela se tornou uma estranha para ele?

Por mais que pensasse, ele não encontrava as respostas para as suas perguntas.

André tinha total consciência de que Juli não era uma pessoa fácil quando se casou com ela. Seus pais avisaram: “Juli é geniosa demais, fecha a cara diante do menor conflito, além de falar pouco. E nós somos descendentes de italianos. Gostamos de festas; de nos reunir para comer; de falar! Dio mio, Juli não gosta de sair de casa! Não vai dar certo esse casamento, meu filho”.

Ele sabia de tudo aquilo. Mas acontece que o amor não tem regras. Os opostos nem sempre se repelem. Às vezes, eles se atraem e era nessa teoria que André se apoiava.

Desde então, cinco anos de casados se passaram. Nos três primeiros anos, tudo correu bem: viagens esporádicas, cursos de gastronomia, planos e projetos profissionais, eventuais saídas com os amigos, momentos românticos a dois... Já os últimos dois anos foram preenchidos por uma rotina maçante que, pouco a pouco, como uma sanguessuga ensandecida, foi consumindo toda a harmonia e felicidade do casal.

Atualmente, o relacionamento de André e Juli encontrava-se como um móvel muito vistoso por fora, mas corroído por dentro por cupins e outros insetos pertencentes ao reino do comodismo, prestes a desmoronar a qualquer momento. Era uma questão de tempo. No fundo, André sabia. Só que fazia questão de não enxergar o óbvio. Antes de se entregar, ele lutaria até o fim. Faria de tudo para recuperar os velhos dias felizes e envelhecer ao lado de Juli, como prometera no altar. Porque casamento para ele era para vida toda. Não iria descartar anos de relacionamento no primeiro problema sério que estavam enfrentando. Mesmo com a permanente sensação de que só ele queria que a relação desse certo. Mesmo assim, André não iria desistir. Ficaria frustrado para sempre se desistisse sem lutar pelo que acreditava e pelo que queria.

E o que ele queria era acertar seu casamento com Juli.

Raquel

Que esta seja uma boa semana. Que o trânsito não esteja caótico, ou que, pelo menos, não tenha tantos motoqueiros nas ruas querendo arrancar o retrovisor do meu carro. Que meu chefe não esteja de mau humor. Que os próximos cinco dias sejam doces, tranquilos e que passem voando para que a sexta-feira chegue logo...

Na zona oeste da cidade, Raquel repetia seu mantra antes de sair da cama para enfrentar mais uma semana de trabalho. Ela não era uma mulher supersticiosa, mas, quando lembrava, gostava de pisar com o pé direito antes de se levantar. Quando lembrava, também gostava de se benzer e pedir aos seres superiores que a abençoassem durante seu dia. E foi o que fez antes de ficar em pé. Pediu bênçãos e proteção para si e para seus familiares. E agradeceu pela vida boa que tinha, pelo filho maravilhoso, um verdadeiro presente divino, e pelo marido perfeito que era tudo em sua vida. Ao pensar no marido, Raquel olhou para o outro lado da cama buscando por Alberto, mas, como sempre, ele já havia saído para o escritório antes mesmo de ela acordar.

Após um banho morno, Raquel correu os olhos para as opções de seu closet e optou por um vestido azul marinho de corte reto e elegante, um sapato de salto alto vermelho que combinasse com sua bolsa e poucas bijuterias. Inspeccionou sua imagem no espelho, ajeitou o cinto do vestido e escovou novamente o cabelo — agora castanho acobreado e na altura dos ombros — até ele brilhar. Não era seu aniversário e nem tinha nada de

especial acontecendo para se vestir daquela maneira, mas estava muito satisfeita com o resultado. Alberto, com certeza, aprovaria sua escolha.

Anotou mentalmente, enquanto passava camadas de rímel nos cílios, torcendo para que fossem mais longos e espessos, que convidaria Alberto para passar o final de semana na Riviera de São Lourenço. *Pedro adora ir à praia*, pensava ela, amadurecendo a ideia e animando-se com a possibilidade de um final de semana de sol e diversão com a família. Decidiu que, quando chegasse ao trabalho, ela mandaria um *e-mail* para Alberto, propondo o passeio.

Depois de pronta, Raquel foi para sua primeira batalha do dia: acordar Pedro para ir para a escola. Ela tinha menos de uma hora para tirá-lo da cama, ajudá-lo a se vestir, preparar seu desjejum e deixá-lo na escola antes das sete e meia da manhã.

— Pedro... Peeeedro. Filho, hora de acordar. Escola. Vamos?

— Tô com sono, mãe. Posso faltar hoje?

— Eu sei que você está com sono, mas é dia de escola.

— Não quero ir...

— Atenção! Eu vou ligar o cronômetro e o jogo vai começar — pronto, ela havia dito as palavras mágicas. — Vamos lá, meu campeão, hora de ir para o treino.

— Sim, senhora treinadora — respondeu ele, dando um pulo da cama. Pedro era fanático por futebol, e Raquel, como toda mãe que trabalha fora e tem o tempo contado, fazia do futebol seu grande aliado para tirar Pedro da cama mais rápido e sem brigas. Essa havia sido, de longe, sua maior sacada.

E mais uma vez tudo deu certo. Ela deixou Pedro na escola no tempo justo e seguiu para o escritório, como fazia todas as manhãs. Às vezes, sentia-se como uma super-heroína em ação: acordar cedo; arrumar o filho para a escola; enfrentar o trânsito para chegar à escola; enfrentar novamente o trânsito para chegar ao trabalho; trabalhar o dia inteiro; aturar o chefe incompetente e folgado; lidar com clientes exigentes; se esquivar das intrigas e das fofocas de escritório; se desdobrar em mil para atender e

agradar à mãe carente, à irmã egoísta e folgada; aos amigos; ao marido; ao filho... E ainda arrumar um tempinho para cuidar de si mesma.

— Muito bem, aqui estou! Agora é só passar oito horas dentro desse prédio e depois voltar para casa — disse para si mesma, assim que desligou o carro na garagem do prédio, na zona sul da cidade.

Do estacionamento até o décimo quinto andar, como de praxe, deu bom dia para todas as pessoas que passaram por ela. Ao chegar à sua mesa, partiu para seu ritual matinal: ligou o computador, deu uma passada de olhos nos e-mails (nada urgente, graças a Deus); ligou para o ramal da Simone e combinou de descer para tomar café em cinco minutos. Elas adquiriram esse ritual e se mantinham fiéis a ele desde que começaram a trabalhar na Solve Solutions, havia oito anos.

Simone era uma mulher na casa dos quarenta anos, bem conservada, bem-sucedida como coordenadora de Recursos Humanos, falante, culta e solteira. E Raquel se identificou rapidamente com seu jeito espontâneo e expansivo de ser, tornando-se sua amiga-confidente. Alberto, no entanto, nunca aprovou a amizade das duas.

— Algo tem de errado com a Simone — comentou Alberto, quando Raquel convidou Simone para jantar em sua casa, anos atrás, logo que a amizade entre elas se firmou.

— Não tem nada de errado com ela, amor. Ela só escolheu ficar sozinha. Isso é muito machismo de sua parte. Deselegante até.

— Pois eu acho que ela tem dupla personalidade. Uma, que é uma máscara, que ela usa no trabalho e com as amigas. E a outra, a verdadeira, que ela revela para os homens quando avança em um relacionamento. E logo em seguida, eles fogem.

— Que horror, Alberto! Você fala como se conhecesse pessoas com dupla personalidade.

— Infelizmente eu conheço.

— Por que infelizmente?

— Porque sim.

Raquel gostava de Simone e achava de verdade que Alberto falava aquilo só para implicar. Ela era a única no escritório com quem podia conversar sem ter o pé atrás. E naquela manhã, tomando seu café preto, Raquel ouvia todos os detalhes do final de semana da amiga com o bonito do departamento de informática — a nova e promissora conquista de Simone.

Mas como tudo que é bom dura pouco, Raquel precisou subir para a primeira reunião do dia com Gaspar.

— Almoço ao meio-dia? — perguntou Simone, antes de abrir a porta da sala de Gaspar.

— Acho que hoje não vai dar. Gaspar me chamou para almoçar com um cliente promissor. Mas, você sabe, ele pode cancelar de última hora. Eu te aviso.

— Ok. Boa sorte com a fera.

— Obrigada. Bom trabalho! — desejou para Simone. Em seguida, abriu a porta do escritório de seu chefe e o cumprimentou com a formalidade de sempre.

— Bom dia, Gaspar.

— Oi, Raquel. Entre, por favor, e feche a porta. O Xavier vai ligar em cinco minutos. Está com tudo aí? — perguntou ele, olhando para as mãos vazias de Raquel.

E foi, então, que Raquel se lembrou da lista de pendências que fez durante o final de semana em sua casa.

Ah, merda!

— Algum problema? — indagou ele, fitando o semblante pesado que Raquel assumiu em seu rosto.

— Eu esqueci a lista na minha casa! Eu não sei como isso foi acontecer. Costumo ser tão organizada, você sabe. Sinceramente, não sei explicar. Nunca me aconteceu antes. Que droga!

Gaspar a fitou com desprezo e ela podia bem imaginar os pensamentos que estavam cruzando a mente do seu chefe. Ele detestava funcionários incompetentes. Até mesmo dos mais competentes, como Raquel, não admitia erros, falhas, esquecimentos. Nada.

— Mas não se preocupe. — adiantou ela — Eu vou pedir ao motoboy para ir à minha casa buscar. Em meia hora ele vai e volta.

— Você está de brincadeira? O Xavier vai ligar em cinco minutos e você não está com a lista aqui? Não salvou no computador?

— Eu fiz em um caderno... Eu anotei tudo, os problemas e as soluções, e também algumas sugestões de melhorias.

— Caderno? Você trabalha em uma empresa de tecnologia e ainda usa cadernos?

— Eu não levei o computador para casa nesse final de semana e fiz em um caderno. — justificou, sentindo-se uma idiota.

— Eu não acredito.

— Poxa vida, cometi um erro! Vou ligar para o Xavier e ver se é possível atrasar a reunião em meia hora. Vou dar um jeito.

Gaspar surtou. E como Raquel o conhecia muito bem, deixou que ele explodisse. Ela sabia que enquanto ele não falasse tudo o que pensava a respeito dela e da situação, ela não teria chance de abrir a boca. Então, engoliu o orgulho e a raiva que estava sentindo de si mesma e dele, e escutou. Quando teve chance, ela avisou:

— Vou para minha mesa pedir um motoboy para ir buscar a lista em casa e ligar para o Xavier. Calma que eu vou resolver isso. — e saiu às pressas da sala, batendo a porta mais forte do que queria.

Droga! Merda! Como fui esquecer a maldita lista em casa?, Raquel se punia enquanto marchava para sua mesa com os punhos cerrados de raiva. Chegando lá, jogou o peso de seu corpo na cadeira e ligou para sua casa para orientar Matilde, sua funcionária, para que pegasse a lista na mesa do escritório, colocasse dentro de um envelope e deixasse na portaria para o motoqueiro pegar.

Mas Matilde não atendeu ao telefone. Ligou mais uma vez, já que ela poderia estar lavando o banheiro sem conseguir chegar a tempo de atender. Nada. Deixou chamar até cair na caixa postal. Ligou pela terceira vez. Nada. Tentou o celular dela: desligado.

Será que Matilde ainda não chegou? Ah, droga, mais essa agora? O que eu faço?

Decidiu primeiro que precisava ligar para o Xavier e explicar a situação. Usou todo o seu charme e l bia com ele. Nesses momentos, ela até que gostava de ser bonita e articulada. Os homens mais atirados, como Xavier, sempre ca am em sua l bia. E assim ela conseguiu adiar a reunião para onze horas da manhã sem maiores transtornos. Depois, avisou Gaspar que iria até sua casa buscar a lista.

Que dia! Não eram nem 9 horas da manhã e já estava assim? Será que ninguém havia ouvido seus pedidos? Ela tinha começado o dia bem, com tudo acontecendo dentro do padrão normal estabelecido para as segundas-feiras, e bastou uma lista esquecida em sua casa para desequilibrar tudo. Porém, como Raquel não era mulher de ficar reclamando do leite derramado, pegou sua bolsa e partiu para casa, determinada a colocar seu dia de volta nos trilhos.

No caminho, foi pensando em sua vida. Lembrou de algo que as pessoas sempre diziam: *timing*   tudo na vida. Também existiam músicas que falavam disso, poemas, frases, “Estar no lugar certo e na hora certa”, entre tantas outras. E Raquel sabia que não estava na hora certa, mas, com certeza, estava no lugar certo quando conheceu Alberto.

Ela cursava engenharia da computa o na Poli, e Alberto, administra o na FEA, ambas escolas da USP, a Universidade de São Paulo. E foi pura coincidência ela ter escolhido uma área mais reservada perto da FEA para descansar depois de uma maratona de provas, e Alberto ter decidido fazer o mesmo.

Ela estava sentada debaixo da sombra de uma grande árvore, tomando seu refrigerante diet, quando Alberto passou e ela, automaticamente, começou a fazer as compara es de praxe com seu primeiro namorado. Raquel tinha esse péssimo hábito. Sempre que achava um rapaz bonito, imediatamente o comparava ao ex. Apesar de se sentir otimista com o início da faculdade, e conseqüentemente de uma nova vida, ela ainda pensava no ex muito mais do que gostaria. Uma simples lembrança do seu perfil a tirava completamente do eixo, fazendo seu cora o disparar e

deixando-a com um aperto enorme no peito. Quando Alberto parou no meio do caminho, deu meia volta e veio em sua direção, ela quase riu dele.

Ele não tem nada a ver. Nem de longe se compara, pensou, para logo em seguida se condenar. *Eu preciso parar com isso.*

Alberto, por sua vez, se mostrou simpático e insistente. Lutou por ela, mesmo quando ela o tratou com indiferença. Não se afastou e não perdeu o interesse nem quando Raquel confessou que, talvez, não sentisse por ele o mesmo que sentiu, ou ainda sentia, pelo ex-namorado. Ainda assim, Alberto foi persistente e compreensivo.

Aos poucos, a dor permanente em seu coração foi se abrandando, como acontece com todo mundo que sobrevive a um amor frustrado, e Raquel começou a encarar Alberto como uma possibilidade. Ele tinha se tornado um bom amigo, aquele que está presente em todas as horas, inclusive nas mais difíceis. Ela gostava disso nele. Gostava também da determinação e da ambição que tinha com seu futuro. Gostava quando ele falava: *Você vai ver, Raquel, um dia serei presidente de uma grande empresa e nós vamos passar os finais de ano na praia. Cada ano será uma praia diferente.* Na época, Alberto tinha apenas 21 anos e ela o admirava por ser tão batalhador e otimista.

E as coisas realmente aconteceram conforme Alberto almejou. Ainda na faculdade, e já namorando Raquel, ele conseguiu um estágio como office-boy na Oxion Tecelagens. Depois que se formou, foi promovido a administrador júnior, o salário aumentou e, aos poucos, foram conquistados espaço e a confiança do dono da empresa. E chegou a ser o presidente, sua posição atual. É o homem de confiança do dono da fábrica, o responsável por tornar uma pequena empresa familiar em “uma gigante dos tecidos”, como o próprio Alberto gostava de chamar.

Sempre que pensava nele dessa forma, Raquel sentia-se orgulhosa do marido. Da capacidade que ele tinha de transformar coisas pequenas em grandes feitos, da sua inteligência ímpar e do homem bonito e bem-sucedido que ele havia se tornado.

Na época das vacas magras, Raquel esteve firme e forte ao lado de Alberto, trabalhando como analista de sistemas em empregos medíocres,

encarando metrô lotados, ajudando com as contas e com as despesas da casa, e atravessando os invernos com seu velho e surrado casaquinho de lã azul marinho. Raquel tinha até um lema para eles: o casal que resiste à dureza será feliz na fartura. Mas tudo aquilo era passado. Os dois, depois de muito trabalho, conseguiram estabelecer uma vida estável e funcional juntos. Se não eram almas gêmeas, pelo menos haviam conquistado uma cumplicidade e um sentimento muito forte que os unia até hoje.

Ao longo do caminho até a sua casa, Raquel tentou falar com Alberto por duas vezes, mas sem sucesso. Queria lhe contar o ocorrido. Ele, com sua autoconfiança e tranquilidade, saberia como acalmá-la.

Deve estar em alguma reunião, pensou, jogando o celular dentro da bolsa, e pisou fundo no acelerador. Vinha chuva pela frente e ela queria estar de volta ao escritório antes que o mundo desabasse.

— Matilde? — chamou Raquel, entrando em seu apartamento. — Matilde, onde você está? Só voltei para pegar um documento no escritório.

Impossível se fazer ouvir com aquele barulho de aspirador de pó misturado a música brega de rádio AM.

Tem gosto pra tudo, pensou Raquel, entrando no escritório. Ali estava ela: a lista de pendências, cuidadosamente elaborada durante a tarde de domingo para a reunião com Xavier. Pegou o papel, ainda sem entender como foi que ela havia se esquecido dele, colocou dentro de um envelope e saiu do escritório.

— Já estou indo, Matilde — gritou sem ser ouvida por causa da música.

Ao chegar à porta, ela parou. Aquilo não estava certo. Não havia problema algum em Matilde trabalhar ouvindo música. Mas naquele volume? Não! O que os vizinhos iriam pensar? E devia ter sido por isso que ela não atendeu ao telefone: não conseguiu ouvir por causa do volume alto. Poderia ter bom senso e baixar um pouco, certo? Com esse pensamento, Raquel caminhou para seu quarto, que era o lugar de onde a música vinha, e escancarou a porta:

— Matilde, você pode me explicar o que es... Ma... Maaatilde?! — guinchou horrorizada, segurando-se na maçaneta para não cair no chão.

— Raquel? — disse uma voz masculina, virando-se para a visita inesperada.

O que é isso?

— Al.. Alberto, o que você... O que é significa isto?

— Calma, amor, eu vou explicar.

— Calma? Que calma? — ela berrou, consternada com o que via.

— Vamos conversar — pediu ele, com um olhar aflito. — Posso te explicar tudo.

Explicar o que não pode ser explicado? Explicar o que ela mesma via com seus próprios olhos?

— Alberto... Meu Deus, o que está acontecendo? Como você...

— Amor, eu posso explicar.

— Por que você está usando um vestido de *chiffon*, Alberto? Por que você está de salto alto? Por Deus, por que você está maquiado e com esta peruca horrorosa, aspirando o carpete do nosso quarto?

— Eu vou explicar... Mas preciso que você fique calma.

Calma?

— Onde está Matilde? — gritou ela, imaginando uma cena louca, em que Matilde também estaria com um de seus vestidos de festa, esfregando a privada do banheiro, toda emperiquitada.

— Eu dispensei Matilde.

— Dispensou Matilde? Por quê?

— Foi só por hoje. Porque eu... Hã... Aham — Alberto tossiu, sem saber o que dizer — Bem, eu gosto de limpar a casa usando... hum... roupas femininas.

— Como é que é? Alberto, você é gay?

— Claro que não. Sou espada, Raquel! Sou macho!

— Eu não chamo *isto* de macho! — gritou Raquel completamente histérica — Você... Gente, eu só posso estar em um pesadelo, de verdade, deve ser isso.

Raquel esfregou os olhos com força e tornou a abrir. Alberto continuava parado à sua frente, segurando o aspirador de pó, em cima de grotescas plataformas douradas.

— Desliga isso! — ordenou irritada, jogando o rádio, que estava em cima da cama, no chão. Wando, que cantava “Fogo e Paixão”, parou de cantar no momento em que o rádio caiu e as pilhas rolaram pelo chão do quarto.

Assustado, Alberto atendeu de pronto, desligando o aspirador e catou o rádio de pilha do chão.

Rádio de pilhas? Gente...!

— Raquel, olha, eu posso explicar. — repetiu ele, nervoso com o flagrante, ao mesmo tempo em que tirou a peruca e a jogou na cama. Raquel fechou os olhos por não querer ver aquela cena ridícula. Alberto maquiado de batom vermelho e tudo, vestido decotado com os pelos do peito saltando para fora do decote, cabelo amassado por conta do gel... Horrível!

— Eu não merecia isso de você, Alberto. — tornou a guinchar, transtornada de tanto horror. — Você... Você está parecendo um travesti! Um desses travecos que se vestem de mulher para pular Carnaval... Minha nossa, eu nem sei o que dizer.

— Raquel, espere. Vamos conversar. — Alberto tornou a pedir, girando habilmente em seus saltos.

Raquel, embora em meio àquele horror, ainda conseguiu pensar que Alberto não tinha o menor talento para combinar vestidos de gala com plataformas baratas. E que seu peito musculoso e cabeludo não ficava nada bem em vestidos decotados.

— Preciso sair daqui. Eu preciso ficar longe de você

— Não! Por favor, me deixe explicar — insistiu ele, tentando correr com os saltos — Me dê um minuto?

Raquel sempre acreditou que algumas coisas não precisam ser explicadas. Era bem mais digno assumir o óbvio do que explicar os meios que os fizeram chegar até ali.

E sem pensar no que estava fazendo, ela saiu do quarto, do apartamento, do prédio... Desceu as escadas, pulando os degraus, sem saber o que pensar, nem percebeu que estava com os pés descalços.

Caminhou pelas ruas do bairro, sem rumo. O céu estava completamente cinza. A chuva caía sobre seus ombros sem piedade, mas ela mal sentia. Estava inerte de dor. Em seus pensamentos, toda a vida conjugal passava em *flashes*: momentos bons, momentos ruins, as conquistas os sonhos, os momentos deles dois... Onde estava o erro? Em que momento do passado Alberto passou a se vestir com roupas de mulher? Por que ele fazia isso? Por que ele escondeu dela que era... gay?! *Será que ele tem dupla personalidade? Ele é bipolar?*

Raquel conhecia Alberto mais que a si própria. Ou pelo menos pensava que conhecia. Pensava que eram cúmplices, que não tinham segredos, que dividiam tudo. Como fora prometido no altar anos atrás. Ela, ao contrário de muitos casais, levou bem a sério as palavras do padre.

Agora, quanta decepção ao constatar que somente ela era quem dividia tudo, que era fiel e que estava com Alberto na alegria e na tristeza. Enquanto Alberto a enganava escondendo dela que era... Meu Deus... Gay!

Por quê? O que há de errado com o tradicional?

— Onde eu errei? — gritou para o céu — Por que comigo?

Raquel sentiu-se quente e gelada ao mesmo tempo, de medo. Ela, que quase nunca sentia medo, ficou paralisada em meio de uma praça sem saber o fazer nem o que pensar.

E agora?

De repente, uma fisgada no estômago... Uma sensação de perda; como se sua vida e toda a sua história tivessem sido arrancadas à força, sobrando apenas um vazio. A chuva batia em suas costas, o frio ardia em sua pele, mas ela não sentia nada. Estava entorpecida pelo horror da descoberta e não conseguiu controlar as lágrimas. Chorou junto com a chuva que caía sem piedade.

Depois de décadas sentada no banco da pequena praça, pensando em como não tinha sorte com homens, o pai autoritário, o chefe insensível, o

ex-namorado que não lutou por ela e, agora, a traição cruel do marido, ela foi se acalmando. Conseguiu parar de chorar, mas seus pensamentos ainda eram confusos.

Que se danem os homens e suas complexidades. Quem precisa deles?

Inflou o peito. Limpou as lágrimas. Inspirou forte.

Como seria dali para a frente? O que iria fazer de sua vida? Deveria contar a verdade para o seu filho? O que diria à sua mãe? (*Graças a Deus, papai já partiu desta para uma melhor. Que Deus o tenha!*) E para sua irmã, deveria contar? E aos amigos, o que ela iria dizer?

Olhou de frente para sua realidade por longos segundos e depois tomou uma decisão: precisava voltar para casa para cuidar do seu filho e do seu emprego — *Ah, merda! Gaspar vai me matar!* — No resto ela pensaria depois e, com certeza, tudo ficaria bem.

Não é assim que os contos de fadas nos ensinam?

André

— Ô, irmão, sou eu.

— Fala, André!

— Olha só, eu não vou correr hoje.

— Aconteceu alguma coisa?

— É o meu aniversário de namoro com Juli. Quero fazer uma surpresa para ela.

— Brincou? Se não quer treinar, beleza. Não inventa desculpinha fajuta. É só falar que não está a fim que eu corro sozinho do mesmo jeito.

— Tô falando sério, Romeo. Hoje é nosso aniversário de namoro e eu quero curtir com a minha namorada, posso? Quero preparar um jantar especial e se eu for correr, não vai dar tempo de comprar tudo e preparar antes da Juli chegar em casa.

— Mas você é muito *veadinho* mesmo. Comemorar aniversário de namoro depois de tantos anos de casado? Fala sério!

André ignorou os comentários irônicos do irmão mais velho. Se entrasse na onda dele, aquela conversa se estenderia até o anoitecer e ele iria atrasar o jantar.

— Por que você não chama o Eros para correr com você? Quem sabe ele não se anima e passa a treinar com a gente.

— O Eros não vai trocar a companhia de uma gata por um macho suado.

— Bom, eu não insisto mais. Vou nessa que quero preparar algumas coisas lá em casa antes da Juli chegar. Valeu, irmão!

Enquanto Juli estava na rua resolvendo suas coisas, André preparou a casa com velas, flores e incensos. Comprou um bom vinho e os ingredientes necessários para um prato leve. Ele estava animado com as possibilidades daquela noite. Enquanto trabalhava no preparo do jantar, ele sentiu uma energia boa e a certeza de que tudo se resolveria entre eles. Mal podia esperar para ver o brilho nos olhos de Juli. Ela ia adorar a surpresa. Ele tinha certeza disso.

Ao virar o filé do salmão na frigideira, ele ouviu Juli chamando:

— André?

— Aqui na cozinha — respondeu, vindo encontrar-se com ela

— Oi. Você chegou mais cedo do que eu previa. Estou preparando um jantarzinho pra gente.

— Hã? Jantar? — ela olhou para ele com espanto, pousando a bolsa no sofá e reparando a mesa posta.

— Ué, você esqueceu?

— Ai! — suspirou fundo, parecendo tensa — Não estou me lembrando de nenhuma data em especial. Que dia é hoje mesmo? Eu não tive tempo de olhar meus lembretes hoje. — explicou Juli, referindo-se aos inúmeros post-its que ficam colados na porta da geladeira com as datas de aniversários e demais lembretes.

— Hoje é o nosso aniversário de namoro. Lembra do álbum de fotos que você me deu?

— Claro! Lembro, sim. — disse com um tom de voz mais fino do que o normal.

— Feliz aniversário de namoro! São seis anos juntos — ele falou, aproximando-se de Juli. André a abraçou e sussurrou um “eu te amo tanto” no ouvido dela e lhe deu um selinho.

— Venha comigo — pediu André, sentindo-se contente com a chegada dela. — Você precisa provar uma entradinha que eu preparei. É praticamente a mesma que desenvolvemos para o restaurante. Porém, eu

acrescentei um novo ingrediente. Prove. — pediu ele estendendo uma minibruschetta de queijo brie, presunto Parma e mel.

— Amêndoas?

— Prove.

André olhava com expectativa enquanto Juli mastigava de olhos fechados.

— E aí?

— Ficou muito bom. A amêndoa deu um saborzinho delicioso no final.

— Eu sabia que você iria aprovar. Vamos aplicar nas *bruschettas* do restaurante? O que você acha?

— Vem cá, de onde você tirou essa animação toda? Hoje é segunda-feira, Dé!

— Para ficar curtindo com você, eu sempre arrumo um jeito de ficar animado.

— O que você está preparando? — especulou Juli se esquivando do abraço do marido — Maracujá?

— Sim. Salmão ao molho de maracujá, seu prato preferido.

André era o tipo de homem que pensava em tudo. Um romântico assumido que adora paparicar quem ele gosta e que não mede esforços para agradar. Um tipo raro nos dias de hoje.

— Poxa! Nem me preparei... Não comprei nada para você. Se você tivesse me avisado, eu teria comprado um presente. Estava no shopping até agora.

— Eu também não comprei nada para você. Não se preocupe com isso. Mas podemos comemorar. Comer uma comidinha gostosa, beber um vinho e conversar.

Juli o olhou de soslaio, mas André não entendeu o recado.

— Eu só não estou com fome e nem comprei nada...

— Vamos nos dar esse momento de presente? Hum? Que tal? Quase não temos tempo de ficarmos juntos... Nossos dias são tão corridos, eu quase não te vejo... Acho que merecemos apreciar uma comidinha gostosa, beber um vinho e conversar. Como nos velhos tempos de namoro.

Juli se deu conta de que se encontrava em uma situação do tipo “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”, em que não teria outra escolha a não ser entrar no clima do jantar.

— É... Nós merecemos sim — disse ela, por fim.

— Ótimo. Se quiser, pode tomar uma ducha. Ainda preciso de uns vinte minutos para terminar o jantar.

— Ok. Então eu vou tomar um banho.

Quando Juli voltou à sala, André a esperava com o jantar servido e com duas taças de vinho. Ele tinha esperança de que, tontinha, ela se soltasse mais, que eles pudessem se curtir e namorar um pouco.

— Me diz como foi a sua tarde?

— Foi boa. Adiantei algumas pendências e depois me encontrei com as meninas.

— E o Eros, dando muito trabalho? — perguntou se referindo ao irmão mais novo, que ajudava Juli na cozinha do Di Bianchi & Juli — restaurante fundado quando André ainda era solteiro e que agora é administrado pelo casal.

— Ele está se esforçando, mas, às vezes, eu acho que ele daria tudo para fazer outra coisa ou para estar bem longe da gente. — disse ela empurrando a comida de um lado para outro do prato. — Ele tem estado meio estranho, não percebeu isso? Quietos demais. Ele não era assim.

— Eros precisa de uma namorada que o coloque na linha.

— Eros namorando sério? Bem, talvez eu morra e não presencie esse fato.

— Você não gostou do salmão?

— Gostei. Só não estou com fome. Comi demais na casa dos seus pais. Aliás, este almoço de segunda-feira na casa dos seus pais é algo que eu não entendo.

— Não entende o quê? É uma tradição familiar.

— Gente, mas isso acontecia na Itália, porque os seus tios moravam longe do seu avô. Era natural ele reunir os filhos uma vez por semana para confraternizarem. Aqui em São Paulo, nós nos vemos todos os dias.

Trabalhamos no mesmo lugar. Almoçamos juntos todo santo dia. Por que temos que almoçar juntos justo no nosso dia de folga?

— Meu pai quer manter a tradição do meu avô, Juli. Eu acho bacana e pretendo levar essa tradição quanto tivermos nossos filhos.

Juli olhou sério para ele e disse:

— Você não armou esse jantar para abordar o tema “filhos”, armou?

— Não armei nada. Meu Deus, como você é desconfiada! Você sabe que eu curto esses momentos.

Ela deu de ombros.

— Então, imagino que você não vai querer a sobremesa.

— Desculpe, mas não aguento pôr mais nada na boca. Sei que você preparou tudo com tanto capricho, mas eu realmente estou sem um pingão de fome.

— Tudo bem. Não precisa pedir desculpas. Vem cá, — pediu ele se levantando — vamos terminar nosso vinho na sala.

André a guiou até o centro da sala de estar e se dirigiu até o seu iPod. A música, cuidadosamente selecionada, estava no ponto. Era só dar *play*.

— Quer dançar comigo? — perguntou ele, estendendo a mão para ela.

— Dançar? Ai, André, me desculpe, mas dança não vai rolar. Já jantamos, conversamos... Você se incomoda se eu for me deitar e assistir televisão? — disse, escolhendo com cuidado as palavras — Estou muito cansada.

— Pô, amor! Estamos comemorando nosso aniversário. Dança comigo e depois podemos tomar um banho de banheira juntos... e namorar um pouquinho.

— Eu já tomei banho.

— Corrigindo, você tomou banho sozinha. Tomar banho comigo é diferente...

— Você se importa se deixarmos para outro dia? Estou com dor de cabeça.

— De novo? Essa desculpa você me deu ontem.

— Não é desculpa! — retrucou Juli rapidamente.

— Eu sei... Estou brincando com você.

— Acho que foi o vinho... Ele me derrubou e me deixou naquele ponto ideal para cair na cama e apagar. Obrigada pelo jantar. Estava ótimo, como não poderia deixar de ser. — agradeceu Juli, soltando a mão de André.

— Você vai me deixar aqui, sozinho?

— Você sabe, arrumar bagunça de casa não é o meu forte. Deixe tudo aí em cima que na quinta a Cleide vem e dá um jeito nisso. É só fazer de conta que você não se incomoda com bagunça. — disse ela, olhando para os restos do lanche que havia comido na noite anterior e que ainda estavam em cima da mesa de centro. — Eu não me importo.

André a encarou com um olhar cansado. Ele não estava acreditando que ela estava fazendo isso de novo com ele.

— É sério. — reafirmou, Juli, sem entender o olhar do marido. — Cleide arruma isso tudo. Não precisa se preocupar com a louça suja. Aproveite a noite de folga para descansar, você deve estar cansado também.

— Não estou falando de tirar a mesa, estou falando de ficarmos juntos. Eu e você, como casal. E não, não estou cansado.

Juli suspirou fundo.

— Já passa das oito da noite. Preciso dormir para estar inteira. Amanhã começa nossa semana de trabalho. Apesar de hoje ter sido nossa folga, eu não descansei nadinha.

— Está acontecendo alguma coisa. Isso não pode ser normal, Juli. Me diz de uma vez o que é que está acontecendo com você? Eu não estou aguentando mais!

— Não está acontecendo nada, ué! — respondeu sem paciência e pressentindo que André vinha com a lengalenga de sempre.

— Eu acho que precisamos conversar sobre essa situação. Se não aconteceu nada, por que você está estranha comigo novamente?

— Não estou estranha. Estou cansada. Qual parte do eu estou morta de cansaço você ainda não entendeu? Gente, será que eu falo grego?

— Desculpe. Não quis ofender.

— Estava brincando, né, André!

— André... Está vendo, você me chamou de André. Sinal de que alguma coisa não está bem.

Juli soltou um suspiro pesado, típico de quem está sem paciência.

— Dé, não começa, por favor.

— Ontem você também estava cansada. Antes de ontem com dor de cabeça, na semana passada estava indisposta... Você está me evitando e isso não está legal. Preciso saber o que está acontecendo com você, Juli. Sente-se aqui, vamos conversar. — pediu, sentando-se no sofá da sala.

— Conversa sobre a relação de novo? Conversamos um monte na quarta-feira passada.

— Eu sei que você não gosta de discutir relação, mas é importante não deixar esse mal entendido entre nós. Olha só, — disse, pegando um papel dentro da sua carteira — anotei aqui alguns pontos que acho relevante discutirmos... Sua introspecção, por exemplo. Eu sei que você...

— Claro, a minha introspecção! — exclamou Juli, farta daquele assunto. — O que mais poderia ser, não é mesmo? E, para variar, mais uma vez, você começou a listar os meus defeitos. Os meus, não os seus. Ah, tá! Lembrei. Você não tem defeitos. É perfeito. — disse com um riso irônico.

— Não estou dizendo que sou perfeito, Juli. Nunca fui nem quero ser. Só queria que você refletisse um pouco sobre a nossa situação. Algo está errado. Não tente me dizer que não está. Eu vejo na sua cara todos os dias que você não está feliz. Você não era assim, tão acomodada, Juli. Você era mais...

— Dé, mais uma vez, eu vou ter dizer: Eu. Sempre. Fui. Assim. Ok? Por favor, acredite em mim. Eu. Estou. Bem. E. O. Nosso. Casamento. Está. Ótimo. — ela suspirou tentando ser o mais convicta possível — Só estou cansada porque não descansei no meu dia de folga — e soltou um risinho irônico para ver se, talvez assim, ele entendesse de uma vez. — Pare de procurar problemas onde não existe, ok?

André, no entanto, não ficou convencido com a explicação da esposa. Era claro que ela estava escondendo alguma coisa. Porém, para não bancar

o chato de plantão, resolveu relevar. Mais uma vez seria o flexível da história.

— Ótimo. Se você está me dizendo que está tudo bem e eu estou vendo coisa onde não existe, então, vamos esquecer toda essa conversa e vamos nos curtir. — exortou ele, levantando-se do sofá — Nós fazíamos isso mais vezes, lembra? Era tão bom...

Sem esperar por uma resposta dela, ele ligou o iPod. A balada romântica do Aerosmith encheu o ambiente. André se aproximou de Juli, puxou-a pelas mãos e a envolveu pela cintura.

— Dança comigo?

Juli, um pouco dura, com os ombros retraídos, tentava se mover no mesmo ritmo que André. André, por sua vez, cheio de esperanças de conseguir uma noite a dois, esperava que, com aquele contato mais próximo e alguns beijos conseguiria fazer despertar o desejo em Juli. Desejo este que estava adormecido havia algum tempo.

— Sinto falta disso. De estar assim com você. — murmurou ele, com a voz rouca — Gosto dessa simplicidade. Parece piegas, mas é o que eu gosto.

Ele afagou a pele quente e macia do pescoço de Juli. Mais abaixo, entre suas pernas, algo dava sinal de vida. Ele era louco por ela.

— Você ainda gosta disso, não gosta? — perguntou correndo seus dedos por entre os seios de Juli.

— Gosto.

— E disso? — André brincou com um de seus mamilos.

— Eu gosto.

— Eu também.

Era verdade. André sentia tanta falta de namorar Juli que chegava a doer. Ele queria estar mais vezes ao lado dela, trocando carícias, segurando suas mãos, transando loucamente como nos primeiros anos de casados. Porém, de uns tempos para cá, já não havia mais a espontaneidade entre eles. André tinha a sensação de que para fazer um carinho, tinha antes que pedir permissão.

Ao final da música, Juli se soltou dos braços dele, beijou-lhe a boca e avisou:

— Vou dormir. Tive um dia cansativo demais. Adorei a noite. Obrigada pelo jantar e pela surpresa. Adorei mesmo.

André nada respondeu. Ficou parado no meio da sala, contemplando sua vida, que começava a ficar sombria e vazia. Ele estava se afastando cada vez mais da luz e da alegria de viver. Pensou nos seus esforços, no tanto que se doou e em tudo o que já havia feito para agradar Juli: havia abandonado o Clube do Jipe, o futebol, as saídas com os amigos, a vida social... Até quando ele iria se cercear para agradar Juli e não receber nada em troca?

Raquel

Raquel entrou no apartamento e encontrou um Alberto (já de banho tomado e sem suas plataformas douradas) angustiado.

— Raquel, vamos conversar? — perguntou, levantando-se do sofá

— Vou tomar um banho. — avisou sem olhar para o marido. Pegou seu celular, que havia ficado dentro da bolsa e em cima da mesa. Dez ligações não atendidas. Todas do celular do Gaspar.

Enquanto caminhava para o banheiro, ela mandou uma mensagem para seu chefe: “Tive um problema sério com minha família. Não pude atender porque estava em meio a uma emergência. Não vou ao escritório hoje. Quando puder eu ligo e explico. Desculpe”.

Antes de fechar a porta do banheiro, Raquel ouviu Alberto esbravejar:

— Merda! — a voz dele ecoou pelo apartamento e ela fechou a porta com força.

Enquanto a água do chuveiro caía sobre seus ombros, Raquel esperava que suas emoções se aquietassem um pouco. Ela detestava brigas, discussões, barracos. Gostava de optar pelo diálogo civilizado. Era assim com Alberto, no trabalho, com seus familiares. Raramente perdia o equilíbrio. Porém, alguma coisa em seu íntimo lhe dizia que naquele dia ela não seria tão equilibrada como de costume.

Ao retornar à sala, Raquel encontrou Alberto com uma expressão sombria no rosto. Ele estava sentado em uma das cadeiras da sala de jantar, com a cabeça levemente tombada para trás.

— Eu só te peço uma coisa: seja sincero comigo, Alberto. — pediu, sentando-se na cadeira da frente. — Não importa o quanto irei sofrer, não importa o que você fez. Eu só quero saber a verdade. Desde o início.

— Eu sempre quis te contar, Raquel.

— E o que te impediu?

— Eu amo você. O meu amor por você, pela nossa família e o medo de perder tudo o que temos fez com que eu fosse protelando o momento de conversarmos a respeito desse... Desse meu hábito.

— Hábito? Alberto, você é gay?

— Na verdade, eu sou bissexual — disse, sentindo as palavras queimarem sua garganta.

Ouvir uma verdade, às vezes, dói na alma. Raquel sentiu a sala girar e cada músculo do seu corpo se contraiu. As lágrimas começaram a rolar em seu rosto.

Gay?, pensou, olhando para o marido tão másculo à sua frente. Não era possível. Não combinava. Não tinha nada a ver com o Alberto, tão viril, que ela conhecia. Definitivamente, aquilo não estava acontecendo com ela. *Que pesadelo!*

Alberto esticou sua mão para consolá-la, como de costume. Agindo por instinto, Raquel puxou o braço para si.

— Não toque em mim!

— Desculpa.

— Você tocava em mim, fazia amor comigo, dizia que me amava, que eu era tudo para você. Seu mentiroso! Canalha! Meu Deus, Alberto! — ela balançou a cabeça e franziu as sobrancelhas — Sinto náuseas só de pensar.

— Raquel, por favor, ainda sou o Alberto. Não sinta nojo de mim.

— Desde quando, Alberto?

— Desde muito jovem. — ele contou com uma voz baixa e carregada de vergonha. — Antes de conhecer você e da gente começar a namorar, eu já sentia uma atração por alguns rapazes. Às vezes, eu mantinha um olhar mais demorado em determinados colegas de curso e não entendia direito por que eu sentia vontade de olhar para eles. Vivia em um completo

paradoxo porque, ao mesmo tempo em que eu me sentia atraído por você, eu sentia atração por outros caras.

— E mesmo sabendo disso você me pediu em casamento? Como pôde fazer isso comigo?

— Por favor, tente não me julgar sem antes me ouvir. Na época, eu não sabia nada sobre homossexualidade. O assunto era um tabu na minha casa, não tinha ninguém para conversar...

— Você tinha a mim. Éramos amigos. Eu te contei tudo sobre meu passado, sobre meu ex-namorado, meus sentimentos... Nunca te escondi nada. Nunca te iludi. Por que você fez isso comigo?

— Eu sei, Raquel. Mas, de verdade, eu achava que era coisa passageira. Não dei muita importância para isso. Então, as coisas foram acontecendo: nos casamos, Pedro nasceu, tínhamos uma vida agradável e feliz. Tudo estava bem. E eu achei que, finalmente, estava livre daqueles sentimentos.

— E o que aconteceu então?

— Aconteceu que, através do meu emprego e da minha ascensão profissional, fui ganhando admiradores.

— Admiradores? — perguntou Raquel, impaciente.

— Descobri que, no meio empresarial, muitos executivos de alto padrão levavam vida dupla. Não que isso diminuísse meu sentimento de culpa, mas fazia com que eu não me sentisse sozinho no mundo.

Quase sem respirar de tanto horror, Raquel ergueu os olhos e tentou encarar Alberto. Era impossível assimilar essas novas informações, manter a falsa calma e continuar sentada diante dele quando, na verdade, ela queria gritar de ódio.

— Admiradores? Você está me dizendo que me traiu esse tempo todo com outros homens?

Raquel não conseguiu mais controlar suas emoções. Chorou de raiva, de decepção e de angústia, ao mesmo tempo em que tentava entender onde foi que havia errado ou o que tinha feito para que seu próprio marido a traísse daquela forma.

— Eu... não... entendo o que eu... fiz de... errado. Eu não sei onde eu...

— Você não fez nada errado. — adiantou-se ele — O problema não é você. Nunca foi. Você, Raquel, é uma mulher maravilhosa, uma mãe perfeita, uma amiga generosa.

— Balela! Mas não é o suficiente para você, né, Alberto? E mesmo sendo essa “pessoa maravilhosa” você me traiu esses anos todos! — gritou ela. — Eu não merecia isso, sabia? Você não poderia ter-me traído dessa forma. Estou ao seu lado, ralando desde os tempos da dureza, e agora que está tudo tão bem você me trai? Você me trai! Que ódio que eu estou de você!

— Eu sei, querida. Você tem toda razão. Me desculpe por tudo...

— Não me chame de querida! — gritou ela, com raiva — Não tenha pena de mim! Não quero que me console.

Raquel detestava que sentissem pena dela. Aceitava de bom grado apoio, solidariedade... Mas pena, jamais!

Fez-se um silêncio mortal. Alberto fitava os nós de seus dedos e o rápido vaivém de suas pernas abaixo do tampo de vidro da mesa, enquanto Raquel chorava descontroladamente. Quando ela se acalmou, ele continuou:

— Eu busquei ajuda. Quando comecei a perceber que aqueles sentimentos estavam voltando, quando percebi que alguns homens me olhavam de forma diferente e eu... Bem, eu também olhava para eles de modo diferente, eu busquei ajuda. Fiz terapia, análise, conversei com vários profissionais da psiquiatria, até mesmo com padres e monges eu conversei. Eu não me entreguei sem lutar. Eu pensava demais em você e no quanto sofreria se eu revelasse o que sou de verdade. Foi um processo difícil para mim, Raquel, me aceitar como sou. A única coisa que eu não me perdoou é não ter tido coragem para te contar.

— Quer dizer então que você se aceitou? Que agora você está feliz com os seus admiradores?

— Raquel, por favor...

— E o que você me diz daquela cena bizarra que eu presenciei? O que era aquilo, Alberto?

— Eu... — ele fez uma pausa, como quem quer escolher direito quais palavras usar — Aquilo que você viu é um hobby que eu...

— Hobby? — gritou Raquel, pasma com mais essa revelação. — Hobby? Pelo amor de Deus, Alberto, não minta mais para mim.

— Eu não estou mentindo. Deus sabe o quão difícil está sendo lhe contar todas essas coisas. Eu gosto de me vestir com roupas de mulher. Me ajuda a pensar melhor quando estou com algum problema. É isso. — disse num fio de voz.

— Você o quê? Meu Deus, Alberto! — retrucou ela com a voz pesada. — Eu realmente achava que te conhecia, mas agora... Você é doente!

— Eu não sou doente. — defendeu-se — Eu também pensava que era doente, mas a terapia me mostrou que sou normal. Esta foi uma forma que encontrei para extravasar o meu lado feminino sem prejudicar ninguém. É algo que me faz bem, por mais esdrúxulo que pareça. Me faz bem.

— Ok. Pra mim chega. Não quero ouvir mais nada. Eu vou pegar um copo de água. — avisou Raquel, empurrando a cadeira para trás com raiva.

Minutos mais tarde, Raquel retornou a sala novamente. Ela havia lavado o rosto, mas os olhos inchados ainda eram evidentes.

— E o que vamos fazer? Nos separar, não é? — perguntou, sentando-se na mesma cadeira de antes.

— Se é o que você quer. Se essa for a melhor solução...

— O quê? Você acha que vamos continuar levando essa vida de fachada só porque você tem olhos lindos? Eu tenho dignidade, Alberto!

— E o que você sugere? — perguntou com sua voz carregada de constrangimento. — Eu não quero magoá-la ainda mais. De qualquer forma, acho que não estamos em condições psicológicas para tomar qualquer decisão. Você não acha?

— Não sei. Não consigo pensar... Estou tão arrasada que não consigo pensar. Minha cabeça dói... Eu... Meu Deus! — disse, apoiando a cabeça em suas mãos, esfregando a testa, ainda sem acreditar que estava vivendo tudo aquilo. — Não sei como estou aqui conversando com você, sem quebrar metade da casa.

— Acho que o melhor seria eu passar uns dias fora, para que você fique sozinha e pense em tudo isso e, com calma, decida o que fazer.

— Eu tenho que decidir o que fazer? Por que eu?

— Porque, por mim...

— Por você, continuaria tudo do jeito que está?

E ele ainda me diz isso com essa calma, com esse olhar? Que ódio!

— Por mim sim. Gosto da vida que levo com você, gosto da sua companhia como amiga, das coisas que fazemos juntos, da nossa casa e da nossa rotina.

— E continuaríamos casados, como se nada tivesse acontecido?

Ela não estava acreditando no que ouvia.

— Teríamos de reorganizar algumas coisas. Alguns ajustes, apenas.

— Como o quê? Não dormir mais na mesma cama, não nos beijarmos mais, não transarmos... Apenas amigos? *Que ótimo, não?* Podemos, inclusive, falar mal dos homens e assistir a *Will & Grace* juntinhos no sofá da sala. Vai ser uma loucura! — ela ironizou.

— Raquel, por favor, não fale assim. Não sou uma bicha louca estereotipada. Sou bissexual.

— Ah, quer dizer que você ainda gosta de mulher? — perguntou assustada.

— Gosto de você. Só de você.

— Você acha mesmo que eu vou ter sanidade suficiente para continuar casada com você sabendo que você sai com outros homens? — perguntou com uma voz histérica.

— Eu... sei que não. Me desculpe. — respondeu Alberto. — E a propósito, eu não saio com “homens”. Não pense que eu...

— Para! Não quero saber das suas aventuras, Alberto. Me poupe dos detalhes. — gritou incrédula — Respeite o que me resta de amor próprio.

Mesmo doida para saber se ele saía com outros homens e que tipo de vida ele levava, Raquel jamais admitiria isso na frente dele.

— Me desculpe. Eu não quero te magoar. Quero que você fique bem e que nada falte para você nem para o Pedro.

— Ai! — Raquel gemeu — O Pedro. Meu Deus, o que vamos falar pra ele?

— Raquel, por favor, eu te peço que não conte nada para o Pedrinho. Ele ainda não tem idade para entender desse assunto. Um dia, quando ele for mais velho, eu mesmo prefiro contar. Faz isso por mim?

— Eu não vou fazer nada por você, Alberto. Vou fazer pelo meu filho. Ele realmente não merece passar por um sofrimento como esse agora.

— Obrigado. — agradeceu fitando o tampo da mesa.

Os dois ficaram calados, cada um pensando no que fazer com a situação. Como resolver sem estraçalhar ainda mais seus sentimentos?

Raquel abriu os lábios para falar, mas não conseguiu emitir nenhum som. Nunca se sentira tão perdida em toda a vida. Mas ela precisava pensar. Não queria ver a cara de Alberto nos próximos dias. Porém, precisam alinhar tudo para que Pedro não desconfiasse de nada.

— Pedro vai notar a sua ausência e perguntar, quando perceber que não estamos mais juntos, por que você saiu de casa.

— Então você está decidindo agora que vamos nos separar?

— Eu não estou decidindo nada. Só estou dizendo que o Pedro vai perguntar onde você está.

— Você quer mesmo que eu saia de casa, é isso? — perguntou ele, com cautela.

A vontade de Raquel era de gritar um AGORA em alto e bom som, mas de nada adiantaria. Em vez disso, com uma calma controlada ela disse:

— Acho que seria o melhor, por enquanto... Até tomarmos uma decisão definitiva. Eu não conseguiria olhar para você todos os dias e fingir que está tudo bem, nem fingir na frente de Pedro... Espero que entenda.

— Sim, eu entendo. De qualquer forma, precisamos manter a calma e combinar o que falaremos para ele. E acho melhor resolvermos uma coisa de cada vez.

— Ok. Acho que o melhor, por enquanto, seria você passar uns dias fora de casa...

— Falamos para o Pedro que eu preciso viajar a trabalho. Isso explicaria minha ausência.

— Certo. — respondeu sentindo-se vazia por dentro. Para Alberto, tudo parecia tão fácil de resolver, enquanto para ela, o mundo, que horas atrás era perfeito, desabava em doses homeopáticas.

— Acho que é uma boa decisão para o momento. Vou procurar um flat para me hospedar. Assim, teremos tempo para pensar em tudo o que aconteceu.

Raquel olhou por alguns segundos para o rosto de Alberto. Seus traços masculinos, fortes e angulosos... Os olhos amendoados que tanto a tranquilizavam em dias de angústia agora lhe causavam dor. Alberto era tão lindo. Era o tudo de Raquel – seu chão, seu futuro, seu equilíbrio. Agora ele era a sua dor e destruição.

André

Pela janela da sala André olhava a terça-feira amanhecer devagar. Era uma típica manhã paulistana, durante a qual pessoas já caminhavam apressadas e os carros disputavam as poucas vagas disponíveis na rua. Ele pensava em Juli. Queria estar com ela. Desejava ardentemente seus beijos e carícias. Deu três passos em direção ao quarto e, em seguida, mudou de ideia. Queria sentir Juli ao seu lado, acordá-la com um abraço, respirar o seu perfume. Mas ela poderia não gostar. Juli gosta de dormir até o último segundo possível e fica de mau humor quando é acordada antes da hora.

Depois de dois anos, pensou André, ele já devia ter se acostumando com essa nova versão de Juli. Com o fato de que ela não se interessava mais por ele, nem pelas coisas dele, nem por seus sentimentos. Já devia ter se tocado de que a vida dela é o seu turno no restaurante e os encontros com as amigas. E que ela volta para casa só para assistir à TV e dormir. Mas não se acostumou. Não era um casamento nesses moldes que ele queria. Ele queria mais. Queria alegria, amor, cordialidade, respeito... Filhos. Juli não queria ter filhos. Ele sempre soube disso, é verdade. Achava, no entanto, que com a convivência, com os anos, que ela cederia aos encantos da maternidade.

Tudo bem se ela não quer ter filhos. Mas, pelo menos, poderia mostrar vontade em querer uma relação saudável.

André coçou a cabeça sentindo-se sufocado. Precisava falar com alguém. Alguém que o ouvisse, que pudesse entender Juli e que pudesse

lhe dizer algo que justificasse esse comportamento anormal da esposa. Pensou em várias pessoas e achou que Mariana, uma velha amiga, seria a pessoa perfeita para ter essa conversa. Consultou as horas e, mesmo sendo tão cedo, mandou uma mensagem para o celular da amiga.

À tarde, André foi até um café perto da casa de Mariana e Eduardo, no badalado bairro Jardim Paulista, para se encontrar com ela.

Mariana e André se conheceram havia uns sete anos, quando ela se mudou para São Paulo. André ficou logo interessado na moça, o que, na época, era totalmente compreensível. Mariana era adorável. Além de linda, era inteligente e tinha um ótimo senso de humor. Mari tinha um coração enorme, qualidade que André muito admirava nas moças. Mas, para a infelicidade dele, o coração de Mari só tinha espaço para um tal Eduardo, com quem ela estava até hoje. Logo, tornaram-se amigos. E dessa amizade nasceram bons frutos: Mari lhe apresentou a Juli, e daí para a frente tudo aconteceu.

Mariana adentrou a cafeteria usando um elegante vestido floral, chamando a atenção de todos os presentes com sua beleza e elegância. Assim que avistou André, ela sorriu.

— Olá!

Depois de abraçá-la, André disse:

— Que bom que você veio. Sente-se, por favor. — pediu, puxando a cadeira para ela.

— Obrigada, senhor cavalheiro.

— Desculpe-me pelo horário da mensagem.

— Não tem problema. Quer dizer, ainda bem que o Edu te conhece...

— Eu sei. Depois eu ligo para ele para me desculpar. Foi totalmente sem noção da minha parte. Poderia ter esperado mais um pouco e ter mandado a mensagem depois das 9 da manhã.

— Relaxa, André. Está tudo bem. Mas assim, se estiver sentindo-se muito culpado, podemos resolver essa questão de outra maneira.

— Que maneira?

— Jantar para dois no melhor restaurante italiano de São Paulo. Na faixa.

— Eu sabia! Lá vem exploração.

— Estou brincando. — esclareceu ela, rindo com vontade.

— Você e Edu sempre serão meus convidados. O Di Bianchi & Juli é de vocês.

— Obrigada. Mas me conta, o que você tem? Por que está todo borocoxô?

— Ah!... — suspirou ele. Era melhor ir logo ao ponto — Tem alguma coisa acontecendo com Juli, você sabe o que é?

— Como assim? Ela está... grávida?!

André lembrou-se do fato de que Juli e ele não transavam havia mais de cinco semanas e pensou em responder “só se for do vizinho”. Mas achou que seria deselegância com a esposa.

— Que bom se fosse. Meu, sei lá... Ela está tão estranha, ultimamente. Tem certeza de que você não sabe de nada? Ela não te conta as coisas?

— Juli anda sumida mesmo. Não é sempre que vai à padaria, onde tomamos café da manhã. Pri até perguntou se eu estava sabendo de alguma coisa e eu pensei em ligar para ela e perguntar...

— Ué? Perguntei esses dias se ela continuava saindo com vocês e ela me disse que sim.

— Ela falou isso?

— Falou.

— Bem, se ela falou... Então é isso!

— *Então é isso* o quê? Ela tem saído com vocês ou não?

Mari parecia se sentir pressionada. Parecia não saber o que responder. Era visível que não queria mentir para o amigo, ao mesmo tempo em que não queria dedurar a amiga. Ela aparentava estar em uma saia justa, o que claramente detestava.

— Às vezes, sim... Outras, não. — respondeu, por fim.

— Você não está sendo clara!

— E você está me deixando confusa. O que você quer, afinal? Me chamou aqui para me interrogar e tentar descobrir se Juli está traindo você?

— Mariana, vamos começar tudo de novo?

— Como assim?

— Eu não desconfio dela, entendeu? Não é esse o ponto.

— E o que você quer saber, então?

— Eu vejo que Juli está diferente, a cada dia que passa... Sem vontade de fazer nada, sem me procurar... nem parece que somos casados. Eu gostaria de saber se ela comentou alguma coisa com você.

Mari o encarou por alguns segundos e, em seguida, respondeu:

— Ah, André, que feio!

— Mari, acorda! Você sabe que eu não faria nada disso. Estou me sentindo sufocado... Meu, estou numa situação difícil.

— André, você sabe muito bem que sou leal às minhas amigas. Não falaria nada do que elas me confidenciam...

— Sabia que eu deveria ter marcado essa conversa com o Eduardo, e não com você — zangou-se ele.

— Ei, nem vem. Eu posso te ajudar! Me conta mais o que está acontecendo.

André contou a maneira como Juli vinha se comportando e, à medida que ia verbalizando os últimos meses vividos com ela, ele se dava conta de que parecia estar falando de outra pessoa. De outro casal.

Como que eles chegaram a esse ponto? Onde exatamente eles se perderam? O que aconteceu com Juli para ela ter se tornado a pessoa que é hoje?

Ele não tinha respostas. Todavia, ele precisava muito dessas respostas para poder lutar devidamente armado contra seja lá o que fosse. Ou para tomar uma decisão definitiva e pôr um fim no tormento que vinha passando.

— Eu sei o que está acontecendo. — avisou Mariana, depois de ouvir o amigo. Será que André não via? — Vocês estão na crise dos cinco anos. Eu leio sobre isso nas revistas...

André suspirou. Ele adorava a amiga, mas, sinceramente, às vezes ela “viajava” demais.

— Não faço parte de revistas. Não estou numa crise. Estou com um problema sério com a minha esposa e não sei como resolver.

— É uma crise, sim. Acompanhe o meu raciocínio: vocês não conversam mais, não fazem mais nada juntos, brigam por coisas bobas... é uma crise! Clara e Marcos passaram por isso, e sabe o que resolveu?

— Não.

— Eles viajaram e voltaram grávidos! — disse ela, entoando a última palavra com um mega sorriso. — Vou ser tia! Não é o máximo?

— Juli não quer ter filhos. Nem conversar sobre o assunto ela quer. Eu já tentei isso. Tentei viajar com ela também... Juli se tornou outra pessoa. Uma completa estranha para mim. Sabe, às vezes penso que o nosso casamento acabou e estamos sem coragem para admitir o óbvio.

— Como assim? Não! Vocês combinam tanto. Têm tantas coisas em comum... Por Deus, esse casamento não pode fracassar. *Eu que apresentei vocês!*

— Mariana Louveira, converse sério comigo. Eu estou mal, cara. Estou sofrendo de verdade.

— Ô, amigo, não fale isso. Odeio ver homem sofrendo. Quer que eu converse com Juli? Posso chamá-la para ir ao shopping... Uma tarde de compras. E, entre um sapato e uma bolsa, eu tento me informar sobre o que anda acontecendo com aquela cabeça de vento.

— Você faria isso sem estourar o meu cartão de crédito?

— Aí você já está me pedindo demais.

Na tarde do dia seguinte, André estava se vestindo para a sua corrida diária no parque quando Juli chegou em casa:

— Dé, está aí?

— Aqui no quarto.

— Escuta, o que você foi falar de mim para a Mariana? — perguntou ela, com as duas mãos na cintura, parada na soleira da porta.

André, que estava amarrando seus tênis, deixou o laço pela metade e olhou para a esposa.

— Eu fui conversar com ela. Só isso.

— E você tinha que ir falar sobre nós dois justamente para a minha amiga?

— Mariana é minha amiga desde antes de eu te conhecer, Juli. Além disso, você não conversa mais comigo, eu estava para ficar louco. Precisava desabafar com alguém. — defendeu-se André.

— Certo. Mas será que precisava mesmo? Eu não falei para você que está tudo bem entre a gente? Foi preocupar a Mariana à toa.

— Não é a sensação que eu tenho. Você está muito diferente e eu não sei mais o que te dizer para enxergar isso.

— Sei que estou estranha, ultimamente...

— Ultimamente, não. Você está assim nos últimos dois anos.

— Poxa, não tenho sido uma boa companheira, né? Mas eu queria que soubesse que ainda quero passar o resto da minha vida com você.

— Disso eu tenho certeza. Só não entendo por que você não tem mais vontade de estar comigo. Acabou o tesão, foi isso? O sexo virou uma droga? O que é?

— Não! — respondeu Juli, não muito convencida. — Claro que não. Só ando muito cansada por causa do ritmo do restaurante. Tenho trabalhado demais...

— Vamos mudar nossos turnos então. Volte a trabalhar à noite comigo, como antes. Ou então, pedimos para Romeo e Eros ficarem à noite e nós dois trabalhamos de dia.

— Não! — disse rapidamente. — Não quero mudar nada. Eu e você trabalhando juntos não dá certo. Melhor assim do jeito que está.

André deu de ombros e achou melhor não insistir nesse assunto novamente. Ele já havia pedido inúmeras vezes para ela trabalhar com ele no mesmo período. Assim, teriam mais tempo para eles. Juli, no entanto, não queria.

— Sinceramente, eu não entendo essa sua oscilação. Tem dias que está tudo bem, já em outros parece que você me odeia. Eu preciso saber o que acontece com você. É importante pra mim.

— Eu vou reagir. Me dá uma chance?

— Claro que dou. Tudo o que eu quero é ver você feliz de novo. Temos tudo para ser felizes... Está tudo perfeito em nossas vidas, não está?

— Sim.

- Então. Não vamos estragar o que temos. Vamos ficar bem?
- Eu vou melhorar. Prometo.
- Ótimo! Fico muito feliz em ouvir isso. — disse ele, dando um abraço apertado em Juli. — Agora eu vou indo.
- Vai correr de novo?
- Eu corro todos os dias. Pena que você não se anima em ir junto.
- Correr engorda. Só vejo gordo correndo.
- Está me chamando de gordo?
- Estou brincando. Agora vai, não quero te atrasar.

Todos os dias, no final da tarde, antes de ir ao restaurante, André corria no Parque Ibirapuera. Na maioria das vezes, acompanhado de seu irmão, Romeo. Mas o que ele gostava mesmo era de correr sozinho. Colocar uma de suas *playlists* no iPod e sentir o vento bater em seu rosto lhe apetecia bem mais que um papo sobre queijos, trufas ou sobre os problemas diários que Romeo enfrenta para manter três namoradas ao mesmo tempo.

André tinha um propósito muito forte: não deixar a rotina tomar conta de sua vida. Juli poderia até desejar o contrário, mas ele não faria isso consigo mesmo. Para aquele ano que se iniciava, traçou algumas metas desafiadoras. E uma delas era a de treinar sério para participar da corrida de São Silvestre no mês de dezembro. Romeo iria acompanhá-lo neste desafio e se mostrava cada dia mais empolgado. “Quero chegar em 32º lugar”, dizia ele, sonhando alto.

Naquela tarde, porém, André corria sozinho ouvindo uma *playlist* de metal pesado. Nada como uma dose extra de Megadeth para espantar os maus pensamentos e manter a fé de que tudo dará certo entre ele e Juli. Pela primeira vez, nas últimas semanas, ele estava esperançoso. Os cinco minutos de conversa com Juli antes de sair para o parque o deixara bastante animado.

Ele estava na metade da primeira volta de um percurso de três quilômetros. Agora, Iron Maiden gritava alto em seus ouvidos. Não entendia bem o que era dito, mas fazia com que ele se sentisse melhor. Aqueles gritos abrandavam sua angústia e lhe davam certa paz.

Passou pelo Planetário, ainda com uma velocidade controlada, amadurecendo a ideia de convidar Juli para ir ao cinema. Ele continuaria tentando fazer o casamento dar certo. Isso era fundamental para a sanidade de André. Tão fundamental quanto o ar que ele respira.

Ao completar a volta do percurso, André desacelerou e passou a caminhar. Parou para se hidratar, bebendo seu *Gatorade*. Ainda ouvindo seu iPod, ele observou um casal correndo juntos. Eles mantinham um bom ritmo e pareciam entrosados. Novamente, pensou em Juli e se lamentou por ela não se interessar por esportes. Eles poderiam correr juntos ou, quem sabe, jogar tênis. Qualquer coisa que os unisse mais e que trouxesse prazer e diversão estaria de bom tamanho.

André aproveitou a parada para mudar a *playlist* de metal pesado para rock dos anos oitenta. Iron Maiden é bom, mas seus ouvidos já estavam doendo com tanta gritaria.

Whitesnake começou a tocar “One Of These Days”. *Ah, bem melhor!*, pensou ele, ouvindo as batidas da balada romântica em seus fones de ouvido. *Bem melhor*. Retomou sua corrida e quando virou na curva seguinte, avistou um garoto de aproximadamente 7 anos de idade que vinha pedalando e tentando equilibrar sua bicicleta.

— Cuidado! — André gritou.

Mas já era tarde demais. O garoto não conseguiu desviar de uma moça que estava abaixada, provavelmente amarrando o tênis, e se chocou contra ela, derrubando-a no chão. André apertou o passo e correu para socorrê-los. O garoto já estava se levantando, aparentemente sem maiores problemas.

— Tudo bem, cara? — perguntou André, avaliando a situação rapidamente.

— Sim. Eu perdi o controle da *bike*. — respondeu ajeitando o capacete. — Acho que minha mãe vai brigar comigo.

— Onde está sua mãe? — perguntou André para, em seguida, virar a cabeça para trás, na direção da voz que chamava o garoto.

— Márcio Henrique!! Meu Deus, o que aconteceu?

— Aquela é a minha mãe.

André então se dirigiu à moça que também estava se levantando.

— E com você, tudo bem? — perguntou de longe.

— Acho que sim. — respondeu com uma voz tremida. Ela parecia confusa.

André se adiantou e pegou o aparelho de celular que estava mais adiante, no chão.

— É seu? — perguntou, estendendo o aparelho para a moça. Seus olhos então se encontraram com os dela. E ele sorriu surpreso.

Ah, aqueles olhos!

André mal acreditava que era *ela* que estava bem diante dele.

Raquel

Raquel tinha passado os últimos dois dias dentro de casa. Saiu apenas para levar e buscar Pedro na escola. Não quis ver e nem falar com ninguém. Estava em estado de choque, digerindo aquele pesadelo que sua vida se tornara. Entre um pensamento e outro, havia sempre a mesma pergunta: Por quê? Por que, se a vida deles era tão tranquila? Não passam necessidades, moravam em um belo apartamento, tinham um filho maravilhoso e bons empregos. Então, por quê? Por mais que ela analisasse os motivos e explicações dadas por Alberto, ela não conseguia entender por que ele a enganou por todos esses anos.

Na quarta-feira, depois do almoço, ela não suportava mais ficar dentro do apartamento. Decidiu sair um pouco para respirar e ver outras coisas que não fossem os móveis e objetos de decoração da sua casa.

Deixou o filho para brincar com um amiguinho que também morava no seu prédio e decidiu ir à academia. Ela costumava pensar melhor enquanto corria na esteira. Lembrou-se, então, de Alberto, quando ele confessou que pensava melhor em tudo quando estava vestido de mulher.

— Meu Deus... — exclamou tentando apagar de suas lembranças a imagem de Alberto transvestido de mulher. Porém, desconfiava que levaria ainda um bom tempo até que aquela imagem sumisse de vez de sua mente.

Ao entrar na academia do seu condomínio, Raquel analisou o pequeno espaço e as duas moradoras que ali se exercitavam, conversando

animadamente a respeito de uma liquidação de roupas. *Não. Preciso de ar puro*, pensou, dando meia volta e indo em direção à garagem.

Raquel dirigiu pela cidade sem rumo certo, indo pela avenida Brasil. O emaranhado de ruas, pessoas, casas e a confusão de carros retratavam bem o seu estado de espírito. Ela estava tomada pelo peso de seus pensamentos. Quando avistou o verde do parque ao longe, decidiu... *É disso que eu preciso*.

Estacionou o carro em uma das vagas do estacionamento ao lado, desceu, alongou-se rapidamente e começou a caminhar. Respirou fundo e, junto com o oxigênio, veio o cheiro da grama e das árvores. A cada passo ela se sentia um pouco melhor e seus pensamentos ficavam mais calmos. Seguiu caminhando, admirando o verde da paisagem, um passo após o outro, até que o desejo de não voltar para casa se intensificou dentro dela. Não queria voltar para aquelas paredes carregadas de lembranças. Não queria voltar para sua amarga realidade. Queria ficar ali, no meio do verde das árvores, caminhando e sentindo a paz que a natureza lhe trazia. A mesma paz que ela sentia em toda a sua plenitude até dois dias antes.

Raquel fechou os olhos e respirou. Seus ombros doíam. Sentia-se arrasada e vulnerável com a situação.

O meu marido é gay, pensou atordoada. *Gay!*

Uma forte sensação de fraqueza e de náusea a atingiu e ela se abaixou para não desmaiar na pista. Ouviu alguém gritando ao mesmo tempo em que sentiu um baque. E então caiu no asfalto.

Raquel demorou alguns segundos para entender que havia sido atropelada por alguém. Com esforço, levantou-se devagar, pois se sentia fraca, e se reprimiu por não ter conseguido almoçar direito.

Era só o que me faltava: dar vexame na rua, pensou.

Em seguida, olhou para a bicicleta caída no chão e para um homem, parado ao seu lado. Ela piscou e o encarou seu sorriso. Firmou o olhar e sorriu de volta.

Segundos. Passado. Felicidade interrompida. Saudades amareladas. Amor partido. Sonhos destruídos. Tantos sentimentos misturados ao tempo que parou naquele momento.

Estou sonhando?, pensou ela. *Se estiver, não quero mais acordar.*

Mas, como acontece em todo sonho bom, Raquel foi trazida de volta por uma voz estridente que perguntava ao seu lado:

— O que aconteceu, filho? Você se machucou?

— Caí da *bike*, mãe. Mas tô de boa.

— Eu não falei para você andar ao meu lado? Você ainda está aprendendo a andar de bicicleta, Márcio Henrique. Por que não me obedece?

— Tô de boa, mãe. Só que eu atopelei a moça sem querer...

— Me desculpe pelo meu filho. Ele machucou você?

Sabendo que a pergunta era para ela, Raquel se forçou para tirar os olhos *dele* e se virou para a mãe do menino:

— Está tudo bem, sim. Acidentes acontecem. Não foi culpa dele.

Seus olhos então voltaram-se novamente para aquela visão inesperada. Raquel franziu o cenho e balançou a cabeça, como quem diz: e eu, que não acreditava mais em milagres, estou diante de um!

Ele a olhava incessantemente, com curiosidade. Parecia querer tocá-la para ter certeza de que era real e que estava à sua frente.

— Me desculpe novamente. — pediu a mãe do garoto, arrancando-a mais uma vez de seus pensamentos — Ele não me obedece. Eu peço para que ande ao meu lado. Mas menino, sabe como é? Posso fazer alguma coisa por você?

— Não se preocupe. Também tenho um filho e sei como são os meninos. Fique tranquila, eu não me machuquei. Está tudo bem.

— Peça desculpas à moça, Márcio Henrique.

— Foi mal. — resmungou ele, sem graça, fitando o chão.

— Foi mal não, Márcio Henrique. Peça desculpas direito.

— Desculpa.

— Está desculpado, Márcio Henrique. Eu estou bem. Foi só um acidente.

— Se está tudo bem, nós já vamos indo. Boa tarde para vocês.

— Até mais.

Raquel sorria com os olhos ao constatar que aquele estranho conhecido — que por tantos anos ficou esquecido em suas lembranças — continuava ali, encarando-a com o mesmo ar de surpresa que ela.

— Não acredito que é você... — ela sorriu para ele — André — disse, experimentando o nome dele — André... — *Deco*, ela pensou lembrando-se do apelido carinhoso que dera a ele no passado. — André di Bianchi.

Fazia muito tempo que ela não experimentava o sabor daquele nome. Precisou respirar fundo para fazer seu coração voltar ao compasso normal e se controlar para não começar a contar toda a sua vida para ele: que ela havia sobrevivido aos anos, realizado coisas, se casado e tido um filho.

Estava maravilhada com aquela surpresa. Como, de repente, seu dia nublado podia ter aberto uma brecha para o sol entrar? Segundos atrás, ela estava tão triste e angustiada, e agora estava sorrindo, deliciada com aquele encontro. Que magia era aquela?

— Nossa, é você!

André sorriu.

— E eu que achava que nunca mais iria te ver novamente, Raquel.

— Pra você ver como é a vida. Quando eu imaginaria te encontrar no Ibirapuera?

— Pois é. Você se mudou de São Paulo?

— Não. E você?

— Também não.

— Nossa! Não estou acreditando que é você! Como você está? — ela se aproximou para um rápido beijo no rosto dele. Queria mesmo era dar um longo abraço, mas ficou sem jeito e acabou optando por um beijo rápido no rosto.

André continuava exatamente como Raquel imaginava, quando se permitia pensar nele. Só um pouco mais velho. Afinal, o tempo passa para todos. Ainda assim, André tinha o mesmo olhar, o corpo estava mais forte e malhado e com o mesmo perfil. Ah, como ela adorava vê-lo de perfil!

Raquel não conseguiu evitar a chegada de uma de suas lembranças favoritas: ele, deitado no chão da sala com a cabeça apoiada em seu colo. Ela fazia cafuné em seus cabelos castanhos, enquanto assistiam a um filme

qualquer. De vez em quando, ela tirava os olhos da televisão e ficava longos segundos admirando o rosto dele de perfil. Ele era lindo. E era dela.

— Eu estou ótimo! Nunca mais soube de você.

— Eu também nunca mais tive notícias suas. O que fez nesses últimos, hum... muitos anos?

— Nossa, muita coisa! Muita coisa mesmo. Você sempre corre aqui?

— Não. Eu não corro em parques, só na esteira da academia. — explicou ao mesmo tempo em que tentava entender por que o Universo a mandara para o Ibirapuera. — Às vezes eu vou ao Parque Villa-Lobos fazer caminhada. Fica mais perto de onde moro.

— Caramba! Moramos na mesma cidade e, mesmo assim, perdemos completamente o contato.

— Éramos jovens demais. Eu tinha o quê? Uns dezesseis, dezessete anos?

— Por aí. E depois seus pais se mudaram do prédio.

— Foi... Nós nos mudamos.

— É... Vocês se mudaram...

Fez-se uma breve pausa. Ambos pensando naquela mudança. Na maldita mudança.

André quebrou o silêncio:

— Sabia que eu não me formei em veterinária?

— Não? Mas era o que você mais queria. Cuidar de bichos, abrir uma clínica e fundar uma ONG de proteção aos animais. — espantou-se.

— Você nem vai acreditar... Eu tranquei o curso, ainda no primeiro ano, e fui para a Europa dar um tempo sozinho. Sabe essas viagens de mochila? — ela confirmou com a cabeça — Aí, na Itália, mais precisamente na região da Toscana, eu me apaixonei pela culinária italiana e me formei em gastronomia.

— Gastronomia? Caramba! Nada a ver com você.

— Pois é. Tenho um restaurante em Moema especializado em culinária italiana.

— É mesmo, André? E como se chama?

— Di Bianchi & Juli.

— É seu? Minha amiga Simone adora esse restaurante. Ela diz que lá tem os melhores risotos de São Paulo. Combinamos várias vezes de ir, mas nunca deu certo.

— Está convidada a provar os nossos risotos, então. Será um prazer receber você e sua amiga.

— Obrigada. Eu vou sim.

Eles se olharam por alguns segundos. Riram. Balançaram a cabeça como quem ainda não acredita que aquele encontro realmente era real.

André e Raquel cresceram juntos, foram melhores amigos um do outro e, quando ele tinha 14 anos, se apaixonou pela sua melhor amiga, que também se apaixonou por ele. O primeiro beijo aconteceu na saída do colégio e o namoro ficou intenso. Seu Agenor, pai de Raquel, exigiu respeito e estipulou regras para o namoro dos adolescentes. André tinha permissão para visitar Raquel apenas quando alguém da família estivesse em casa. Raquel não podia ir à casa de André quando ele estivesse sozinho. Mas eles podiam ir ao cinema à tarde e voltar para casa no máximo às 8 da noite. Claro que muitas sessões foram trocadas por uns amassos em um canto mais reservado do shopping, já que tudo o que é proibido parece mais gostoso. Só por isso.

E, em uma tarde chuvosa de março, quando Romeo (propositadamente) saiu de casa e deixou André e Raquel sozinhos fazendo a lição de matemática, eles se entregaram um ao outro pela primeira vez. Foram horas mágicas, de descobertas e entrega. André achava que não caberia mais amor por Raquel em seu coração. A partir daquela tarde, ele teve certeza de que não poderia mais viver sem ela. E Raquel também soube que seu coração seria dele para sempre.

O namoro durou apenas três anos e foi bruscamente interrompido por seu Agenor, um ex-militar da época da ditadura e pai rigoroso, que achava que André estava desviando a sua filha dos estudos.

Os dois sofreram muito com a mudança repentina. Raquel se lembrava bem do ódio quase palpável que sentiu pelo novo colégio. Das birras e malcriações que fez por estar com raiva dos pais. Chegou a ficar doente,

com febre e de cama. Mesmo assim, os pais não cederam aos pedidos da filha para ver o amado uma única vez.

Outra lembrança que invadiu a sua mente foi a dos seus planos de fuga frustrados e do castigo que levou do pai, quando tentou fugir pela última vez. Tornou a sorrir com as loucuras que cometeu por ele. E por ele nem imaginar o que ela foi capaz de fazer para vê-lo e sentir o sabor salgado de seu beijo de novo.

Vai continuar a corrida? — perguntou André, fitando Raquel discretamente e tirando os dois dos pensamentos no passado.

André a analisou brevemente e a achou ainda muito bonita, agora com 30 anos, a mesma idade dele. *Como o tempo passou desde a última vez que a vi na estação da Sé*, pensou. Ao lembrar do último encontro deles, André foi tomado pelo perfume de Raquel. O cheiro do xampu que ela usava quando era adolescente... Ele adorava encostar o nariz no pescoço de Raquel e ficar respirando o odor suave que vinha dos cabelos de sua namorada. Por muitos anos, ele procurou esse mesmo cheiro em outros cabelos, sem encontrar nada que se assemelhasse ao dela.

— Estava pensando em apenas caminhar. Não vim preparada para correr. E você?

Ele pensou em dizer *não* e voltar para casa. Mas, em seguida, se lembrou da sua meta e que nada o faria desistir ou fraquejar e, então, respondeu:

— Vou. Ainda vou completar mais uma volta. Se importa se eu te acompanhar?

— Claro que não. Será um prazer ter sua companhia.

Eles retomaram o percurso juntos, numa caminhada moderada e com passos rápidos. Caminharam praticamente em silêncio, já que o ritmo aplicado os deixava com a respiração ofegante, dificultando uma conversa. Apesar de não conversarem, Raquel e André deixaram seus pensamentos voarem de volta ao passado, reativando muitas lembranças, que se misturavam com seus problemas atuais.

Antes de Raquel partir em direção ao carro, André lhe perguntou:

— Você vai caminhar amanhã?

— Eu não sei. Talvez sim. Por quê?

— Bem, se você estiver aqui amanhã neste mesmo horário, poderíamos tomar um suco depois do treino e colocar o papo em dia.

Raquel hesitou. Era maravilhoso reencontrar André, mas será que ela deveria mexer com sentimentos que havia muito estavam adormecidos? Será que a sua vida atual, com toda a problemática instaurada, teria espaço para André e suas doces lembranças?

Raquel

Na manhã do dia seguinte, Raquel estava esparramada em seu sofá de design italiano, com uma forte sensação de tragédia acorrentada a seus pés. A mesma sensação que a seguia por todos os cantos nos últimos dias, desde que Alberto saíra de casa. Ela havia conseguido quinze dias de licença no trabalho. Para isso, precisou contar superficialmente para Simone o ocorrido, e alegou que precisaria de uns dias para colocar a sua vida em ordem. Gaspar não ficou nada satisfeito, mas acabou concordando. Agora, ela tinha alguns dias livres para pensar e tomar uma decisão séria para a sua vida e a do seu filho.

A televisão, ligada em um programa de variedades, contava as últimas fofocas das celebridades para as paredes. Raquel não ouvia. Seu olhar vagava entre a estante e os objetos de decoração da sala de TV. Repousou o olhar sobre o quadro na parede lateral, lembrando-se do dia em que pagou uma pequena fortuna por ele. Engraçado, na época, adquirir aquele quadro lhe causou uma felicidade momentânea muito grande. Algo que a deixou extasiada, completamente feliz, mas que passou rapidamente. Hoje era só um quadro. E, honestamente falando, nem tão bonito assim! Ele não lhe trazia felicidade alguma.

Raquel adorava sua casa. Era, sem dúvida, o seu lugar preferido no mundo. O lugar para onde volta depois de um dia cansativo de trabalho, o lugar onde encontra paz e onde consegue se recarregar com energias positivas. Ou pelo menos era.

Olhava para a ampla sala tentando se sentir protegida novamente, mas a coisa não funcionava mais como antes. Assim como ela, a casa também não era mais a mesma. Já não tinha mais a mesma energia. O encanto havia se quebrado e o que sentia era vontade de sair dali.

Vender tudo, se desfazer das coisas. Recomeçar bem longe do prédio, do bairro... de Alberto.

Sentindo-se tensa e com as pernas formigando, ela se levantou do sofá e foi até a ampla e moderna cozinha preparar um café. Escolheu um dos sabores e colocou a cápsula na cafeteira que Alberto lhe dera de presente de aniversário havia dois anos.

Enquanto o aroma do café invadia o ambiente, ela se imaginou embalando suas coisas para se mudar dali. Visualizou os dois na sala dividindo os pertences em meio a dezenas de caixas espalhadas pela sala. Dividindo restos juntados durante anos de convivência. O que ela levaria além das caixas contendo tristeza, decepção e cacos para reconstruir sua vida? Faria mesmo questão de bens materiais? Raquel não sabia. Mas tinha certeza de que Alberto faria questão da televisão e da parafernália tecnológica. Pois que ele ficasse com elas. Ela não fazia questão.

Mas para onde iria com tudo aquilo? Teria que ser um apartamento relativamente grande para caber todos os móveis e objetos. Talvez o certo seria vender tudo e começar do zero, sem nada que a fizesse se lembrar do seu casamento. Vender tudo, comprar outro apartamento e recomeçar sozinha. Então essa era a sua decisão? Já estava tomada? Era isso que ela faria? E quanto ao Pedro?

A dor da incerteza a fez fechar os olhos com força, e o medo aflorou novamente. Ela não sabia de nada. E nem sabia se tinha essa coragem toda. A questão não era se desfazer de bens materiais ou se mudar para uma nova casa. O que lhe causava medo era se desfazer da história dela com Alberto. Os anos de convivência e cumplicidade e tudo o que eles construíram juntos não poderiam ser descartáveis de forma simples. Não num rompante de raiva, nem sem pensar bem em todos os prós e contras. Era preciso refletir com calma e quando a situação estivesse morna. Não agora, no calor da raiva e da emoção.

Raquel soltou um gemido pesado e bebeu parte do seu café. Olhou as horas em seu celular e pensou em André. Estava aproximando do horário em que ele disse que costuma ir correr no parque.

Ah, André!, pensou. *O que você veio fazer na minha vida a essa altura do campeonato? Quando tudo já estava organizado e guardado. Quando eu estava bem sem você...*

Ela interrompeu seu pensamento no meio. Sim, Raquel estava bem sem André. Mas sua vida pessoal não estava nada bem. E fugir para uma realidade paralela lhe pareceu um oásis no meio do deserto.

Agindo num misto de angústia e excitação, ligou para a mãe de Francisco, amigo de Pedro, e acertou para que o filho ficasse de novo na casa dela até a sua volta do parque. Passou no *playground*, deu um beijo no menino, que estava brincando com os amigos, e saiu voando para o Ibirapuera.

Ao aproximar-se do parque, Raquel observou uma leve euforia se acomodando em seu peito. Achou estranho aquele sentimento novo, pois, no dia anterior, estava mais angustiada que tartaruga de ponta-cabeça.

Estacionou seu carro em uma vaga disponível próximo ao portão 3. Alongou-se e começou seu percurso olhando para os lados, com certa ansiedade. No meio da primeira volta, avistou André vindo em sua direção e comprovou a razão da sua euforia.

Ter encontrado com André no dia anterior tinha sido uma grande coincidência. Dessas que a vida nos coloca de repente só para nos testar. Ou para nos presentear, como quem pede desculpas por ter nos machucado tanto. A verdade é que ela não esperava por aquele encontro do dia anterior. Havia muito tempo tinha desistido de reencontrá-lo. Porém, depois que se despediu dele, ela voltou para casa sentindo um misto de melancolia, frustração e antecipação. Sua noite, por causa dele, tinha sido boa; dormiu sem nem pensar em Alberto.

Raquel ajustou o rosto numa expressão simpática e sorriu para cumprimentar André, que vinha acompanhado de Romeo, seu irmão mais velho:

— Olá!

— Oi, Raquel! — André exclamou, beijando-a no rosto.

— Ei, se lembra de Romeo, meu irmão mais velho?

— Claro! Como vai, Romeo?

— Grande Raquel! Poxa, o tempo parece que não passou para você.

Continua bonitona como sempre.

— Ah! Imagina. Que bom te ver aqui.

— Obrigado.

— Raquel e eu nos encontramos por acaso ontem, aqui na pista. — explicou André para Romeo, que preferiu não comentar o que se passou em sua mente poluída.

— É... Você já tinha me contado. — Romeo brincou com o irmão.

— Começou agora?

— Acabei de chegar.

— Quer correr com a gente? — convidou André, que não queria interromper seu treino. — Ou prefere caminhar?

— Acho que hoje eu vou correr. Se vocês não se importarem...

— De forma alguma.

Os três partiram para completar o percurso, mas foram praticamente em silêncio. Raquel corria ao lado de André e mantinha o mesmo ritmo que ele. Romeo preferiu seguir poucos passos atrás deles, imaginando que queriam conversar sozinhos, relembrar o passado ou algo assim. Ele não se importava em correr sozinho...

No final do treino, André manteve sua palavra e convidou Raquel e Romeo para tomarem um suco perto dali.

— Valeu, irmão, mas eu vou nessa. Tenho que passar na casa da Número Dois antes de ir para o restaurante.

— Beleza. Te vejo mais tarde, então.

— Tchau, Romeo. Foi um prazer te ver. — despediu-se Raquel.

Romeo deu um leve tapa nas costas do irmão e um beijo no rosto de Raquel e, em seguida, partiu para o estacionamento do parque, deixando André e Raquel ao lado do portão 3.

— E então, aceita meu convite para tomar um suco?

- Ah... — Raquel hesitou antes de responder, mas acabou aceitando.
- Tudo bem. Assim nós colocamos o papo em dia.

Raquel e André

— Gosto muito deste lugar. É meio natureba e, antes que você pense, eu não tenho nada contra os vegetarianos... Os sucos que eles fazem aqui são simplesmente de outro mundo. Gosto muito do de framboesa com gengibre.

Raquel torceu o nariz para aquela combinação estranha e optou pelo bom e velho suco de laranja. Nos últimos dias ela se agarrava a tudo o que era tradicional, como quem quer provar para si mesmo que não há nada de errado em fazer o que é de costume.

Depois que fizeram os pedidos, Raquel perguntou:

— Me conte, o que mais aconteceu na sua vida além de ter virado um cozinheiro?

— Cozinheiro, não, um *chef* de cozinha. — brincou ele — Bem, como você pode ver, eu me casei. — disse mostrando a aliança no dedo esquerdo. — Me casei com Juli.

— Que ótimo! Então o *Juli* do nome do seu restaurante é a sua esposa?

— Isso.

— E vocês têm filhos?

— Não... Ainda não. E você? Vejo que casou também. — apontou para a aliança que Raquel tinha na mão esquerda.

— Sim. Me casei logo depois que me formei. Eu e Alberto nos conhecemos no primeiro ano da faculdade. Ele fez administração de empresas e eu fiz análise de sistemas.

— Como é? E a faculdade de Belas Artes?

— Ah! Desisti. Na época se falava tanto em informática, que seria a profissão do futuro... Fizeram uma propaganda tão bem feita que acabei me convencendo de que esse seria o melhor caminho. Confesso que não é a minha paixão, mas me paga um bom salário.

— Comigo não acontece isso. Eu adoro o que faço.

— Não consigo te ver como um cozi... Quer dizer, como um *chef* de cozinha. Você não sabia nem preparar o seu *Nescau*!

— É verdade! — ele riu de um jeito gostoso — Mas isso faz muito tempo.

Sem perceber, Raquel foi tomada por uma lembrança dela com André na volta da escola. Todos os dias eles voltavam juntos, caminhando cinco quarteirões de mãos dadas, debaixo do sol do meio-dia. Faziam uma pequena parada na banca de revista para checar as novidades, trocavam algumas carícias, depois seguiam até a porta da casa dela, onde era dado o último (e bem demorado) beijo. Raquel ainda se lembrava do gosto salgado do beijo de André. E sorriu com essa salgada lembrança.

Enquanto ele falava, Raquel analisou seu rosto e se lembrou de que todas as noites, antes de dormir, ele ligava para lhe desejar boa noite. Claro que o telefonema se estendia muito além do “boa noite” e só era interrompido quando a mãe de Raquel entrava bufando em seu quarto, pedindo para desligar imediatamente o telefone.

“O que vocês tanto falam, hein? Amanhã estarão juntos novamente. Será que não dá para esperar até lá?” — dona Noêmia perguntava com um tom impaciente de voz.

Raquel achou estranho olhar para uma parte do seu mundo adolescente. Um mundo feito de mochilas, agendas, dúvidas, CDs, dramas, bilhetinhos apaixonados e notas escolares. A adolescente sonhadora que fez parte deste mundo estava, havia muito tempo, trancada em algum lugar de suas memórias. Ela tinha se tornado uma mulher prática, que optou por uma vida sem muito romantismo ou fantasias.

— Raquel?

— Sim.

— Perguntei se você quer mais um suco, você não ouviu, não?

— Ah, desculpe. Estava distraída aqui pensando numa coisa... Quero mais um, por favor.

— De laranja?

— Hum... O que você vai pedir?

— Um de cenoura, limão e óleo de linhaça.

— Nossa, que diferente.

— Ajuda na desintoxicação.

— Pode ser de laranja com morango. — arriscou, para não parecer medíocre demais.

A garçonete anotou os pedidos e saiu para que André dissesse:

— Agora, me conte mais de você. Já falei um monte de coisas da minha vida.

Falou? Puxa, Raquel não tinha ouvido nada.

— Estava me lembrando da última vez em que nos falamos... A gente tinha combinado um encontro no Shopping Center Norte, lembra?

Se ele lembrava? Não nos últimos anos. Mas, por muito tempo, esse encontro ficou martelando em sua cabeça.

— Ai, desculpe, nem sei por que estou falando disso. Totalmente fora de contexto.

Raquel se achou uma boba em lembrar de seu passado na frente do ex-namorado. André, por sua vez, manteve-se quieto e não fez nenhum comentário. Raquel deduziu que ele nem se lembrava mais daquele dia e mudou o assunto:

— Então, trabalho como analista de sistemas. Quer dizer, estou de licença por uns dias e espero ter meu emprego de volta quando retornar.

André apoiou o seu queixo na mão direita e ficou pensando no encontro que Raquel mencionou. Os velhos tempos — como ele costumava dizer. Os velhos tempos que, por muitos anos, ele enterrou no fundo de sua memória e não se permitia mexer em uma lembrança sequer. Mas agora, com Raquel sentada à sua frente, as lembranças foram saindo,

uma a uma, feito criança desobediente, inundando-o com as recordações do seu passado.

Raquel falava sobre sua profissão com pouco entusiasmo. Apesar de fingir que ouvia, ele não queria saber se ela estava feliz como analista de sistemas. Bem, não naquele momento. Outro dia, talvez. Mas não hoje. Não no momento em que reencontrava seu passado.

Olhou para os olhos castanhos de Raquel e ficou assombrado ao constatar que tudo nela lhe era familiar: seus cabelos, que já não estavam mais compridos como antes, sua boca bem desenhada e até mesmo a pequena cicatriz de catapora no centro da testa. Como um disco que a gente ama e que ficou esquecido por muito tempo na estante da sala. E, num dia de faxina, encontramos esse disco, o colocamos para tocar e a cada música ouvida, as lembranças vão se afluando de forma gostosa no peito. Raquel era como o velho disco favorito de André.

De forma sensata, André contabilizou suas emoções e o jeito saudoso como estava tratando o momento e concluiu que estava gostando de estar conversando com sua ex-namorada. De estar “ouvindo” suas canções de adolescente.

Ontem, quando encontrou com Raquel, ele não tinha sentido nada. Quer dizer, ele ficou surpreso, sim. Mas não parou para pensar nela. Não da forma como estava pensando agora. Então, o que significava isso? O que era aquela melancolia em seu coração? Sentir saudades de um passado com Raquel lhe parecia imaturo demais para quem tem 30 anos e é casado.

Logo concluiu que ele não estava sentindo saudades da Raquel. Estava sentindo saudades da sua juventude e de como era bom viver com 15 anos.

Desejou ter seu walkman amarelo de volta e suas fitas cassetes com músicas do Queen, Kiss, Whitesnake e Journey. Daria tudo para passar horas jogando *Air-Sea Battle* no seu Atari. Assim como desejou seu tênis *All Star* surrado, seu skate e as tardes com os amigos jogando futebol na quadra do prédio.

Por que as coisas pioram quando ficamos adultos?

Também não pôde deixar de pensar no quanto sofreu com o final do seu namoro com Raquel. Na época, ele achou que jamais a esqueceria, que ninguém chegaria perto do que ela significou para ele. Com o passar dos anos e com a falta de notícias dela, seus sentimentos foram se abrandando. André teve várias namoradas, se apaixonou por várias mulheres e se casou com Juli por amor. Mas não voltou a sentir a mesma paixão, o amor intenso e forte que sentiu por Raquel.

Curiosamente, André sentiu-se tentado a perguntar por que ela não foi ao encontro do shopping. Saber o real motivo não mudaria nada sua vida atual, não afetaria nada e nem faria o tempo voltar. Ela agora fazia parte do seu passado. Porém, ainda assim, ele queria saber. E muito.

— André, você está me ouvindo?

— O quê?

Raquel logo sacou que André não tinha ouvido uma palavra do que disse, assim como ela tinha feito havia pouco, e achou melhor voltar para casa. Não tinha ficado chateada com ele nem nada disso. Apenas achou sensato parar de brincar com as boas lembranças do passado.

— Desculpe. Eu me distraí. — falou ele, olhando para ela com o cenho franzido. O Olhar James Dean, como Raquel costumava chamar quando André fazia esta mesma cara.

— Bem, já está tarde. Melhor ir agora antes que o trânsito vire um caos. — disse, querendo se livrar daquela doce lembrança.

O que ela não sabia é que o trânsito já tinha virado um caos. Mas ela não se importaria com isso. Quanto mais tempo fora de casa, melhor.

— Sim. Claro. Vou pedir a conta.

Enquanto André pagava a conta, Raquel aguardava na calçada. Ela tinha muita coisa para pensar e precisaria controlar seus pensamentos e sentimentos para não confundir as coisas. André era apenas o seu ex-namorado. E estava casado. Era bom se lembrar disso.

— Vamos?

— Sim.

— Você vai correr amanhã de novo? — perguntou André.

— Vou. — respondeu, para em seguida se arrepender.

Os dois caminharam em silêncio. Aguardaram o sinal abrir, atravessaram a rua e chegaram ao estacionamento do parque.

— E você? Vai correr amanhã? — perguntou Raquel.

— Vou.

— No mesmo horário?

— Sim, no mesmo horário.

— Ótimo! Então, acho que nos vemos amanhã novamente.

Despediram-se de uma forma desajeitada e cada um partiu para sua casa, imersos num mar de emoções confusas. Uma avalanche de sentimentos que despertavam, entre outras coisas, velhos sentimentos guardados havia tempos em seus corações.

Raquel

Raquel dirigia com os pensamentos longe de seus problemas conjugais. Sua prioridade, claro, era pensar em como resolver sua situação com Alberto, em tomar decisões sérias e colocar sua vida em ordem. Porém, lá estava ela com seus pensamentos em André. André que fez parte de sua vida havia tantos anos, que volta e meia ressurgia em suas lembranças trazendo saudade e melancolia. E agora ele estava lá outra vez.

Esse encontro teria sido apenas mais uma coincidência em sua vida? E será que ter esquecido a lista de pendências em casa também havia sido coincidência? E ninguém ter atendido suas ligações e ela ter sido forçada a sair do escritório e ir até sua casa só para flagrar Alberto dançando todo alegre pelo quarto? Estaria o destino brincando com ela? O que significava encontrar André naquele exato momento da sua vida?

Sem perceber, Raquel fechou um carro da pista ao lado, que buzinou, reclamou, gritou palavras nada gentis e a tirou completamente do seu estado de torpor. Com calma, conduziu o carro de volta para a pista e, novamente, deixou que seus pensamentos a dominassem. Dessa vez, para o dia que seu pai a separou de André.

Quando percebeu que o namoro de Raquel com André estava extrapolando os limites (os limites estabelecidos por Agenor, obviamente), o patriarca tomou uma decisão bastante drástica: mudar de bairro. O bairro

mais distante possível da Penha era o que ele queria. A intenção de Agenor era exterminar aquele namoro meloso de uma vez por todas.

Ele achava que era cedo demais para Raquel se envolver emocionalmente daquela forma. Se o romance fosse do tipo água com açúcar, ele toleraria. O problema era a intensidade com a qual os dois viviam o namoro. Estudavam juntos, na mesma sala. Voltavam da escola juntos e de mãos dadas. Ficavam horas e horas na área de lazer do prédio, juntos e abraçados e, quando não tinha alguém vendo, trocavam beijos *calientes* que fariam Agenor ter um ataque cardíaco. À noite, antes de dormir, eles ainda se falavam por telefone. Até para pais mais liberais, o namoro de Raquel e André era sério. Para Agenor, um ex-militar reformado, era uma modernice que ele não iria tolerar nem mais um dia.

Raquel e sua irmã, Angélica, só foram informadas de que se mudariam de bairro no dia da mudança. Para que não descobrissem a novidade e contassem o novo endereço para André e demais amigos, Agenor pediu para que Noêmia não contasse nada às filhas (coisa que ela fez, sem questionar). A intenção de Agenor era afastá-las de tudo o que tinham no momento e começar uma nova vida. No fundo, ele sabia que as filhas dariam um jeito de informar o novo endereço para os amigos. Sua esperança era que, com o tempo e com a distância, as amizades e o namoro de Raquel esfriassem.

Quando chegaram da escola, o apartamento estava praticamente vazio. A empresa responsável pela mudança ainda estava lá embalando as últimas caixas, mas a família já não precisava ficar no local. Agenor comunicou às meninas sobre a mudança, pegou umas caixas e pediu para que todos fossem para o carro, para rumar para o novo apartamento.

Raquel e Angélica entraram em estado de choque.

— Seu Almeida, posso, pelo menos, avisar o André? — pediu Raquel, com a educação que lhe era de costume.

— Não. — avisou o pai, com sua voz gélida.

— Por favor, ele não vai entender nada.

Agenor deu de ombros e a fitou com seu olhar que fazia qualquer um tremer de medo, e Raquel desistiu de tentar persuadir o pai. Ali, a causa já

estava perdida. Apelaria para a mãe quando estivesse sozinha, coisa que aconteceu assim que Agenor foi tratar com o responsável pela mudança.

— Mãe, por favor, me deixa avisar o Deco. Eu interfono rapidinho...

— Filha, nessa eu não posso te ajudar. Seu pai me mata se André souber para onde estamos nos mudando.

— Mas mãe...

— Filha, me obedeça! Não quero aborrecimentos e nem levar sermões do seu pai. Por favor!

— Eu digo que vou me despedir da Sara e aviso o Deco pra você, Quel. — propôs Angélica.

— Angélica, não ouse me desobedecer. Vai ser pior para vocês duas se seu pai descobrir que seus amigos foram avisados do novo endereço. Por favor, agora não. Esperem que, chegando lá, vocês vão descobrir um jeito de avisar a todo mundo que se mudaram.

— O que eu fiz para merecer isso? Parece até que matei alguém para sair escondida, sem avisar meus amigos. Que absurdo!

— É revoltante, mãe! Mudar assim, de repente... Por isso que durante o final de semana você estava se livrando de um monte de tralhas, encaixotando um monte de coisas? Agora eu entendi.

— Coisas de seu, pai, minha filha. Não achem que eu estou de acordo com o que ele faz, porque eu não estou.

— Eu odeio o meu pai! — bufou Raquel, com lágrimas de ódio escorrendo pela face. — Odeio!

Noêmia concordou mentalmente com a filha. Ela, de certa forma, também odiava Agenor, mas sentia-se de mãos atadas naquele momento. Agenor havia planejado a mudança como se fosse uma operação de guerra e, se alguém soubesse de alguma coisa, ela seria penalizada.

Como era esperado, Raquel e Angélica fizeram de tudo para avisar os amigos e principalmente André sobre a mudança. Na época, o único recurso tecnológico disponível era o telefone fixo. E para completar, o delas estava trancado com um cadeado. Só Noêmia tinha a chave. E ela só liberava o uso do telefone quando Agenor estava ausente, o que não

aconteceu nos primeiros dias no novo apartamento por conta da arrumação da nova casa.

Então, apelaram para os correios. Raquel mandou uma carta para André, avisando onde estava morando e explicou tudo o que aconteceu. Aproveitou para combinar um encontro nas proximidades do bairro... Só que ela nunca recebeu a resposta de André. O pai interceptou a carta e a queimou, sem Raquel saber.

Foi André quem percebeu o que Agenor estava fazendo, e decidiu que seria melhor parar de mandar cartas para que Raquel não sofresse algum castigo por parte do pai. Ele conhecia bem Agenor e sabia do que ele era capaz.

Inconformado, porém, ele não descansou até ter uma grande ideia: escrever para Raquel passando-se por uma amiga do colégio. Pediu para uma amiga em comum redigir as cartas e Agenor engoliu a farsa. A resposta que Raquel tanto aguardava finalmente chegou e eles puderam planejar o sonhado encontro.

Marcaram de se encontrar na estação da Sé no primeiro dia de volta às aulas, depois das férias de julho. Enquanto esse dia não chegava, eles trocaram algumas cartas e um ou dois telefonemas. Difícil mesmo era lidar com a saudade que se agigantava em seus corações e passaram a contar os dias que faltavam para o retorno das aulas.

Quando o dia do encontro chegou, Noêmia deixou as filhas no colégio, como de costume. Raquel, no entanto, não entrou na escola. Enrolou no portão conversando com alguns estudantes e, quando a mãe virou a esquina, ela partiu para o ponto de ônibus. Angélica ficou no colégio para cobrir a irmã em caso de eventual problema.

Raquel foi de ônibus até a estação Jabaquara e de lá embarcou no metrô para estação da Sé. André embarcou na estação da Penha e desceu na Sé, chegando primeiro. Quando ele a avistou no meio da multidão, saiu correndo, driblando as pessoas, até encontrá-la em um abraço interminável.

Contudo, a manhã de amor e de muitas promessas não terminou com um final feliz. A escola ligou para a casa de Raquel e, infelizmente, quem

atendeu foi Agenor, que não ficou nada satisfeito ao ouvir a diretora relatar o ocorrido logo no primeiro dia de aula.

Ao chegar de volta ao colégio, Raquel viu o carro do pai parado na calçada em frente. Seu sorriso, que estava congelado em sua face desde que se despedira do namorado no metrô, se esvaiu. A alegria deu lugar ao medo. Suas pernas ficaram bambas e suas mãos ficaram suadas. Um pânico se instalou de imediato.

— Entre no carro que em casa a gente conversa. — Agenor avisou, quando ela se aproximou apertando as alças da mochila de tanto medo.

— Sim, senhor.

Noêmia, que estava sentada no banco da frente, apenas olhou a filha com um olhar carregado de pena. Ela sabia que o que viria não seria nada fácil.

E não foi.

Agenor estava transtornado com a ousadia da filha. Passou-lhe um sermão sobre obediência, decência, moral e mais um monte de outras coisas — que não tinham nada a ver, mas que ele falou mesmo assim. Tirou-lhe a mesada dos próximos seis meses e a proibiu de sair sozinha.

As correspondências entre Raquel e André continuaram. Eles tentaram se encontrar algumas vezes, mas Raquel não conseguia passar do quarteirão da escola. Alguém sempre a dedurava para seus pais.

Aflitos e cheios de saudades, eles combinaram de fugir. Na cabeça deles, essa era a única maneira de ficarem juntos. Como seria a vida, eles não sabiam. Primeiro queriam estar juntos para depois pensar nos próximos passos. Em seus mundinhos utópicos, viver de amor já estava de bom tamanho.

Marcaram, então, um encontro no Shopping Center Norte no dia em que Noêmia iria fazer as compras de Natal. Raquel e Angélica também iriam com a mãe, e Raquel garantiu a André que daria um jeito de encontrar com ele na praça de alimentação. Dali, eles sairiam para o mundo, para viver, enfim, juntos.

Porém, como nada pode ser perfeito, de última hora, Agenor decidiu ir com a família para ajudar com as compras de Natal. Um passeio em

família, como ele mesmo intitulou.

E Raquel pensou com amargura: *Família? Isto não é uma família. É uma organização que nos obriga a viver debaixo de suas ordens.*

A princípio pensou em não ir. Estava revoltada e irada com a companhia do pai, que, certamente não a deixaria um segundo sozinha. Angélica que a incentivou dizendo que daria um jeito de fazer com que ela fugisse de perto do pai e corresse até André. Convencendo-se disso, ela foi.

Sentada na praça de alimentação do shopping, Raquel olhava para André, que a aguardava, ansioso, no lugar combinado. Ele, com sua mochila nas costas, ouvindo seu walkman, a procurava com os olhos em todas as pessoas que ali estavam. A multidão que se movimentavam pela praça de alimentação a escondia dele. E ela escondia suas lágrimas de Agenor, frustrada e arrasada por não tido coragem de encarar o pai e ir de encontro do seu amor.

Não é para ser, pensou afundando em uma tristeza sem fim. *Definitivamente, não é para ser.*

Ao chegar em casa, Raquel procurou pelas suas chaves e, ao abrir a porta, quase que ela disse “Amor, já está em casa?”, como era de seu costume. Sem pressa, ela descalçou o tênis e ficou um bom tempo observando o hall de entrada. Seus olhos passaram pela pequena mesa redonda de madeira maciça, pelo piso revestido de mármore e pelo suntuoso lustre Bacará. Ela queria ser tomada por uma grande sensação de alívio. Queria se sentir aliviada por estar de volta a sua casa, como se sentia até havia alguns dias. Aquele era o seu lugar no mundo, não era?

Por que tudo mudou tão de repente? Por que as coisas saíram completamente dos eixos e tudo que era bom agora já não era mais? Sua vida com Alberto funcionava de forma tão harmoniosa, que mesmo sem o amar profundamente, ela era feliz. Eles tinham uma vida tão boa que ela chegou a acreditar que viveria nessa paz até o resto de seus dias. Ela não precisava mais de amor, paixão, nem nada disso. Só queria ter a tranquilidade e a paz que Alberto lhe dava. Agora, ela estava sem chão. Sentia que tudo o que fizera por ele havia sido em vão.

Ela trancou a porta e se dirigiu para o seu quarto odiando Alberto por estragar tudo o que estava perfeito em sua vida. Mas, ao mesmo tempo, feliz por ter passado horas agradáveis na companhia de André.

André

Se existe um lugar no mundo onde André se sentia pleno e em paz era na cozinha do seu restaurante. Trabalhar, para ele, era uma verdadeira diversão. Lá ele se entregava, permitia ser ele mesmo, por inteiro e com o coração leve por fazer o que amava. Enquanto se ocupava com temperos e ingredientes, ele se esquecia de tudo o que acontecia lá fora e quase nem via o tempo passar.

E naquela noite não foi diferente. Algumas horas mais tarde, porém, depois de ter fechado o restaurante e dirigido até o seu apartamento, lá estava André no chuveiro, com a cabeça fervendo de preocupações e perguntas sobre o seu casamento com Juli. Ele desejava ardentemente que a esposa o recebesse na cama com um bom abraço, que os dois pudessem dormir o resto da madrugada juntinhos e que, no dia seguinte, se não fosse pedir muito, ela o acordasse com beijos por todo o seu corpo. Mas sabia que ela não se daria ao trabalho.

Saiu do box, pegou a toalha e se secou rapidamente. Em seguida, vestiu uma cueca, escovou os dentes e ficou se olhando no espelho por um tempo. Talvez ele estivesse procurando o famoso “brilho no olhar”, ou talvez, estivesse tentando encontrar a tal “cara de felicidade”. Mas ele não viu nada disso. O espelho refletia apenas um semblante cansado.

Tentando ser o mais discreto possível, André se deitou ao lado de Juli na cama e logo caiu em sono profundo.

André já estava acordado quando Juli se levantou, às 7 horas da manhã, e deixou o quarto para ir assistir à TV na sala. Ele sentiu-se tentado a se levantar e ir se deitar no sofá ao lado dela, repousar sua cabeça em suas

pernas e ficar ali quieto sentindo seu cheiro. Ou quem sabe conversar alguma coisa. Perguntar como tinha sido o dia dela, quais seus planos para hoje, se está feliz...

Feliz.

Será que Juli era feliz com ele?

Juli não me ama mais, pensou André, se revirando na cama. *Só pode ser isso*.

Ele, ao contrário da esposa, tinha certeza de seus sentimentos por ela. Claro que a convivência diária, onde cada um mostra quem realmente é, acabou colorindo com vários tons de cinza a vida do casal. Normal. André não esperava que fosse diferente. Ele sabia que a paixão inicial esfriaria aos poucos e, em seu lugar, nasceria um sentimento mais profundo: o amor. Assim como sempre soube que todo relacionamento tem altos e baixos e que é preciso, além do amor, tolerância aos defeitos, criatividade na rotina e muito, muito diálogo. Não existe uma receita de bolo para um relacionamento dar certo, porém, sem os ingredientes acima, André achava muito difícil viver o “felizes para sempre”. Além disso, é imprescindível ter o ingrediente secreto: o respeito à individualidade. Ele respeitava Juli. Respeitava o seu jeito de ser, suas manias, seus defeitos, suas escolhas... Não exigia nada que ela já não tivesse dado a ele um dia. Não esperava fantasias. Só o básico para fazer dar certo.

“Ser feliz dá trabalho.” André não sabia quem era o autor dessa frase, mas ele sabia do que ele estava falando quando a criou. Não bastava ter boas intenções. Não bastava querer, se não tivesse atitude e colocar em prática as pequenas ações que fazem toda a diferença no dia a dia.

André olhou para pilha de livros ao lado da cabeceira de Juli. Mais um projeto dela deixado de lado, isso porque ele nem desconfiava da *Gaveta das Perdições*, uma gaveta repleta de lingerie sensuais e brinquedos eróticos, trancada a sete chaves no closet dela. Olhou para as palavras cruzadas, os livros de *Sudoku* e os jogos de mesa que compraram para jogar juntos ou com amigos. Todos intactos.

Soltou um longo suspiro, passou as mãos nos cabelos e fechou os olhos. Quem apareceu em sua mente foi Raquel, que sorria seu sorriso

espontâneo. Não havia como não admirar um sorriso tão belo quanto o dela.

André tinha notado que Raquel se mostrava bem disposta nas corridas do parque e se lembrou de como ela era: alegre, divertida, sempre inventando coisas novas para fazer. Se ela continuava a mesma da época de adolescente, ele não sabia. Mas foi inevitável uma comparação com Juli.

Desanimado com seus pensamentos, acabou adormecendo novamente. Quando acordou, Juli já tinha saído para o trabalho. Olhou no relógio e viu que não eram nem 11 horas. Soltou um resmungo e tentou dormir mais um pouco. Por conta do calor insuportável (Juli tinha feito o grande favor de desligar o ar-condicionado de manhã cedo), ele foi obrigado a sair da cama.

Cambaleou até a cozinha. A geladeira estava vazia, para variar. Não tinha nada para ele comer, e de quebra, a louça que Juli usou nos jantares das noites anteriores ainda estavam sobre a pia, exalando um odor de comida azeda pela casa.

— Tolerância, paciência, aceitar o outro como ele é... — André repetia sua ladainha diária, enquanto lavava a louça e dava uma geral na cozinha. Depois, fez um café forte para ver se a cafeína tirava aquela moleza e mal-estar de uma noite mal dormida de seu corpo.

Enquanto tomava seu café, ele sentiu a casa vazia. Sentia falta de Juli. Das risadas dela pelos cantos. Dos dois deitados no tapete da sala assistindo a um filme. De eles preparando um jantar para receber os amigos... Dos dois juntos. Felizes. Apaixonados.

Cansado, deitou-se no tapete da sala e ficou olhando o teto por um bom tempo até ter uma ideia louca.

— É isso! — exortou, dando um pulo e ficando de pé.

Animado, tomou um banho rápido, vestiu uma roupa casual e saiu de carro, rumo ao Di Bianchi & Juli. Antes de chegar ao restaurante, parou em uma floricultura e comprou cravos — os mais lindos que havia na loja.

Partiu para Moema.

Chegou ao restaurante, que ainda não tinha sido aberto para o almoço, e abriu a porta com sua chave. Atravessou o salão, que estava sendo

organizado pelos garçons e pela moça que cuida da limpeza. Acenou para eles e pediu silêncio.

Ouviu risadas vindas da cozinha e uma música: “Stay” (“Faraway, so close”) do U2.

Eros, seu irmão mais novo e solteiro convicto, era um grande fã da banda. Sempre foi. Quando o U2 vem ao Brasil, ele não perde um show. Imaginou que aquela música estava sendo ouvida por ele, já que Juli não curte ouvir música enquanto trabalha.

André parou a poucos metros da entrada da cozinha. Não que quisesse espionar, apenas ficou curioso com a risada solta e o tom de voz agradável de Juli. A Juli de cinco anos atrás estava a poucos metros dele.

Ficou intrigado.

Ouviu Eros contando algo sobre um show do U2 que ele foi com os amigos e de algo que aconteceu. André não pegou a conversa desde o início, por isso, não sabia por que Juli ria tanto.

Atentou-se para o fato de que seus funcionários estavam observando seu comportamento e resolveu entrar. Sinalizou para Eros, que estava de frente para a porta, para não falar nada. Aproximou-se de Juli, tapou os olhos dela com suas mãos e colocou as flores nas mãos dela.

Juli levou alguns bons segundos para descobrir que era André quem estava tapando seus olhos. Ela se virou para ele, um tanto desconcertada, e falou:

— Ué! O que te deu para vir aqui?

— Saudades de você.

— Ah, como o amor é lindo. — debochou Eros sem saber se saía da cozinha para deixá-los sozinhos ou se ficava ali continuando com o seu serviço.

— Não vai falar nada? — perguntou André diante do silêncio de Juli.

— Obrigada. As flores são lindas.

— Então, está pronta?

— Pronta pra quê?

— Vim te buscar para darmos uma volta. Quer ir aonde?

— Como assim?

— Que tal irmos até o Guarujá molhar os pés no mar e almoçar por lá?

— Meu, quando eu me casar, o que duvido que vá acontecer algum dia, eu quero ser igual a você. — comentou Eros, que decidiu por ficar para ver como a visita inesperada do irmão iria terminar.

— Você fala isso porque não conheceu a pessoa certa, Eros. — André respondeu para o irmão mais novo. — Então, Ju, topa?

— André, daqui a pouco o restaurante vai abrir! — ela respondeu o óbvio.

Será que André não pensava nas responsabilidades?

— E daí?

— Eros e a equipe conseguem tocar o restaurante só por hoje, não consegue, Eros?

— Claro! Vai lá, Juli. Fique tranquila que a gente dá conta do recado.

— Você cuidando da minha cozinha sozinho? Tenho minha reputação de *chef* a zelar.

— Pô! Valeu pela confiança. — disse Eros sentindo-se magoado com a resposta de Juli.

— Eros e a equipe dão conta, sim, Ju. Vamos?

— Não! E se o movimento for grande? Vocês precisam de mim. — Juli odiava imaginar-se substituível. — Não posso, André.

— Então, que tal almoçarmos naquele restaurante que tem dentro do Ibirapuera?

Juli não respondeu.

— Soube de uma sorveteria nova que faz uns sorvetes artesanais... Fica perto daqui. — sugeriu Eros — Depois do almoço, é uma boa pedida.

— Também é uma opção. Eu conheço o dono. Vamos lá? Depois te deixo aqui, se ainda quiser ajudar com o pós-almoço.

— Hum, não. Ai, Dé, não me entenda mal, mas não quero deixar ninguém sobrecarregado enquanto eu me divirto. Podemos ir na segunda, que é dia de folga. Pode ser?

André, de repente, sentiu-se cansado de tanto levar foras de Juli. De ouvir não para tudo. De não poder aproveitar um pouco a vida ao lado da

mulher.

— Ok. Desculpe se atrapalhei o papo de vocês.

Virando as costas, ele saiu.

— Dé? — Juli o chamou, mas ele já tinha fechado a porta do restaurante.

E, assim, acabou-se o ânimo. Ele estava mesmo era puto da vida. O que eram aquelas risadas e conversas descontraídas com Eros? Por que com ele Juli não era assim?

Dirigiu o caminho de volta para sua casa com a cabeça fervendo.

Juli era linda, inteligente, culta, excelente *chef* de cozinha, tinha olhos lindos e beijava muito bem. Mas nada disso importava. André estava cansado demais para insistir em algo que só ele acreditava. Uma decisão precisava ser tomada. E logo. Ele tinha 30 anos. Ainda dava tempo de recomeçar... Com outra pessoa... Outra pessoa?

Ele cogitou a hipótese. A ideia, porém, não o agradou. Outra pessoa não o agradava. O que ele mais queria era ajustar seu casamento com Juli. Só não sabia mais como fazer. Havia tentado de tudo. Enquanto dirigia pelas ruas da cidade sem rumo específico, ele pensava em buscar soluções. Pensou tanto que sua cabeça começou a doer e concluiu que aquele não era um bom dia para descobrir a fórmula mágica que salvaria seu casamento do fim. Na verdade, André não queria pensar em mais nada. Se houvesse um jeito de ele desligar sua mente e não pensar... Seria perfeito.

Ligou para Romeo e avisou que não tinha condições de trabalhar naquela noite. Ele iria tirar o dia de folga.

— Vocês precisam viajar, cara. Curtir uma viagem a dois. Veneza é perfeita para isso.

— Veneza... A Juli não topa ir nem pro Guarujá. — comentou com sarcasmo.

— E o que você vai fazer?

— Vou pra casa, dormir. Depois, vou correr. Correr me ajuda a espairecer. Preciso esfriar a cabeça.

— Correr sozinho ou com a...

— Sozinho, Romeo. Vou correr sozinho. Não comece a pensar besteiras, ok?

— Eu não penso besteira, irmão. Eu só enxergo o futuro.

Mais tarde, quando chegou à entrada do parque, o celular de André vibrou dentro do bolso do seu calção.

Se você estiver correndo no Ibirapuera, me avise.

Estou aqui.

Bjs, Raquel.

Correr sozinho ou ter a companhia de Raquel?, pensou, enquanto olhava para a mensagem no visor do seu celular.

Decide.

Vamos logo.

Sozinho ou com Raquel?

Raquel.

Acabei de chegar.

Te encontro em frente à Praça do Leão.

Bjs, André.

Antes, André se alongou e bebeu água. Ganhando tempo para repensar se essa havia sido realmente uma boa escolha.

Ele não estava fazendo nada demais, estava?

Além do mais, ele queria espairar e não pensar no seu casamento com Juli. Conversar com Raquel iria tirá-lo de sua realidade. Seria bom.

Pecados extintos, consciência tranquila, André correu até ela.

André e Raquel

— Oi!

— Oi, André! Como vai?

— Ótimo! E você?

— Estou bem... Melhor impossível — Raquel mentiu.

— Já se inscreveu para a São Silvestre?

— Eu? Imagina. Não tenho essa pretensão.

— Pensei que estava treinando para alguma maratona — brincou André.

— Não, não. Corro porque me faz bem, me ajuda a não pensar em coisas que não quero pensar — brincou André.

— É mesmo? — perguntou ele, se identificando com a resposta de Raquel.

— Mais ou menos. Vamos correr?

— Vamos.

Correram por quase uma hora. Fizeram algumas paradas para beber água, conversaram coisas relacionadas ao treino e deixaram que seus pensamentos cruzassem a tênue linha entre o passado e a atual realidade.

André, prestativo e atencioso como sempre, ensinou Raquel a pisar corretamente, a maneira certa de respirar e corrigiu sua postura, para que ela tirasse melhor proveito de seu treino. Raquel adorou as dicas e o cuidado que André teve com ela. Como no passado, ele a surpreendia nos mínimos detalhes. Ao final, o convite para um suco foi inevitável:

— Tem tempo para um suco ou precisa voltar para casa? — André perguntou, meio sem jeito.

Raquel consultou as horas e disse que ainda tinha tempo antes de pegar Pedro na casa do amigo.

Conversaram muito. Parecia não haver tempo suficiente para tanto assunto. Corridas, *hobbies*, músicas, sonhos, planos... Naquela tarde, eles preferiram não entrar nos problemas pessoais de cada um. Optaram por falar de coisas boas e André descobriu que ainda tinha muito em comum com a ex-namorada. E que ela continuava uma pessoa adorável, carismática e agradável para estar por perto. Alguém que sorria de forma tão espontânea e inocente era tão raro de se ver. Ele queria ver mais desses sorrisos. Queria ver em Juli, mas desconfiava que seria impossível.

Quando entrou no carro para voltar para casa, sentia-se bem disposto. “*Quando não lhe restar mais nada para lembrar, lembre-se de como você me faz sorrir quando estou sozinha.*” André lembrou-se da frase com que Raquel se despedia em suas cartas, quando eram adolescentes. Curiosamente, ele sorria sozinho. Seriam os efeitos de Raquel sobre ele? Ou seria apenas a esperança de reverter as coisas a seu favor com Juli?

Independentemente disso, ligou para Romeo e avisou que havia mudado de ideia: iria trabalhar à noite. Ele já se sentia recuperado. A raiva tinha passado e ele se sentia bem disposto para ir ao restaurante e fazer o que mais gosta: cozinhar.

— O que mudou? — quis saber Romeo ainda no telefone.

— Nada.

— Algo mudou.

— Nada... Só corri.

— Ah... Eu ouvi mesmo dizer que esse Ibirapuera tem poderes mágicos. — debochou Romeo.

— Vá se ferrar!

Colocou a música “Detalhes”, de Roberto Carlos, para tocar em seu carro e voltou para casa em paz.

“Detalhes tão pequenos de nós dois. São coisas muito grandes pra esquecer e a toda hora vão estar presentes, você vai ver...”.

Raquel

Depois que saiu do Ibirapuera, Raquel foi para a casa da mãe buscar seu filho, e foi recebida por ela em tom de surpresa:

— Ué, o que está fazendo aqui a uma hora dessas? Não deveria estar no trabalho?

— Tirei uns dias de folga.

— Ai, que bom! Entre, vamos tomar um chá. Acabei de fazer.

Raquel agradeceu mentalmente por dona Noêmia não fazer mais perguntas a respeito de seus dias de folga e aceitou o copo de chá com alegria.

— Foi na academia?

— Fui.

— Sabe que eu também quero fazer um exercício? Só não sei o quê.

— Ué, e o que aconteceu com a hidroginástica lá do Clube da Terceira Idade?

— Ah! Eu continuo. Só acho chato.

Antes que Raquel tivesse chance de perguntar o porquê, seu telefone tocou. Olhou para o visor: Alberto.

— Alô?

— Oi, Raquel. Eu liguei para saber como você está e para saber como foi o seu dia.

— Só um minuto que eu vou ver se tenho. — disse, saindo da sala de estar, onde estava com sua mãe, e foi até o quarto para falar sem ser ouvida.

— Desculpe, eu não entendi. Eu liguei para saber como você está e...

— Ótima, Alberto. — interrompeu ela, já na segurança do quarto. — Nunca estive tão bem em toda a minha vida.

— Raquel, — ele suspirou fundo sentindo a ironia por trás das palavras dela — se você soubesse como eu lamento.

— Então por que você fez isso comigo? — retorquiu ela, enfurecida.

— Desculpe, eu não liguei para brigarmos. Só queria saber se está precisando de alguma coisa. E para saber de Pedro.

Eu preciso da minha vida de volta. Aquela que era normal!, pensou. Em vez disso, respondeu:

— Pedro está ótimo. Pensa que você está viajando...

— A propósito, eu vou mesmo viajar. Vou a Bogotá amanhã à noite para resolver umas questões da empresa. Devo ficar lá uns quatro ou cinco dias.

— Maravilha. Enquanto isso, eu fico aqui pensando no que fazer com as nossas vidas.

— Raquel...

— Alberto, não estou em um bom dia e também não quero falar com você. Se puder ligar o mínimo necessário...

— Quando eu retornar, no domingo, será que podemos conversar? Será que até lá a gente consegue definir as coisas?

— Vou fazer o possível. Acho que em uma semana eu consigo digerir esse limão azedo que você me deixou. Boa viagem! — Ela desligou o telefone com raiva. Falar com Alberto lhe causava uma cólera danada, pois só de ouvir a voz dele ela se lembrava de tudo o que aconteceu, mais uma vez.

— Que cara é essa? — perguntou dona Noêmia assim que Raquel voltou à sala.

— Nada. Eu só estou com dor de cabeça.

— Quem era no telefone?

— Era do trabalho.

— Deve ser o estresse do dia a dia. Você não para. Sai de manhã cedo e só volta à noite. Não sei como aguenta esse ritmo.

— Obrigada, mãe. O chá está uma delícia.

— Vocês trabalham demais. Tanto você quanto Alberto. Eu vivo falando para que fiquem mais tempo em casa com o Pedro, mas ninguém

me escuta.

Raquel balançou a cabeça concordando com a mãe. Ela não ouvia nada. Encarava o copo de chá pensando que em breve teria de contar tudo para alguém. Até agora ela não havia conseguido se abrir nem com sua amiga Simone — que ligava diariamente para ela, louca para saber das notícias. Mas ainda não tivera coragem de revelar o segredo de Alberto para sua mãe e para Angélica. Até quando ela iria conseguir segurar essa bomba sozinha?

— Está se sentindo melhor?

— Um pouco.

— Quer que eu prepare aquele macarrão que o Pedrinho adora?

— A senhora comentou que hoje a Angélica e Márcio vêm jantar aqui. Será que eles vêm mesmo? Não chegaram até agora...

— Não sei. Mas acho que pelo horário eles não vêm mais. Vou ligar para eles. Dona Noêmia pegou o celular e ligou para Angélica. Quando desligou, ela avisou:

— Eles não vêm mesmo. Vão sair com uns amigos.

— Ótimo. — suspirou Raquel, aliviada. Ela não estava mesmo a fim de fazer social com a irmã e o cunhado.

— Por quê?

— Nada. Só não estou a fim de ouvir as brincadeiras sem graça do Márcio. Às vezes, ele passa do limite e fica insuportável.

— Imagina! Márcio é alegre, gosta de brincar.

Raquel deu de ombros.

— E o Alberto, ele vem para o jantar?

— Ele viajou, mãe. Só volta no domingo.

— Para onde ele foi? — perguntou Noêmia, curiosa como sempre.

— Foi para Bogotá a trabalho.

— Que vida boa esse Alberto tem.

— Mãe, é o trabalho dele. Ele não foi a passeio.

E por que eu estou defendendo o Alberto?

— Eu sei. Falei por falar. Mas mudando de assunto... Uma colega lá do Clube da Terceira Idade me falou que foi em uma taróloga.

— Mãe...

— Vai escutando. Essa minha colega falou maravilhas da Madame Roberta. Disse que é uma adivinha de primeira. Estou pensando em dar um pulinho lá só para, você sabe, matar a curiosidade. Quer ir comigo?

— Você está falando sério? Você nunca ligou para essas coisas antes.

— Na verdade já marquei um horário. Amanhã às três e meia da tarde. Vamos?

— Você vai mesmo a uma taróloga? Nossa! Queria ver se o pai estivesse vivo o que ele iria dizer.

— É por isso que eu estou indo. Porque ele não está mais aqui. — explicou ela, dando de ombros.

Raquel olhou para a mãe sem acreditar no que ouvia.

— Vamos agilizar o jantar? Quero que o Pedro vá dormir no horário. Senão amanhã é uma briga para ele sair da cama. — pediu. Na verdade, ela queria mesmo era voltar para casa, colocar Pedro para dormir e se enfiar debaixo do lençol. Queria dormir para não pensar em mais nada.

O dia estava amanhecendo e Raquel ainda não tinha pregado os olhos. Ela ficou rolando de um lado para o outro em sua enorme cama, pensando mil coisas, querendo respostas para suas perguntas e quando o sono, finalmente, deu o ar da graça, o dia estava raiando.

Às 6 horas, quando recém havia conseguido pregar os olhos, o despertador tocou. Hora de arrumar Pedro para a escola.

— Pedro, Pedro... Acorda, querido. Hora do treino. O jogo vai começar!

Pedro, imediatamente pulou da cama e a coisa fluiu como nos dias normais.

— Filho, lembre-se, hoje você tem aula de reforço e judô. Eu só vou te buscar no final do dia.

— Por que meu pai viajou de novo, mamãe? Ele prometeu que me levaria para assistir ao jogo do São Paulo, no domingo. — perguntou o menino sem dar ouvidos aos avisos da mãe.

— Ele prometeu?

— Prometeu. — disse, com uma vozinha desolada que fez partir o coração de Raquel.

— Vou ver se o tio Márcio pode te levar.

— Tio Márcio é corintiano. Ele não vai querer ver o Tricolor comigo nem que a vaca *espirre*.

— Se fala “nem que a vaca tussa”, Pedro.

— Tá. Mas e daí? Quem vai me levar?

— Vamos ver o que eu consigo, está bem?

— Pede pro papai voltar, mãe?

— Filho, seu pai foi para outro país, longe daqui. Ele precisa trabalhar. Não se preocupe que eu vou pensar em alguém para te levar no jogo.

De repente, os olhinhos de Pedro se iluminaram.

— Você pode ir comigo!

— Eu?

— É, mãe. Você é são-paulina! E todo são-paulino que *se reza* tem que assistir a um jogo do Tricolor no Morumbi.

— O correto é “que se preza” e não “que se reza”.

— Tá, tá. Mas e aí, você vai comigo?

— Ah, sou são-paulina em casa, assistindo TV comendo pipoca no sofá — e ela só fazia isso porque Pedro insistia horrores para que assistisse aos jogos com ele. — A mamãe nunca foi a um estádio, filho. Seu pai é quem sabe como essas coisas funcionam.

— Mas eu sei. Posso te levar.

Raquel sorriu. Seu pequeno cavalheiro de 9 anos querendo levá-la ao estádio de futebol. Tão fofo!

— Chegamos. Corre lá que sua aula já começou.

— Então, você vai comigo?

— Depois falamos sobre isso. Vai. Entra que você está atrasado.

— Promete que vai pensar?

— Prometo, prometo.

Pronto. Mais um problema para resolver. Problemão. Pedro era fanático por futebol e pelo São Paulo. Queria ir a todos os jogos sempre. E

para ele, promessa era coisa séria. Ele jamais a perdoaria se ela não desse um jeito de ele estar no estádio no próximo domingo.

Certo. Eu disse que daria um jeito e vou dar, pensou pegando o telefone e discou para a sua irmã, que atendeu no sexto toque.

— Alguém morreu?

— Bom dia, Angélica.

— Sério. Alguém morreu?

— Não.

— Então me ligue depois das 10.

— Preciso falar com o Márcio. Preciso que ele faça um enorme favor para mim. É urgente.

— Ligue depois das 10.

— Angélica, pare de graça! Me passe para o Márcio.

“Mô, a Raquel quer falar com você. Mô, Môôô... Márcio, acorda, meu! A Raquel quer falar com você.”

“Ah? Que Raquel?”

“A minha irmã. Toma, pegue aqui o celular. Ela está na linha.”

— Alô? — resmungou Márcio, com a voz pesada por causa do sono.

— Márcio, desculpe ligar essa hora. É que preciso muito da sua ajuda.

— É urgente?

— Mais ou menos.

— Então liga depois do meio-dia. — pediu, desligando o telefone sem a menor cerimônia.

Raquel bufou de raiva. Quando precisavam dela, ela tinha que se desdobrar em duas para ajudar. E quando ela precisava deles...

Sentindo-se desanimada, voltou para seu apartamento e tentou dormir um pouco, prometendo que teria uma conversa séria com ela mesma a respeito da sua situação com Alberto ainda naquele dia. E que, também, arrumaria um jeito de levar Pedro ao estádio no domingo.

Quando Raquel acordou já passava do meio-dia. Sua cabeça doía, seus olhos estavam inchados e seu peito parecia espremido com tanta angústia e tristeza. Ela sonhou com Alberto. Eles ainda estavam na faculdade e ele

flertava com ela daquele jeito tímido e desajeitado. Quando estava prestes a ceder às investidas dele, apareceu um rapaz todo musculoso, de bigode e óculos escuros. Ele se aproximou, puxou Raquel pelo braço e a tirou de perto de Alberto. “Esse bofe é meu”, avisou ele. Alberto, para o horror de Raquel, pareceu gostar muito daquele rapaz autoritário e eles saíram de mãos dadas. Foi neste momento que ela acordou sentindo-se completamente angustiada.

Rolou na cama e tentou dormir novamente. Apesar de ter tido um pesadelo horrível, sua realidade conseguia ser ainda pior. Dormir, pelo menos, a livrava de seus pensamentos. Por de trás das cortinas, o sol brilhava forte e o céu estava de um azul convidativo. Mas nada aplacava a sua dor, decepção e, acima de tudo, a forte sensação de que tudo estava perdido. Ela havia fracassado como esposa, como mulher. Seu casamento tinha sido uma farsa. Seu marido tinha dupla personalidade e a traíra da maneira mais cruel que se pode existir. Uma dor imensa assolou seu peito e ela precisou enterrar a cabeça no travesseiro e gritar, gritar para extravasar.

Durante minutos, ela permaneceu assim, até ir se acalmando aos poucos. Depois, levantou-se e foi tomar um banho.

Mais disposta, Raquel preparou um café, zanzou pela casa buscando o que fazer até que acabou na sala de televisão ouvindo música.

It's been seven hours and fifteen days. Since you took your love away...

— Ah, não! — bufou Raquel se levantando para mudar a música no iPod. — Adoro você, Sinead O'Connor, mas agora não. Preciso continuar viva, forte e não entornar uma garrafa de vinho e me jogar pela janela.

Ela voltou a se sentar no chão e tomou um gole do seu café.

I get up in the evening

And I ain't got nothing to say

— Oi, Bruce! — disse Raquel para os primeiros acordes de “Dance in the Dark”, de Bruce Springsteen. — Gosto de você. E gosto do que você me lembra.

You can't start a fire. You can't start a fire without a spark...

— Ah, Bruce, você me faz lembrar alguém de quem eu não quero lembrar. Pelo menos não agora, quando tenho que decidir o que fazer da minha vida.

Mais um gole de café. Mais Bruce Springsteen cantando com sua voz rouca e sensual, tirando lembranças de dentro do baú.

— Meu Deus, era tudo tão bom! — Raquel bebeu todo o café em um só gole e encarou a caixa de som, entorpecida com as reações que seus pensamentos lhe causavam.

A música acabou e o A-ha começa a tocar “Take On Me”. Mas ela não queria ouvir A-Ha agora. Então, se levantou e tornou a colocar o Bruce para cantar. Desta vez no modo *repeat*.

E, como quem quer exorcizar suas dores, ela começou a dançar no ritmo “Dance in the Dark”, de olhos fechados no tapete da sala, viajando no tempo para um dia onde ela e André estavam deitados no tapete do quarto dele. Era um final de tarde chuvoso. Fazia frio. Eles eram um só. Eram mãos, bocas, cabelos e pele. Eram amor, descobertas, tesão, paixão e entrega. Era bom... Muito bom.

Raquel dançou a música por três vezes seguidas até desmoronar no chão cansada, rindo feliz com suas lembranças. Em seguida, seu riso se transformou em um choro profundo e ela continuou deitada até que o interfone tocou fazendo-a se levantar para ver quem era.

— Sim.

— Boa tarde. Entrega de flores.

— Flores?

— Sim. Poderia vir receber, por favor?

Raquel ficou pensando. Quem lhe mandaria flores? Não, não poderia ser para ela.

— Tem certeza de que é para o meu apartamento?

— É para a senhora, dona Raquel.

— Ok. Estou indo buscar.

Antes de sair, passou uma água no rosto para limpar as lágrimas, mas o estrago já estava feito. Seus olhos estavam inchados e o nariz vermelho por causa do choro.

Ah, que droga!

Pegou seus óculos escuros e desceu para ver quem estava lhe mandando flores. Ao chegar à portaria ela viu um jovem em um macacão azul marinho conferindo as horas no relógio, encostado em uma Fiorino. Mas nada de flores ao redor dele.

— Oi. Me disseram que tinha uma entrega de flores para mim.

— Você é a Raquel?

— Sim, sou eu.

— Ok. Só um segundo. — pediu ele pegando uma prancheta. — Assine aqui, por favor.

— Aqui está.

— Obrigada.

O rapaz se virou e abriu a porta de trás da Fiorino.

— Onde eu posso descarregar as flores?

— Como assim? Não é só um buquê ou arranjo?

— Não, não. Todas essas são suas.

O quê?

— Deve haver algum engano.

— Você é uma mulher de sorte... Ou o cara que te mandou tudo isso está muito apaixonado.

Ah, não! — pensou, já adivinhando quem era o dono daquela extravagância. A única pessoa que ela conhece que não consegue comprar nada unitário é Alberto.

— Por acaso veio um cartão junto com esse monte de flores?

— Veio sim. Vou buscar.

Ele contornou o carro e pegou de lá de dentro um envelope e uma caixa. — Aqui está. E tem essa caixa também.

Raquel abriu primeiro o envelope para confirmar suas suspeitas:

Minha querida Raquel,

Como queria voltar no tempo e fazer tudo certo com você...

Só espero que as flores possam aliviar sua angústia e colorir os seus dias porque você merece sempre as melhores cores.

Eu faria tudo para te ver sorrindo novamente...
Com amor,
A.S.

Raquel revirou os olhos para o cartão. Olhou para a caixa verde água com um laço branco. Podia bem imaginar o conteúdo.

Como Alberto podia ser tão cara de pau? Achava que mandar flores iria contornar a situação? Será que ele não a conhecia o suficiente para saber que presentinhos não desfariam dores, não curariam mágoas, tampouco trariam de volta sua vida normal? Num rompante de raiva, ela pediu:

— Moço, pode levar todas essas flores de volta, por favor?

— Como assim? A senhora não gostou? Alguma coisa errada com a entrega? Ainda tem mais aqui dentro.

— Não, está tudo certo e as flores são lindas. Mas eu não as quero. Por favor, leve-as daqui ou dê para alguém que você queira.

— A senhora tem certeza? Olhe só como elas são lindas. Escolha pelo menos uma delas.

— Não, obrigada. Não quero nada disso. Pode levar tudo de volta e se quiser, eu assino dizendo que as recusei.

— Senhora, eu não posso voltar para a loja com essas flores todas. Escolha algumas, pelo menos.

— Você tem namorada?

— Não.

— Irmã?

— Também não.

— Mãe. Com certeza você tem uma mãe.

— Claro. Mãe eu tenho sim.

— Ótimo! Dê todas essas flores para a sua mãe. Ela vai ficar muito feliz. E agora, por favor, me dê licença. — pediu virando as costas e se dirigiu para o hall de entrada.

Raquel entrou no elevador do seu prédio sentindo uma necessidade gigante de falar com alguém sobre sua vida e sobre os últimos acontecimentos. Precisava botar para fora, dividir, falar, despejar todos os

seus lamentos e não esconder nem uma vírgula... Queria ouvir de alguém que tudo vai ficar bem, que ela vai dar um jeito e que vai dar a volta por cima, como sempre fez. No fundo, ela sabia que daria um jeito. Mas é diferente quando essas palavras vêm de outra pessoa, parece mais reconfortante e faz com que tudo fique realmente melhor. Ameniza, inclusive, a dor que se sente.

Ao entrar em casa, sem ainda abrir a caixa, ela a guardou bem no fundo do armário. Não tinha o menor interesse em saber o que havia nela. Não era com flores nem com joias que Alberto repararia o estrago feito em seu casamento. Mas não era mesmo.

Simone seria uma boa ouvinte. Só que ela queria alguém mais próximo, alguém da família, ou uma amiga de infância.

Raquel nunca teve uma melhor amiga, dessas que a gente conhece com 5 anos de idade e nunca mais se desgruda. Do tipo amiga de verdade, que depois vira madrinha de casamento, madrinha de filho e ombro amigo para todas as horas. Ao longo de sua vida, Raquel teve várias amigas, em diferentes momentos: no colégio, na faculdade, no trabalho. Mas nenhuma resultou em uma amizade intensa e duradoura. E ela não sentia muita falta não. Costumava se virar muito bem sozinha. Só nessas horas que uma grande amiga seria muito bem-vinda para conversar, falar e poder ser ouvida...

Ela teve, sim, um melhor amigo. André. Que depois virou namorado, primeiro amor, primeiro sofrimento e depois ex-namorado e eterna paixão. Uma pena que ela não poderia recorrer a ele, por motivos óbvios, neste momento. Ele, sim, a entenderia perfeitamente e saberia lhe dizer as palavras certas.

Porém, sem uma melhor amiga para chamar de sua, Raquel deixou de lado a dúvida e ligou para sua irmã, Angélica, e a convidou para tomar um café em sua casa. Angélica não era exatamente a pessoa certa para desabafar e dar conselhos, mas era a pessoa mais confiável que tinha no momento.

No final do dia, Angélica deu uma pausa no seu trabalho e foi até a casa da irmã:

— Aqui está meu *Louboutin* que você pediu. Não preciso avisar para cuidar bem dele, certo?

— Vou cuidar muito bem dele. Não se preocupe.

— Quem vai se casar mesmo?

— Ninguém.

— Ué, você pediu os sapatos emprestados para ir a uma festa de casamento.

— Eu menti. — confessou, guardando a caixa de sapatos na gaveta do armário e trancando-a com chave. Ali eles estariam seguros.

— Não estou entendendo... Se não vai a uma festa, para que você quer meus sapatos?

— Porque vou te contar um segredo. E preciso estar segura de que você não vai dizer uma palavra sequer para o Márcio.

— E o que meus sapatos têm a ver com isso?

— Só irei devolvê-los quando tiver certeza de que você não contou meu segredo pro seu marido.

— Vem cá, você está me chamando de fofoqueira por tabela?

— Não, claro que não. Só estou me prevenindo. Da última vez que te contei um segredo, você foi correndo contar para o Márcio, que deu com a língua nos dentes pra todo mundo.

— Mas você estava grávida! Quem não contaria uma notícia maravilhosa dessa?

— Mas eu queria fazer surpresa pro meu marido. *Eu* que queria ter contado pra Alberto que iríamos ter um filho. Não o seu marido.

— É, foi mal...

— É. Foi muito mal. Mas, dessa vez, eu vou fazer direitinho. Seu sapato ficará comigo até eu ter certeza de que você não contou nada pro seu marido fofoqueiro.

— Meu marido não é fofoqueiro.

— Não. Ele só gosta de conversar com as pessoas sobre a vida alheia.

— Que golpe baixo. Sequestrar meu sapato maravilhoso em troca de um ouvido.

— Eu não tenho escolhas.

— Devolve meu *Louboutin*. Não quero saber desse seu segredo. Devolve. Anda!

— Não devolvo coisa nenhuma. Sou sua irmã mais velha e você é minha amiga. Vai ter que me ouvir. E eu preciso ser ouvida.

— Ok. Chega de brincadeiras. Agora vamos falar sério: devolva meus sapatos. Você sabe muito bem o quanto eu gosto desses sapatos.

— Angélica, preciso desabafar, entende? E você é a melhor pessoa que pode me ajudar.

Angélica ajeitou suas meias arrastão, os coturnos surrados, fazendo cena para tocar o coração frio de Raquel. Sem sucesso.

— Ok. Já que meu *Louboutin* está em suas mãos e eu vou ter que te ouvir, então preciso te perguntar uma coisa antes: por que Márcio não pode saber desse seu segredo?

— Porque ele iria me zoar para o resto da minha vida. Além de contar para todos da família, do trabalho, para todos que frequentam os bares da rua Augusta... E, se duvidar, para toda a torcida do Corinthians.

— Afe! Que exagerada.

— Se você não conhece o marido que tem, eu conheço o cunhado que tenho. Prefiro me prevenir.

— Não... Márcio não seria capaz de te zoar pro resto da vida. Imagina. Com o tempo ele acabará esquecendo.

— Acho que é praticamente impossível de se esquecer algo assim.

— Ah! Para. Tudo um dia cai no esquecimento.

— acredite em mim, o que aconteceu comigo é muito difícil de ser esquecido.

— Então a coisa é grave?

— Muito grave. Nossa! Nunca passei por uma situação tão delicada como a que estou passando.

— Você está doente?

— Não, não estou doente. Doença é algo que se pode contar a alguém sem ter que apelar para um par de sapatos.

— Certo. Hum, já sei! — exclamou Angélica, tirando uma mecha de seus cabelos roxos da testa. — Pedro não é filho de Alberto!

— É óbvio que ele é filho do Alberto. Não precisa nem de DNA para comprovar isso!

— É. Pedro é uma cópia autenticada de Alberto. Hum... Se ninguém está para morrer, então, vou pensar no seu caso.

— Pensar no meu caso? Seus sapatos estão comigo, minha flor! Você não tem escolhas.

— Covarde. Isso é jogar baixo demais. Sou sua irmã mais nova, poxa vida!

— Luto com as armas que tenho.

Raquel se levantou e foi para a sua cozinha. Sorriu sozinha enquanto ouvia Angélica tentando abrir a gaveta para salvar seus sapatos. Ela e a irmã, apesar de serem totalmente diferentes uma da outra, se davam muito bem. Desde pequenas foram assim.

— Quer mais *cappuccino*? — gritou Raquel da cozinha.

— Quero. Com bastante gelo, por favor.

Enquanto Raquel preparava a bebida, Angélica tentava arrombar a gaveta.

— Pode desistir que a chave está comigo. — avisou, rindo.

— Saco! Então venha aqui me contar logo que eu tenho que voltar para o estúdio. Ainda tenho duas clientes para atender hoje.

Raquel retornou da cozinha olhando para o rosto da irmã. Uma mistura de curiosidade com ansiedade para voltar ao trabalho. Angélica não gostava muito de se envolver em assuntos familiares. Ela tinha sua vida com Márcio, gostava da irmã, da família dela e da sua mãe. Mas não gostava muito de se envolver nos seus problemas. Aliás, ela não gostava de problemas. Nem dos dela, nem dos outros.

— Diga de uma vez!

— Está pronta para ouvir? — perguntou Raquel, repousando a bandeja na mesinha de centro e serviu a irmã com a bebida.

— Hum... Como você consegue fazer um *cappuccino* gelado tão gostoso, hein? Nem nas cafeterias fica assim, cremoso e...

Raquel olhou para Angélica dizendo com os olhos: posso falar?

— Ok. Desembucha.

Raquel, doida para despejar tudo de uma vez para a irmã, pensou em dizer logo de cara que Alberto passou a usar vestidos e maquiagem quando estava sozinho em casa, mas, por sorte, se lembrou de um curso de neurolinguística que fez na época da faculdade. No curso, ela aprendeu que frases impactantes no início de um diálogo podem pôr tudo a perder. E se a frase for negativa, então, nada do que você disser depois será absorvido pelo ouvinte.

Era preciso escolher bem as palavras que iriam iniciar aquela conversa com Angélica. Caso contrário, ela iria ter um ataque histérico e começaria dizer em gritinhos: “Alberto é gay! Gente, Alberto é gay! Meu Deus, não pode ser! Só quero ver quando Márcio souber disso!”.

Seria uma verdadeira catástrofe, e com dimensões incalculáveis.

Minutos depois de Raquel ter feito o melhor que achou para a situação, ela ainda aguardava Angélica se recuperar de uma crise de risos.

— Você só pode estar brincando.

— Já disse que não estou.

— Então quer dizer que.., Ai meu Deus. — e Angélica curvou o corpo rindo descontroladamente.

Raquel soltou uma respiração pesada.

— Você fez bem em ficar com os meus sapatos. Essa é exatamente o tipo de fofoca que Márcio adora. Aliás, todo mundo adora.

— Eu sei. Por favor, Angélica, não conte a ele. Eu não seria educada o suficiente para relevar as piadas, as gracinhas... Acho que eu não conseguiria ser educada com ele.

— Tudo bem. Não vou contar.

— Obrigada.

— Algum dia, quem sabe...

— Não. Você nunca vai contar isso ao Márcio.

— Mas essa seria uma excelente história familiar. Imagina nossos netos contando nas noites de Natal aos seus filhos? Imagina as risadas? Seria tão animado...

— Tem o Pedro, Angélica. Ele ficaria arrasado, humilhado... Por ele, ok?

— Ok. E onde o Alberto está?

— Está em Bogotá.

— Bogotá? Ele deveria ter ido à Ibiza. Lá que é o lugar ideal para soltar as frangas.

— Ele foi a trabalho, Angélica.

— Ah! Mas... Gente! Desculpe, eu não consigo não rir.

Raquel esperou pacientemente que Angélica se acabasse de rir pela quinta vez, fitando a cortina da sala com um ar cansado.

— Ai, ai! Rir é tão bom, não é? Que cara é essa, Raquel?

— Nada. Só estou cansada. Vou buscar o Pedro na casa do amigo.

— Não. Deixa que eu busco. Você precisa descansar. Vai tomar um bom banho de banheira e eu faço o jantar para o Pedrinho.

— Obrigada. — agradeceu, admirando aquela repentina ajuda de Angélica.

— Não precisa agradecer. Irmã é para essas coisas.

Alberto

Alberto ainda segurava o telefone mudo em suas mãos sentindo-se arrasado. Ele tinha acabado de falar com Pedro, como vinha fazendo todas as noites, antes de o menino ir para a cama. Ele se sentia horrível em ter que mentir para o filho, que perguntava, a cada minuto, quando ele voltaria da suposta viagem inventada por ele e Raquel, para justificar a sua ausência de casa. Se antes ele estava esperando o tempo pedido por Raquel, para que ela pensasse em toda a situação, agora ele precisa mesmo viajar a trabalho. Ficar ainda mais tempo longe do filho. Inventar e sustentar mais mentiras.

No que a sua vida havia se tornado? Se seus pais estivessem vivos, eles, com certeza, o condenariam. Não foram esses os valores que seus pais haviam lhe passado.

Alberto suspirou fundo e olhou pela janela. Pelo menos, para Raquel, ele não precisava mais mentir. E isso já era um alívio muito grande.

Alberto estava dentro do carro da empresa, e o motorista o levava em direção ao aeroporto de Guarulhos, para que pegasse o voo para Bogotá. Seus últimos dias haviam sido uma verdadeira degustação do inferno. E tudo o que ele mais desejava era que Raquel não optasse pela separação e acabasse de vez com esse caos que suas vidas se tornaram. Sim, ele sabia que a culpa era dele. Porém, por conhecer muito bem a esposa, Alberto apostava que ela iria reconsiderar a felicidade familiar. Raquel era assim: sempre abria mão de si própria para agradar o outro.

Ah, Raquel, por favor, não jogue fora esses anos todos que tivemos, pensou num minuto de rara fragilidade.

Alberto era um homem forte, que não se deixava abater por nada. Ele não estava sabendo lidar com essa angústia que estava sentindo desde que saiu de casa. Durante o dia, no trabalho, ele era o doutor Alberto Soares, profissional e homem de negócios que não tinha problemas pessoais. Era pago para administrar a empresa, enfrentar reuniões com clientes e fechar negócios. E como ele era bom nisso. Não deixava que nada atrapalhasse seu desempenho profissional. Costumava dizer que durante o dia, na empresa, ele não tinha vida pessoal, nem filho, nem esposa. Não tinha emoções também. Agia com total frieza e tomava as decisões sem se deixar influenciar pelas emoções externas. Essa tática era a que melhor funcionava para ele e, graças a ela, Alberto alcançou a posição privilegiada que tinha.

Mas, quando chegava à noite e tirava o terno... Ah! Aí ele era apenas o Alberto; cheio de problemas e angustiado.

Por que eu sou assim? Por que gosto de coisas que são incompatíveis? Por que eu tenho essa droga dentro de mim?

Por muito tempo, ele se culpou por sentir atração por homens. Não achava certo. Não achava justo com Raquel e lutou até onde pode para ser “normal”. Porém, o mundo e suas tentações o cercavam por todos os lados e ele não foi forte o suficiente.

Eu falhei como homem. Como marido. Eu falhei com Raquel!

Fechando os olhos em busca de respostas, Alberto visualizou Raquel e o jeito como ela sorria quando estava tímida — essa era a sua expressão preferida dentre as muitas expressões de Raquel. Ah, como ele a amava. Do seu jeito, claro. Mas, com certeza, a amava.

Quem sabe as flores que eu pedi para minha secretária enviar a Raquel ajudem. Sim, mulheres gostam de flores, pensou, na esperança de que algumas dúzias de rosas amolecessem o coração da esposa.

Com este pensamento, se sentiu mais tranquilo. Depois daquele gesto, Raquel, com certeza, pensaria na situação deles com mais carinho e, quem sabe ele teria alguma chance. Largou o celular no banco do carro, cruzou os braços atrás da cabeça e voltou a respirar com mais calma.

Pensando bem, seria bom mesmo sair de São Paulo por uns dias. Sair do cenário do seu caos particular e deixar que a poeira abaixasse sem sua interferência. A viagem veio em boa hora. As coisas se arranjariam. Ele tinha certeza. Minutos depois, ele estava bem. E, então, ele ligou para Joaquim para saber se ele já estava a caminho do aeroporto.

No final do dia seguinte, dentro do táxi, em Bogotá, já a caminho do hotel, Alberto ainda resolvia as últimas pendências do dia. Ele falava em seu Blackberry, ao mesmo tempo em que checava dados na internet em seu iPhone e anotava coisas em seu caderno.

— Preciso de mais tempo, Romero. Me dê mais um dia e eu resolvo essa questão da greve de maneira satisfatória para ambos os lados.

— Não me interessa se o outro lado vai ficar satisfeito. Quem deve ficar satisfeito são os acionistas. É com eles que você deve se preocupar.

Alberto detestava pessoas desumanas e gananciosas. Romero era o dono da Oxion Tecelagens, o acionista majoritário, seu chefe e pesadelo. Um ser movido a dinheiro, poder e ostentação, que não se comovia nem um pouco com as péssimas condições de trabalho de seus funcionários.

— Fique tranquilo, Romero, que vou resolver essa questão. Só preciso de mais um dia.

— Tudo bem. Você tem um dia. Nada mais que isso. Confio em você, Alberto. Sei que irá resolver essa questão pensando no bem da empresa.

— Está certo, Romero. Eu te mantenho informado.

Ao chegar ao hotel, Alberto cruzou a recepção e foi direto para o bar. Ao localizar Joaquim sentado em uma banquetta do bar, acenou.

— E aí?

— Que bom que você chegou. Por um momento, pensei que iria dormir na fábrica junto com os grevistas para vivenciar de perto o problema.

— Sem ironias, por favor.

Joaquim revirou os olhos. *Não se pode mais brincar agora?* — Já pedi dois chopes pra gente. E como você está? Mais calmo?

Alberto balançou a cabeça.

— Nada. Muita pressão por parte do Romero.

— A boa notícia do dia é que o período de trabalho acabou! Afrouxe essa gravata, esqueça-se de todos os problemas; da greve, do seu chefe, dos grevistas ensandecidos por salários exorbitantes e vamos relaxar um pouco.

— Aqui estão: dois chopes sem colarinho, como pediram. — informou o garçom em um português carregado de sotaque.

— *Gracias*. — agradeceu Joaquim. — Um brinde à nossa viagem.

Alberto pegou seu copo e brindou com Joaquim. Depois de beber um generoso gole ele avisou:

— Não vai dar para relaxar, Joaquim. Ainda tenho algumas coisas para resolver antes da reunião de amanhã com o sindicato e um monte de e-mails para responder. — *E ver se Raquel mandou um e-mail agradecendo as flores*, pensou ele esperançoso. — E também preciso ligar para o Pedro, antes que ele vá para a cama.

— Não te avisaram que o horário de expediente já terminou? Aqui as pessoas param às 6 horas da tarde, como no Brasil, sabia? Inclusive os grevistas.

— Não estou viajando a passeio, você sabe. Quero organizar tudo para voltar o quanto antes para São Paulo.

— Então, nada de *happy hour*?

— Nada de *happy hour*.

— Ótimo! Sem pânico. Vamos pensar em outras possibilidades... Hum, que tal um jantar mais tarde?

— Tudo bem. Jantamos mais tarde aqui no hotel, pode ser? Não estou disposto a sair, enfrentar trânsito, fila de espera...

— Nada de *happy hour*, nem jantar fora. Perfeito. Vamos, então, pedir um prato executivo bem sem graça de hotel. Um filé de salmão com legumes murchos passado na manteiga é a melhor opção do menu. Obviamente que não vamos conseguir comer, mas, por sorte, a carta de vinhos é razoável e podemos nos embebedar tomando várias garrafas de um vinho chileno. O que você acha? — disse Joaquim, usando de todo o seu humor ácido.

— Sem ironias, Joaquim. Você sabia que a viagem era de negócios. Veio porque quis.

— Não, meu querido. Vim porque você me convidou.

— Como quiser. Estou cansado demais para esse tipo de discussão. Vou subir para o quarto. Te encontro aqui mais tarde.

— Precisa de uma ajudinha para desabotoar a camisa?

— Em meia hora aqui no restaurante. — respondeu Alberto, terminando seu chope.

— Não sei por que eu venho nessas viagens com você. — desabafou.

— Essa é a terceira vez que viajamos juntos, em que você passa a maior parte do tempo trabalhando, enquanto eu tenho que me entreter com meus livros, computador...

— De novo, Joaquim, você veio porque quis. Se estiver entediado, volta para São Paulo. Eu não posso fazer turismo com você.

— Cruzes! Como você é grosso! Não sei como a primeira-dama te aturou esses anos todos.

— Estou subindo para tomar um banho. Te vejo no restaurante em meia hora. Estou faminto.

Joaquim revirou os olhos e pediu outro chope, vendo Alberto se afastar.

Joaquim era publicitário, homossexual assumido e proprietário da JRP Publicidade, empresa de publicidade. Ele e Alberto se conheceram quando a JRP foi contratada por Alberto para cuidar da conta da Oxion Tecelagem, havia dois anos.

Desde então, eles mantinham um relacionamento rigorosamente discreto e essas viagens eram oportunidades raras de ficarem juntos sem ser descobertos. *Ficarem juntos* significava um curtir a companhia do outro. A teoria era essa. A prática era que Alberto trabalhava muito, e o tempo que sobrava mal dava para curtir um bom restaurante nas imediações do hotel.

Alberto estava, de fato, faminto. Devorou o medalhão de alcatra com molho de gorgonzola, arroz branco e batata sauté e por pouco não pediu outro. Sua elegância, no entanto, não permitiu.

Joaquim mal tocou na comida. Falava sem parar, como era de seu feitio.

— Eu não fico entediado. Sei me entreter sozinho quando quero. O fato é que eu conheço Bogotá de trás pra frente. Já vim aqui umas cinco ou seis vezes, você sabe. Além do mais, eu achei que a gente pudesse, no final de semana, curtir Cartagena ou Miami. Estamos tão pertinho. O que nos custa?

Alberto balançou a cabeça, estudando o cardápio de sobremesa. Ele esperava saciar sua fome com algo bem doce e calórico.

— Não pense que estou reclamando.

— Eu não penso nada, Joaquim.

— Mas sabe qual é o problema? — Alberto tirou os olhos do cardápio e esperou que Joaquim continuasse. — O problema é que eu estou em último lugar na sua fila de atenções.

— Fila de atenção? O que é isso?

— Eu estou me esforçando para conquistar um lugar cativo. Mas concorrer com a primeira-dama, com o pentelho e com os seus celulares é foda.

— Eles têm nomes. Por favor, pare de se referir a minha esposa e ao meu filho desta forma. E que história é essa de lugar cativo?

Joaquim empurrou os legumes de um lado para o outro antes de responder:

— Alberto, eu gosto de você pra caralho. Você sabe, não sabe?

— Sei.

— Às vezes, eu me pergunto se vale mesmo a pena seguir nessa relação de sobras que eu tenho com você, te repartindo com tanta gente, quando tenho tantos outros caras querendo minha companhia.

— Você não tem uma relação de sobras comigo. Eu também gosto muito de você. Estou vivendo um momento conturbado, cheio de dúvidas, me punindo por estar magoando quem eu mais amo. Espero um pouco de compreensão da sua parte. Mas se você não quiser ficar do meu lado nessa, é só me avisar que eu te deixo em paz.

— Te deixar em paz... — comentou Joaquim, bebendo um gole do seu vinho. — E onde mais eu vou arrumar um cara interessante, inteligente e sagaz como você?

Alberto riu, apreciando o elogio.

— Isso sem falar da nossa afinidade intelectual, da cumplicidade e da amizade que temos. A nossa ligação vai além do físico. É forte o suficiente para ser para sempre. Há muito tempo que não sinto por alguém o que eu sinto por você. Sem falar que eu quero sossegar um pouco. A vida louca de baladas, festas e homens diversos já não me atrai.

Alberto ergueu uma de suas sobrancelhas, admirando a franqueza de Joaquim. Eles costumavam falar de tudo, não tinham segredos, não escondiam nada um do outro. Porém, desta vez, Joaquim falava com o coração tão aberto que Alberto ficou comovido com o que ouvia.

— Hoje, — continuou Joaquim — eu troco de boa o agito noturno pela calma de uma vida a dois. Estou ficando velho. Mais seletivo, mais exigente, com meus cabelos, cada dia, mais grisalhos. — ele riu de si mesmo. — Meu humor, como você pode ver, está cada vez mais ranzinza... O tempo também está passando para mim, Alberto. E eu não quero acabar um velho sozinho e rabugento que tem apenas o seu cachorro como companhia.

— Nem eu, Joaquim. Nem eu.

André

André e Juli voltavam do shopping conversando sobre a impecável interpretação de Meryl Streep no filme que acabaram de assistir no cinema. O início da noite de André, até aquele momento, estava sendo perfeito. Juli o convidara para ir ao cinema, com a condição de não discutirem a relação durante o passeio, e depois fazerem algum outro programa em casa mesmo. André topou, claro! Programa de namorados era um de seus preferidos. E ele estava feliz por ver que a conversa que Mariana teve com Juli estava surtindo efeito. Seria esse o recomeço dos velhos tempos?

— Adorei o filme. Sua escolha foi muito boa, Juli. — disse André, virando a esquina da rua em que moravam. Em alguns minutos estariam em casa e ele estava ansioso para saber o que viria pela frente.

— Bem que Eros falou que o filme era bom.

Eros — pensou André, com ironia.

Tudo o que Eros falava estava virando lei para Juli. Ele tentava não sentir ciúmes do irmão, mas, em alguns momentos, a coisa parecia crescer dentro dele, feito um *alien* faminto. Confiava e sabia que o irmão mais novo seria incapaz de cometer uma traição desse tipo com ele. André só não entendia por que Juli se sentia tão solta e à vontade com Eros, ao ponto de ficar horas discutindo sobre determinados assuntos sem se entediar. Era uma afinidade que eles tiveram no início do relacionamento e que deixaram morrer em algum momento do passado. Assim como deixaram morrer tantas outras afinidades e interesses. Com tantas mortes em volta deles, será que conseguiriam fazer aquele casamento viver? Sentindo a presença dos pensamentos negativos, André tratou de afastá-los.

Tinha um trato consigo mesmo de que, naquela noite, ele não deixaria que nada os atrapalhasse.

Ao entrar em casa, Juli largou a bolsa no sofá, chutou as sapatilhas para o lado e disse:

— Vou preparar alguma coisa para comermos.

André, que não sentia fome nenhuma, porque tinha se entupido de pipoca e refrigerante no cinema, arregalou os olhos com a segunda surpresa do dia.

— Ótima ideia! Eu te ajudo.

— Não precisa, Dé. Na verdade, quero te fazer uma surpresa... Uma receita nova que criei e que estou doida para te mostrar.

— Receita nova? — surpreendeu-se — Quando você a criou?

— Semana passada. Eros provou e aprovou. E nós vamos incluí-la no menu do restaurante.

Nós? Eros?

— Eros?

— Sim. Eros, Romeo e seus pais... Todos adoraram. Só falta você.

— E por que você não me chamou para participar desse seu novo prato? Por que escondeu isso de mim?

— Eu não escondi de você. Já tem um tempo que venho trabalhando nesse novo prato. E na semana passada, finalmente, consegui chegar ao ponto que queria.

— E por que não me contou? Eu poderia ter te ajudado.

— Eu ia te contar. Mas daí resolvi fazer uma surpresa.

— E você ia incluir um prato novo no menu sem antes me consultar?

— Acho que eu tenho liberdade para isso, não tenho?

— Hum. — resmungou, não muito satisfeito com o que ouviu. Ela havia criado uma receita nova, coisa que no passado era arduamente discutida e trabalhada entre os dois, e não o tinha consultado. Muito menos informado de um prato novo no menu.

Certo.

O que fazer com essa informação? Relevar ou discutir?

— Vou pra cozinha. Tenho tudo o que preciso lá. Você me espera aqui?

— Espero. Tem certeza de que não quer minha ajuda?

— Tenho. Fique relaxado aí, que vou levar uns quarenta minutos preparando o prato. Vamos tomar um vinho enquanto isso?

— Vamos. Eu vou abrir a garrafa.

A noite caía junto com uma chuva pesada de verão. Enquanto Juli foi para cozinha preparar o jantar, André colocou uma música instrumental e se acomodou no sofá, saboreando de seu Merlot. O dia tinha sido cansativo por conta da ida ao Ceagesp e ao Mercado Municipal, em busca de ingredientes frescos para o restaurante. Quem costumava fazer aquela tarefa era Romeo. Naquele dia, por causa de um forte resfriado, André encarou o trânsito pesado para que o irmão ficasse em casa de repouso. Mas estava feliz com o final do seu dia. Sair com Juli como namorados lhe parecia um prêmio pelo dia cansativo que tivera. Quer dizer, estava tudo perfeito até a hora em que soube da tal receita. Mais uma vez, ele tinha sido deixado de lado por Juli. Era o último a saber da novidade. Igual a marido traído.

Realmente ele não entendia por que Juli escondeu uma receita nova dele.

Suspirou fundo. Bebeu do vinho. Pensamentos negativos de novo. Seria mesmo relevante o fato de ela ter criado uma nova receita sem a ajuda dele? Será que ele não estava sendo infantil demais ao querer que ela dividisse exatamente tudo com ele?

Poxa, era um prato novo no menu do seu restaurante e não uma saída corriqueira ao shopping.

Embora incomodado, ele resolveu relevar. Mesmo porque havia combinado de não discutir a relação com Juli naquela noite e ela estava tão animada e disposta que ele não se sentiu no direito de lhe cobrar nada.

Sem perceber, acabou adormecendo por causa do cansaço.

Quando acordou, no dia seguinte, todo dolorido por ter dormindo no sofá, André levou um susto assim que seu deu conta de onde estava: o jantar!

Olhou o sol entrando forte e quente pelas janelas, que estavam misteriosamente abertas, iluminando todo o apartamento, acordando quem não deveria ter dormido.

Meio sonolento, ele avistou um bilhete em cima da mesa de centro.

Muito obrigada por ter esperado ACORDADO para jantar comigo.

Minha receita nova ficou ótima. A lixeira adorou!

— Droga! Droga, droga, droga!

Conferiu as horas no relógio. Já passavam das 8 da manhã e ligou para Juli.

— Alô?

— Oi, amor. Me desculpe por ontem. Eu adormeci sem querer. Você está chateada comigo?

— Chateada? Não, não estou chateada. Estou indignada! Revoltada!

— Me desculpe. Acho que foi o vinho...

— André, não quero falar com você agora. Me deixa quieta e, quando minha raiva passar, a gente conversa.

— Ah, Juli! Também não é para tanto. Estava cansado por causa do dia puxado que tive e acabei dormindo. Você podia ter me acordado.

— Era a minha receita nova! — ela quase gritou — Eu estava ansiosa para te mostrar e saber a sua opinião. Custava ter ficado acordado? Depois a que não tem consideração sou seu. Mas não tem problema não.

Receita nova. A mesma que ela já tinha mostrado para todo mundo menos para ele. A mesma que ela resolveu por conta própria incluir no cardápio do restaurante sem ao menos perguntar a opinião dele.

Certo.

Dessa vez ele não deixaria passar.

— Se estivesse mesmo ansiosa para me mostrar esse seu novo prato, teria me chamado no dia em que você o fez para o Eros. Ou melhor, teria me convidado para desenvolver o prato junto com você, como fazíamos antigamente.

— O que você quer dizer com isso?

— Que você me excluiu mais uma vez da sua vida. Que tomou uma decisão envolvendo o menu do restaurante e não me consultou. Antes, quando você tinha uma ideia para uma nova receita, você me chamava, pedia minha opinião, trabalhávamos juntos, decidíamos juntos se o prato seria incluído no menu ou não... Por que você fez isso?

Juli suspirou fundo e contou até cinco para não devolver uma resposta mal educada.

— Para não ouvir de você novamente que eu *te* excluo da *minha* vida, hoje, ao meio-dia vamos receber um crítico da revista *Belo Prato*. E vou servir a minha nova receita pra ele.

— Um crítico da *Belo Prato* vai até o Di Bianchi? — André não estava acreditando no que ouvia. — Quem marcou? Quando?

— A assessoria de imprensa que o convidou para apresentar meu nhoque.

— Nhoque? Mais um nhoque? Temos três diferentes tipos de nhoque no cardápio.

André, que andava de um lado para o outro da cozinha, mal acreditava no que estava acontecendo.

— E qual o problema em ter mais um? Um nhoque exótico. Algo diferente. — respondeu, sentindo-se orgulhosa da sua sacada. Misturar ingredientes exóticos da Índia à culinária italiana. — Estou superansiosa para recebê-lo.

Receita nova, crítico da *Belo Prato*... Desde quando as coisas aconteciam sem ele saber? E o que mais estaria acontecendo longe dele?

— Você vem?

— Você está me convidando?

— Estou, não estou?

— Não, eu não vou. E quer saber, acho que eu nem saberia disso se eu não tivesse te ligado.

— Eu ia te avisar ontem à noite se você não tivesse dormido!

André não engoliu essa desculpa.

— Boa sorte com seu novo prato e obrigado por me avisar que hoje vai um crítico ao *meu* restaurante.

- *Seu* restaurante? Só seu?
- Você entendeu o que eu quis dizer.
- Não comece com chantagens e nem tente virar o jogo pra cima de mim, porque eu estou puta da vida com você.

Putá da vida com ele?

- Ok. Já entendi. Tchau.

Ele desligou o telefone com raiva. André costumava ser bastante controlado e raramente desrespeitava as pessoas. Por pior que fosse a situação, ele era incapaz de fazer algo grosseiro com elas. Ainda mais com a mulher que ele amava. Mas, dessa vez, Juli tinha passado dos limites. O que estava acontecendo com Juli? Por que ela o tratava assim? André não entendia o comportamento atual da esposa e se perguntava onde foi que errou ou o que fez de errado para receber em troca a indiferença que vinha recebendo.

O telefone tocou em suas mãos. Ele olhou o visor e viu que não era Juli, e sim, sua mãe. Pensou em não atender, mas sua boa educação o obrigou a tocar a tecla verde do aparelho:

- Oi, mãe.

— Meu filho... Olha, não fique bravo com Juli. Ela só queria te fazer uma surpresa. Releve essa besteira toda e venha para cá. Estamos todos ansiosos com a visita do crítico. Imagine se ele aprovar o novo prato? O restaurante vai ganhar muito destaque... Venha para cá se ajuntar a nós, André.

Que ótimo! Juli resolveu envolver a família dele em seus problemas pessoais. Muito provavelmente, ela era a mocinha e André, o bandido.

- Seu pai faz questão da sua presença. — reforçou.

— Mãe, não vai dar. Recebam o crítico da melhor maneira possível e, se puderem, digam que estou viajando.

— André, sou eu quem está pedindo para você vir para cá se entender com Juli e receber o crítico como você recebeu todos os que vieram ao nosso restaurante. E depois do almoço você conversa com sua esposa e resolve esse impasse. Hoje, a sua presença será de grande importância.

— Não vou, mãe. Não estou com clima. Aliás, Juli não deveria ter envolvido vocês em nossos problemas pessoais.

— Somos uma família! Estamos aqui para ajudar uns aos outros.

— Desta vez não vai dar, mãe. Estou cansado de lutar sozinho, de ser excluído...

— Do que você está falando, André?

— Nada não. Quero ficar sozinho. Avisa o Romeo que hoje eu não vou trabalhar.

— Sozinho para quê?

— Para pensar, mãe. Preciso pensar.

— Você não está pensando em...

— Não estou pensando ainda e é justamente isso o que eu quero fazer. Acho que vou dar um tempo. Vou passar uns dias na casa de praia.

— E Juli?

— Ela já é bem grandinha e sabe se cuidar.

— Filho, pense bem. Não tome nenhuma decisão no calor da hora...

— Mãe, não quero ser grosso com a senhora. Por favor, não insista mais.

— Tudo bem, filho. Se cuida, então. E não vá fazer nenhuma besteira.

Raquel

A quarta-feira seguia da mesma maneira que os dias anteriores, porém, com um agravante: a última semana de licença estava chegando ao fim e Raquel ainda não havia tomado decisão alguma. Na próxima segunda-feira, ela teria de voltar ao escritório, de preferência com a vida em ordem, foco, concentração e tudo o que se pede para desenvolver um bom trabalho e atingir suas metas.

Raquel tomava um café preto na padaria perto de sua casa pensando no que fazer com o seu dia. Pedro estava na escola, Matilde, ainda de férias forçadas, Alberto, em Bogotá, a mãe dali a pouco iria para o clube da terceira idade; sua irmã estava dormindo, mas depois iria para o seu estúdio de tatuagem... Cada um tinha uma ocupação. Menos ela.

Terminou o café e ficou olhando para o celular, fingindo estar entretida em algo importante. Ela queria algo importante. Algo que não a levasse para sua casa, nem para a sua vida e seus atuais problemas. Mas a verdade é que ela não tinha para onde ir e nem como fugir da sua realidade. Com um suspiro profundo, tentou se animar com velhos clichês, como, “Sempre em frente” e “Quando uma porta se fecha, uma janela se abre mais adiante” e ficou esperando se sentir melhor depois disso. Porém, não surtiu o menor efeito. Sentia-se angustiada demais para voltar para casa e para as coisas que lhe lembravam de Alberto. Ela queria ir para um lugar onde não pudesse pensar na sua vida. Queria fugir da sua realidade. Mas para onde?

Sem nenhum lugar específico em mente, ela saiu dirigindo pela cidade. Sua cabeça, longe da rota do trânsito, pensava mil coisas. Por momentos tinha espasmos de ódio por Alberto. Até dias atrás, ela

costumava admirar sua ascensão profissional, seu poder, o quanto ele era determinado e confiante. Quando falava dele para as pessoas, ela sentia o coração cheio de orgulho porque sabia o quanto ele merecia ter tudo o que havia conquistado. Mas agora, ao pensar em Alberto e em tudo o que ele fizera, ela se sentia traída e usada. Usada para que ele chegasse ao topo almejado, usada para que ele apresentasse para os amigos um casamento de fachada, em que ela vivia iludida, achando que era feliz.

Inflamada pela raiva, pegou o celular e ligou para o marido. Queria dizer, quase gritando, que ele não voltasse mais para casa e para a sua vida. Que ele ficasse em Bogotá ou em qualquer outro lugar que não fosse ao lado dela. O telefone chamava enquanto Raquel estava parada em um cruzamento esperando o sinal abrir. Em sua mente, passava diálogos imaginários com Alberto, em que ela o humilhava com toda a sua raiva e desprezo.

De repente, alguém bateu na sua janela e ela pulou no banco do carro com o susto. Era um garoto de uns 13 anos, morador de rua, pedindo dinheiro. Agindo no automático, Raquel pegou algumas moedas em um compartimento próximo ao câmbio, baixou o vidro e entregou ao garoto com o rosto sujo e abatido.

Ele sorriu e estendeu sua mão.

— Obrigado, senhora. Não sofra tanto que o melhor está por vir. No final tudo vai dar certo. Bom dia. Deus a abençoe.

O quê?

— Ei, volte aqui? Do que você está falando? — perguntou ela para o menino que se afastava e aos poucos se misturava aos outros carros na avenida.

— Alô, Raquel? — Alberto respondia no telefone, que estava grudado no ouvido dela.

Como ele sabia que eu estou preocupada?, pensava Raquel, curiosa com as palavras do menino.

— Raquel?

— Oi, Alberto.

— Está tudo bem?

— Não.

— O que aconteceu?

— O que você acha?

Ele suspirou do outro lado. Por um momento achou que Raquel tinha ligado para dar uma boa notícia.

— Eu... Desculpe. Liguei por engano. Queria ligar para minha mãe e não sei por que liguei para você. Tchau, Alberto. — mentiu ela, em tom hostil e desligou o telefone.

Ainda olhou pelo retrovisor procurando pelo garoto, mas ele já tinha sumido de vista.

Gente, que loucura!

Tornou a pegar o celular e desta vez sim, ligou para sua mãe.

— Oi, minha filha.

— Oi, mãe. Você está ocupada? Está em casa?

— Estava saindo para o encontro da terceira idade. Por quê?

— Você tem algum compromisso hoje?

— Só o de sempre. Aconteceu alguma coisa?

— Você se importaria em faltar ao encontro hoje? Preciso que pegue o Pedro na escola e fique com ele até a noite. Você faria isso por mim?

— Eu pego ele sim, filha. Adoro passar a tarde com o Pedrinho.

— Hoje ele sai da escola às 4 horas.

— É o dia do reforço. Eu sei.

— Ótimo. Eu pago as despesas do táxi depois. Obrigada, mãe.

Raquel dirigia sem prestar atenção quando viu que estava ao lado do parque Ibirapuera. Seu pé direito pisou com tudo no freio do carro. É aqui, pensou, ignorando o carro de trás que quase bateu no dela por causa da freada brusca.

Em silêncio, ela estacionou o carro, desceu e saiu caminhando pelo parque sem um destino certo. Não estava com roupas apropriadas para corrida, por isso se limitou apenas a caminhar. O parque estava praticamente vazio, o sol não estava tão quente, sua cabeça, no entanto, fervia com tantas perguntas sem respostas: O que ela iria fazer com sua vida, se separar ou seguir com Alberto em nome da família? Ela teria

condições psicológicas para conviver com Alberto mesmo sabendo de tudo o que ele fez? O que ela ainda sentia pelo marido? No momento era raiva. Mas, por debaixo da raiva, o que havia sobrado? Um dia iria conseguir respirar novamente? Seu coração voltaria a ser leve como foi um dia?

Ela não sabia. Não tinha certeza de nada. Não tinha as respostas. Avistou a Oca de longe e resolveu caminhar até lá.

Calma, Raquel. Mantenha a calma. Como o garoto disse, tudo vai dar certo no final, ela pensava enquanto caminhava olhando para seus sapatos. Não foi exatamente esse o casamento que ela imaginou ter quando subiu no altar com o Alberto. Mas, por outro lado, também não era o conto de fadas que sonhou quando era adolescente. O que ela perderia se se separasse do marido? E o que ganharia se ficasse com ele? O que colocar na balança? Quais seriam os seus pesos e as suas medidas?

Aproximou-se da entrada da Oca. Por sorte, havia uma exposição de fotografias de um artista britânico acontecendo naquela semana e ela achou que seria uma boa forma de ocupar o tempo e desanuviar os pensamentos.

Entrou meio que no automático e se misturou aos demais olhando sem muita curiosidade as fotos. Uma professora tentava desesperadamente controlar uma turma de crianças falantes e eufóricas, mas Raquel nem os via. Estava alheia a tudo. Seu corpo dividia o espaço físico com os demais; sua cabeça viajava por pensamentos, dúvidas e angústias.

Virou em um corredor onde a temática era beijo em estações de trem, aeroportos, portos; beijos de despedida. Estas fotos despertaram nela certa curiosidade.

Despedida... Não é fácil dizer adeus. Não é simples deixar para trás algo bom e seguir com o coração, às vezes, partido e sangrando só porque é preciso continuar. Todas as fotos traziam o peso do adeus, a angústia da separação. Era nítido. Não havia sorrisos. Não havia alegria, nem entusiasmo... Somente a dor da partida.

Uma dezena de coisas veio à mente de Raquel ao analisar as fotografias. Ela, numa comparação mal feita, também estava se despedindo da sua vida funcional com o Alberto para entrar em uma nova fase. Não

sabia precisar como seria dali para a frente. Mas sabia que não seria mais a mesma.

Acho que nunca mais vou amar alguém novamente, pensou Raquel, completamente desiludida com os relacionamentos amorosos.

Ela parou diante de uma foto em tamanho grande. Tomava a parede de cima a baixo. A foto, tirada de cima, mostrava uma estação de trem. Um casal, grudado em um abraço, era o destaque no centro do retrato em preto e branco. As bocas estavam coladas em um beijo. E os demais transeuntes, alheios à despedida do jovem casal, não notavam o que eles estavam sentindo com o aproximar da hora da partida. Não percebiam a intensidade do beijo, nem o que se passava em suas mentes e corações.

Raquel, no entanto, sabia. Ela captou todas as emoções da fotografia. Sem se dar conta, uma lágrima correu pelo seu rosto e ela foi sugada para o passado. Para um dia de inverno. Para uma estação de metrô. Para o último beijo dela com André. Para um tempo em que ela era apenas uma adolescente de dezessete anos — tão frágil e, ao mesmo tempo, tão corajosa — que ainda acreditava no amor e que só ele poderia mudar o mundo e as pessoas.

Sem conseguir evitar, ela se deixou pensar em André novamente e voltou para aquele dia na estação da Sé. Ele estava com seu jeans surrado, a camiseta do colégio, tênis e barba por fazer. André a abraçara com força e sussurrara em seu ouvido que a amava e que ele daria um jeito de eles ficarem juntos novamente. No entanto, ela fora tão fraca. Não lutou por eles. Desistiu no primeiro obstáculo. Por que ela não teve a coragem de enfrentar o pai e ir ao encontro dele?

Tenho certeza de que tudo teria sido diferente. Ou talvez não.

— Você ainda se lembra daquele dia na Sé?

Surpresa, Raquel virou o rosto para o lado e, como se fosse mágica, ninguém menos que André estava parado a um passo atrás, ao lado dela.

— André? Nossa! Eu... — tentando disfarçar ao máximo, ela limpou os olhos e fez um esforço para não gaguejar. — Eu... O que você está fazendo aqui? Que coincidência!

— Mais uma coincidência entre a gente. — ele disse se referindo ao fato de eles terem se encontrado dias atrás, justamente no parque. — Eu vi você admirando a fotografia e resolvi me aproximar.

— É mesmo? — perguntou ela, sentindo-se uma estúpida por não saber o que dizer. — E como vão os treinos?

— Tenho treinado todos os dias. Aliás, não te vi aqui ontem nem antes de ontem. Você desistiu?

— Não. É que eu estive ocupada. — mentiu ela. *Quer dizer que ele sentiu a minha falta?*, Raquel não conseguiu evitar o pensamento.

— E pelo jeito não se animou pra correr hoje?

— Também não. Eu estava passando aqui perto e fazia tanto tempo que queria ver essa exposição. Então, eu parei e resolvi me dar esse presente. — respondeu, tornando a mentir.

— Eu bem que me forcei a sair de casa e vir para cá para treinar. Estou com a roupa por baixo do agasalho e tudo. Acho que o frio me desencorajou um pouco. E, já que estava por aqui, resolvi matar o tempo entrando na Oca.

— Estranho esse frio em pleno fevereiro, não acha? — ela perguntou achando que um comentário assim poderia ser bom para disfarçar o seu nervosismo.

— O tempo está meio maluco ultimamente.

— Bonita a exposição.

— Muito bonita mesmo. As fotos são... fortes.

— Sim, realmente são. Eu pensei que você só corresse à tarde. — comentou Raquel, não muito disposta a entrar no assunto das fotografias. Muito menos dar margem para o retrato que estava à frente deles.

— E corro. Hoje foi uma exceção.

Raquel voltou a olhar a fotografia sentindo-se flagrada. Não imaginava encontrar André justo quando ela estava imersa em seu passado pensando nele. Sentia-se quase nua, tamanha fora a sua surpresa.

— Você tem compromisso para o almoço? — ele, de repente, perguntou. Porém, sua voz foi quase abafada pela conversa alegre de um grupo de estudantes que vinha se aproximando deles.

Raquel e André se afastaram automaticamente mais para a esquerda, dando lugar para o grupo, que parou para ver o grande retrato. Os estudantes estavam afoitos e falavam sem parar. As risadas tomaram conta do ambiente impossibilitando qualquer conversa entre os dois. André e Raquel trocaram olhares, consentindo, em um acordo mudo, que seria melhor esperar que os estudantes fossem para o próximo retrato para depois continuar com a conversa.

Raquel manteve uma expressão passiva, embora estivesse se roendo por dentro, sem saber o que responder para André. Seria correto ir almoçar com ele, seu ex-namorado e marido de outra mulher?

Simone com certeza lhe diria: “Vai logo! Deixa de ser tão moralista. Aproveita para espairecer. Para pensar e falar de outras coisas”. Ao se lembrar da amiga, Raquel sorriu.

André, que a fitava com curiosidade, sorriu de volta. Quando os estudantes finalmente se cansaram de ver o grande retrato e partiram para o próximo, André tornou a olhar para ela, esperando pela resposta.

— Que grupinho mais animado. — disse ela, achando que seria um comentário apropriado para fazer.

— E então, você tem compromisso para o almoço? Estava pensando em ir a um restaurante japonês de um amigo meu na Liberdade.

Raquel hesitou antes de responder. Eles já tinham corrido algumas vezes juntos, foram tomar suco na lanchonete que André adora, conversaram amenidades... André foi gentil e educado com ela. Ela também foi com ele.

— Eu adoro comida japonesa, mas...

— Então vamos. — afirmou ele com seu sorriso aberto, não dando chance de Raquel concluir a frase.

André e Raquel

— Aqui tem o melhor sushi de São Paulo. — garantiu André, quando ele e Raquel estavam devidamente acomodados no Japa Sun, um restaurante simples da Liberdade, degustando seus sushis, sashimis e tudo o que a culinária japonesa tem a oferecer.

Depois do início tenso, no qual um se acostumava à presença do outro, eles relaxaram e começaram a explorar assuntos superficiais, como, por exemplo, a situação caótica do trânsito, o clima maluco dos últimos tempos, a falta de vaga no centro da cidade. Depois voltaram a falar sobre o esporte preferido dos dois: corrida. O assunto era seguro. Afinal, este era o elo entre eles. Também conversaram sobre seus trabalhos e projetos futuros. O tipo de papo que se tem quando se quer conhece alguém e deseja saber mais sobre a pessoa.

Porém, André percebeu que Raquel não relaxava. Seus ombros, apesar de suas tentativas de distraí-la com os mais variados assuntos, seguiam retraídos. Curioso, ele resolveu perguntar:

— Desculpe se vou parecer intrometido, mas você está preocupada com alguma coisa?

— Eu? Não. Não estou preocupada com nada. Por que você diz isso?
— respondeu apreensiva.

— Porque seu corpo fala, Raquel.

André se lembrou de como ela se comportava quando estava com um problema. Seus trejeitos são os mesmos até hoje. As pausas entre as falas, o jeito de olhar para cima e o ar distante denunciavam sua preocupação com alguma coisa.

— Meu corpo fala?

— Você não se lembra de que nunca conseguia esconder nada de mim quando estava nervosa ou preocupada?

Sim, ela se lembrava e ficou surpresa ao saber que ele também se lembrava de detalhes sobre ela.

— Eu me lembro — concordou com um sorriso tímido.

— Se quiser conversar sobre o que a preocupa... Quem sabe eu possa te ajudar.

Raquel ponderou. Não iria conversar sobre seus problemas íntimos com André. Por outro lado, poderia falar sobre outro problema mais urgente.

— Na verdade, eu estou com um problemão e não sei como resolver — confessou ela, sem abrir totalmente o jogo.

— E o que é?

— Meu filho Pedro quer que eu o leve ao estádio do Morumbi neste domingo. Ele é fanático pelo São Paulo e não perde um jogo — contou, sem falar a verdade.

Isso?, pensou André e quase não conseguiu evitar o riso. *Imagine se ela souber do meu “problemão”.*

— Pede para o seu marido levar ele, ué!

— Alberto está viajando. Antes de ele viajar, tinha combinado com Pedro de assistir a esse jogo. Apesar de não gostar de futebol, é Alberto quem o leva nos jogos.

— Seu marido não gosta de futebol? — perguntou admirado.

— Não muito. Ele vai mais por causa do Pedro. Mas não é o programa preferido dele.

— E seu pai o aceitou como genro mesmo assim?

Raquel riu por se lembrar de que André tem uma memória infalível. Realmente, seu Agenor era fanático por futebol. E, diante dessa observação, foi impossível não pensar na maneira como Alberto lidou com o assunto enquanto o pai era vivo. Ele conseguiu enganar seu Agenor direitinho. Assim como a enganou por todos esses anos. Alberto era um *expert* em enganar as pessoas. Raquel começava a desconfiar disso.

— Alberto é muito articulado. Ele sabe envolver as pessoas, trazendo-as para o seu lado. Não gosta de futebol, mas agradava meu pai. Não gosta de futebol, mas conversa com Pedro como se fosse um apaixonado pelo assunto. — respondeu, de alguma forma defendendo o marido.

— Assustador. — comentou André. — Tenho medo de pessoas assim. Nada contra seu marido, claro. Só que não acho nada confiável.

— Tudo bem. — Raquel entendeu perfeitamente o comentário de André. Ele tinha razão. Alberto tinha duas caras. Duas personalidades e o irritante defeito de querer agradar a todos.

— Acho que Pedro puxou o avô. Ele é completamente fanático por esse time.

— E aí, o que você vai fazer?

— Ainda não sei. E o pior é que eu nunca mais fui ao Morumbi. Não faço ideia do que tenho que fazer, onde comprar ingresso, que lugar é mais seguro... E, para ajudar, não tenho a menor vontade de ir a um estádio de futebol. Prefiro ficar em casa vendo TV.

— Seu Agenor não topa mais essas paradas?

— Meu pai morreu há dois anos.

— É mesmo? Nossa, não sabia! Sinto muito.

— Sente nada. — ela disse com um sorriso contido.

— Posso falar a verdade?

— Sempre, por favor.

— Não sinto mesmo. Seu pai era casca dura. — disse ele, lembrando-se da rigidez do pai de Raquel. — Me desculpe por estar falando assim. Afinal, ele era o seu pai.

— Era meu pai e tudo, mas me senti, de certo modo, livre, depois que ele se foi. Que estranho, né?

— Acho que entendo você. — mais uma pausa — Primo, cunhado, amigo... Não tem ninguém para levar o moleque no jogo? — perguntou, mudando de assunto. Falar de Agenor não era o passatempo preferido de André.

— Acredita que não? Meu cunhado, Márcio, já disse que não entra no Morumbi. Coisas de corintiano...

— Que mané! Eu sou corintiano e não tenho dessas frescuras. Cansei de ir ao Morumbi. Claro, para ver o Timão.

— Já tinha me esquecido de que você não era perfeito. — comentou Raquel, para, em seguida, se arrepender.

— Sou “curíntia”, meu! Sou da *Fiel* e sofredor, graças a Deus.

— Credo! Que discursinho mais batido. — debochou ela e depois riu com gosto pela primeira vez nos últimos dias.

— Ué, até onde eu me lembro, você gostava de futebol e a gente se divertia tirando sarro um do outro.

— É verdade. Eu gostava... Mas perdi o interesse quando percebi que, para muitos, o futebol virou uma religião. Eu sou totalmente contra esse fanatismo e tento de todas as formas mostrar para o Pedro que existe uma grande diferença entre gostar de futebol e ser fanático por futebol.

— Ah, você fala isso porque seu time não está numa boa fase. — comentou André, só para provocar.

— Você quer medir em títulos quem é melhor? Quer mesmo entrar nessa disputa? — instigou ela inflando o peito, pronta para uma boa briga. E depois riu, para mostrar que estava apenas brincando. Na verdade, ela não tinha ideia qual fase o São Paulo atravessava. Fazia tempo que ela não entendia mais de futebol e que não tinha conhecimento necessário para sustentar a discussão.

Contagiado pelo sorriso dela, André suspirou sonoramente e disse:

— Ah, Raquel... Eu não entendo por que a vida ou o universo conspirou contra nós.

Raquel sorriu encabulada, enquanto pensava em como era bom ouvir um comentário tão simples e ao mesmo tempo tão cheio de significado, como o que André acabava de fazer.

Por muitos anos, e até mesmo depois de casada com Alberto, ela ainda manteve a esperança de que um dia reencontraria seu grande amor da adolescência e que eles iriam continuar de onde pararam. Foi somente depois que Pedro nasceu que, aos poucos, ela foi enterrando André no fundo do peito, num lugar onde se guardam as boas lembranças.

— Eu chamo isso de destino. Não era para ser. Como dizem os muçulmanos: *maktub*.

— Não acredito em destino. — disse ele, dando de ombros — Acredito em escolhas. E as consequências das nossas escolhas é o que traça o nosso destino ou futuro.

Ela concordou com a cabeça e bebeu do seu refrigerante. Investir nessa conversa seria como navegar em águas turbulentas e Raquel já tinha problemas suficientes com que se preocupar. Achava que não era o momento certo de ficar revivendo o passado. Sua maior preocupação era com o seu presente e com o seu futuro.

Ela suspirou aliviada quando o *chef* e dono do restaurante se aproximou para conversar com André. Eles começaram a falar da comida que foi servida, do menu, de gastronomia de uma forma geral. Raquel apenas assentia e sorria, aliviada por ter sido poupada de falar da sua história com André.

— Acho que já falei demais. Vou deixá-los terminar o almoço.

— O sushi de polvo estava uma delícia. — comentou Raquel, tentando ser simpática.

— Vou mandar mais um como cortesia da casa.

— Opa! Valeu, Sato.

— E a propósito, como vai a Juli?

— Está bem. Está no restaurante comandando o almoço.

— Mande um abraço a ela. Com licença.

— Obrigado.

Raquel recostou-se na cadeira e observou as paredes do restaurante: na da esquerda havia uma foto grande do monte Fuji; na da direita, uma meia dúzia de molduras de templos budistas. Entre os vários retratos, ela reconheceu a do templo Byodo-in, situado na cidade de Kaneohe. Ela e Alberto visitaram o templo quando eles foram ao Havaí passar férias. Foi uma das viagens mais gostosas que ela fizera com o marido.

— Está tudo bem? — perguntou André.

— Sim. Tudo ótimo.

— Quer mais alguma coisa? Um café, sobremesa...

- Não, obrigada. Estou satisfeita.
- Acho que vou pedir a conta.
- Eu pago a metade.
- De jeito nenhum. Eu a convidei.

Esse era um detalhe que ela se lembrava dele. Quando namoravam, André se recusava a deixar que ela pagasse seja lá o que fosse. Mesmo que sua mesada estivesse no fim e eles ainda estivessem no meio do mês. Era um traço do cavalheirismo típico de André.

— Obrigada pelo almoço e pelo bom papo. Eu adorei. — agradeceu Raquel, quando eles já estavam do lado de fora do restaurante.

— Eu é que agradeço a sua companhia.

— Então... A gente se vê por aí. Numa exposição qualquer ou no parque Ibirapuera.

— Quer dar um passeio pelas ruas do centro? — sugeriu André. O almoço tinha sido tão agradável que ele queria esticar aquela sensação gostosa por mais tempo. Sem segundas intenções, apenas para curtir um pouco mais a companhia de Raquel e conversar sobre outras coisas. No fundo, ele não estava com muita vontade de voltar para sua casa e para seus problemas com Juli. Queria fugir da realidade por mais algumas horas.

O convite, no entanto, pegou Raquel de surpresa. Aquilo não estava certo. E se passassem dos limites? E se ela não fosse forte o suficiente para resistir a uma recaída? Sim, porque os anos foram generosos com André. Ele havia se tornado um homem muito interessante. Além de belo, era inteligente, divertido e com o bom papo de sempre.

Reviver o passado é, às vezes, brincar com o perigo.

— Ruas do centro? É seguro? — perguntou ainda sem saber se aceitava ou não o convite dele.

Raquel, que quase nunca ia ao centro da cidade, tinha em mente que lá era um lugar de marginais, prédios abandonados e drogados perambulando pelas ruas.

— O centro de São Paulo está sendo revitalizado. Em que cidade você mora mesmo?

— Na zona oeste. — ela respondeu, rindo. — O que você sugere?

— Pinacoteca, Mercado, Estação da Luz, Teatro Municipal, Galeria do Rock... É só escolher.

— Tem certeza?

— O quê? Sério mesmo que você nunca mais veio ao centro da cidade?

— Não me lembro da última vez que fui ao centro.

— Então você precisa “conhecer” o centro de São Paulo. Vem comigo que eu te apresento.

Mesmo sem ter aceitado o convite de André, ela o seguiu e eles foram caminhando pela avenida Liberdade e rapidamente chegaram à Praça da Sé, onde está o marco zero da cidade. Depois, pararam para admirar a imponente Catedral da Sé e seus arredores.

— Quer entrar? — perguntou André.

— Hum, acho que não. — ponderou. Passear com o marido alheio e ainda por cima entrar em uma igreja seria pedir compreensão demais aos santos.

— Ela é linda, né? O estilo gótico deu um charme todo especial à arquitetura da catedral.

— Eu não entendo muito de arquitetura, mas é lindo de se ver. — respondeu Raquel, com sua habitual franqueza. — Mas o que eu gosto mesmo é deste caminho ladeado de Palmeiras Imperiais. Fico imaginando quantos anos elas têm.

— Peraí! Vou pesquisar aqui no Google. — avisou, puxando o seu iPhone.

— Não precisa. Nem é relevante. — Raquel não se importava com fatos precisos. Bastava olhar e imaginar. Elas deveriam estar ali há muitos anos testemunhando, caladas, o andar de sua cidade. Eram fascinantes.

André acatou o pedido de Raquel e a observou enquanto ela admirava as palmeiras. Lembrou-se do cheiro de seus cabelos novamente. O cheiro que estava gravado em sua memória e que lhe trazia boas recordações. Era bom estar com ela. Era nostálgico.

— Que tal um café no *Pateo do Collegio*? — sugeriu ele, depois de terem visto tudo da praça.

— No *Pateo*?

— É. Lá tem um café maravilhoso.

— Não conheço.

— Não sabe o que está perdendo. Vamos, faço questão de te apresentar um oásis no centro de São Paulo.

Raquel sorriu e concordou com a cabeça. Enquanto caminhavam, ela comentou:

— Nossa, André, fazia muito tempo mesmo que eu não vinha ao centro de São Paulo. Já havia me esquecido da arquitetura, dos prédios e praças. Olha só aquele prédio ali, não é lindo?

— Se não me engano, é o Palácio da Justiça. Ele é lindo mesmo.

— E o engraçado é que as pessoas que passam por essa região nem devem reparar mais nesses detalhes, no que a cidade tem a oferecer. Eu mesma, confesso, que já passei por aqui sem nunca nem ter notado nada disso.

— Pobre cidade! — debochou André — Sendo ignorada pela sua população.

— Eu estou falando sério.

Ele riu e balançou a cabeça.

— As pessoas não estão interessadas nessas questões, Raquel. A maioria está correndo atrás de seu emprego, lutando para ganhar o seu pão, sem tempo para reparar em prédios ou praças.

— Não é triste isso?

— O ser humano tem um instinto de sobrevivência muito forte. Talvez seja por isso que a maioria das pessoas esquece-se de viver e apenas sobrevive.

— Uau! — Raquel riu com a coincidência — Você virou um filósofo ou é impressão minha?

— Os livros me deixam assim.

Depois de tomar alguns cafés, Raquel dirigiu-se com ternura para André.

— Muito bom! Obrigada pelo passeio, pelas horas agradáveis. Você continua uma ótima companhia.

— Obrigado.

— De verdade, não imaginava que no meio dessa agitação louca pudesse realmente existir um oásis assim. — disse ela, olhando para o jardim do *Pateo do Collegio* — É incrível!

— É para poucos. Uma meia dúzia de loucos como nós, que decidiu viver, em vez de existir.

— Eu gosto dessas saídas. Tirar um tempo, algumas horas que sejam, e parar tudo. Andar contra o relógio, contra a rotina... Pena que o meu horário de trabalho inflexível não me permite isso.

— Eu já posso me dar esses pequenos luxos. Pena que quase nunca tenho companhia.

— É... Obrigada mesmo pelo passeio.

— Mas por que esse clima de despedida?

— Porque temos que ir, não é? Chegou a hora de voltarmos para nossas vidas.

— E por que temos que ir? Estamos ainda no meio da tarde. Eu não tenho compromisso, você tem?

— É... bem, não tenho exatamente. Tenho que buscar meu filho na casa da minha mãe...

— Seu filho está com sua mãe, você está de licença no seu trabalho, seu marido está viajando...

— E? — disse Raquel pressentindo um convite à traição. Será que André seria tão atrevido assim? Eles se reencontraram havia pouco tempo e ele já estava com segundas intenções pra cima dela?

Seria tão decepcionante, pensou Raquel.

— Só pensei que, por não ter compromissos, você poderia querer continuar com o passeio. Afinal, São Paulo tem tanto a oferecer.

— Passeio? — repetiu ela, completamente desconfiada.

— É, podemos continuar explorando a cidade... Isto é, se você se sentir confortável em fazer isso. Ou será que estou sendo um chato?

— Não é nada disso e você sabe muito bem. — esclareceu ela — Tudo bem. Acho que não estarei cometendo nenhum crime em passear com você.

Mesmo que você seja meu ex-namorado, meu primeiro amor, meu primeiro beijo, minha primeira vez, minha primeira dor e que me traz tantas recordações boas. — Raquel não pôde evitar seus pensamentos. Apesar de tudo, tudo mesmo, era bom estar com ele. E como era!

— Eu também não estou fazendo nada de errado ao passear com uma velha amiga de infância. — dizendo daquela maneira, nas entrelinhas, que ele não a atacaria na primeira oportunidade em que estivessem a sós. — Então vamos para a Paulista. — afirmou ele, sem ao menos perguntar se ela queria.

— E o que tem na Paulista?

— Caramba, meu! Parece que você mudou de cidade, e não de bairro.

— É que quase não venho para esses lados. Acabo resolvendo minha vida no bairro onde moro mesmo.

— Mas São Paulo não é só o nosso bairro, não é feita de shoppings apenas. Gente, essa cidade tem tanta coisa bacana e a maioria fica na mesmice! Eu vivo dizendo isso pra Juli, mas ela gosta mesmo de ficar em casa, no máximo um shopping qualquer.

— Você sabe que acontece o mesmo comigo e Alberto? Alberto é caseiro e eu adoro sair, fazer programas diferentes.

— E você acaba cedendo às vontades dele?

— Isso mesmo. E como ele é muito caseiro, ou ficamos em casa ou na casa da minha mãe... Não saímos tanto quanto eu gostaria.

— É o que acontece comigo também.

— Que saber? Eu gostei da sua ideia. Vamos ver o que a Paulista tem a nos mostrar.

— É assim que eu gosto!

André e Raquel pegaram um metrô na estação da Sé, ignorando completamente que um dia aquela mesma estação tinha sido palco de seus últimos beijos e abraços, e desceram na estação Brigadeiro. Ao sair da estação, foram caminhando sem destino certo; observando o movimento e

as pessoas, procurando algo interessante para fazer ou simplesmente caminhar.

- Alguma sugestão? Um lugar específico?
- Hum, tem que ter algum?
- Acho que não.
- Bem, para mim, caminhar me parece agradável.
- Para mim também.

André caminhava com as duas mãos nos bolsos, enquanto Raquel segurava sua bolsa bem junto ao corpo. — protegendo-a de algum trombadinha atrevido. Às vezes, seus braços se tocavam e uma energia corria em seus corpos. Algo bom de sentir e difícil de compreender para o momento. Ela se surpreendeu ao descobrir que estava adorando aquele passeio desprezioso pela Paulista.

- André, lá adiante não é uma livraria?
- É, sim. Uma das melhores da cidade.

Os dois se olharam e, mesmo sem combinar nada, caminharam para lá.

André era apaixonado por livros, Raquel gostava de gastar seu tempo olhando as novidades, os DVDs e de, depois, tomar um café lendo alguma revista. Fazia isso sempre. Muitas vezes, sozinha.

E, assim, a noite caiu e eles nem se deram conta. Quando saíram da livraria, André, devidamente abastecido de livros novos, e Raquel com um DVD do último show da Ana Carolina, perceberam que já estava escuro.

— Meu Deus! O tempo voou! — exclamou Raquel — Olha só, são quase 8 da noite.

- Esse horário de verão engana a gente.
- Engana mesmo... Eu tinha que buscar meu filho.
- E eu tinha que estar no restaurante...
- Atrasei seus compromissos, né? Me desculpe. — disse Raquel.
- Relaxa que está tudo sob controle. Só preciso ligar para Romeo e avisar que eu estou vivo. Um segundo, por favor.

Enquanto André falava com o irmão ao telefone, Raquel aproveitou para verificar se estava tudo bem com Pedro e sua mãe.

— Pronto. Resolvido. Vamos achar um boteco qualquer na Augusta e tomar um chope.

— Como assim? E o restaurante? E a sua esposa?

— Romeu se vira sozinho só por hoje. E Juli já deve estar dormindo.

— Dormindo? Mas ainda é cedo! Você não vai avisá-la de que está comigo? Ela pode ficar preocupada por você ter sumido a tarde toda e não ter ido trabalhar.

— Hum... Acho que não. Nós não estamos nos falando por causa de uma briga que tivemos hoje de manhã.

— Poxa! Que chato. Não prefere voltar para sua casa e se entender com ela?

André pensou em Juli. Sim, ele queria se entender com ela. Ele queria que ela tivesse o mesmo ânimo e disposição de Raquel para passar tardes como essa sem complexos de culpa. Pensou nas dezenas de vezes que insistiu para que ela fizesse coisas simples assim com ele e na resposta negativa de sempre.

De repente, sentiu-se cansado de lutar sozinho pelo seu casamento. As horas com Raquel eram tão agradáveis que ele se achou merecedor desse prazer.

— Não, não prefiro. E aí, Augusta ou casa?

Raquel ria ao mesmo tempo em que ouvia André contar sobre um episódio bizarro que aconteceu no restaurante dele, logo que foi inaugurado.

— Não acredito que sua mãe tocou o cara do restaurante com uma vassoura. Posso até imaginar a cena...

— Por que você não foi ao encontro? — fulminou ele, verbalizando a pergunta que estava entalada até hoje em sua garganta. Se ele não perguntasse agora, com mais de cinco chopes na cabeça, nunca mais teria coragem de perguntar.

— Encontro?

— No nosso encontro... No Center Norte.

— Eu fui.

— Foi? Mas... Eu estava lá, no lugar combinado! Eu não entendo...

— Eu sei. Eu te vi.

— Você desistiu? Deu para trás? Não acredito!

— Não foi nada disso. Meu pai resolveu ir junto com a gente para ajudar nas “compras de Natal” e não desgrudou de mim. Parece que estava adivinhando que eu iria fugir com você.

— Ah, então foi isso? Seu Agenor... Por que será que eu não consigo sentir a falta dele?

Raquel olhou para André seriamente.

— Desculpe.

— Tudo bem.

— Então você foi... — André falou mais para ele mesmo que para Raquel — Como eu te odiei por ter me dado o cano. Por ter me deixado sozinho, plantado no shopping... Nossa! — ele balançou a cabeça lembrando dos seus dias difíceis — Você me fez sofrer um bocado, moça.

Então chegou a vez de falarmos de nós, pensou Raquel constatando que desta vez ela não teria como fugir do assunto. Nervosa, se ajeitou na cadeira, colocando-se na defensiva. Era bom estar com André, mas não lhe soava correto recordar o passado com ele em um boteco da Augusta enquanto seu filho a esperava com sua mãe do outro lado da cidade. E, enquanto, a esposa de André esperava por ele, na casa deles.

Esse seria o momento exato de ela se levantar e agradecer pelo dia que passou ao lado dele, se divertindo pela cidade. No entanto, ela não teve coragem e nem vontade de mover um músculo e permaneceu sentada onde estava. Afinal de contas, ela também tinha suas curiosidades e perguntas nunca respondidas sobre o final abrupto dos dois.

— Você estava lá e não foi ao meu encontro... — ele tornou a dizer, mas Raquel teve a impressão de ele estar falando consigo mesmo.

— E se eu tivesse ido, o que teria acontecido com a gente? Iríamos para onde? Para a casa dos seus pais? — ela riu irônica — Viveríamos de quê? Seus pais me acolheriam? Eles nos suportariam e me esconderiam dos meus pais? Eu acredito que não... E mais, eu iria viver de quê? Será que na época você chegou a pensar em todas essas questões?

— Quer dizer que foi de caso pensado? Você não foi me encontrar porque ficou com medo de enfrentar a vida ao meu lado?

— Por Deus, André, nós tínhamos dezessete anos! Éramos duas crianças!

— Mas estávamos dispostos a fazer de tudo para ficarmos juntos. Ou eu, pelo menos, estava. — disse ele de um jeito triste — Se você soubesse o quanto eu sofri...

— E, por acaso, você acha que para mim foi fácil? Com o pai que eu tinha? Ele não me dava trégua, vivia controlando meus passos; me colocava de castigo, cortava minha mesada... E você também parou de responder às minhas cartas. Não retornou minhas ligações, não me deu oportunidade de me explicar.

— Depois daquele dia, eu fiquei tão decepcionado que não quis ler mais as suas cartas. Rasgava e jogava no lixo, para não correr o risco de ler. Estava determinado a te esquecer.

— Na primeira carta, eu te expliquei por que não consegui te encontrar no shopping.

— Preferi não saber e te cortar de vez. — respondeu ele dando de ombros.

— Você também me fez sofrer, não respondendo às minhas cartas. Não foi nada fácil para mim, ficar sem notícias suas, sem atender meus telefonemas... Reprovei de ano, adoeci, não tinha mais vontade de fazer nada... Foi difícil superar... — ela deu de ombros, sem terminar a frase.

Raquel bebeu do seu chope sentindo-se ligeiramente nervosa. Confessar sua dor a André e falar do seu passado com ele lhe causava uma estranha sensação de traição.

— Como será que a gente estaria se tivéssemos conseguido fugir? — perguntou ele, cheio de expectativa e com um olhar quase triste.

— Provavelmente, estaríamos juntos até hoje e com um monte de filhos. — Raquel disse, rindo. — Éramos completamente apaixonados um pelo outro.

— A última vez que eu te vi foi na estação da Sé, naquele dia que você matou aula para me encontrar.

— É... E fiquei de castigo o resto da semana por ter matado aula e ido te ver. — Raquel corou com a lembrança dos beijos intensos e dos abraços apertados que eles trocaram naquela manhã — Bons tempos. — disse, meio sem graça.

— Acho que a minha vida teria sido bem melhor que a que tenho hoje.
— André deixou escapar.

— Não fala assim! Foi só uma briga. Amanhã você se entende com Juli e tudo voltará a ficar bem. — disse, sentindo-se grata pela mudança de assunto.

— Hum, hum. Acho que meu casamento acabou e só eu que ainda não quis enxergar.

— Todo casal briga, é normal. Converse com ela que vocês vão se entender novamente.

— Não é tão simples assim. Não foi só uma briga. Se, pelo menos, ela brigasse comigo... Mas ela me ignora completamente. Ela me trata com indiferença, com frieza... Ela, ela... Me suga. Suga toda a minha atenção, todos os meus esforços, todo o meu amor... Mas não de forma intencional, como se precisasse muito de mim. Não é isso. — desabafou André com sinceridade.

André parou para pensar no que estava dizendo. Caramba, ele estava falando de forma franca e crua dos seus problemas íntimos com Juli para Raquel! Então, ele lembrou de que, com Raquel, ele nunca teve medo de se abrir e continuou:

— Eu quero tanto agradá-la, quero tanto fazê-la feliz que já não sei mais o que fazer... Me sinto esgotado. E cansado.

— Vai passar. Todo casamento tem esses altos e baixos... Se vocês se amam, tudo vai se resolver. De repente, Juli precisa de tempo. Um tempo sozinha para pensar em suas coisas.

— Ela passa muito tempo sozinha. Eu não a privo disso.

— Bem, eu não sei direito o que está acontecendo com vocês, mas tenha calma. Volte para sua casa e se entenda com a sua esposa.

— Olha só para mim! A noite estava tão agradável e eu te incomodando com meus problemas. Desculpe-me pelo desabafo.

— Não! Você não me incomoda. Podemos conversar sobre isso, se você quiser. Todo mundo tem problema em seus relacionamentos. Eu também tenho. Completamente normal. — disse, agradecida por ele ter mudado drasticamente de assunto.

— Levar o seu filho ao estádio no domingo não é exatamente um problema. — André decidiu bancar o irônico.

O quê?

Raquel ficou indignada. Como ele ousava ser irônico quando ela estava ali, aberta, franca e ouvindo seus problemas?

— Ah, é? E flagrar seu marido com um vestido longo, peruca e saltos dourados é o quê, uma espécie de diversão? Um problema corriqueiro do dia a dia? Algo que acontece com todos os casais?

André se engasgou com o seu chope e levou alguns segundos tossindo e tentando se recompor.

— Você flagrou seu marido usando roupas de mulher? Foi isso o que você quis dizer?

— Não, na verdade, eu quis dizer que meu marido resolveu assumir sua homossexualidade e seu hábito de se vestir de mulher de vez em quando.

— Você está falando sério? — perguntou André encarando Raquel seriamente.

— Infelizmente, eu estou falando sério.

— Mentira.

Raquel olhou para André sem expressão alguma em seu rosto.

— Meu, que loucura! Faz tempo isso?

— Alguns dias.

— Cara, me conte essa história direito. — pediu André, mostrando-se preocupado com Raquel.

E ela contou como tudo aconteceu e com todos os detalhes. Quando ela enfim terminou, ele perguntou:

— Meu Deus, Raquel, e como você está?

— Digamos que respirando. Acho que joguei pedra na cruz.

— Pedra? Não, pedra eu que joguei. Você jogou um meteoro! — André olhou para Raquel e os dois caíram na risada — E eu achando que minha vida estava uma merda.

— A gente sempre acha que nossa vida é uma merda porque quase nunca paramos para olhar para os lados. Mas tem sempre alguém em uma situação bem pior que a nossa.

— Mas ele... Virou gay mesmo?

André ainda não acreditava naquela história.

— É isso aí.

— E você nessa calma toda?

— Adiantaria estar gritando, chorando ou brigando com o mundo? Nada do que eu fizer vai fazer com que Alberto tenha interesse por mim ou por outras mulheres. É a escolha dele e está definida. Agora, só eu sei o que se passa aqui dentro.

— Que situação, hein? Ainda bem que seu Agenor não está mais aqui.

— Sabe que eu fico pensando nisso? O que meu pai faria se estivesse aqui e soubesse que o seu genro preferido virou gay...

— Ah, ele era o genro preferido dele? Bem feito!

Eles riam juntos do comentário de André.

— Será que Alberto estava esperando papai bater as botas para poder sair do armário? — Raquel, de repente, cogitou.

— É uma possibilidade. Se fosse comigo, sinceramente, eu não me arriscaria. Alberto foi prudente. — disse André, rindo.

— É... Eu estou aqui rindo, mas a situação está caótica.

— Você gosta dele, não é?

Como era fácil para Raquel falar de seus problemas com André. O seu melhor amigo estava de volta e ela podia se abrir sem sentir vergonha alguma, sem medo de contar o que mais lhe afligia. Ele não sairia por aí, contando seus problemas para os demais. Com ele, ela poderia se abrir sem medo.

— Eu amava Alberto... Ou amo. Não sei. Hoje, estou em estado de choque. Não sei explicar como me sinto. Desconfio seriamente que a minha ficha não caiu e que estou vivendo uma realidade paralela. E que

vou acordar a qualquer momento e continuar com minha vida pacata de sempre.

— Que barra, Raquel. Se eu puder te ajudar em alguma coisa, é só pedir.

— Obrigada. Mas essa, infelizmente, eu tenho que resolver sozinha.

— Você não está pronta para se separar?

— Alberto disse para eu resolver o que fazer das nossas vidas. Por ele, continuaríamos casados...

— Ele está louco? O que é isso? O cara é gay e quer continuar casado com você?

— É por causa do Pedro. Ele quer manter a família unida. Mas disse que vai respeitar o que eu decidir.

— E você vai se separar dele, claro! — para André, não haveria outra decisão a não ser aquela.

— Eu... Ai! — Raquel suspirou forte — Eu não sei o que fazer. Alberto viajou para a Colômbia e, quando voltar, ele quer conversar para saber qual decisão tomei. E, sinceramente, eu não sei o que fazer. Não é tão simples como parece. A primeira coisa que me passou pela cabeça foi de me separar dele, claro. Só que agora, depois de alguns dias pensando e tentando digerir esse osso, eu não sei mais.

— Mas não tem o que decidir. — ele riu de nervoso — Ele já decidiu, Raquel. Ele escolheu assumir sua homossexualidade. E gays não se casam com mulheres... Quer dizer, só as lésbicas. Mas não é o seu caso.

— Penso muito no Pedro. Ele e Alberto são grudados demais. Ele tem verdadeira veneração pelo pai... Uma separação agora seria uma tragédia irreparável na vida dele. É nisso que eu penso, sabe?

— Tudo bem, não sou pai, não entendo nada de filhos e não tenho a menor condição em discorrer sobre o assunto. Mas posso falar do que eu vejo por aí. Seu filho vai sobreviver. Pedro não vai ser o primeiro filho de pais separados. Como ele, infelizmente, existem milhares e todos estão aí, vivendo suas vidas. Além do mais, Alberto não vai sumir da vida de Pedro, certo?

Raquel balançou a cabeça negativamente e André continuou:

— Então. Ele vai superar e vai seguir em frente. O início poderá ser difícil, mas tenho certeza de que vocês dois acharão um jeito de amenizar todo esse trauma. — Raquel olhava André sem dizer nada — Tudo vai se resolver, você vai ver. Agora, você não está pensando na pessoa mais importante dessa história toda.

— Quem?

— Você!

— Eu?

— É, Raquel, você! Você vai sacrificar sua vida em nome da família? Vai viver com seu ex-marido mesmo sabendo da sua verdadeira opção sexual? E depois que Pedro crescer e seguir o rumo dele, o que vai ser de você?

— Eu não sei o que pensar. Não nesse momento, nem aqui, conversando com você. Vamos mudar de assunto? — pediu, sentindo um pânico crescendo dentro dela. Falar de seu problema a fez lembrar que tem que tomar logo uma decisão; que o ponteiro do relógio não para, assim como o tempo, e que ficar enrolando não vai ajudar em nada.

André chamou o garçom, pediu mais dois chopes e depois disse:

— Ok. Vamos resolver um problema de cada vez. — E tomou uma decisão — Por ora, vamos resolver o problema Pedro *versus* São Paulo. Eu me coloco à disposição para levá-lo ao jogo... Isso, se você confiar em mim, claro!

— Você faria isso por mim?

— É, não vai ser exatamente um prazer para um corintiano feito eu, mas... Vou fazer esse sacrifício. Alívio a sua barra e você fica me devendo uma. Topa?

— Poxa, André! Nem sei o que dizer...

— Pedro vai ficar contente. É isso que importa.

Por um instante, André se viu inserido em um cenário familiar com Raquel e Pedro... E gostou! Mas foi apenas por um instante e logo ele voltou a sua realidade, arranjando tudo com Raquel para o próximo domingo.

André

Na sexta-feira de manhã, André foi arrancado de um sonho confuso e agitado com a campainha da porta tocando.

Ele estava sonhando que andava por um vinhedo na Toscana degustando vinhos com Juli. Ela segurava sua taça vazia, enquanto olhava para ele com tristeza. Depois o sonho mudou, e ele se viu caminhando de mãos dadas com Raquel por um campo de girassóis.

A campainha tornou a tocar. Ele se forçou a abrir os olhos e fitou o teto tentando descobrir se o som da campainha pertencia ao sonho ou se era real. Relutante, ele se levantou, vestiu uma bermuda e foi abrir a porta:

— Mãe?

— Desculpe vir assim, sem avisar.

— Não tem problema. Entra. Eu só vou tomar uma ducha. Estava dormindo.

— Eu espero.

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada sério. Vocês estão sem faxineira de novo? — perguntou dona Glória com um olhar penalizado.

— Não. Ela vem na segunda, eu acho. — respondeu André, pegando alguns copos e duas embalagens de sucos vazias e levando para a cozinha.

— Eu já volto.

Ao retornar à sala, André encontrou dona Glória distraída com uma revista de viagens. Uma das muitas revistas que André comprou na esperança de despertar em Juli o desejo de viajar com ele para algum lugar do mundo.

— Quer um café?

— Eu aceito, filho.

— Vamos na cozinha que eu preparo.

— Meu Deus, que bagunça! — exclamou ao entrar na cozinha. Dona Glória era o tipo de pessoa que se recusa a dormir se tiver louça suja na pia. André herdou o seu lado metódico da mãe. Nos últimos anos, porém, ele foi abrindo mão de algumas coisas em nome da paz em seu casamento.

— Ainda não tive tempo de arrumar. — justificou-se ele, empurrando pratos, copos e talhares para dentro da cuba. — E então, o que aconteceu para a senhora vir aqui às 10 da manhã?

— Estou muito preocupada com você e com a Juli.

— Por quê? — ele colocou duas xícaras na bancada de mármore e ligou a cafeteira.

— Quando você soube da visita de uma crítica gastronômica em nosso restaurante, filho?

— Soube em cima da hora.

— E por que você não foi? Todos nós estávamos te esperando, ficou uma situação tão desagradável diante dos funcionários.

— Por que eu... — André se virou e pegou o açucareiro. Abriu a tampa e viu que estava vazio. — Eu e a Juli tivemos uma discussão. Foi isso.

— Ela ficou muito chateada com a sua ausência. Era importante para ela. Você devia ter ido.

— Mãe, eu estou tentando tudo o que posso para manter esse casamento. Mas não sinto o mesmo na Juli. E me senti traído por ela ter feito um prato diferente, por ter convidado um crítico da *Belo Prato* sem me falar nada. Aliás, nenhum vocês me falou nada!

— Ela pediu para não falar. Disse que te contaria.

André encheu as duas xícaras com o café e se sentou na banquetta, de frente para a mãe.

— Se importa em tomar o café com adoçante? Acho que acabou o açúcar.

— Eu tomo puro mesmo. — dona Glória olhou sério para o filho antes de continuar — André, você está saindo com outra mulher?

André balançou a cabeça e desistiu de tomar o seu café. Ele odiava adoçante.

— Como?

Estou te achando tão distante, filho. Juli reclamou que você não deu a mínima para o prato que ela elaborou, que foi mal-educado desligando o telefone na cara dela.

André fechou os olhos. Ele não estava ouvindo aquilo.

— Além do mais, você tem deixado Romeo sozinho na cozinha várias noites...

— Mãe, eu não sei exatamente o que Juli te contou, mas não é bem assim. Não é novidade pra ninguém que a gente não está bem. Eu fiquei chateado por ter sido excluído e não fui receber o crítico porque não estava com clima.

— E por que você não foi trabalhar na quarta-feira?

— Porque não estava com cabeça.

— Filho, vocês precisam se acertar, voltar a se falar. Eu conversei bastante com Juli também. Perguntei o que estava acontecendo. Mas ela não foi clara, ficou se esquivando. O fato é que eu tenho notado a sua angústia. Nos almoços lá em casa, você mal conversa com ela... Não vejo vocês dois juntos como via antigamente, sabe? Vocês eram um casal carinhoso e atencioso um com o outro... Eu falei isso pro seu pai. Ele também percebe as coisas... Nós não vemos mais a alegria em seus olhos, André. E nem a Juli está feliz.

— Eu sei que a Juli não está feliz. Só não sei por qual motivo. Eu faço de tudo para agradar, mas parece que nunca está bom. Pra ser sincero, eu estou ficando cansado.

— Tem certeza de que não tem outra mulher envolvida?

— Mãe, você me conhece. Não tem mulher nenhuma. Por Deus, eu daria tudo para viver em paz e ser feliz com a Juli. Ela que não quer.

— Ela quer sim.

— Bem, aqui dentro de casa, como a senhora mesmo pode ver, não é a mesma coisa. Tenho percebido que fora daqui a Juli é outra pessoa: é

alegre, divertida, disposta... Quando chega em casa, parece que chegou numa prisão.

— A Juli é geniosa demais, mas é boa pessoa. Eu falei para ela abrir o olho. Homem que não encontra amor dentro de casa vai buscar na rua.

— Você falou isso? Mãe!

— Ela precisa levar uma sacudida.

— Eu te agradeço a preocupação e o seu cuidado, mas eu dou um jeito nisso. Não precisa ficar assustando a Juli com ameaças.

— Não é ameaça.

— Do jeito que a senhora falou, parece, sim.

— Eu preciso ir. Está quase na hora de abrir o restaurante.

— Desculpe pelo café.

— Estava ótimo. Só não tome nenhuma decisão impensada. Considere as coisas boas.

— Eu estou considerando, mãe. Muitos no meu lugar já tinham se separado há bastante tempo.

— Eu sei, meu filho. Olha, seu pai não sabe que eu vim aqui, nem a Juli.

— Obrigado pela conversa, mãe. Eu vou conversar com a Juli mais uma vez.

Assim que dona Glória saiu, André se jogou no sofá. Uma música alta, porém relaxante, vinha do apartamento ao lado. Estava muito quente e André ainda se sentia cansado. Trechos da conversa com sua mãe passavam pela sua mente, se misturando com a imagem dos campos de girassóis de seu sonho. Não demorou muito, ele adormeceu.

Lá pelas 2 horas da tarde, o telefone celular de André tocava sem parar. Ele dormia no sofá um sono profundo e sem sonhos. Contrariado, estendeu a mão e sem abrir os olhos, atendeu:

— Alô?

— Ô, irmão, cê tá vivo?

— Fala, Romeo.

— Queria saber se estava vivo.

— Estou falando, logo, estou vivo.

— Vivo sozinho ou vivo acompanhado? — Romeo ria do outro lado da linha.

— Tô na minha casa dormindo, Romeo. O que você quer?

— Não vai mais correr? Tem três dias que você não treina. Ou vai me dizer que arrumou um passatempo mais interessante para fazer?

— Vá se ferrar, cara!

— Vai correr hoje ou não vai?

— É o que pretendo fazer mais tarde.

— Agora falou a minha língua. Te encontro no Ibirapuera, às 4 horas. Preciso queimar a bebedeira de ontem.

— Bebedeira?

— Saí com a Número Três e mais uma turma de amigos. E depois, de madrugada, a esbórnica foi demais.

— Hum. — André já não tinha mais comentários para as farras descontroladas dos seus irmãos.

— Depois do treino vamos bater um papo? Quero saber o que anda rolando aí com você.

— Estou precisando mesmo conversar. As coisas não andam nada bem comigo e com a Juli.

Romeo podia ser um mulherengo de primeira, mas com seus irmãos ele fazia o tipo paizão. Estava sempre ligado na vida de André e de Eros, e gostava de ajudá-los com seus problemas. Mesmo que a forma de ajuda fosse totalmente equivocada.

— Hum... Raquel na área. Beleza. Conversamos mais tarde. Agora tenho que ir.

— Não é nada disso, Romeo.

— Fui.

Raquel

— Dona Noêmia e a senhora Angélica estão na portaria. Elas podem subir? — o porteiro perguntava ao interfone para Raquel, que achou esquisito a mãe e a irmã virem à sua casa sem avisar, e em plena sexta-feira depois do almoço. Mas, já que estavam ali, que subissem.

— Sim, por favor, José. Obrigada. — pediu, pensando que, às vezes, notícia ruim chega pessoalmente e acompanhada.

— Tudo bem. Obrigado, dona Raquel.

Raquel recolocou o interfone no gancho. Um mau pressentimento pairava no ambiente e ela não gostou do que sentiu. Abriu as janelas da sacada para entrar um ar novo e, assim, fazer circular a energia e chamou:

— Pedro? Vem cá, filho.

— Tô jogando videogame, mãe! — berrou ele lá do quarto.

— Filho, você poderia ir brincar com o Lucas? — pediu Raquel, entrando no quarto de Pedro.

— Por quê? Eu estou jogando, mãe!

— Eu sei. Faz esse favorzão para a mamãe. Vai lá na casa do seu amigo brincar com ele.

— Ah! Depois. Eu acabei de chegar da escola e quero passar dessa fase, primeiro.

— Filho, estou pedindo, por favor. Sua avó e sua tia estão subindo e vamos ter conversa de gente grande.

— Ah, isso não é justo.

— Eu sei... A vida tampouco está sendo justa comigo. Aliás, não é justa para muitos...

— Do que você está falando?

— Nada, amor. Estou pensando alto.
— Ih, mãe, acho que você está pirada.
— É, acho que sim. Então, você pode ir brincar com seu amigo?
— Pode ser depois?
— Mas preciso da sua ajuda, agora. Você joga com o Lucas na casa dele. Que tal?

O garoto parou de jogar e olhou para a mãe. Fazia sentindo o que ela falava. Bem mais legal jogar com o amigo do que sozinho.

— Desse jeito, eu concordo completamente.

Raquel riu da mania que Pedro tem de trocar as palavras.

— É concordo *plenamente*, Pedro. Agora vai.

— E o jogo do São Paulo?

Ai, meu Deus! Ele ainda se lembrava da tal promessa.

— Depois conversamos sobre isso. Campainha tocando. Elas já chegaram. Vamos?

— Tá bom. Eu tô indo.

Raquel foi abrir a porta para dona Noêmia e Angélica.

— Oi. Entrem. — pediu analisando a feição das duas em busca de alguma pista. Por enquanto nada de estranho. Bem, tirando uma cesta que dona Noêmia estava carregando.

— Oi, vó. Oi, tia. Tchau, vó. Tchau, tia.

— Mas peraí! Cadê o beijo da vó? Aonde você vai?

— Vou brincar com meu amigo do 1604. Minha mãe que mandou.

— Obrigada, filhote. Depois eu te recompenso por esse favor, tá?

Pedro já havia sumido no elevador, deixando Raquel sem respostas.

— Para que essa cesta, mãe?

— Trouxe bolo de cenoura, pães, biscoitos, uma torta salgada e...

— Alguém que eu não saiba está vindo para o lanche da tarde?

— Não. Só a gente mesmo.

— Então, pra que uma cesta com lanche?

— Você sabe, é só um lanchinho.

— Mas eu acabei de almoçar...

Ao ver que Raquel trancou a porta, dona Noêmia colocou a cesta em cima da mesa e puxou o braço da filha:

— Raquel, que história é essa de que Alberto virou mariquinha, filha? Hein? Que absurdo é esse?

— Angélica! — guinchou Raquel — Isso é traição! Eu te mato!

— Desculpa, desculpa. — Angélica pediu, escondendo-se atrás da cortina da sala, visivelmente se divertindo com a história. Por Deus, há muito que não acontecia algo tão surreal em sua família. E ela não poderia passar por essa fazendo a linha chocada-indignada-revoltada. Não. Era divertido demais para ficar apenas preocupada.

— Você me prometeu que não abriria a boca!

— Não, nada disso. — defendeu-se ela, saindo de trás da cortina, porém, mantendo certa distância — Eu prometi que não falaria nada para o *Márcio*. Viu, mãe, pro Má não pode falar de jeito nenhum. E antes que você pense, eu não falei nada pro Má.

— Será que não? Agora nem sei mais...

— Juro que não. Pode ficar sossegada.

— Nem confiar mais em você eu posso?

— Você queria o quê? Que eu ficasse calada com um babado quente desses? — ela estendeu o braço repleto de tatuagem — Sou feita de carne e osso. Não sou de ferro, não. Tinha que contar pra alguém.

Raquel revirou os olhos, bufando de raiva.

— Minha filha, como isso foi acontecer? É brincadeira da Angélica? Se for, fala de uma vez que sua mãe é hipertensa e não aguenta essas emoções fortes, não.

— Diz logo pra ela, Raquel, porque em mim ela não acredita.

— É verdade, mãe. — Raquel confessou, encolhendo os ombros. Dali em diante, só Deus sabia o que poderia acontecer. Sua vida pessoal corria sério risco de ser o assunto dos próximos encontros da terceira idade e da igreja que a mãe frequenta.

— Minha santa santíssima! — dona Noêmia levou a mão à boca — Nossa Senhora De Todas as Causas, este mundo está mesmo perdido. É o final dos tempos.

— Não é final dos tempos nada, mãe. Isso acontece nas melhores famílias. É supernormal.

— Supernormal... Só se for para você, que é meio maluca. — respondeu ela para Angélica, que já tinha se juntado às demais na mesa da sala — Minha filha, o que deu em Alberto? Tem que ter uma explicação ou um remédio que ele tome e volte a ficar bem novamente.

— Mãe, ser homossexual não é ter uma doença. Alberto nasceu assim. Ele só demorou a descobrir ou assumir dentro dele a sua preferência.

— Nasceu assim? Vocês namoraram, se casaram e tiveram um filho! Como, de repente, ele resolve dizer que gosta de homem? Como? Não... Essa história está muito mal contada. Pra mim, você fez alguma coisa que não foi do agrado dele.

— Não fala besteira, mãe. — pediu Angélica, atacando um pedaço de bolo.

— Eu não entendo, ué! Como ele ficou tanto tempo casado com Raquel se gostava de homem? Alguma coisa está errada.

— Sei lá. Ei, Raquel, como ele era no sexo? Era uma coisa intensa ou apenas o básico? Tipo um *papai e mamãe* com duração de três minutos, em que ele terminava rapidinho e te deixava na saudade, querendo orgasmos múltiplos?

— Isso lá é coisa que se pergunte, Angélica? Olha o respeito com sua irmã! — reprimiu Noêmia — Quer um pão de queijo, filha?

— Não, mãe. Eu acabei de almoçar.

— Vem cá, ele está saindo com algum bofe?

Putaqueopariu!, pensou, Raquel se inflando de raiva da irmã. Como Angélica era indelicada.

— Com o quê, minha filha?

— A Raquel entendeu.

— Angélica, cala a boca!

— Desculpa. Foi só uma curiosidade básica. Aliás, não paro de pensar nisso, sabia?! Alberto, todo másculo, macho, certinho... gay? — ela ria em alto e bom som — Quem diria. Meu Deus, e eu sem poder contar pra ninguém!

Raquel respirou fundo. Tirou os chinelos e deixou que seus pés sentissem o chão. Sim, ele estava li. É sempre bom saber que o chão está debaixo dos nossos pés quando o mundo parece desabar.

E agradeceu mentalmente por ter contado apenas o principal para Angélica. Na conversa com a irmã, ela teve o cuidado de não revelar que flagrou o marido em uma situação bizarra, transvestido, maquiado e aspirando o carpete do quarto. Já pensou o que ela faria com essas informações?

— Alberto, gay... Gay! Ele te contou mais sobre sua vida dupla. Revelou detalhes?

Raquel preferiu responder com um olhar indignado.

Daqui a pouco elas vão embora, pensava sem perder o ânimo.

— Minha santa, que tragédia! — dona Noêmia não se conformava. Justo com o genro que ela mais gostava? — Será que dá para você passar um café? Ou servir um suco? Comer bolo sem tomar nada... Onde já se viu?

— Eu vou buscar um suco na geladeira. — avisou Raquel, se levantando e indo até a cozinha. Uma vez lá, sozinha, ela fechou os olhos e controlou a vontade de gritar. Como Angélica teve coragem de fazer isso com ela? Controlando sua raiva, pegou a garrafa de suco e voltou para a sala.

— Espero que gostem de suco de uva.

— Está ótimo. Mas e o que você vai fazer agora?

— Não sei, mãe. Ainda não sei o que vamos fazer com as nossas vidas. — respondeu sentando-se na cadeira.

— Como é? — espantou-se Angélica — Você ainda está em dúvida? Querida, Alberto se libertou e nunca mais será o mesmo. Saiu do armário pra uma nova vida, vai brilhar, vai curtir as novidades. Beijo, tchau. Acorda pra vida, Raquel!

Dona Noêmia arregalou os olhos sem entender aquele palavreado. Mas guardou em sua mente as palavras “se libertou”, “saiu do armário” e “vai curtir a vida”, porque simplesmente adorou ouvir aquilo. Parecia tão libertador. Ela precisava pensar sobre o assunto mais tarde.

— Bem que você poderia ter um pouco mais de sensibilidade, hein, Angélica? Caramba, eu estou fragilizada. Pega leve.

— Pô! Você ainda “não sabe” o que fazer? É tão óbvio.

— Tem que ter um jeito de consertar Alberto. — falou dona Noêmia, ainda inconformada — Um remédio, uma promessa, uma reza forte... Isso! Vou reunir as minhas amigas para fazer uma reza. Vamos fazer novena, rezar o terço... Você vai ver como vai funcionar, Raquel. A oração tem poder, minha filha.

Elas já vão embora. Só mais uns minutos.

— Eu sei que tem, mãe. Obrigada por se preocupar. Pode fazer sua reza, mas acho muito difícil reverter a situação. Alberto já fez a sua escolha.

— Raquel, pra mim, está muito claro. Você só precisa se separar dele e seguir sua vida.

— Não é assim tão fácil, sabia Angélica? Parece que o certo é isso: pedir o divórcio e pronto. Mas e o Pedro? Não posso chegar para o meu filho e dizer que eu o pai dele nos separamos. Do jeito que Pedro é louco pelo pai... Ele vai pirar. É preciso agir com cautela, pensar bem no que fazer antes de sair tomando atitudes impensadas.

— Alberto deve ter tomado alguma coisa que o deixou assim. Um psicólogo, quem sabe, pode ajudar a resolver o problema dele. — dona Noêmia confabulava sozinha. Raquel e Angélica nem ouviam mais a mãe.

— Se eu fosse você, não perderia meu tempo pensando. Pedia separação, uma pensão muito gorda, ficaria com o apartamento, com o carro e o deixaria sem nada. Só para ele aprender a lição!

— Eu vou falar com ele.

Angélica e Raquel pararam de falar e fitaram a mãe que passava manteiga em um brioche.

— Falar o quê, mãe?

— Ele vai ouvir umas poucas e boas e vai se endireitar. Deixa comigo.

Raquel suspirou fundo. A família se metendo novamente em seus problemas. E desta vez, com Angélica no meio tratando o seu problema pessoal com descaso. Até quando?

— Mãe, você não vai fazer nada. Deixe que eu resolvo os meus problemas com Alberto. Por favor.

— Não. Ele precisa ouvir. Como ele faz uma coisa dessas e não paga pelos seus erros? Como que ele te magoa e sai ileso, sem ouvir nada de mim? Sou sua mãe!

Enquanto dona Noêmia contava para Angélica o que ela iria dizer a Alberto, André veio à mente de Raquel. E ela se pôs a pensar nas horas agradáveis e divertidas que passou ao lado dele. Na maneira respeitosa e complacente com que ele ouviu seus problemas pessoais. Nas palavras de carinho e conforto... Não era estranho alguém distante e fora do seu círculo atual de convívio poder ajudá-la bem mais que sua própria família?

André

Um pouco mais tarde, na lanchonete em frente ao parque Ibirapuera, André e Romeo tomavam o tradicional suco, após uma hora de treino.

— Então é isso? E eu achando que você estava traçando a Raquel. Que decepção! Esperava mais de você, irmão.

Nesse mesmo instante, o telefone de André tocou. Ele olhou para o visor: Juli. Ela estava ligando para ele depois de dois dias inteiros sem trocarem uma só palavra.

— Não vai atender?

— Não. Não é nada urgente

— Não é urgente ou não quer atender na minha frente? — perguntou cheio de malícia.

— Não viaja, Romeo! Voltando ao assunto, Raquel não é uma mulher para ser traçada. Ela é uma mulher para ser respeitada.

— Gostosa daquele jeito? Difícil! Com todo respeito, ela é sua ex-namorada e tudo, mas que par de peitos, não? Delícia!

— Sabe que, às vezes, mas só às vezes, eu queria ser como você e o Eros? Um irresponsável. Um sacana. Pegador insensível.

— Eu sabia!

— Sabia o quê?

— Você quer traçar a Raquel.

— Não estou a fim de “traçar” ninguém. Respeito a Raquel e, além disso, sou casado. Não pegaria ninguém. Só disse que às vezes eu queria ser mais irresponsável.

— Você é certinho demais para ser irresponsável. — disse ele rindo. Não imaginava André na noite, catando mulheres nas baladas e curtindo

todas sem compromisso — Admiro mesmo essa sua convicção de ser sempre o politicamente correto. O cara fiel, o marido ideal, o filho perfeito...

— Rolou uma inveja aí?

— Não mesmo. Sua vida é pacata demais para os meus padrões. Nossa, olha lá do outro lado da rua. Que gata!

André nem deu ouvidos.

Desta vez, foi o celular de Romeo que tocou. Ele atendeu e ficou alguns minutos tentando explicar o motivo pelo qual não compareceu à casa da namorada na noite anterior.

Quando terminou, André perguntou:

— Como você consegue?

— Eu amo as três. Não consigo escolher uma delas. Pô! Preciso das três para ser feliz. Meu coração é um só, mas é enorme. Cabe todas aqui dentro e ainda sobra espaço. Acho que vou me mudar para algum país onde a poligamia seja permitida.

— Você vai acabar ficando maluco, isso sim.

— Eu ficaria maluco se uma delas me der um passa fora. Cara, nem imagino isso.

— Um dia sua casa vai cair e você vai ficar muito encrencado. Quero só ver onde você vai buscar explicação para tanta mentira, Romeo.

— Não vai dar em nada. Fica frio.

— Você vai passar a sua vida driblando três mulheres, Romeo? Pense bem. Isso é insano.

— Se um dia der zebra, na hora eu vejo o que posso fazer. Por enquanto, vou levando como dá. Mas você disse que queria falar da Juli... Como andam as coisas com ela? — perguntou, mudando o assunto.

— Na mesma... — disse, ficando triste de repente — Cara, como isso foi acontecer comigo e com a Juli? Temos tudo para vivermos felizes para o resto da vida. Eu ainda não me conformo. Fico pensando se fiz algo errado para ela me dar esse gelo todo.

— Errado como? Você é o cara mais correto que eu conheço.

— Não estou falando de traição... Sei lá, será que eu a amei demais? Que me entreguei demais? Eu não entendo...

— Que nada! É a tal rotina. Por isso que não me caso. Ter três namoradas ao mesmo tempo me mantém bastante ocupado, sem tempo para a mesmice. A adrenalina de um perigo iminente é que me mantém vivo.

— Será que é isso mesmo? Eu já não sei.

— Você acha que a Juli está...

— Não. Também não é por aí. Se fosse isso seria fácil sacar. Mas não é.

— Pô! Então eu não faço ideia. Pra mim, quando a mulher começa a ficar diferente, é porque tem outro cara na área.

— Nunca vou me perdoar por ter fracassado. — André pensou alto.

— Ah, vai sim. Essas coisas passam. É só tocar a bola pra frente. Eu te apresento a umas amigas...

— Você não está entendendo, eu não tenho mais saco para baladinhas, gente bêbada, drogada, mulheres piradas... Nem me vejo nesse contexto.

— desabafou em uma voz cansada — Para mim, casamento é pra sempre.

— Então você não vai se separar?

— Pra ser sincero eu não sei o que é melhor. Continuar nesse relacionamento desgastado ou me separar.

— André di Bianchi cogitando a ideia de se separar... Nossa! Vai ser um escândalo na família di Bianchi. Ah, se vai.

— Falando nisso, a mãe foi hoje de manhã lá em casa conversar sobre a Juli.

— E aí?

— E aí que ela acha que eu estou tendo algum caso. Ah, e valeu por ter reclamado por eu não ter ido trabalhar na quarta-feira.

— Eu não reclamei. Só pedi ajuda. O restaurante encheu e não consegui dar conta sozinho.

— Cara, quanto mais eu penso nisso tudo, mais vontade de sumir eu tenho.

— Você tem que desencanar. Ficar pensando nisso o tempo todo vai te deixar maluco. Você se preocupa demais... Sabe, acho que você precisa

retomar as coisas que você fazia quando era solteiro, sair, curtir... Conheço umas baladas novas.

— Você tem razão. Eu abandonei o Clube do Jipe, os encontros gastronômicos e mais um monte de coisas depois que me casei. Acho que isso foi errado da minha parte. Me dediquei demais a Juli.

— Por isso que eu não me caso. Tem um monte de amigos meus que sumiram depois que se casaram.

— Mas de baladas eu estou fora. Não é disto que eu preciso.

— Vai ser difícil te ajudar, então. Melhor procurar um psicanalista. Eu só sei curar dor de cotovelo desse jeito. E com Eros é a mesma coisa.

— Aquele é outro que me preocupa... Nunca toma jeito, vive na noite, amanhece o dia em motéis... E você, como irmão mais velho, em vez de aconselhar o moleque, leva-o, cada vez mais, para o mau caminho.

Romeo riu com gosto.

— Apresentá-lo às coisas boas da vida é levar para o mau caminho? Só você mesmo! Deixa o moleque. Ele está feliz.

— Será? Às vezes, eu tenho a impressão de que não. Sinto uma vibração estranha nele... Você não sente, não?

— Quem sente vibração estranha é médium ou vibrador. Eu, hein! Sai pra lá com esse papo.

— Tô falando sério. Às vezes ele me olha de um jeito estranho, principalmente quando estamos no almoço da segunda-feira.

— Pra mim, ele está bem. Vive rodeado de gatas, cada dia com uma diferente... Quer coisa melhor que isso?

— Fico chateado porque ele não se abre muito comigo. Gostaria de falar mais com ele... Dar uns conselhos para ver se ele toma um rumo. Mas ele me evita o tempo todo.

— É o jeitão do cara. Meio reservado, meio mimado. Dona Glória não para de passar a mão na cabeça dele. Deu nisso.

— Bom, vamos nessa? Daqui a pouco, o restaurante abre e temos que estar lá.

— Vamos. Ainda tenho que passar na casa da Número Dois.

André, que pagava a conta, nem ouviu.

- Obrigado pelo papo.
- Não esquenta. Vê se não se atrasa nem me dá o cano, como na quarta à noite.

Quando André chegou em casa, encontrou com Juli sentada no sofá assistindo à televisão. Em cima da mesa de centro havia copos e pratos com restos de comida deixados recentemente por ela. Nos sofás, as roupas sujas ainda esperavam para serem recolhidas.

— Ainda bem que você chegou, Dé. Já estava preocupada. Poxa! Por onde você andou que nem atendeu às minhas ligações?

— Você, preocupada comigo? Por quê?

— Como por quê? Não conhece a cidade onde moramos? Não lê os noticiários?

— Ué! Chego tarde todos os dias e você nunca se preocupou antes. — respondeu, observando o olhar preocupado de Juli e estranhou o seu novo comportamento.

— Onde você estava?

— Peraí, você está falando comigo?

— Estou, não estou? — afirmou ela, erguendo o nariz em desafio.

— Onde você estava? — tornou a perguntar.

— Correndo, como você pode ver pelas minhas roupas.

— E por que não atendeu minhas ligações?

— Porque estava correndo. — respondeu indo para a cozinha. Juli o seguiu.

— Aonde você foi na quarta-feira à noite, que sumiu e nem foi trabalhar?

— Estava por aí.

— Onde, exatamente?

— Pela cidade. Aconteceu alguma coisa para você se preocupar comigo? — perguntou abrindo a geladeira. Estava doido por uma Coca-Cola bem gelada. Mas não havia quase nada lá dentro.

— Só fiquei preocupada. Você não é de fazer essas coisas. Sempre atende o celular quando te ligo. Achei que tivesse acontecido alguma coisa

séria.

André olhou para Juli. Onde ela queria chegar com aquela conversa?

— E por que dormiu no quarto de hóspedes?

— Porque cheguei bêbado e cansado demais para tomar banho. Não quis te incomodar.

— Bêbado? Com quem você bebeu?

— Não estou entendendo esse interrogatório! Diz logo o que você quer saber.

— Só quero saber por que você não foi trabalhar e por que bebeu?

— Será que foi porque a minha esposa desenvolveu um prato novo e não me avisou? Ou será que foi porque a minha esposa convidou um crítico gastronômico para visitar o nosso restaurante e também não me disse nada? Não, espera. Talvez tenha sido pelo motivo de ela estar estranha comigo nos últimos anos e não dar mais a mínima para o que eu penso ou sinto.

— Você quer mesmo voltar a esse assunto?

— Nós nem discutimos esse assunto! — disse com sarcasmo — Passei dois dias sem te procurar e você não deu a mínima.

— Você também não me procurou.

André olhou para Juli. Estava cansado demais para levar aquela discussão em frente.

— Vou tomar um banho, daqui a pouco eu tenho que estar no restaurante. — avisou, saindo da cozinha.

— André?

— Sim.

— Acho que a gente precisa ter uma conversa séria sobre nosso relacionamento.

André parou no meio do corredor e voltou-se para Juli. Ela queria conversar com ele. Foi isso mesmo que ele ouviu?

— Sobre o quê?

— Sobre nós.

— E você quer conversar agora, quando preciso ir para o trabalho?

— Depois você reclama que eu nunca quero conversar sobre a relação.

— Juli, eu acho ótimo que você queira conversar. Só te peço que pense nas coisas que gostaria de falar, nos pontos a serem discutidos... Estou ficando cansado de falar as mesmas coisas, de ouvir suas promessas vazias e, resultado que é bom, nada. — despejou sem se preocupar com palavras doces ou se iria magoá-la.

— Você está me traindo, André?

— O quê?

— É isso que você ouviu. Você está me traindo? Porque seu comportamento nos últimos dois dias foi atípico. Você nunca dormiu no quarto de hóspedes, nem nunca saiu à noite para beber seja lá com que for.

— Ah, então você não quer conversar sobre o nosso casamento? Você quer descobrir onde eu fui e se eu estou te traindo. Entendi. Sobre isso eu não quero conversar.

— E por que não? O que você está me escondendo?

— Nada. Vou tomar banho e me arrumar para ir pro restaurante. Com licença.

— André, volte aqui! — ordenou furiosa com o jeito indiferente dele
— Eu te fiz uma pergunta clara e quero uma resposta agora.

André deu de ombros e seguiu caminhando.

— Dé, se você estiver me traindo eu vou fazer da sua vida um inferno!
— ameaçou, elevando a voz.

— Você é mais inteligente que isso, Juli. Dá licença que estou atrasado.
— dizendo isso, ele seguiu para o seu quarto para tomar banho e se arrumar para o trabalho.

Juli sentou-se no sofá, respirando fundo de tanta raiva.

André tomou seu banho sem pressa. Ver Juli incomodada com a situação era melhor que sua indiferença. Porém, ele se lamentou apenas por ela demonstrar mais preocupação com a hipótese de um caso extraconjugal, que com o relacionamento deles em si.

Juli tinha personalidade dominadora. Era ela quem ditava as regras, quem tomava conta das coisas e André apenas dançava conforme a música. Ele nunca se incomodou com isso. Não se sentia submisso, nem nada. Ele

a amava e gostava de agradar a esposa em todos os sentidos. No entanto, ele se sentia esgotado. Sua fonte de emoções parecia estar se secando para Juli.

Eu não vou dar explicações do que aconteceu ou deixou de acontecer, pensou ele saindo do box.

Ela que ficasse com a pulga atrás da orelha. Quem sabe assim ela lhe daria um pouco de valor.

Raquel e André

Já passava das três horas da madrugada e a noite estava quente e densa. Solitária e vazia. Triste e angustiante. E irritantemente longa.

Raquel rolava de um lado para o outro na cama buscando o sono. É claro que ela estava com insônia e que ruminava os últimos acontecimentos da tarde, quando recebeu a mãe e a irmã para o lanche inesperado. E repassava em pensamentos o dia em que flagrou Alberto travestido de mulher. E, a melhor parte, revivia todas as horas ao lado de André. Afinal, nada como uma boa insônia para induzir a um estado de autoanálise, raiva e melancolia. Tudo ao mesmo tempo. Em certo momento, ela se levantou e foi até a sacada do seu quarto e ficou observando a cidade.

São Paulo é tão linda à noite!, pensou com o olhar perdido nas inúmeras luzes que brilhavam aos seus pés. *Onde será que André está neste momento?*

André, do outro lado da cidade, voltava para casa depois de uma noite agitada no restaurante. Ele dirigia devagar pelas ruas quase desertas com seus pensamentos vagando por zonas proibidas.

Raquel, Raquel... O que você anda fazendo em meus pensamentos?

Não estava certo pensar em outra mulher. Ele era um homem casado.

Querendo tirá-la de sua cabeça, ele ligou o som do carro. A música que tocava, no entanto, não colaborou em nada com o seu objetivo. Não. Aquilo não estava certo. Ele precisava resolver-se com a Juli e não desviar os pensamentos para a sua ex-namorada.

Dirigiu por mais duas quadras forçando-se para não cair em tentação.

Desistiu.

A música romântica falava de alguém que partiu e que deixou saudades. Assim como Raquel. Ele não queria pensar nela porque... Porque era bom pensar nela. Era bom demais para ser evitado.

Debaixo do céu sem estrelas de São Paulo, Raquel e André estavam conectados pelos seus pensamentos, tendo apenas a grande metrópole como companhia.

Raquel

O domingo amanheceu com um céu escuro, pronto para desabar em água. No Alto de Pinheiros, Raquel daria tudo para continuar na cama com seu edredom, sua xícara de café, assistindo ao seu programa preferido, o Globo Rural. Era o programa mais perfeito que existia. Não tinha tragédias, catástrofes, maridos espancando esposas, notícias de bebês sendo abandonados em latas de lixo, nem estatísticas sobre o número crescente de divórcios no país... Só se falava de bois, vaquinhas fofas, plantações de girassóis... Tudo muito leve e lúdico. Ultimamente, Raquel vinha se refugiando em programas assim para fugir do cenário caótico que era a realidade. No entanto, ao contrário da perfeição do seu programa matinal, logo mais vinha o maldito jogo de futebol. Naquela chuva, naquele frio...

Alberto mandou um e-mail no sábado pela manhã para avisar que iria passar o final de semana em Cartagena. Antes, ele havia ligado para o filho e explicado o motivo de sua viagem. Sinceramente, Raquel não queria saber o que Alberto teria ido fazer em Cartagena. Nem quando ele insistiu para o Pedro passar o telefone para ela. Se Alberto não estava ali para levar o filho ao estádio, ela daria um jeito.

Aliás, ela já tinha conseguido um jeito. O problema era reencontrar André e sentir as coisas novas que estava sentindo. Velhos sentimentos sendo despertados. Estaria certo? A sensação que ela tinha era de estar brincando com fogo, mexendo com algo proibido. Mas, por outro lado, ela não procurou André por um impulso. Não foi de propósito, nem porque estava abalada por causa do que Alberto fez. Foi uma coincidência muito grande. E, pensando desta forma, que mal poderia haver vê-lo mais uma vez em um estádio de futebol?

Meu Deus, o que eu faço? E se André não me ligar, nem aparecer para levar o Pedro?, Raquel se questionava.

Quando estava tomando o café da manhã com o filho, Raquel achou por bem alertá-lo de que, talvez, não fosse possível ir ao jogo.

— Pedro, como amanheceu chovendo, pode ser que não seja possível ir ao estádio.

— Só porque está chovendo?

— E porque está frio. E porque a gente pode pegar um resfriado.

— Eu tomo o remédio que você quiser depois. Não tem problema. E coloco a capa de chuva também.

— Você odeia a capa de chuva, Pedro.

— Não odeio mais. É sério. Acho até legal.

Raquel olhou o filho, com surpresa. Pedro estava se tornando um grande cara de pau. Igual ao pai dele!

— Mesmo assim, é muito arriscado. Vamos assistir na televisão, aqui no quentinho, comendo pipoca, só eu e você. Além do mais, vamos nos molhar para entrar no estádio.

— É só estacionar no estacionamento que tem dentro do Morumbi, para os sócios. Meu pai é sócio, lembra?

— Estacionamento... Sei. Só que você está se esquecendo de que vamos nos molhar nas arquibancadas.

— Er, mãe! — exclamou o garoto, como se a mãe não entendesse o óbvio. — A gente fica no camarote ou no bar que meu pai gosta de ficar. Lá é da hora. E é coberto.

— E estádio lá tem bar, menino? Que bar é esse?

— No Morumbi tem um bar, sim. E lá tem até banheiro e a gente pode comer hambúrguer. Papai sempre pede hambúrguer ou fritas pra comer enquanto assistimos ao jogo. E sabia que no Morumbi tem até um lugar para festa de aniversário? Meu próximo aniversário eu quero fazer lá.

Que menino terrível! Ele tem resposta pra tudo. — pensou Raquel, sem argumentos — *E que droga de estádio é esse que tem essas mordomias todas?*

— Está frio. — apelou Raquel, sentindo que estava perdendo em seus argumentos.

- É só vestir blusa, né, mãe?!
- E a gente vai pegar o maior trânsito até o estádio.
- Você prometeu, mãe. Por favor?

Raquel compreendeu que aquela era uma batalha perdida. O jeito seria apelar:

— Eu conversei com um amigo meu que disse que vai tentar te levar ao jogo. Veja bem, ele disse que vai tentar, então não é certo ainda. Se ele puder ir com você, você vai ao estádio. Se ele não puder, nós ficaremos em casa.

— Ah, mãe! Isso não é justo. Quero ir com você!

— Pedro, eu não quero ir a um estádio de futebol sozinha com você. Nunca fui, não me sinto segura e tenho medo. Ainda mais com esse tempo.

Pedro fez uma cara de emburrado e cruzou os braços na frente do corpo.

— Que droga! Por que o meu pai viajou justo nesse final de semana?!

— Não fique assim. Vamos esperar para ver se o André vai ligar, ok?

À medida que as horas iam passando, a esperança — ah, como é belo esse sentimento — aumentava em Raquel. Pedro esbravejava pelos cantos, obviamente. Estava irritado com a possibilidade de perder seu jogo ao vivo. Mas Raquel estava firme com sua palavra. Se André não ligasse, ela não iria ao estádio. Fim de papo. Pedro superaria essa. E, por Deus, quantos jogos o São Paulo teria pela frente? Não seria o fim do mundo. E, pelo passar das horas, André não ligaria mais. Ele tem mulher e coisa mais interessante para fazer do que ir com ela e o filho assistir a um jogo de futebol de um time que ele nem curte. Com certeza.

De repente, o celular de Raquel anuncia nova mensagem:

Me atrasei. Você pode me encontrar às 15 horas na frente do estádio?
Se eu for aí pegar o Pedro, corro o risco de não conseguir chegar a tempo.

*Me avise.
Bjs, André.*

— É mensagem do seu amigo, mãe? — Pedro, de ouvidos atentos, veio correndo de seu quarto perguntar.

— Sim, era mensagem dele.

— E o que ele falou?

— Que vai te levar.

— Uhu! Eu vou ao estádio, eu vou ao estádio! — vibrou ele, correndo pela sala.

Às vezes, vale a pena sacrificar um domingo chuvoso só para ganhar olhinhos brilhantes de presente. E Raquel sorriu com gosto.

André

André saiu do banho atrasado para se encontrar com Raquel e Pedro e se deparou com Juli voltando do restaurante mais cedo do que ele esperava.

— Você vai sair?

— Vou. — disse, vestindo uma calça jeans escura.

— Posso saber aonde você vai?

— Vou ao Morumbi assistir ao jogo.

— Que jogo?

— Santos e São Paulo.

— Ué, mas você nem torce para esses times.

— Gosto de futebol de uma maneira geral.

— Poxa, logo hoje que cheguei mais cedo e pensei em te convidar para um cineminha.

André olhou para Juli estranhando, novamente, o fato. No entanto, lembrou-se que no dia anterior ela queria conversar e depois apelou para ameaças infantis. E que ela escondeu dele sua receita nova, a visita do crítico, além de tantos outros fatos corriqueiros que vinham se acumulando aos montes. Não, desta vez André não ia se dar o trabalho de ficar animado com o convite para o cinema.

— Juli, antes de um cineminha nós temos algumas coisas para acertar, você não acha?

— Poxa, Dé. Esqueça o que passou. Eu falei aquilo porque estava com raiva. Culpa da sua mãe, que fica botando coisa na minha cabeça. Passou, ok? Eu sei que você não está me traindo. Vamos seguir em frente e fingir que nada aconteceu?

— Eu não sou assim. Gosto de conversar e deixar tudo claro. Se você realmente quer ficar numa boa eu também quero. Só que para isso, precisamos conversar e mudar muita coisa, Juli. Muita coisa mesmo.

Juli revirou os olhos.

— Ok. Vamos conversar.

— Quando eu voltar a gente conversa.

— Não. Vamos conversar agora.

— Agora eu não posso. Acabei de falar, estou de saída.

— É só um jogo ridículo. O que é mais importante?

— Desculpe, mas não posso cancelar. Eu me comprometi com uma pessoa e tenho que ir.

— Como assim?

— Na verdade, vou fazer um favor para uma amiga. Vou levar o filho dela de 9 anos para assistir ao jogo.

— Que amiga?

— Você não conhece.

— Que estranho.

— O que é estranho? Ajudar alguém é estranho?

— O estranho é uma amiga te pedir para você levar o filho dela ao jogo. Que amiga é essa? Como ela se chama? Eu conheço? — sabatinou Juli, sentindo o ciúme escalando suas pernas e se juntando à confusão de sentimentos que existia em seu interior.

— Não, você não a conhece. Ela é só uma amiga. E o pai do garoto está viajando...

— André, você acha que eu sou idiota? — perguntou, cortando André e aumentando o tom de voz. — Como essa sua “amiga” se chama?

— Raquel.

— Quem é essa Raquel? De onde você a conhece? Eu a conheço?

— Raquel corre comigo, de vez em quando, no parque. E não, você não a conhece. — Mesmo que nada estivesse acontecendo entre ele e Raquel, André achou que não seria uma boa ideia dizer que a tal amiga era a sua ex-namorada. Juli sabia da história dele com Raquel. Sabia do quanto ele fora apaixonado por ela. Além do mais, mulheres têm certas restrições

com ex-namoradas. Ele não queria se estressar à toa. Melhor evitar certos detalhes em nome da paz superficial.

— Eu sabia! Você está me traindo. — Juli começou a chorar de raiva.
— *Dona Glória estava certa!* — falou, aflita. — Por que você está fazendo isso comigo?

— Eu? O que eu estou fazendo com você?

— Me traindo.

— Juli, eu não estou te traindo. Raquel é uma amiga, casada com Alberto, que está viajando e que tem um filho chamado Pedro, que é louco pelo São Paulo e quer ir assistir ao jogo. Eu me ofereci para levá-lo porque ela não se sente confortável em ir sozinha com o filho a um estádio e não tem ninguém que o leve. Isso é traição? Pelo amor de Deus, pense antes de sair falando besteiras.

André não gostava de esconder as coisas de Juli. Não era do seu feitio esse tipo de comportamento. Preferia mil vezes estar bem com ela, curtindo um filme ou fazendo algo a dois... desde que a entrega fosse mútua. Mas era Juli quem não queria uma relação forte. Ela era a acomodada, a que fugia das conversas, que o excluía de sua vida. Ela era a indiferente, a fria, a que vivia em oscilação. E ele já estava de saco cheio de ficar mendigando sua atenção e seu carinho.

Ele saiu do quarto e voltou para o banheiro com a cabeça quente. Enquanto pegava sua carteira, o celular e o boné, ele analisava o ciúme de Juli. Claro que era positivo ela ter esse sentimento. Sinal de que em seu coração ainda sentia algo por ele. Ele só não gostava das oscilações. Ora ela estava indiferente e acomodada, ora querendo fazer tudo pela relação. Em um mesmo dia ela se mostrava preocupada, querendo conversar, e horas mais tarde, já se mostrava indisposta, com sono... Até quando viveriam assim?

Ele borrifou um pouco do seu perfume, voltou ao quarto e avisou:

— Vou indo. Precisando de alguma coisa, me liga.

— Você vai mesmo, André?

— Vou, caramba. Já disse que vou, não disse?

— Posso ir junto? — testou Juli.

— Pode. — André respondeu, dando de ombros, e percebendo que ela estava testando-o. — Mas tem que se apressar porque estou em cima da hora. Marquei de pegar o menino às três.

Juli olhou fundo nos olhos de André buscando algo que ela nem sabia direito o que era.

— Acho melhor ficar em casa. Cheguei mais cedo para sair com você, mas já que você tem compromisso, eu vou aproveitar para dormir um pouco. Além do mais, não curto futebol mesmo.

E o que você curte, afinal? — pensou André com ironia. Em seguida, saiu do apartamento, deixando Juli deitada na cama, como ela gosta de estar.

André, Raquel e Pedro

André e Raquel se encontraram em um shopping perto do estádio do Morumbi. Depois de feita as apresentações, André perguntou:

— E aí, Pedro, preparado para ver seu time perder?

Raquel olhou para André com um olhar de reprovação, como quem quer dizer: “não vai por aí”.

— Se for para zoar meu time, é melhor você nem ir. — avisou Pedro, se posicionando.

— Estou brincando, meu! Prometo que, se o seu time perder, eu vou ficar na minha, beleza?

— Cuide bem do meu filho, André. E nada de gracinhas! — recomendou

— Pô, mãe! Não precisa falar isso. Eu sou um pré-adolescente.

— Sim, claro. — Raquel riu, do jeito sério com que Pedro se defendeu. — Divirtam-se. Eu vou embora antes que isso daqui vire um tumulto.

— Tem certeza de que não quer entrar com a gente? Ainda dá tempo de comprar ingresso. Pensei em ficarmos no Bar Santo Paolo. Lá é mais tranquilo.

Raquel e André trocaram um longo olhar.

Será? Será que é certo?

Ah, meu Deus, esses olhos verdes. Droga!, pensou Raquel, sentindo seu coração se aquecer por dentro.

— Vai ser divertido e você me protege da fera. — André acrescentou, sinalizando para Pedro.

— É mãe, vamos com a gente. — pediu Pedro, não se sentindo seguro nas mãos de um corintiano. — Você nunca foi ao estádio comigo.

Raquel olhou para os lados. Tantas famílias caminhando em direção do estádio. Mulheres, crianças, casais, amigos... *Acho que não vai ser tão ruim assim.* — pensou.

— Tá bom, tá bom. Vocês me convenceram.

— Eba! Mãe, você vai adorar ver o Tricolor. É muito emocionante. Quando o time entra em campo a torcida do São Paulo começa a cantar e a soltar fogos... Nossa! É de arrepiar. — contou Pedro, todo empolgado.

— Vai ser legal ver tudo isso com você, filho. — disse ela, ganhando um abraço de Pedro. — Eu preciso colocar o carro em um estacionamento seguro. Conhece algum por aqui?

— Eu consigo estacionar dentro do Morumbi. Me segue com seu carro.

— Ok. Vamos Pedro?

Vinte minutos depois, quando já estavam dentro do bar, Raquel comentou:

— Uau, mas nem parece que estou em um estádio. Que lugar lindo!

— Te falei mãe! Sabia que você ia gostar. Vem, cá. Vou te mostrar onde papai gosta de sentar.

Pedro saiu arrastando Raquel e André entre os torcedores presentes e se acomodaram em uma das mesas desocupadas, de frente para o campo.

A alegria de Pedro era algo inexplicável. Ele contava em detalhes tudo que ia acontecendo. Quem era quem no time, ensinou as músicas que a torcida costuma cantar, contou todos os títulos que o clube conquistou ao longo dos anos, qual o melhor sanduíche do bar e apresentou Joel — o garçom que já tinha virado seu amigo. Quando o time entrou em campo, Pedro fez Raquel se levantar e cantar com ele a música que a grande massa estava entoando. Rendendo-se à alegria do filho, ela entrou no clima curtindo o momento.

— Está gostando? — perguntou André, a certa altura, quando o jogo já estava em andamento.

— Estou sim. E você?

— Me divertindo de forma inexplicável.

Estar com André em um ambiente atípico também era inexplicável. Raquel se pegava olhando para o perfil dele. O nariz aquilino era sua característica física mais marcante. Seu charme pessoal. A italianidade estampada em seu rosto. Seus olhos verdes rodeados por longos cílios negros — dos quais ela já sentiu muita inveja no passado — eram profundamente encantadores. Transmitia uma sensação de paz que chegava a doer. Ela seria capaz de ficar horas olhando aquele tom de verde sem se entediar. Como um filme bom, em que a gente não vê as horas passarem, e acabamos perdendo a noção de tempo.

Um arrepio involuntário. Um leve acelerar em seu coração. O que estava acontecendo com ela?

Raquel olhou para as pessoas à sua volta se forçando a voltar para a realidade do momento. O estádio vivia uma mistura de emoções: enquanto alguns torcedores se irritavam, outros comemoravam. Os jogadores corriam de um lado para o outro. Ela não entendia muita coisa e nem se sentiu animada para compreender.

Sem se dar conta, ela voltou a admirar André secretamente. Ele olhava o jogo com um sorriso contido nos lábios. O mesmo sorriso que exibia quando eles varavam a madrugada jogando *War*. Ele, claro, ganhava todas as partidas. Enquanto ela se enfurecia com o instinto competitivo dele, que não facilitava uma vitória sequer.

De repente, fogos. Torcida gritando. As pessoas, no bar, se levantando. Pedro emburrado.

— O que foi, filho?

— O São Paulo está perdendo.

— Tranquilo, Pedro. Eles vão voltar para o segundo tempo com tudo, você vai ver. — exortou André. — Vou buscar uma bebida. Alguém quer alguma coisa do bar?

— Estou bem, obrigada André. Não fique assim, Pedro. É só um jogo.

Pedro deu de ombros e pegou o celular de Raquel para jogar. Quando ele fica bravo, não tem conversa.

Aproveitando que André estava de costas, Raquel analisou sua silhueta e seus gestos ao conversar com o pessoal do bar. Ele parecia tão à vontade e

sociável que foi impossível não se imaginar com ele. Em como teria sido se eles tivessem ficado juntos no passado.

Teríamos sido um casal cheio de filhos como Brad Pitt e Angelina Jolie? Teria eu sido sua June Carter e ele meu Johnny Cash — num amor eterno? Ou será que teríamos vivido um amor conturbado e cheio de traições feito Elvis Presley e Priscilla?

Como ela poderia saber?

Realmente a vida é feita de escolhas, concordou ela, lembrando-se do que lhe falara André no restaurante japonês.

Raquel voltou um pouco mais no tempo, e se recordou de quando ela estava com vinte anos, já na faculdade e praticamente independente dos pais. Num rompante de arrependimento e saudade, ela procurou por André em todos os lugares possíveis: voltou ao prédio onde ele morava com seus pais e o porteiro avisou que eles haviam se mudado dois anos antes e que ele não sabia dizer para onde. Voltou ao colégio onde eles estudavam; ninguém sabia de André ou dos seus irmãos. Enquanto ela procurava por ele, se arrependia por ter deixado o seu grande amor esperando por ela no shopping. E viveu muito tempo arrependida por não ter sido corajosa e forte, como ele esperava que ela fosse.

Porém, o que significava ter reencontrado com o passado justamente quando o presente estava todo bagunçado? Será que alguém lá em cima estava dizendo: “Olha, você escolheu errado no passado, mais aí está a sua segunda chance”.

Como saber se esta era realmente uma segunda chance? André estava casado com Juli. Ela estava toda enrolada com seus problemas... Não poderia ser. O momento não era propício para segundas chances. Além do mais, sem Alberto, ela não teria tido o melhor presente de sua vida: Pedro. Definitivamente, Deus escreve certo por linhas tortas. Alberto teve importância em sua vida, fez sua parte e partiu para seu próximo ato. Não tinha sido de todo ruim. O que doía mesmo era a traição, ter sido enganada por tanto tempo e ter vivido com alguém de duas caras. Isso sim, machucava.

Com o canto dos olhos, Raquel espiou André e sua serenidade. E, mais uma vez, tentou manter seus pensamentos no jogo, que já havia reiniciado. Ela teria tempo para pensar em tudo isso depois. Naquele exato momento, tudo o que Raquel queria era aproveitar a rara beleza do instante que vivia: André, de perfil, às vezes olhava preguiçosamente para ela; Pedro se divertindo e satisfeito por estar ali; e ela, sem pensar muito em Alberto.

Minutos mais tarde, André comentou:

— Melhor esperar um pouco antes de sairmos. Deixa as torcidas organizadas saírem primeiro. Você não acha, Raquel?

Raquel foi trazida de volta à realidade como um paciente quase morto sendo reavivado por desfibriladores.

Pedro emburrado e de braços cruzados, roía sua unhas. As pessoas, nas mesas ao lado, que usavam camisetas do São Paulo não pareciam muito felizes também.

E os jogadores... Para onde foram os jogadores? Por que não tem mais ninguém no campo?

— Por que você está assim, filho?

— Foi culpa dele. — Pedro apontou para André.

— O que você fez?

— Eu não fiz nada! — André mal continha um riso irônico — Eu até torci quando o São Paulo marcou o gol, você viu, não viu? Achei que eles fossem virar a partida naquela hora. Foi por pouco mesmo. Que azar!

— Você é um pé-frio. Sua culpa!

André ria, tentando se defender.

Foi somente neste instante que Raquel percebeu que o jogo tinha acabado... e que o São Paulo tinha perdido para o Santos.

E ela não tinha visto nada disso. Ficou assustada ao constatar em como as horas ao lado de André passavam feito milésimos de segundos.

— Não fique assim, filho. Semana que vem tem jogo de novo e, quem sabe, o Tricolor não tem mais sorte?

— Acabou o campeonato, mãe! — ele falou, com os olhos cheios de lágrimas. — O São Paulo foi eliminado, entendeu?

— Foi?

- É. Infelizmente não foi desta vez. — André ironizou.
- Poxa! Que chato isso. Mas e agora, o que acontece?
- O time volta pro CT e treina mais um pouco. — brincou André, mal se segurando de vontade de gritar.
- Fica quieto! — brigou Pedro, que estava inconformado.
- Ok. Entendido.
- Aposto que, se meu pai estivesse aqui, o Tricolor teria ganhado o jogo. Ele não é *arrasado* feito você.
- É azarado, filho, não arrasado.
- Eu nem chorei quando o Corinthians foi eliminado na semana passada. Bola pra frente. Futebol é assim: um dia se ganha, noutro se perde. Não dá para ganhar todas... Ainda mais inspirado do jeito que o Santos estava... Ai!

Raquel tinha dado um tapa no braço de André, em reprovação às suas palavras.

— Não chore, meu amor, não chore. — Raquel abraçou o corpinho frágil de seu filhote. Ela odiava vê-lo triste e inconformado daquele jeito. Se pudesse iria até o juiz e pediria para alterar o resultado final só para ver seu filho sorrindo. Mas ele também tem que aprender que não se pode ganhar todas, não é isso? A vida é assim.

— Ano que vem tem mais campeonatos dos quais o São Paulo vai participar, não é?

— Mãe, você não entende nada de futebol!

Realmente, Raquel não entendia nada de futebol... nem das coisas que andavam acontecendo em sua vida, nem dos seus pensamentos intensos, tendo André como protagonista principal. Quanto mais pensava, menos sabia.

— Que tal uma pizza para reanimar? — sugeriu André, melhorando o humor do pequeno Pedro.

— Boa ideia. Onde?

— Aqui mesmo.

— O que você acha, Pedro? Topa uma pizza?

— Tudo bem. — concordou ele, resabiado.

— Ótimo. Assim a gente não pega o trânsito da saída. — informou Raquel.

— Garçom, por favor? — chamou André, adorando a ideia de passar mais tempo com Raquel e seu filho.

Eros e Juli

A campainha tocou no apartamento de Juli e André, e ela se arrastou para ver quem era. Estranho. Poucas pessoas subiam sem serem anunciadas pelo interfone. Ou será que André tinha esquecido sua chave?

— Oi!

— Oi, Eros! Que surpresa você por aqui.

— Estava por perto e resolvi subir para dar um *oi*.

Na verdade, ele tinha acabado de deixar uma mulher-sem-nome em casa (depois de ter roubado dela algumas horas de prazer), e sentia-se mais vazio do que nunca. Precisava ver gente normal para se sentir um pouco normal também. Precisava presenciar o cotidiano, a rotina de um casal, para ver se, de repente, entrava no clima de um relacionamento sério.

Ele não sabia por que escolheu ir até a casa de André. Mas se arrependeu completamente ao ver Juli em pé, do outro lado da porta, com uma calça de moletom, camiseta branca deixando uma parte de sua barriga exposta e com os pés descalços.

Droga! — pensou lutando para não se entregar no olhar.

— Entra. André não está, mas entre mesmo assim.

— Não está? Então, melhor voltar outra hora.

— Por quê? Entra aí. — convidou, puxando Eros pelo braço, fechando a porta em seguida.

— Não me diga que ele foi correr com esse tempo?

— Não, não. Ele foi assistir a um jogo no Morumbi.

— André foi ao Morumbi? Ele está doente?

— Ele prometeu levar um garoto, filho de uma amiga dele, para assistir ao jogo e teve que cumprir com a promessa.

— Prometeu levar o filho de uma amiga num jogo? É bem a cara de André esse tipo de coisa.

— Pois é.

— Nossa! Essa casa já teve dias melhores. — Eros comentou, olhando para a bagunça em que a casa já se encontrava.

Depois que André se casou, ele foi poucas vezes à casa do irmão. Os encontros familiares sempre aconteciam na casa dos pais e, raramente, na casa de André e Juli. E, quando acontecia, a casa estava mais apresentável do que agora.

— Ai, não começa você também. Eu morro de preguiça de arrumar casa. A faxineira vem na quinta e dá um jeito nisso tudo. Sente aí. — disse Juli, tirando algumas roupas e os pratos sujos de cima do sofá.

Eros sabia o quanto André era metódico com suas coisas e com sua casa. De como gostava de tudo organizado e limpo. Quando era solteiro, costumava reunir os amigos para assistir ao futebol naquele mesmo apartamento, e todos, sem exceção, tiravam sarro da casa arrumadinha de André. Eros era o que mais sacaneava o irmão com piadinhas ridicularizando a mania do irmão. E, ao ver a casa naquele estado, chegou a se espantar.

— Não, obrigado. Só passei para dar um oi e, se André tivesse em casa, ia sugerir uma pizza.

— Ué, mas a gente pode comer uma pizza. Estou com fome mesmo.

Não! Essa não é uma boa ideia. — pensou Eros.

— E tem uma garrafa de um vinho francês que comprei no Empório Santo Ângelo que estou doida para provar. Tá a fim?

Recuse. Volte para casa. — Eros se autoprogramava.

Uma hora e uma garrafa e meia de vinho depois:

— Ai, Eros, sabe do que você precisa?

— Não.

— *Você precisa de alguém que te dê segurança. Senão você dança, senão você dança...* — Juli cantou o refrão da velha canção, meio tonta, meio rindo.

— Deixa de ser besta! Diz aí do que é que eu preciso.

— Arrumar alguém e parar com essa vida louca que você leva.

— Eu também acho. — respondeu ele, brincando com a taça de vinho. — Estou ficando velho e querendo um par de pés para me esquentar nas noites de inverno.

— Realmente, Eros, você está muito velho. Vinte e sete anos é quase um idoso.

Eros riu.

— Eu digo no sentido de ficar muito tempo sozinho.

— Você está falando sério ou está me sacaneando?

— Estou falando sério. Cansei de baladas, quero um pouco de sossego.

— Se bem que... Hum, sei não. Eu também pensava assim. Achava que casar seria algo como “e viveram felizes para sempre”. E não é bem assim que acontece. Viver uma vida a dois é bastante complicado. Às vezes, maçante.

— Deve ser mesmo. Para André tolerar essa bagunça sem reclamar...

— Não me enche! — ela deu um empurrão em Eros, que caiu de costas no tapete da sala, rindo. — Bebe mais vinho aí que você está falando muita besteira.

Os dois, empolgados com o papo, seguiram bebendo. A segunda garrafa de vinho secou em poucos minutos. Logo outra foi aberta.

Eros se sentia bem com Juli. Ele gostava dos papos que travava com ela. Da sua personalidade forte, de falar o que pensa sem se incomodar com a opinião do outro. Ela não encenava personagens. Ela era o que era. Goste de mim ou não. E isso o atraía demais.

Juli falava sobre a única vez em que tinha provado um baseado e no quanto havia passado mal. Ela ria de um jeito encantador, contando o mico que tinha passado em frente aos amigos da faculdade, vomitando as tripas.

Sem pensar no que estava fazendo, Eros estendeu o braço e acariciou o rosto de Juli, olhando fundo em seus olhos.

— Eu te acho uma mulher encantadora, Juli. — e foi se aproximando para beijá-la

— O que é isso, Eros? — repreendeu Juli, espantando-se com a atitude do cunhado e se afastando dele. — Ficou maluco, meu?

— Desculpe. Eu... Acho que bebi demais e perdi a cabeça.

— Cara, espero que seja mesmo a bebida porque eu não estou acreditando que você tentou... me beijar! — falou, completamente perplexa.

Ela nunca tinha dado abertura para ele, nunca permitiu gracinhas além do normal. O que era aquilo?

— Merda! Acho que fui possuído. Você sabe quem eu sou... E que nunca tentaria algo com você.

— Mas acabou de tentar me beijar! Sou sua cunhada, cara! — esbravejou ela, com raiva. — Ficou maluco!

— Eu sei, eu sei. Merda! Me desculpe. Eu... Nossa! Estou muito envergonhado. Cara, onde eu estava com a cabeça? — Eros disse, completamente transtornado com a mancada que ele tinha acabado de cometer.

— Acho que você confundiu as coisas. Eu nunca te dei esta liberdade, Eros.

— Eu sei que não. Acho que confundi o que mais quero pra minha vida com o que mais quero no momento...

— Ah?

— Nada. Meu, estou muito envergonhado. Me desculpe, Juli. Agi sem pensar.

Os dois ficaram em silêncio. Juli, para tentar quebrar o clima tenso, se levantou e começou a catar as garrafas de vinho vazias que estavam no chão e as levou para a lixeira da cozinha. Quando retornou, olhou Eros com a cabeça entre as mãos.

— Tá. Tudo bem. Também não é para tanto. Vamos apagar isso? Fingir que nunca aconteceu, certo? E a vida segue.

Eros, no entanto, estava arrasado. Pediu para ir ao banheiro e lá lavou o rosto várias vezes sentindo-se um Judas. Tentar beijar a Juli dentro da casa do próprio irmão fora demais. Foi o limite que ele nunca deveria ter ultrapassado. Ele tinha que fazer alguma coisa por ele mesmo e urgente.

Lavou novamente o rosto e sentindo-se mais calmo, voltou para a sala decidido a ir embora.

— E aí, está melhor? Já se acalmou ou vai me atacar de novo? — perguntou Juli, brincando para quebrar o gelo.

Enquanto Eros estava no banheiro, Juli aproveitou para parar de beber vinho. Tomou água, lavou o rosto e refletiu sobre o comportamento de Eros.

Ele bebeu demais. Ele só fez isso porque bebeu demais.

— Ei, não vá se achando o último Doritos do pacote, hein?! Me desculpe, mais um vez. Foi mal.

— Ótimo. Agora, sim, me sinto segura. Você já voltou a ser o Eros de sempre. Sente-se aí e vamos continuar com o nosso papo. Se você sair dessa casa agora, sinto que ficará um eterno mal-estar entre nós. E nós somos amigos e cunhados. Não temos dessas, certo?

— É verdade. Não temos dessas.

— Então, por favor, não vá embora agora!

— Tudo bem. Mas, por favor, não comente nada com André.

— Óbvio que eu não vou fazer isso.

Eros agradeceu ainda envergonhado.

— Mas me conte aí, por que você quer mesmo deixar de ser o frequentador número um de todos os bares da Vila Madalena? — perguntou, sentando-se longe dele. Só por segurança.

— Sei lá... Quero ficar de boa com alguém. Só isso.

— Não me diga que você quer se casar?

— Acho que sim.

— Fala sério. Você se casar?

— É sério, Juli. Vejo todos a minha volta se arranjando com alguém e eu sempre sozinho.

— Pense bem. Casar não é assim: casei e pronto. Dá um trabalhão manter um relacionamento aceso.

— Por que você diz isso?

— Você tem visto como André e eu estamos distantes. Viver com outra pessoa requer um monte de coisas: paciência, maturidade, tolerância...

Confesso que não tenho essas virtudes. Ou, pelo menos, não tenho na dose certa.

— Eu te acho muito paciente. Quando um cliente reclama sem razão de um prato, você é bastante educada. Ouve o cliente, dá razão a ele e reverte a situação de maneira impecável.

— Eu sei. Mas casamento é diferente de trabalho. Lá eu *tenho* que ser paciente. Tenho que respeitar o cliente, tenho que ouvir as reclamações e ainda dar razão ao filho da puta que quer comer de graça achando que a gente é trouxa.

— Então, você tem paciência na dose certa.

— Confesso que aqui em casa eu não sou nada paciente. Estouro fácil com André. Critico suas atitudes, me irrita com suas manias... Poxa! Já aguento tantos desaforos no trabalho que não consigo ficar quieta em casa. Preciso estourar de alguma forma, e André acaba sendo minha cobaia.

Eros ficou surpreso com o desabafo de Juli. Jamais imaginava que com André, Juli fosse assim.

— Cobaia, não. Saco de pancadas. Porque, se você sabe ser paciente no restaurante com os clientes, também poderia ser paciente com André. Ou não? Quem é mais importante?

Ela sabia quem era mais importante.

— Acontece que, às vezes, ele me irrita muito. E não consigo ser paciente. Eu preciso estourar para não estourar algo dentro de mim. Por exemplo, teve uma vez que André...

Eros já não estava mais ouvindo o que Juli dizia. Ele ainda não havia se refeito do seu deslize e se autoanalisava com cuidado. Foi bom ela ter dado o fora nele. No fundo, gostou muito da postura que a cunhada adotou.

Nada a ver eu ter vindo aqui. — ele pensava. *Nada a ver eu ter me apaixonado por ela. Mas que tipo de pessoa eu sou afinal?*

De repente, a porta se abriu. No calor da conversa, foram surpreendidos por André, que voltava do jogo.

— Eros? O que você está fazendo aqui? — perguntou, olhando a intimidade deles, sentados no sofá, relaxados e à vontade.

— Eu estava por perto e resolvi aparecer sem avisar.

— E aí pedimos uma pizza. — completou Juli, com um largo sorriso.

— Como foi o jogo?

— Foi bom. Quer dizer, não para o Pedro. Coitado! Ele ficou desolado.

— Por quê? — Juli quis saber.

— Porque o time dele perdeu.

— Que chato. Quer comer? Ainda tem pizza no forno. — convidou Juli, com as bochechas rosadas por conta do vinho.

— Já comi. Obrigado.

André percebeu que ela estava tonta por causa do vinho e não gostou muito daquela situação.

— Então, sente aqui com a gente?

— Na verdade, eu já estava de saída. — avisou Eros, que não conseguia olhar nos olhos de André, tamanha era sua vergonha.

— Sério? Agora que André chegou?

— Vou deixar o casal de pombinhos em paz. Obrigado pela pizza e pela conversa. Boa noite, irmão. Fiquem na paz.

Eros desceu o elevador do prédio se punindo por ter ido visitar Juli naquela tarde e por ter passado do limite. Como que ele foi deixar isso acontecer dentro da casa do seu próprio irmão?

Que Judas!, pensou agoniado.

Havia tempos que Eros vinha sofrendo calado, suportando essa paixão sem ninguém desconfiar de nada. Era um sentimento que ele odiava sentir. Tinha vergonha de si mesmo por ter se apaixonado por Juli. Logo ele que sempre falava para quem quisesse ouvir: “Mexa comigo, mas não mexa com os meus”, agora estava vivendo essa situação constrangedora.

Antes de dar partida no carro, Eros se olhou no espelho e prometeu para ele mesmo:

— Eu juro que eu vou arrancar esse sentimento imundo do meu peito. Me perdoe, irmão. Me perdoe.

Raquel

Raquel estava sentada na beirada da cama, esperando alguma dose extra de coragem para se levantar. A luz da segunda-feira entrava firme pela janela do seu quarto, prometendo muito calor para aquele dia. Ela já tinha feito suas preces e apontava o pé direito para pisar no chão. Só faltava mesmo a coragem.

Em pensamento, repassava tudo o que precisava para voltar ao trabalho: já tinha alinhado com sua mãe os horários do Pedro, dona Noêmia iria ajudá-la como de costume. Matilde fora avisada de voltar às suas atividades e, também, marcou para o dia seguinte uma conversa com Alberto.

Por fim, ela se arrastou para o banheiro pensando que, mesmo com tudo organizado, ela jamais teria a mesma rotina, como a que tinha antes de tudo acontecer. Não era muito difícil de imaginar como ela estaria se não tivesse flagrado Alberto naquele dia. Ela estaria vivendo uma falsa felicidade e uma falsa paz. Pedro estaria feliz e tranquilo. E, talvez, ela nunca teria encontrado com André no parque.

Suspirou fundo, tentando sufocar a repentina sensação de tristeza que esses pensamentos lhe causavam. Porém, naquele momento, parada em frente ao seu armário, Raquel concluiu que preferia mil vezes estar passando por essa angústia que vivendo uma falsa felicidade. E antes que fosse tomada por uma nova onda de torpor, Raquel tratou de se vestir e acordar o filho para ir à escola.

Ao chegar ao escritório, Raquel encontrou com uma Simone ansiosa e curiosa, praticamente postada ao lado da entrada do prédio.

— Finalmente você chegou! — disse assim que avistou Raquel. — Nossa, você emagreceu! Está ótima.

— Quem me dera estar ótima. Bom dia, Simone. — cumprimentou Raquel, dando um abraço na amiga.

— Vamos tomar nosso café?

— Acho melhor subir e conversar com Gaspar primeiro. Ele não deve estar nada satisfeito com o meu sumiço. Podemos conversar daqui a pouco?

— Gaspar viajou para Atlanta. Se for isso que está te impedindo de me contar tudo o que aconteceu, pode relaxar e me seguir. — avisou Simone, com um sorriso de satisfação.

— E quem está no lugar dele?

— Você. Ele viajou na sexta e volta em uma semana. Deixou todas as instruções por e-mail. Podemos ir, pelo amor de Deus?

— Mais essa agora? — resmungou Raquel, prevendo a carga de trabalho que teria pela frente.

Uns minutinhos depois, as duas estavam acomodadas em uma mesa reservada da cafeteria que tem nas dependências do prédio, cada uma com uma grande xícara de café nas mãos.

— Diga de uma vez. — implorou Simone. — O que aconteceu com você?

— Ai, Simone. Nem sei por onde começar. — disse Raquel e depois bebeu um generoso gole do seu café.

— Comece pelo dia que você me ligou dizendo que não tinha condições psicológicas para voltar ao trabalho e que precisava de duas semanas de licença. Olha, você me deve uma. Eu nem sei direito o que aconteceu, e mesmo assim, fui tão convincente com Gaspar que ele quase chegou a te mandar flores desejando dias melhores.

— Obrigada, Simone. Você foi uma amiga perfeita.

— Tudo bem. Se você puder abrir o raio da boca e contar de uma vez eu serei uma amiga perfeita e menos ansiosa.

— Alberto é gay.

Simone fitou Raquel sem dizer nada.

— É sério, Simone. Meu marido é gay. Ou ex-marido, já nem sei mais. Foi isso que aconteceu. Ele resolveu assumir sua homossexualidade.

— Meu Deus. Como assim? Aquele homem lindo, com todo respeito, é gay? Não pode ser!

— Pois é.

— E como você descobriu? Ele estava com outro cara na sua casa? — perguntou Simone, arregalando seus olhos castanhos. — Gente, foi por isso que você me ligou desesperada naquela segunda-feira?

— Não, ele não estava com outro homem na minha casa.

— Então foi o quê?

— Ele, além de ser gay, gosta de se vestir de mulher. Aquele dia em que precisei voltar para casa para buscar o documento que eu tinha esquecido, eu o flagrei em um vestido de festa. De mulher.

— Mentira. Raquel, você...

— Pode rir, Simone. Até eu já estou achando engraçado.

— Não é isso. É que eu conheço Alberto e posso te garantir que você está falando de outra pessoa. Alberto gay? Alberto usando um vestido? Não. — ela balançava a cabeça. — Não.

— Infelizmente foi isso que aconteceu. Meu marido é gay, apesar de não parecer e eu passei essas duas semanas completamente perdida, tentando entender o que me aconteceu ou por que ele escondeu isso de mim por tanto tempo. Parece que arrancaram o meu chão, sabe?

— Amiga, que babado forte!

— Pelo amor de Deus, Simone, não conte para ninguém. Eu estou muito arrasada.

— Eu posso imaginar. Mas e aí, vocês se separaram? Rolou briga, barraco...?

— Não. Não rolou nada. Pedi para Alberto sair de casa e ele foi para um flat. Passei essas duas semanas sem saber o que fazer. Amanhã nós vamos conversar para decidir o que faremos. Pedro ainda não sabe de nada.

— Gente, só você mesmo. Você flagrou o seu marido vestido de mulher, ele assume que é gay e você pede para ele sair de casa sem ao menos rodar a baiana?

Por um momento, Raquel fitou Simone com um olhar vazio. Será que ninguém entendia que não adiantava nada brigar, gritar, humilhar. O que isso mudaria, afinal?

— E o que, então, vocês vão conversar amanhã?

— Alberto não quer se separar...

— O quê? — espantou-se Simone, batendo com a xícara no pires com mais força do que queria.

— É isso mesmo. Por ele, nosso casamento continua.

— Raquel, me diz que você não está pensando em continuar casada com ele?

— Não, não estou pensando. Na verdade eu não sei o que fazer. — respondeu com sua habitual sinceridade. — Nem qual decisão tomar.

— Eu sei o que você vai fazer. — decretou — O cara te enrolou esse tempo todo e se não fosse aquele bendito documento que você esqueceu em sua casa, talvez ele estivesse te enrolando até hoje, certo?

Raquel balançou a cabeça como fez em todas as conversas que teve com Angélica sobre essa mesma linha de raciocínio. Ela sabia o que Simone iria falar. Porém, ouviu mesmo assim.

— Ele é louco. Isso não se faz. Não tenho nada contra os gays, sabe. Mas por que ele não se assumiu em vez de ter te enganado por tantos anos? Não foi justo com você, Raquel, e ele merece pagar pelo que fez.

— Realmente, não foi justo comigo.

— Então, você precisa se vingar dele. Descobrir se ele tem rolo com algum cara, acabar com ele em público ou ir no trabalhão dele e contar para todo mundo quem ele é. Eu faria isso se fosse você, Raquel.

Raquel bebeu um grande gole de café pensando que Simone e Angélica compartilhavam da mesma opinião: ela tinha que se vingar de Alberto. Mas será que essa era a melhor escolha?

— Vingança não leva ninguém a nada, Simone. O que eu preciso é perdoar Alberto e seguir com a minha vida. Só não sei ainda como vou conseguir fazer isso.

— O quê? Perdoar? Gente...! — exclamou Simone, gesticulando com as mãos. — Você está falando sério?

— Eu não desejo mal a ele. Não foi fácil para Alberto ter que esconder sua preferência sexual por causa da sociedade, da sua posição no mercado de trabalho e dos amigos. Eu acho que ele não foi justo nem honesto comigo, mas sei que não fez por má fé.

— Eu simplesmente não acredito que você vai bancar a boa samaritana. Raquel, acorda! Faça alguma coisa! — Simone pediu indignada com a passividade da amiga.

— Simone, acho melhor subirmos. Fiquei duas semanas fora e Gaspar está viajando... Devo ter muito trabalho pela frente. — pediu finalizando, por ora, aquela conversa.

Mais tarde, às 11 horas da manhã, Raquel tentava se concentrar na reunião com sua equipe. Eles estavam passando tudo o que ela havia perdido nas duas semanas de licença e também alinhavam os últimos preparativos para o início no projeto com a Indez Telecom.

A Solve Solutions vinha namorando aquele cliente havia tanto tempo que tinha virado obsessão pessoal de Gaspar. Ele não media esforços para conquistar a Indez e essa negociação estava enlouquecendo Raquel e sua equipe. Raquel já havia perdido a conta de quantas apresentações sensacionais ela e a equipe haviam feito na Indez. Cada pergunta que foi respondida, cada dúvida que conseguiu ser esclarecida. Ela atendia pessoalmente as ligações de Xavier, tinha saído para jantar, almoçar, feito a parte social toda, mas nada de contrato assinado. Por ironia do destino, Xavier fechou o contrato com a Solve Solutions justamente nos dias em que ela estava de licença. Ela ainda não tinha tido tempo de ler o contrato, mas soube, pela equipe, que Gaspar surtou com o afastamento dela e a culpava por algumas cláusulas desfavoráveis que eles deixaram passar às pressas, por medo da Indez fechar com o concorrente.

— O Xavier faz questão de se reunir com você amanhã cedo, Raquel. — avisou Jaqueline, a assistente de recursos do projeto.

Raquel teve um sobressalto. Ela estava pensando que, naquele momento, na semana passada, ela estava correndo no parque Ibirapuera junto com André e Romeo. E que tinha sido tão bom tomar um suco com ele depois do treino.

— Reunião para quê? Qual a pauta? — perguntou tentando voltar à realidade do momento. — Ele não quer mais uma apresentação do software, quer?

— Apesar da assinatura do contrato, Xavier ainda tem algumas dúvidas e faz questão da sua presença na reunião. Ele disse que só você pode esclarecer os detalhes do projeto.

— Hum, não sei não, Raquel. Mas acho que alguém está encantado por você. — debochou Rafael, o analista de desenvolvimento de software.

Raquel olhou Rafael de soslaio sem dar muita importância ao fato.

— Até parece. Acho que o que ele quer é arrancar mais alguns ingressos para o show do Michael Bublê. Mas pode marcar a minha reunião com o Xavier, Jaqueline. Se puder ser de manhã eu agradeço. Amanhã de tarde eu preciso sair mais cedo por causa de um compromisso particular.

— Ok.

— E o que mais eu perdi nessas duas semanas de licença?

Às 6 em ponto, Raquel saiu do escritório e enfrentou o trânsito pesado até a casa da sua mãe, para pegar Pedro. No caminho, parou em uma padaria e comprou umas coisas para o lanche.

Quando dona Noêmia abriu a porta do seu apartamento, Raquel empalideceu. O rosto da mãe estava coberto de uma maquiagem grosseira e mal feita. Suas roupas destoavam muito das suas tradicionais roupas de ligante.

— Oi, mãe! Por que está vestida assim? — perguntou observando a blusa dourada de lamê com uma calça legging branca.

— Ainda bem que você chegou, mãe. — informou Pedro, que deu um pulo do sofá assim que viu Raquel entrando na sala.

— Oi, filho. Cadê meu beijo? — pediu aproximando do garoto para abraçá-lo. — Por que *ainda bem*?

— Não gostou do meu visual, filha? — perguntou dona Noêmia, girando em torno de si mesma.

— Gente, calma. O que está acontecendo aqui? É alguma festa a fantasia?

— A vovó passou a tarde inteira no cabeleireiro e eu tive de ficar lá sentando sem ter nada pra fazer.

— Eu não passei a tarde inteira no salão. Imagina. Foram algumas horinhas necessárias para pintar o cabelo, fazer as unhas e as sobrancelhas.

— Ué! Você quase nunca vai ao cabeleireiro, mãe. E que roupas são essas?

— Ah! E depois, mãe, ela me levou ao shopping e eu tive que ficar entrando e saindo de loja. Não gostei dessa tarde não, vovó. Foi muito chato.

— O Clube da Terceira Idade está fazendo uma festa à fantasia?

— Que mané festa à fantasia! Estou tão horrível assim?

— Desculpe. — pediu Raquel diante da cara de magoada de dona Noêmia. — Eu nunca te vi assim... Por que essa mudança no cabelo e a maquiagem, então?

— Só resolvi mudar um pouco, filha. Dar uma, como é que a cabeleireira disse mesmo? É... Oxigenada. Isso. Você não gostou?

— Gostei. Só não gostei dessas roupas. A calça está marcando demais. Você não tem mais idade pra usar calça tão justa, mãe. Poderia usar algo mais discreto.

— Eu adorei. Eu agora só vou andar na moda!

Raquel riu sem entender direito. O que havia dado na mãe, afinal?

— Você pode andar na moda sem ser apelativa, mãe. Se quiser, eu posso te ajudar a comprar algumas roupas mais adequadas pra sua idade.

— Obrigada, filha. Mas sabe o que é? Eu, de agora em diante, quero fazer as coisas do meu jeito.

— E você sabe o que a vovó me pediu, mãe?

— Não.

— Para eu criar uma conta no *Facebook* para ela.

— Fica quieto, menino. Esse era o nosso segredo!

Família di Bianchi

Mais cedo, ainda naquele mesmo dia, a família di Bianchi estava reunida no charmoso e espaçoso sobrado dos patriarcas para o tradicional almoço de segunda-feira.

— Me passa o azeite, por favor, mãe? — pediu André, que estava sentado ao lado da mãe e de frente para Juli.

Segunda era o dia de folga deles, já que o restaurante Di Bianchi & Juli não abria, para descanso de todos, e dona Glória e seu Francesco faziam questão de almoçar com a família inteira. Naquele dia, porém, diferentemente dos demais, cada um dos presentes na grande mesa redonda estava imerso em seu próprio mundo e um silêncio incomum reinava no almoço familiar.

Romeo, de ressaca, lutava para manter os olhos abertos. Ele tinha dividido o domingo em partes iguais para atender às suas três namoradas: a manhã ficou para a Número Três, a tarde, com a Número Um, e a noite, depois do seu turno no restaurante, foi de esbórnia total com a Número Dois, sua preferida. Além do sono, Romeo também estava esgotado fisicamente. Manter e administrar três namoradas ao mesmo tempo era mais cansativo que correr uma maratona inteira. Ele precisava rever seus conceitos com urgência. Do contrário, acabaria com uma estafa crônica.

Eros, mais calado que o normal, se autoanalisava. Olhar para Juli não era tão dolorido. A vergonha que sentiu por ter flertado com ela, pelo menos, já tinha passado. Era página virada. Ele agora se empenhava para eliminar do seu peito aquele sentimento imundo, que ele passou a odiar.

Questão de tempo. Acho que vou inventar uma viagem. Uns dias no Nordeste me farão bem, pensava enquanto empurrava a comida de um lado

para o outro em seu prato.

Ao lado dele, Juli comia no modo piloto automático. Garfo no prato, garfo na boca. Uma pausa para um gole de vinho. *Que horas essa droga de almoço vai acabar?* Ela simplesmente detestava aquele almoço de segunda. Achava que era um capricho egoísta do seu Francesco, que insistia em perpetuar um costume que seus pais tinham quando moravam na Itália. Claro que ela preferia estar dormindo ou aproveitando seu dia de folga de outro jeito que não fosse aquele, fazendo figuração para o almoço do seu Francesco. Mas tinha de estar ali porque era parte da família. E se não fosse, estaria cometendo uma grande ofensa pessoal com seu sogro.

Às vezes, Juli olhava discretamente para Eros e ria sozinha do fato de ele ter tentado beijá-la. *O que será que deu nele? Cinco minutos de bobeira, só pode! Amanhã no restaurante eu vou zoar muito. Ele que me aguarde.*

André também estava calado naquele dia. Geralmente, conversava com os pais durante o almoço inteiro sobre diversos assuntos e questões do restaurante, pois aquele era o momento familiar que ele mais prezava. Gostava do ritual tradicional de tantos anos, da família reunida, do sentimento de harmonia e descontração que envolvia os almoços. Pensava, inclusive, em levar o hábito quando tivesse seus filhos e quando seus pais já não estivessem mais entre eles. Naquela segunda-feira, porém, seus pensamentos vagavam entre Raquel e o seu casamento com Juli. Ele tinha se divertido muito com Raquel e Pedro no estádio, e simplesmente não conseguia parar de pensar na tarde de ontem. E, também, no jeito como Raquel arrumava o cabelo.

— Alguém viu o jogo ontem? — perguntou seu Francesco, tentando puxar assunto.

André teve um sobressalto, como se tivesse sido flagrado. Ele pensava justamente em Raquel naquele segundo. Juli olhou para ele, esperando que respondesse à pergunta e não conseguiu evitar um sentimento de culpa. Pensar em Raquel em pleno almoço familiar era o mesmo que trair a esposa. Aquilo não estava certo.

— Eu assisti ao jogo, pai. O Santos ganhou e passou para a final do campeonato.

E o assunto morreu novamente. Todos se voltaram para seus pratos e apenas seu Francesco e dona Glória falavam de algo que havia acontecido na igreja, na missa de domingo de manhã.

— Por que ninguém está falando nessa mesa? Nem parece que somos descendentes de italianos. — comentou seu Francesco, com os cantos dos lábios vermelhos de molho de tomate, completamente alienado com relação à vida de cada um dos seus familiares.

Raquel e Alberto

Raquel não queria que a noite de terça-feira chegasse. Não antes de se sentir totalmente preparada e segura para conversar com Alberto assuntos de grande importância na vida dos dois.

Ela enfrentou o dia de trabalho no escritório expulsando cada pensamento ou medo que lhe chegava à mente. Por muitas vezes, durante o dia, ela lembrava a si mesma que poderia cancelar essa conversa no último minuto. Prorrogá-la para a semana que vem com a desculpa de não se sentir totalmente preparada. Não precisava ser hoje.

Mas, lá no fundo, ela sabia que isso não iria acontecer. Ela sabia que o dia ia acontecer dentro do previsto e que às 5 horas ela estaria sentada, aflita e angustiada, na cama do seu quarto à espera de Alberto.

Pegou um jornal que alguém deixou em cima da sua mesa e passou a folheá-lo freneticamente, em uma tentativa frustrada de se distrair. Faltava menos de uma hora para a reunião com Xavier e, apesar do contrato já estar assinado, ela não se sentia capaz e nem disposta para encarar duas ou três horas de explicações para o cliente sobre o funcionamento do *software*, dando dados e detalhes do projeto. Não conseguiria entrar na sala de Xavier, como já havia feito inúmeras vezes no passado, e convencê-lo de que a Solve era o que a Indez precisava. Suas preocupações, no momento, não eram os lucros da Solve. Eram Pedro e o seu bem-estar emocional.

O telefone de Raquel tocou e ela levou um susto. Com o coração na garganta, torceu para ser uma mensagem de Alberto, cancelando a conversa deles por causa de uma reunião de última hora. Alberto sempre tinha uma dessas reuniões. Não seria nenhuma surpresa, afinal.

Tomara que seja, tomara que seja!, desejou, em pensamento.

Mas não era. Que bom que não era! Porque era melhor que qualquer reunião de última hora de Alberto.

*Boa sorte na sua conversa de hoje. Faça o que o seu coração mandar.
Torcendo muito pela sua felicidade. Sempre. Precisando, estarei aqui.
Bjs, André.*

Ela abraçou o celular contra o peito. E suspirou.
André tinha sido o seu oásis particular nos últimos dias. Seu refúgio. Sua ilusão. Era bom saber que ele pensava nela. Era bom saber que ele existia pelo simples fato de ele ser o André. O seu Deco. Sem perder tempo ela respondeu:

*Obrigada. Fico muito feliz com a lembrança.
Bjs, Raquel.*

Raquel, sentindo-se um pouquinho mais animada, passou as mãos pelos cabelos, pegou a bolsa e desceu para esperar o táxi que a levaria até a Indez.

Mais tarde, em casa, Raquel teve um sobressalto ao ouvir a porta da frente sendo aberta. Em seguida, a voz de Alberto perguntava se ela estava em casa. A voz que antes lhe trazia calma e conforto agora lhe causava angústia e desespero.

Como não ouviu resposta, Alberto tornou a perguntar:

— Raquel, você está aí?

Pronto! O momento chegou. Deus, me dê luz e sabedoria para resolver essa situação da melhor forma. — implorou, em pensamento.

— Estou no quarto. — avisou — Só um minuto que já vou. — E seu pé direito tocou o chão ao sair da cama.

Raquel caminhou lentamente até a sala de estar e parou ao ver Alberto em pé segurando seus celulares. Ela o analisou brevemente e tentou não sentir raiva, coisa que, no momento, era humanamente impossível. Ele,

mais lindo que nunca, com uma camisa social azul clara, jeans escuro e um paletó preto, era uma cópia bem feita de Ricky Martin. Nenhuma olheira ou expressão de quem passou os últimos dias sofrendo. Sua pele, então, estava ótima. O barbeado impecável e seu perfume marcante diziam que ele era um homem moderno e inabalável, profissional bem-sucedido que tinha o mundo a seus pés.

Raquel teve uma súbita vontade de jogá-lo pela janela. *Desgraçado, parece que ele não sofreu nadinha nesses últimos dias!* Em vez disso, ela sorriu um sorriso fingido e perguntou:

— Aceita um café?

— Não, obrigado.

— Ok. Vou pegar um pra mim. Fique à vontade que já volto. — disse indo até a cozinha. Sem pressa, porque ela precisava de tempo, pegou uma cápsula, colocou na máquina e apertou o botão.

Certo. Momento de falar das decisões, pensou. Se elas tivessem sido tomadas.

Enquanto o cheiro do café invadia suas narinas, Raquel imaginou seu futuro dali para a frente. As primeiras semanas seriam insuportavelmente horríveis, tendo a casa vazia, a sensação de perda e a solidão como fiéis companhias. Teria de desencaixotar as muitas caixas contendo seus restos, pedaços de um casamento que não deu certo. Teria de se livrar das frustrações, da traição, das mágoas e da raiva, como quem se livra de roupas velhas. Precisaria ser benevolente com seu passado para guardar apenas aquilo que viveu de bom ao lado de Alberto, como quem guarda fotografias e cartões de aniversário. E, assim, deixar o rio fluir, carregando seus entulhos para bem longe, até chegar ao mar.

Imaginando todo esse cenário, ela considerou: *Vou sobreviver. Vai doer? Sim, vai doer muito. Vai ser fácil? Não, não vai ser nada fácil. Mas vou sobreviver? Com certeza.*

Depois viriam: fase de adaptação do seu novo estado civil, as conversas com Pedro para que ele sofresse o suficiente e não ficasse traumatizado com a separação dos pais, as reuniões familiares em que todos perguntariam como ela estava, se sentia a falta de Alberto ou se tinha

notícias da vida do ex, os muitos filmes que alugaria para suportar os finais de semana vazios, o tempo livre que teria para se dedicar aos seus projetos que foram deixados de lado quando se casou e, mais adiante, prorrogados porque Pedro nasceu e, mais uma vez, postergados quando seu pai adoeceu. Agora, ela teria tempo disponível para se dedicar a eles.

Raquel gostou do que viu.

Vou fazer tudo o que eu nunca tive tempo para fazer. E sem pressa. Do meu jeito, tornou a pensar enquanto adoçava o café.

Sim, ela sobreviveria e, com um pouco de sorte, nem precisaria fazer terapia para superar suas neuras e traumas. Bem mais adiante viria, novamente, a vida tranquila. A bonança que toda tempestade traz depois de muita água, raios e trovões. Mas não conseguiu enxergar como seria. Só teve a certeza de que seria bom.

É. Eu vou dar um jeito, concluiu mais animada.

E com esse pensamento, ela voltou para a sala com sua xícara de café nas mãos, sentou-se de frente para Alberto e olhou em seus olhos.

— E então, Raquel, já tomou a sua decisão? Ou quer mais tempo para pensar?

— Não. — tomou um gole do seu café. — Não preciso de mais tempo.

— Se quiser, posso ficar com Pedro para que faça uma viagem sozinha. Talvez lhe fizesse bem. Digo, sair daqui e pensar com calma. O que acha?

— Não preciso de nada disso, Alberto. Eu já tomei a minha decisão.

— E qual é a sua decisão?

— Acho que o melhor a fazer é nos divorciarmos mesmo. Não faz sentido continuarmos morando juntos por conveniência ou por piedade. Eu não quero viver um casamento falso e nem quero dar esse exemplo para o nosso filho. — disse, sentindo muita confiança em suas palavras. Estava sendo muito difícil conversar com Alberto, mas não impossível como imaginou que seria.

Alberto, visivelmente, não conseguiu evitar o baque. Talvez esperasse que Raquel fosse ceder em nome da família. Talvez, ele até tivesse tanta certeza de que ela aceitaria o casamento de fachada para preservar a felicidade de Pedro que chegou a apostar nessa possibilidade. Só que

parecia desconcertado. Justo ele, que se preparava para todas as situações, não se mostrava preparado para a mais óbvia de todas.

— Você tem certeza? Podemos administrar a convivência da melhor forma possível. Eu vou respeitar a sua liberdade, se essa é a sua preocupação.

Raquel levou alguns segundos para entender.

— Alberto, eu não quero continuar casada com você, muito menos morar com você. Você que escolheu o seu caminho e nele não há espaço para mim. Nossas escolhas não são compatíveis. E antes que você pense, eu não quero nada do que não seja meu por direito e não vou estragar o seu convívio com Pedro.

— Raquel, por favor, reconsidere. Você sempre pensa no que é melhor para os outros, não é?

— É verdade, Alberto. Eu tenho essa mania de me preocupar demais com as pessoas que eu amo e acabo me isolando em nome da felicidade delas. Só que, desta vez, não vai dar para passar por cima dos meus sentimentos, dores e autoestima para ver você feliz. Ou Pedro feliz.

Alberto abaixou a cabeça, parecendo sentir a derrota. Raquel era o tipo de pessoa que sempre abriu mão do que queria para si em nome da felicidade do outro. Mas daquela vez estava sendo diferente.

De repente, ele resolve perguntar o “óbvio”!

— Você conheceu outra pessoa, foi isso? — perguntou em um tom rígido demais para quem estava em péssima situação no jogo.

— Alberto, acho que minha vida particular já não te diz mais respeito. Desde que você optou por assumir quem você é, eu não faço mais parte da sua vida. — respondeu, se posicionando. Raquel conhecia bem Alberto. Ela sabia que ele odiava perder seja lá o que fosse: uma negociação, um contrato, uma aposta, a esposa...

— Então, é isso! Você já conheceu outro cara. E, por acaso, é o cara que foi com vocês ao estádio no domingo passado?

Raquel fitou Alberto e suspirou.

— O Pedro me contou por telefone.

— Você está com ciúmes? — Raquel riu, nervosa. Mas o que ele queria, afinal?

— Claro que eu estou com ciúmes, você é minha esposa!

— No papel, ainda sou. Mas nossos advogados podem cuidar dos trâmites da separação. E, por favor, Alberto, sem barracos, sem estresses e sem envolver Pedro. Estamos de acordo? — perguntou com firmeza.

— Tem certeza de que é isso o que você quer? Pense bem.

Pensar? Não, ela não queria mais pensar. Pensou tanto nos últimos dias que se sentia exausta só em ouvir a palavra pensar.

— Eu não estou entendendo. Nossa vida estava ótima ou, pelo menos, eu, iludida, achava que estava, até eu chegar em casa e te encontrar todo travestido de mulher e, logo em seguida, você me confessar que é gay. Agora você não quer se separar de mim? O que você pensa que eu sou? Alguém que complementa sua vida. Um acessório a ser exibido nas festas corporativas ou o quê?

— Desculpe! — pediu com um tom de voz mais baixo. — Eu estou sendo egoísta. Confesso que, no fundo, eu queria que as coisas continuassem como sempre foram.

— Mas, Alberto, você é gay!

— Bissexual.

— Dá na mesma! — ela exclamou com ódio.

— Não dá na mesma, porque o bissexual... Desculpe. — pediu, diante do olhar mortífero de Raquel.

— Precisamos agora dar entrada na papelada para a separação e resolver a parte burocrática da coisa. Vou logo avisando, eu não vou fazer nada. Você me avisa quando e onde devo estar para assinar os papéis. Você que criou essa confusão toda, você que arrume tudo. Não acha justo?

— Eu sei, Raquel. Serei honesto com você.

— É o mínimo que você pode fazer por mim, Alberto. É o mínimo.

Alberto fechou os olhos. Um silêncio longo se instalou entre eles. Em seguida, Alberto jogou a cabeça para trás e perguntou:

— Você tem certeza? Tem certeza que a separação será o melhor para nossa família?

— Alberto, por Deus! Será que você não consegue enxergar que não daria certo? Que estaria me pedindo muito? Além do mais, você não seria feliz. Me faria infeliz e nós estaríamos mostrando uma falsa felicidade para o Pedro. Não seríamos uma família vivendo em harmonia e com amor. Seríamos duas pessoas amarguradas, infelizes tentando mostrar para o Pedro algo que não é verdadeiro. Vai ser muito difícil no início. Muito difícil mesmo... Pedro vai sofrer muito. Nossa! Nem quero pensar nisso agora... Mas vamos superar.

Ela não acreditava que estava consolando Alberto. *Até isso eu tenho que fazer?*

Alberto soltou um suspiro profundo, sentindo o peso da dor. Doía-lhe saber que ele era o causador do sofrimento de sua família. — *Ah, merda, o que eu fiz?*

— Me perdoe por esse sofrimento. Não era isso que imaginei para nós, lá no início. Juro que não era. Eu realmente te amei, te desejei como mulher e quis muito que durasse para a vida toda. Só que meu lado homossexual foi mais forte do que os meus ideais, que meus valores. Será que você me entende? Não foi proposital. Eu não te usei... Não sei explicar para que entenda e nem sei se quer entender.

— Não quero entender mesmo.

— Mas preciso reforçar que não te usei para chegar aonde cheguei, que você não foi meu escudo para nada, nem acessório a ser exibido em festas corporativas. Pelo contrário, só me agregou e me ensinou a ser uma pessoa melhor. — disse, parecendo muito arrasado. Seu semblante era sofrido e seus olhos estavam fundos e escuros. Não tinham brilho. Ele estava arrasado por dentro e por fora.

— Eu sei que não. Sei que você não foi um calculista que só pensou em seu sucesso e me usou para chegar lá. — antes de prosseguir, Raquel respirou fundo para dizer o que precisava ser dito de uma vez. — Eu perdoo você, Alberto. Perdoo de coração. Siga sua vida da maneira como você escolheu e espero que encontre felicidade nela. Eu vou reconstruir a minha e vou ficar bem.

— Você... me perdoa? — perguntou, se sentindo indigno de merecer perdão.

— Perdoo.

Ao perdoar Alberto, Raquel sentiu-se aliviada e, como mágica, um peso enorme fora arrancado de seu peito. Sentia-se estranha e feliz com seu ato. E com uma vontade de recomeçar do zero já!

Por outro lado, Alberto, ao receber o perdão de Raquel, pareceu ter sido tomado por uma onda de pânico. Raquel podia imaginar o quão angustiado ele deveria estar se sentindo. Por isso que ela o respeitou e permaneceu em silêncio, enquanto ele abaixou a cabeça entre os braços e chorou.

Minutos depois, já mais calmo, Alberto levantou a cabeça:

— Acho que o melhor a fazer é pegar algumas coisas e ir para o flat — que, a propósito, ele já havia devolvido, contando em continuar morando com Raquel. Ele teria de ir para um hotel para passar os próximos dias até encontrar um novo lugar para morar. Ou poderia ir para a casa de Joaquim. O que seria melhor para ele naquele momento? Seu cérebro funcionava em alta velocidade, planejando os próximos passos. Assim que saísse de casa, ligaria para sua secretária e ela arrumaria tudo em dez minutos. O tempo de ele chegar até o seu novo e provisório “lar”.

— Acho que é o melhor. Depois e com calma você vem buscar o restante de duas coisas.

— Claro. Vou me planejar para isso.

— E quando eu não estiver em casa, por favor.

— Sim. Te ligo para combinar o melhor dia.

— Certo.

— E precisamos marcar de conversar com Pedro ainda nesta semana para contar a notícia. — ele lembrou. — Outro dia, não agora. Quero conversar com você para pensarmos juntos no que vamos dizer a ele.

— Tudo bem. Me ligue quando puder. O quanto antes melhor.

— Farei isso. E gostaria que soubesse que eu faço questão de continuar responsável por todas as despesas da casa, da escola do Pedro e as suas também. Sua conta bancária estará sempre coberta.

— Ok. Obrigada. — respondeu indiferente. Ela não precisava do dinheiro dele, mas se ele queria pagar as despesas da família, que pagasse. Não gastaria seu orgulho nisso.

— Acho que é o mínimo que posso fazer por vocês dois.

Raquel começava a se sentir desconfortável. Sentia uma nuvem negra acima de sua cabeça, algo angustiante no ar. Queria fugir da presença dele o mais rápido possível. Já tinha dito tudo o que queria, já tinha perdoado e acertado os principais detalhes. Além do que a sensação de que iria conseguir ficar bem sem Alberto estava se esvaindo.

Alguns segundos de silêncio. Longos e pesados.

— Bem... Então, nossa história termina aqui. Eu só quero dizer que ...

Os olhos de Raquel não suportaram mais tanta espera e se encheram de lágrimas. Ela não queria ouvir mais nada e, então, pediu:

— Fique à vontade para pegar suas coisas. Pegue o que quiser. — ela respirava fundo, controlando-se — Eu vou esperar lá dentro. E, por favor, deixe sua chave em cima do aparador antes de sair. A partir de hoje eu gostaria que você me avisasse antes de vir aqui em casa.

Sem olhar para trás, ela se levantou e caminhou para o corredor que leva até os cômodos íntimos da casa, trancando-se no quarto de visitas.

Como Alberto disse, e por culpa dele, a história dos dois terminava ali.

Raquel

Raquel deixou Pedro no colégio e enfrentava com paciência o trânsito pesado daquela sexta-feira para chegar ao escritório. Já havia se passado uma semana desde que se separara oficialmente de Alberto. Tudo ainda estava muito confuso, dolorido e complicado de lidar, mas ela estava tocando em frente sem ficar se lamentando pelos cantos. Sua única preocupação era com Pedro e em como dar a notícia do divórcio a ele. Ela e Alberto marcaram de conversar com filho no domingo à noite. E, apesar de ainda ter dois dias pela frente, ela se sentia aflita e angustiada, prevendo o sofrimento que ela sabia que seria inevitável.

Seu celular tocou anunciando uma nova mensagem de Simone. Raquel pegou o aparelho, olhou rapidamente a mensagem e o abandonou no banco do passageiro. Ela tinha passado os últimos dias se esquivando de Simone e dos seus planos de vingança contra Alberto. Simone, assim como Angélica, estava se tornando uma chata obsessiva. Só sabia falar de como Raquel poderia acabar com a vida de Alberto em um ou dois escândalos. Mal sabiam Simone e Angélica que tudo o que Raquel mais queria era ficar bem longe do ex-marido. Claro, ela não tinha superado a separação ainda, mas queria seguir em frente e não ficar patinando no mesmo problema. Gastando suas energias com quem era parte de seu passado.

Como nos dias anteriores, antes de parar o carro no estacionamento, parou em uma padaria e comprou um copo de café dos bons e não aquela coisa horrível que sai das máquinas espalhadas pelo escritório; três pães de queijo e três *macarons* dos grandes. Depois, dirigiu para o estacionamento e parou na sua vaga de costume, para tomar café em paz, sem ter de responder as inúmeras perguntas de Simone.

À medida que ia saboreando cada *macaron*, ela mentalizava: *Um dia de cada vez. Tenha paciência, Raquel. Tudo vai melhorar.* E só depois disso sentiu-se pronta para enfrentar o dia de trabalho.

André

— André? André, você está dormindo?

— Que foi, Juli? Aconteceu alguma coisa?

André, bêbado de sono, deu um pulo da cama pensando que alguma tragédia tinha acontecido. Afinal, Juli nunca o acordou pela manhã antes.

— Não aconteceu nada. Só quero te contar...

— Caramba! Você quase me matou de susto.

— Desculpe! Olha, hoje a Priscila, a Natália e a Mariana vão almoçar no restaurante para provar meu novo prato. Você não quer ir também? Assim você também pode experimentar e dizer o que achou.

André precisou de alguns segundos para organizar os pensamentos, se livrar do sono, do susto, e entender que Juli o estava convidando para um programa com as amigas dela.

— Não, Juli, obrigado. — respondeu ele, voltando a se deitar.

— Você tem certeza? Você nunca mais se encontrou com as meninas. Seria legal e elegante de sua parte ir ao almoço.

— Elas são suas amigas... E eu preciso dormir para poder trabalhar à noite.

— Depois reclama que eu nunca convido você pra nada.

André deu de ombros e ignorou. Juli ainda esperou para ver se ele mudaria de ideia. Foi ao banheiro, terminou de se arrumar. Quando voltou ao quarto, André parecia dormir novamente.

— Vou indo, então. Tchau.

Ele não respondeu.

Depois que Juli fechou a porta do apartamento, André não conseguiu dormir mais. Ficou rolando na cama com a cabeça fervendo.

André tentava entender o que se passava em sua cabeça. Ele atravessou os últimos dias esperando por alguma coisa. Um acontecimento, um pedido de divórcio, uma proposta para montar outro restaurante, uma viagem, um telefonema... Ele não sabia exatamente o que estava esperando. Porém, nada aconteceu. Os dias foram exatamente iguais aos mesmos que estava vivendo desde que se casara com Juli.

Juli, por outro lado, estava diferente, mas nada que o surpreendesse. Ela estava na dela, fazendo o de sempre, só que um pouco mais interessada. André se esforçou muito, mas não se sentiu animado com esse ligeiro interesse da esposa. Parecia forçado demais para ser natural.

Desde pequeno, assistia dia a dia o casamento harmonioso dos pais, que desejava também para si. Um casamento fundamentado na cumplicidade e no diálogo. Nos primeiros anos de casado com Juli, ele teve certeza de que tinha acertado e que sua vida amorosa estava resolvida para sempre. No entanto, algo se perdeu ou saiu da rota, e eles deixaram que o relacionamento desandasse. E agora, principalmente nessa última semana, ele se sentia vazio e cansado.

Sem conseguir dormir e com tantos pensamentos desconstruídos, ele se levantou e foi até a cozinha. Abriu a geladeira e o que encontrou foram restos de comidas vencidas. Devia haver uma Coca-Cola em algum lugar daquela casa. Então, ele começou sua busca frenética pela bebida. O abrir e fechar de portas resultou em apenas dois pacotes abertos de biscoitos já amolecidos, uma lata de atum e um pacote de arroz. Nem leite para um Nescau tinha. André soltou um suspiro cansado, que também podia ser entendido como um “até quando eu vou viver assim?”.

Assim como uma casa precisa ser abastecida com as provisões necessárias para o seu funcionamento, o casamento também precisa ser abastecido com carinho, atenção, cuidados, amor. E o casamento de Juli e André estava como as prateleiras da despensa: vazio e empoeirado.

Qual a minha parcela de culpa? O que eu devo fazer, seguir infeliz ou seguir sozinho?

André se afastou da cozinha procurando desesperadamente um motivo, algo bom em Juli, algo que ele pudesse sorrir e sentir o coração enaltecer

com uma boa lembrança dela. Tudo o que ele conseguiu lembrar, no entanto, foram lembranças e acontecimentos que pertenciam ao passado.

É isso mesmo o que eu quero para mim?

Ao se abaixar para pegar um par de tênis de Juli, deixado ao lado do sofá, André pensou que, talvez, o melhor seria ir para o restaurante e participar do almoço com as amigas dela. Relevar mais uma vez. Dar a centésima chance. Lutar mais um pouco antes de desistir, como sua mãe aconselhara. Ele não estava certo se essa atitude daria algum resultado, mas também sabia que nada iria acontecer se ficasse em casa rodeado de pensamentos e angústias.

Desta forma, ele tomou um banho demorado, se barbeou com capricho e escolheu uma roupa casual. Depois, passou seu perfume, mas não muito. Ao se olhar no espelho, apesar de se sentir um pouco mais otimista, seus olhos verdes estavam escuros e sem o brilho de sempre.

Pegou a carteira e procurou pela chave do carro. Não a encontrou no quarto e nem no aparador, que fica ao lado da entrada do apartamento. Foi ao escritório pensando se na noite anterior ele havia passado por lá, pois costuma deixar a chave sempre no mesmo lugar, no aparador da entrada. Revirou a mesa do pequeno escritório, que estava uma bagunça só, e viu algumas contas ainda lacradas ao lado do computador. Juli era a responsável pelo pagamento das contas da casa.

Desconfiado, ele abriu os envelopes. Três delas estavam vencidas havia dias. Olhou para o relógio de pulso; quase 11 horas. Ele tinha que sair em quinze minutos para chegar a tempo para o almoço – não queria chegar e encontrar todos almoçando. Mas seu lado metódico não permitiu que ele saísse de casa sem pagar as contas vencidas. Abriu o computador para acessar o site do banco. Esperou que ele se iniciasse pensando que não podia mais confiar as contas da casa nas mãos de Juli. Ele seria o responsável dali para a frente.

O navegador abriu e carregou todos os sites que estavam abertos quando foi usado pela última vez. Um deles era o site da revista *Belo Prato* com a crítica feita ao novo prato de Juli.

Com ares de cantina italiana, mas com o requinte e a elegância de um bistrô francês, o Di Bianchi & Juli está um degrau acima das “cantinas chiques” que abriram na cidade ultimamente, que são todas meio parecidas e com gosto de comida de buffet.

Comandado pela simpática e talentosíssima *chef* Juli di Bianchi, o atendimento e recepção são, com certeza, um ponto a mais para este restaurante que tem caído na simpatia dos paulistanos mais descolados.

O cardápio é convidativo para quem tem disposição para gastar um pouco acima da média. Há excelentes opções de massas e de grelhados (carnes, aves, peixes), que levam dois acompanhamentos. E, claro, os risotos, que são a especialidade da casa.

Na ocasião, fui convidada a provar o nhoque exótico, que mistura os tradicionais ingredientes da cozinha italiana com as especiarias da Índia. Mais um ponto para a *chef* Juli, que estava muito inspirada quando decidiu modernizar o cardápio sem perder a essência da culinária italiana. Deu certo. O risoto é harmonioso e saboroso, já que a mistura dos ingredientes e especiarias se equilibram.

As entradas são básicas, porém atraentes. A carta de vinhos, especializada na região da Toscana, fica a cargo do charmoso sommelier Eros di Bianchi.

Você não pode sair de lá sem provar as opções de sobremesa. Recomendo o Tiramisu, que é, de longe, um dos melhores que já provei.

Dica: se não quer gastar muito, vá ao Di Bianchi & Juli, tome um drinque ou dois e peça a entrada de minibruschettas. Se mulher, leve as amigas. Logo entenderá o motivo.

🕒: terça a sexta das 12 às 15 horas e das 19 às 2 horas. Sábados, domingos e feriados das 12 às 17 horas e das 19 às 2 horas.

Cartões: todos.

🚗: possui estacionamento com manobrista sem preço fixo.

\$\$\$: caro – a conta de um almoço para duas pessoas dá cerca de R\$ 260,00.

André leu e releu a crítica umas quatro vezes. Pela primeira vez, em todas as críticas ou matérias publicadas sobre o Di Bianchi & Juli, ele, o fundador do restaurante, não havia sido mencionado. E o que era a aquela foto de Juli apoiada nas costas de Eros? Os dois, parecendo uma dupla imbatível, sorriam para a câmera com ares de cumplicidade.

André se sentiu excluído, mais uma vez. Para não julgar sem base, ele ligou para sua assessoria de imprensa.

— Alô, boa tarde. Gostaria de falar com a Olga, por favor? É André di Bianchi.

André aguardou a ligação ser transferida, pensando com cuidado o que iria falar.

— Olga? Como vai?

— Tudo bem e com você, André?

— Tudo certo. Acabei de ver a crítica da *Belo Prato*.

— Nossa! Você viu só agora? Tem uma semana que foi publicada.

— Pois é... Estava sem tempo. — *Uma semana?* respondeu sem deixar transparecer sua surpresa. — Mas que bom que ela gostou. Como que foi lá no dia? Ela parece ser uma pessoa boa, essa Antônia?

— Nós não fomos. A Juli disse que fazia questão de receber a crítica pessoalmente... Achei que você soubesse.

— É... Ela comentou. Mas pensei que você tivesse ido mesmo assim. Infelizmente eu não pude ir, por causa de outro compromisso. Bem, o importante é que ela gostou do restaurante.

— É verdade.

— Era isso. Só queria saber se você conhecia a crítica gastronômica pessoalmente. Obrigado, Olga.

André desligou o telefone sem entender nada. Por que Juli tinha dispensado a assessoria de imprensa?

O que deu em Juli, afinal? O que ela quer? Destaque, holofotes, fama ou o quê?

André não sabia. Assim como não sabia mais com quem havia se casado.

Será que valia a pena levar essa história adiante? Ir ao restaurante com a matéria em punho e cobrar satisfações?

Será que ele queria isso?

Não. Ele não queria mais se desgastar com Juli.

— Droga! — em um impulso de raiva e frustração, ele deu um soco na mesa, fazendo tremer tudo o que havia em cima dela. Por alguns minutos, ficou em pé, ao lado da mesa, fitando o nada com os olhos vidrados. Em sua mente, uma mistura de decepção, perda, frustração e vazio. Foi até o bar, serviu-se de uma dose de uísque e bebeu de uma só vez. Aos poucos, foi se acalmando, porém sentindo-se sozinho e completamente perdido.

Pegou o telefone para ligar para Romeo e, ao entrar na lista de contatos, o nome de Raquel parecia saltar da tela. Sem pensar no que estava fazendo, escreveu uma mensagem de texto:

Feliz, arrasada ou levando?

Bjs, André.

Dois minutos depois, chegou a resposta:

Hum... Digamos que estou levando. Vivendo um dia de cada vez.

Levando significa que ela não voltou com Alberto?

Quer almoçar comigo hoje?

Sim. Adoraria.

No Japa Sun ao meio-dia.

Perfeito.

Raquel

Raquel desligou o telefone pensando na loucura que ela estava prestes a fazer: cancelar todos os compromissos do início da tarde para almoçar com André. Como poderia resistir a um convite simples e direto como aquele?

Olhou para as mãos e percebeu que elas estavam trêmulas. Seu coração batia tão forte contra suas costelas que mais parecia um passarinho aprisionado tentando sair por uma parede de vidro. Por que estava nervosa? Normalmente, ela era uma pessoa confiante e segura. Almoçar com André a deixava nervosa? Desde quando?

Francamente, era ridículo. Ela era uma mulher sensata e não se deixaria levar por faniquitos ou tremeliques. Pegou o telefone e começou a fazer as ligações necessárias para cancelar seus compromissos: duas reuniões internas e três ligações para clientes distintos da Solve. Quando havia recém-terminado, Simone adentrou a sala de Raquel toda esbaforida. Ela usava uma saia rodada de poá com uma malha colante preta e sapatilhas de verniz. Simone tinha uns 20 anos a mais para usar roupas estilo anos 60; porém, por alguma razão, o estilo lhe caía muito bem.

— Ahá, aqui está você sozinha! Parece até que está fugindo de mim.

— Eu não. Imagina. Só estou atolada de trabalho.

— E então, vamos almoçar? Quero saber tudo o que aconteceu com você, como foi sua conversa com Alberto, como você está se sentindo...

— Acabei de marcar um almoço. Vai ter que ficar para a semana que vem.

— Mentira! Isso é muita maldade comigo.

— Me desculpe.

- E no final de semana, o que você vai fazer?
- Ficar com o Pedro, eu acho. Ainda não programei nada.
- Se quiser fazer alguma coisa, me ligue.
- Ok.
- Bem, então só me resta te desejar um bom final de semana.
- Pra você também.

Assim que Simone fechou a porta, Raquel suspirou aliviada por não ter que contar com quem ela iria almoçar. Se Simone soubesse da existência de André, aí mesmo que ela não teria mais paz. Terminou de responder um e-mail que estava pendente e, depois, seguiu sem pressa para o banheiro e passou uma boa camada de pó compacto no rosto. Rímel nos olhos, um risquinho de lápis e um retoque no batom.

Então desceu e pegou o carro, partindo para a Liberdade.

Raquel e André

— Qual foi o maior medo que você já experimentou? Digo, em sua vida até hoje.

— Poucas vezes eu senti medo. Para mim, medo de perder o que me faz muito feliz, o que me faz bem é o maior dos medos. — respondeu André, antes de pegar sua taça. Depois deu um gole. — Me lembro de que cheguei a pensar que nunca mais sentiria o que senti por você. Nesse dia, eu senti medo. Por que o que eu senti por você foi muito forte. Foi amor de verdade.

Raquel enrubesceu. Seria o calor do vinho ou a resposta de André? De qualquer forma, adorou ouvir aquilo.

— Por que a pergunta? Você está com medo agora?

— Acho que estou mais decepcionada que com medo. Ou uma grande mistura dos dois. E um pouco frustrada também.

— Posso imaginar. Mas é normal, Raquel. Você acabou de passar por esse vendaval. Natural que sinta medo de recomeçar, medo de sofrer novamente... Não se julgue. Deixe seus sentimentos se estabilizarem naturalmente.

— Não sei se é isso não. Acho que a decepção é maior que o medo. Ou a traição é maior que o medo e a decepção juntos. Não sei avaliar. Eu não sou uma mulher ingênua. Nem perco meu tempo fantasiando contos de fadas. Eu sabia exatamente com quem eu estava me casando, sabe? Não estava iludida esperando um casamento perfeito. Apesar de Alberto e eu termos namorado por pouco tempo antes de morar juntos, eu sabia muito bem quem ele era. Tinha total consciência do seu perfil dominador e controlador. Do seu jeito introspectivo, do seu jeito caseiro, que é oposto ao

meu; da sua desorganização e tudo o mais... — Raquel tomou um gole do seu vinho sendo observada por André. — Hoje eu não sei mais com quem eu me casei. Eu simplesmente não sei.

— Posso imaginar o tamanho da sua frustração.

— Desculpe, acho que estou te incomodando com meus problemas. — ela riu, nervosa de estar com aquele par de olhos verdes colados nela, olhando com interesse para cada célula de seu rosto.

— De maneira alguma. Eu te entendo perfeitamente. Eu também me decepcionei com a Juli. De outra forma, claro. Achei que seríamos o casal perfeito e que seria pra sempre... Eu realmente acreditei, porque, durante o nosso namoro, nós nos dávamos tão bem que nem cogitei a hipótese de dar errado. Infelizmente, não foi como eu achei que seria.

— Por que as pessoas que mais amamos nos decepcionam?

— Essa pergunta eu não sei responder. Nem pra você, nem pra mim.

— Só não entendo por que Alberto não jogou limpo comigo. É isso que fica martelando em minha cabeça. Não gosta mais de mulher, era só chegar e me dizer. Bem mais honesto e menos dolorido.

— Hum... Sei não. Não sou gay, nem pretendo um dia ser, que fique bem claro. Mas, cara, deve ser muito difícil falar isso para alguém com quem se dividiu uma parte da vida. Imagino que ele tenha ensaiado essa conversa várias vezes e faltou coragem em colocá-la em prática.

Raquel nunca havia olhando sob aquele ângulo.

— É. No fundo, Alberto não é má pessoa. A situação era complicada mesmo. O bom é que conseguimos colocar um fim sem baixarias, sem brigas. Quando penso nisso, mal acredito que tive esse poder. Meu anjo da guarda deve gostar muito de mim para ter me dado o controle que me deu.

— Você é uma pessoa muito nobre, Raquel. Admiro sua postura, sua conduta. Mesmo Alberto tendo aprontado o que aprontou, você foi incapaz de falar mal dele pra mim. Isso é tão raro hoje em dia.

— Não sou tão nobre quando pareço. Meus pensamentos que o digam... — confessou sem graça. — Mas fiz o que achei certo. Mais pelo meu filho do que pelo Alberto. Agora o que me resta é juntar os caquinhos e seguir em frente.

— Li em algum lugar que todo fim é um novo começo. Quem sabe quais começos te esperam depois do nascer do sol?

— Poético demais para o meu gosto. — ela riu e brincou com sua taça — Prefiro aquela frase “se a vida te der um limão, faça dele uma limonada”.

— Não, o certo é “se a vida te der um limão, faça dele uma caipirinha!”.

— Caipirinha? Esperava de você uma deliciosa torta de limão ou algo mais doce. Estou fugindo de tudo o que é azedo. — disse sorrindo.

— Você ainda gosta de torta de limão? — perguntou André, recordando que este era o doce preferido de Raquel.

— Ainda amo torta de limão.

— Um dia eu faço uma para você. Se quiser.

Raquel sorriu. Quanta promessa ela viu nas entrelinhas daquela frase. Quanto alento, quanto conforto, quanto carinho... Sim, ela queria muito.

Ela se ajeitou na cadeira, incomodada. *Não se faz uma promessa dessas para alguém ferida como eu.*

— O que foi? Tudo bem? Se não quiser eu não faço a torta de limão. — comentou André com um meio sorriso, percebendo o ligeiro incômodo em Raquel.

— Não é isso... Não é a torta. É que... Ah, deixa pra lá. Melhor não falarmos disso.

— Por quê?

Porque eu vou querer que você faça a torta e que depois você feche a porta e que me beije e me beije e... Não! Tudo errado.

— Raquel, fale comigo!

Ah, aquela frase! Ela sabia que não havia a menor possibilidade de esconder alguma coisa dele, ou de não querer “falar” com ele. Ainda mais que logo depois de um “Raquel, fale comigo” vinha aquele olhar.

André franziu a testa e a encarou. Ela sorriu diante do “Olhar James Dean” dele.

— Eu... — Raquel respirou fundo tentando se livrar dos seus pensamentos malucos e voltar à sensatez de sempre.

Por que o assunto mudou de Alberto para torta de limão? Era mais seguro continuar falando de Alberto. Com certeza.

— Como eu estava falando, acho que a vida me deu esse limão azedo por algum motivo. Você não acredita nisso?

— Acredito que nada é por acaso. Mas também acredito que depende só de você escolher o que vai fazer com esse limão que ganhou da vida. Torta, mousse, caipirinha ou limonada. Tudo é escolha.

— Sim, é verdade, tudo é uma questão de escolha... — disse olhando para a toalha branca da mesa pensando que as consequências dessas escolhas envolvem tantas pessoas e sentimentos.

— Parece fácil quando falamos, não é? — comentou André, adivinhando os pensamentos de Raquel. — Vou escolher ser feliz e seguir com a minha vida... Mas, na prática, é mais difícil e dolorido, envolve pessoas queridas, sentimentos... Eu entendo você.

— Sei que é uma fase de mudança muito importante na minha vida, mas que vai passar. Tento não ser pessimista e manter o bom humor sempre que posso, só que, às vezes, não consigo. Meu lado humano imperfeito não permite espremer os limões e fazer uma limonada bem doce sorrindo e cantando “Things I Don’t Understand”. — falou, fazendo graça.

— “Things I Don’t Understand”... Acho que não conheço. De quem é essa música?

— Do Coldplay.

— Essa eu não conheço. Só as mais tocadas deles; “Yellow”, “Paradise”, “Viva La Vida”...

— Eu gosto das músicas que quase ninguém gosta.

— Por quê?

— Ah, sei lá. É como se eu dissesse para essas músicas: “ei, quase ninguém escuta vocês, mas eu escuto.”

André riu aprovando o humor dela mesmo com tudo dando errado. Ele também queria ser assim, só que às vezes não conseguia. Quando foi a última vez que ele sorriu?

Ah, sim! Foi com Raquel e Pedro no estádio do Morumbi.

Mas quando foi a última vez que ele riu desta maneira com Juli?

Ele não se lembrou.

— E o Pedrão? Já sabe?

— Ainda não. Marcamos de falar com ele no final de semana. Acho que por isso estou tão nervosa. Me preocupo tanto com ele... Não quero que ele sofra. Nem o mínimo necessário que seja.

— Não tem jeito, Raquel. O sofrimento faz parte do nosso crescimento e amadurecimento. E ele é um garoto esperto, vai sofrer pelo afastamento do pai, obviamente, mas vai superar. Você vai ver como tudo vai dar certo.

Ela sorriu ao ouvir suas palavras. Era disso que precisava. Só disso. O resto era resto.

— É o que eu espero.

— O Alberto aceitou numa boa a sua decisão?

— Sim. — Raquel preferiu não entrar em detalhes da conversa dela com Alberto. Aquele era um assunto íntimo e dolorido para ser conversado com André. Não que André não merecesse sua confiança. Ela só não estava a fim de ficar falando de Alberto com ele, naquele momento.

Alberto não merecia mais sua atenção. Depois que ele saiu de casa, ela se acabou de tanto chorar. Abriu até uma garrafa de vinho para completar o cenário dark em que se encontrava. Mas, depois de ficar desidratada e bêbada, fez uma promessa para si mesma: a de tocar sua vida sem ficar remoendo o passado. Por mais difícil que fosse esse recomeço, era assim que ela queria seguir. Sem chororô. Falar de suas dores e decepções era bom, mas tinha um limite. E o dela naquela conversa já tinha chegado. Era hora de migrar para outros assuntos mais leves. Alberto e Juli não mereciam tanta atenção assim de Raquel e André.

Sem combinar nada, os dois conversaram sobre outras coisas. Coisas superficiais, mas ainda assim, com algo quente e denso no ar. Algo inexplicável e bom. Tão bom, aliás, que quando saíram do restaurante, eles não queriam se despedir. Raquel não queria voltar para o escritório e André não pensava em voltar para casa. Eles queriam continuar juntos, mesmo sabendo que não podiam.

— Quer passar o resto do dia comigo no Guarujá? — perguntou André, ao lado do carro de Raquel, segundos antes de ela dar a partida e ir embora. Eles haviam se despedido umas duas vezes, iniciado conversas aleatórias com a simples desculpa de alongar mais o momento. E foi em um misto de coragem e dúvida que André fez a proposta, desejando desesperadamente que ela respondesse não.

Raquel tirou a mão da chave do carro e a pousou em seu colo. Bem lá nas profundezas do seu interior, ela esperava por um convite assim. Desde o dia do jogo de futebol ela queria passar mais horas ao lado de André. Tratava-se de uma vontade involuntária que ela tentava ignorar a todo custo e contra a qual ela iria lutar até que virasse um nada; se não fosse, claro, por esse convite feito num tom delicioso de voz baixa e grave e com os olhos verdes de André aguardando ansiosos por sua resposta.

A vontade, que antes era involuntária, tornou-se voluntária, consistente, enorme e palpável. Quase uma outra Raquel materializada ao lado dela pedindo, pelo amor de Deus, que ela aceitasse de uma vez.

— Sei que isso é estranho pra cacete. E, por favor, não me entenda...

— Eu quero. — respondeu, por fim, num fio de voz antes de perder a coragem e voltar para o escritório.

Ah, meu Deus, o que eu estou fazendo?, pensou Raquel, sabendo que não era certo, que estava indo contra tudo o que mais abominava. Sua consciência mandava os sinais de alerta: “Volte para o escritório. Ele é casado!”.

— Vai deixar seu carro no estacionamento mesmo ou prefere dirigir até o seu prédio e eu te pego lá?

— Acho que vou deixá-lo aqui, assim não perdemos tanto tempo no trânsito.

Sua libertina!, julgou-se, em pensamento. *Pare com isso e vá para casa!*

— Vamos no meu carro, então?

— Como você preferir.

— O meu carro está estacionado logo ali na frente. — disse, guiando Raquel. Gentilmente, ele abriu a porta para ela. Depois contornou o sedan

e antes de abrir a porta ele parou, sorriu nervoso com a sua atitude e balançou a cabeça.

Será que eu devo seguir em frente?, pensou angustiado.

Quando chegaram ao Guarujá, a tarde estava quase terminando.

— Bem, aqui estamos. — disse André, dirigindo devagar pela orla.

— Sim... Aqui estamos. — Raquel respondeu olhando pelo vidro do carro.

— O que você acha de pararmos na praia da Enseada para assistir ao pôr do sol?

Raquel concordou e, depois de estacionar o carro, eles seguiram à pé até a areia da praia. Caminharam em silêncio, lado a lado, até que decidiram se sentar na areia.

Raquel, depois que tirou seus sapatos, se perdeu em seus pensamentos. Não sabia mais o que era ficar sozinha e havia muito que não provava do sabor da solidão. Depois de André, teve um ou dois paqueras e logo conheceu Alberto. Ela gostava da estabilidade dos relacionamentos duradouros, da calma que é ter alguém ao seu lado e, principalmente, de saber que não precisava mais se preocupar com a eterna busca por alguém.

Como seria ter André ao seu lado para sempre?

Contemplando o sol, que caía de mansinho, Raquel sentiu sua pele ficar arrepiada com o sopro da brisa do mar e com o calor da presença física de André quase grudado ao seu lado.

André, também imerso em seus pensamentos, queria saber se iria se arrepender do que estava prestes a fazer. Mas se não fizesse, como saberia se iria se arrepender ou não? O que seria melhor, ouvir suas vontades agora ou passar a eternidade arrependido de não ter tentado? Ou será que o certo mesmo seria voltar para São Paulo e levar sua vida morna com a esposa?

Sem saber o que fazer e completamente perdidos em seus pensamentos, André e Raquel ficaram ali parados um tempão, apenas fingindo admirar o pôr do sol.

Depois de alguns minutos, André, sem tirar os olhos das ondas, perguntou a Raquel:

— Uma torta de limão pelos seus pensamentos.

Era assim que ele fazia quando eram namorados. Sempre que Raquel se perdia em pensamentos ele dizia o nome do doce preferido dela e perguntava no que estava pensando. Ela sorriu com a lembrança e depois respondeu:

— Estou pensando no que viemos fazer aqui.

— Passear. Ver o sol se pôr. Esquecer os problemas.

— Esquecer os problemas... Hum, essa parte me parece bastante difícil. — confessou Raquel, soltando um suspiro mais sonoro do que desejava. Então, ela fechou os olhos, se esforçando ao máximo para não apoiar a cabeça nos ombros de André, se punindo por desejar tanto alguém que não era mais seu.

André, ao ouvir Raquel suspirar, virou o rosto e a fitou de perfil. Tão delicada e, ao mesmo tempo, tão corajosa. Ele a admirava como mulher. Admirava e desejava.

Percebendo que estava sendo observada, Raquel virou o rosto e sorriu. E antes que André perdesse a coragem, ele perguntou:

— Quer vir comigo?

— Quero.

Naquele instante, Raquel decidiu que não importava para onde. Esse era apenas um detalhe de toda a magia que se instalava entre eles naquele momento. Queria muito ir com André para onde ele a levasse. E isso já era motivo o suficiente para lhe estender a mão.

Eles se levantaram e fizeram o caminho de volta até o carro. André dirigiu até o condomínio em que seus pais tinham um apartamento, que ficava de frente para o mar. Não demorou muito e ele estava estacionando o carro na garagem do prédio.

Ao abrir a porta para Raquel sair do carro, André segurou sua mão e perguntou se estava com frio.

— Não. — respondeu, sabendo que seu tremor não era por causa do ar-condicionado do carro. Ela estava nervosa, pressentindo algo que sabia

que não teria como evitar.

— Podemos voltar para São Paulo agora mesmo, se você quiser. — sugeriu ele, adivinhando o que se passava dentro dela.

— Eu sei.

— Eu não quero voltar. — afirmou, olhando fundo nos olhos ansiosos e angustiados de Raquel.

— Nem eu.

Eles subiram até o nono andar e entraram no amplo apartamento que estava completamente escuro. André acendeu um pequeno abajur na mesinha de canto e a sala ficou levemente iluminada. Depois, ele se voltou para Raquel e esticou sua mão, com a palma virada para cima.

Ao sentir as mãos de André, Raquel voltou ao passado e se sentiu novamente com 17 anos, de mãos dadas com seu grande amor.

— Oi. — sussurrou André, apoiando sua cabeça na dela.

— Oi. — ela sussurrou em resposta, sentindo um arrepio correr em seu braço.

Raquel, incapaz de resistir, se aninhou e se refugiou nos braços de André sentindo seu cheiro, seu peito, seus ombros mais fortes e sólidos que no passado, e fechou os olhos como quem quer parar o tempo.

— “Quando um certo alguém cruzou o teu caminho e te mudou a direção.” — sussurrou André no ouvido de Raquel.

Para outra pessoa, essa frase não faria o menor sentido. Mas para Raquel, ela dizia tudo. Era como um definiu o que o outro significava nos tempos de namoro.

— A nossa música. — disse ela, sorrindo por ele se lembrar.

André assentiu com a cabeça e os dois ficaram abraçados na penumbra da sala completamente nostálgicos, cúmplices de uma mistura de sentimentos.

— Quanto tempo longe de você.

Ela riu concordando.

— Mas agora que você está aqui tão perto de mim, parece que nunca nos separamos, que nunca te esqueci... Que louco isso.

Raquel sabia exatamente o que ele quis dizer. A familiaridade extrema e o vazio dos anos em que ficaram distantes postos lado a lado, numa estranha coexistência. Ela, apesar de tudo que vinha atravessando em sua vida, sentiu como se pertencesse a ele. Era ali o seu lugar.

— Venha comigo.

André a levou até uma varanda e se deitou na rede.

— Deite-se aqui. — ele pediu, abrindo a rede para ela se deitar. Em seguida, ele se aninhou ao lado dela.

Contemplando o mar, que se perdia na vista, eles observavam, em silêncio, as ondas quebrando na areia da praia.

Raquel sentia o calor dos braços de André envolvendo os seus. Um sentimento familiar pairava sobre os dois. O mesmo sentimento que se tem quando se volta para casa, depois de um longo período ausente. Era bom de sentir. Era bom estar ali, mesmo sem dizer nada.

Raquel reparava em cada respiração de André, nos relâmpagos que cortavam o céu, no balanço da rede, em cada pensamento seu. Seus sentidos estavam atentos aos detalhes, prontos para o próximo passo, ao mesmo tempo em que sua mente vagava no tempo, nas lembranças dos momentos bons ao lado do ex-namorado. Desde que aceitara o convite do almoço, ela sabia em como o dia terminaria. Sabia também que estava errada, que não deveria estar ali com o marido de outra pessoa, atrapalhando o que poderia ser reconstruído. Sentia-se tensa quando pensava nessas possibilidades. Via-se no papel de vilã, a mulher que arruinaria a vida de outra para sempre, que destruiria os sonhos de outra pessoa. Não queria ser taxada de “aquela que roubou o meu marido”. Mas o que fazer com aquele desejo? Que lado ouvir, a razão ou a emoção?

— Tudo bem? — André perguntou, sentindo Raquel tensa.

Ela estremeceu por dentro quando o calor da voz de André bateu em seu pescoço, trazendo-a de volta para o presente.

— Tudo.

— Não faremos nada que você não quiser.

Ela balançou a cabeça, sabendo que André estava sendo sincero. E sorriu sozinha, sentindo-se mais tranquila. Um arrepio correu pelo seu

corpo e, então, percebeu que seria humanamente impossível controlar seus sentimentos. A vontade de estar com ele estava acima do que ela julgava ser certo ou errado. Bastava observá-lo para saber que ele mexia com ela de uma forma inexplicável, como era no passado. Como em todas as vezes em que ela se permitiu pensar nele.

— Está pensando em quê? — perguntou André.

— No passado.

— E que momento mais te marcou do nosso passado?

— Não consigo recordar um momento específico. Todos foram especiais e novos para mim. Você foi o meu primeiro amor, meu melhor amigo, meu primeiro homem... Senti todos os sentimentos bons que existem por você; amor, amizade, orgulho, carinho, admiração, ternura, paixão... Nossa! Foi tudo tão intenso, novo e urgente entre nós que seria impossível escolher um momento único. Para mim, todos foram bons. O que vivemos foi um amor puro. — disse com o olhar perdido em suas lembranças. — Todas as pessoas deveriam sentir o que sentimos pelo menos uma vez na vida, para saber o que é o amor e como ele é bom de se sentir.

André se emocionou e as palavras sumiram. Ninguém nunca tinha dito algo tão bonito para ele antes. Ele se sentiu especial, se sentiu querido, como havia muito não se sentia.

— Eu também não consigo definir um dia ou um momento para recordar. Para mim também, todos foram especiais. O que vivi com você, daquela maneira e com aquela intensidade, eu não vivi com mais ninguém.

Ele falava a verdade. O que sentia ou sentiu por Juli era completamente diferente do que havia sentido por Raquel.

Um trovão mais próximo anunciou uma possível tempestade. A vida naquela cidade praiana seguia seu ritmo, assim como a rede em que eles estavam deitados. André e Raquel, no entanto, estavam em outra realidade.

Raquel fechou os olhos e abriu os lábios para falar. Antes, porém, André disse:

— Adoraria voltar no tempo e fazer de tudo para ficar com você. Te roubar no meio da noite, encarar seu pai e montar um castelo para viver com a minha princesa. — disse ele, com um meio sorriso.

Outro trovão barulhento trouxe ventos fortes com cheiro de mar misturado a cheiro da chuva. A chuva estava para cair a qualquer momento e eles teriam que sair da varanda.

— Você foi o sonho bom que não pude viver. E, estando aqui com você, parece que todos aqueles sentimentos estão saindo de dentro de suas tocas... Eu simplesmente não consigo evitar o que estou sentindo por você, apesar da minha consciência dizer que estou errado o tempo todo.

Raquel se virou na rede e ficou de frente para André. Seus narizes se tocaram. A respiração ficou pesada. Raquel sorriu e fechou os olhos.

Naquele instante, o tempo parou.

E a chuva caiu lá fora.

Juli

Juli abriu a porta do apartamento chamando por André, mas ele não respondeu. Era noite, e ela estava levemente zozza por causa do vinho. Exausta e de ressaca, ela se jogou no sofá da sala e rapidamente pegou no sono.

— André, me ajuda com essa. Abatida, abalada. Nove letras. — pediu uma Juli que agora tinha 74 anos de idade. Ela morava em um pequeno apartamento de um quarto e tinha mania de colecionar coisas.

— André? Você me ouviu? — tornou a perguntar. — Mas que coisa. Esse velho parece que é surdo!

Com dificuldade, por conta de uma artrose na perna esquerda, Juli se levantou do sofá e foi se desviando das pilhas de livros, das revistas de Palavras Cruzadas e de Sudoku que estavam espalhadas pelos móveis e cantos da casa. Entrou no quarto, que cheirava naftalina e pomada para dores nas costas, e acendeu a luz.

— André, você não me ouviu não?

André estava sentado na cama e não olhou para Juli. Ao chegar mais perto dele, ela esticou a mão para tocar-lhe o braço. Porém, sua mão passou por ele como se André fosse uma imagem projetada holograficamente no ambiente.

— André, o que está acontecendo? — ela perguntou-se desesperando. Passou as mãos por ele, tentando tocar algo físico, concreto. Suas mãos, no entanto, variam o ar fazendo circular as partículas de poeira que o sol mostrava através da fresta da janela por onde passava. — André, André... Por que você não é real?

— Porque eu não faço parte do seu futuro. — disse ele rindo. Apesar de estar com 77 anos, ele ainda tinha um rosto bonito, um físico bem conservado e os cabelos grisalhos lhe davam um charme especial. — Você escolheu viver sozinha. Eu escolhi formar uma família. Olhe pela janela, que você vai me ver lá embaixo.

Juli escancarou a janela. Na praça em frente ao prédio onde morava, ela viu um casal de idosos sentados em uma grande toalha de piquenique. Em volta deles cinco crianças brincavam alegres, ao mesmo tempo em que os chamavam de vovó e vovô.

Apavorada, Juli voltou o rosto para o André, que parecia desaparecer à medida que os segundos corriam.

— Eu não estou entendendo. Quem é aquela que está sentada ao seu lado?

— Minha esposa. Somos casados há quarenta e um anos, temos três filhos e cinco netos.

— Você é casado comigo! Eu e você moramos aqui nesta casa! Não temos filhos, não temos netos...

— Não, Juli. Você mora nesta casa. Você não tem filhos e não tem netos. Você está sozinha. Eu não.

— Não. Nãããããooooo! — gritou ela, com horror.

Juli acordou com a boca seca e com o coração acelerado. Um zumbido forte perturbava seus ouvidos. O medo invadia o seu peito, enchendo cada cavidade, e extrapolava pelos poros, enchendo toda a sala ao redor.

— Foi só um pesadelo. — disse para ela mesma na escuridão da sala. Antes de se levantar e de ir para a cama, ela esperou que o pavor do pesadelo se dissipasse. Não queria enfrentar o escuro e o frio do quarto com o medo que estava sentindo.

Chutou as sapatilhas para longe e se empoleirou no sofá, agarrando forte uma das almofadas. Nada aconteceu. Ela ainda sentia um medo enorme. O sonho era real e latejava em sua mente. Ela estava sozinha agora e estaria realmente sozinha em um futuro próximo, como o pesadelo havia, claramente, lhe mostrado.

Lembrou-se, então, do jantar romântico que André havia preparado, semanas antes, para comemorar o aniversário deles de namoro. A maneira como ela se comportou, querendo se livrar daquilo para ir dormir. Do pouco caso que fez com os cuidados e caprichos de André para com ela.

Ao pensar nisso, algo amargo e agonizante brotou de forma assombrosa em seu peito, confundindo os sentimentos e emoções, revirando tudo e a deixando em estado de letargia e choque.

O que eu me tornei?

— Ai! — gemeu baixinho, completamente envergonhada. E como se uma comporta tivesse sido aberta, outras lembranças vieram à tona: as inúmeras conversas e pedidos de André para ela mudar e ser feliz ao lado dele, os conselhos das amigas, a procrastinação... — Meu Deus, eu sou um monstro para o André. Como me tornei esse monstro?

Imediatamente, ela ligou para o celular de André. Caiu direto na caixa postal. Claro, ele estava no restaurante. Consultou as horas em seu relógio de pulso: nove horas e três minutos. Ligou para o restaurante e Romeo atendeu:

— Oi, Romeo, sou eu. Posso falar com o André?

— Ele não está, Juli.

— Não está? Ué! Pra onde será que ele foi?

— Não sei. Só um minuto que estou indo. — avisou Romeo para outra pessoa. — É, preciso desligar, Juli. A cozinha está pegando fogo.

— Vocês foram treinar hoje no parque? — Juli perguntou, sem se importar com a desculpa de Romeo.

— Eu... Eu não fui treinar hoje. — mentiu. — Tampouco falei com André. Não sei te dizer se ele foi correr ou se foi fazer outra coisa. — disse, rezando para que a mentira colasse. Se André não tinha ido treinar e não estava em casa, Romeo sabia perfeitamente com quem André estaria. Só não sabia onde. Fazendo o que ele podia, perfeitamente, imaginar. Ah, se podia!

— Daqui a pouco ele chega. Ainda está cedo...

— Tá. Quando ele chegar, peça para me ligar, por favor. Obrigada, Romeo.

— Pode ficar tranquila.

Mas Juli não estava tranquila. Não até ver André na sua frente e pedir perdão a ele pelo seu comportamento nos últimos anos. Somente depois de falar tudo o que ela precisava falar e implorar por uma nova chance é que ela se sentiria tranquila novamente.

Para passar o tempo, Juli pegou o velho álbum de fotografias, que estava esquecido no fundo da gaveta do móvel da sala, e se ocupou em olhar as fotos. Atentou-se para as suas feições. Sempre sorrindo, olhos brilhantes, olhar apaixonado e feliz.

Como é assustador olhar para nossa cara de anos atrás e se deparar com uma pessoa que não existe mais. Juli ficou assustada ao se ver tão radiante ao lado de André. O que ela havia feito *daquela* Juli? Será que ela seria capaz de resgatar a velha Juli novamente?

— Eu quero, Dé. Eu quero. — disse, alisando o rosto de um André apaixonado no retrato em preto e branco.

Analisou mentalmente tudo o que acontecera nos últimos anos, avaliando cada situação, tentando descobrir o que tinha feito de errado, e, então, parou na indiferença. A indiferença com que vinha tratando André nos últimos meses. Como se ele não existisse. Como se ele não fosse nada dela, como se ela nunca tivesse amado André na vida.

Indo a uma camada mais profunda em sua análise, percebeu que a indiferença não se limitava a André, mas a ela mesma. Estava vivendo uma vida vazia de legítima felicidade. Apenas vivia para suas receitas e seu maior prazer eram críticas boas nas revistas de gastronomia. Mas e ela? Onde ela tinha se abandonado e nem percebido?

No entanto, não era com ela que Juli se preocupava. Era com a pessoa mais importante de sua vida: André.

Como tive coragem de ser assim?, pensava. *O que eu fiz com o nosso casamento?*

Os minutos se passaram sem que Juli tivesse coragem de largar o álbum de fotos. O medo havia se dissipado, mas a sensação de perda era absurda. Juli se lembrou que havia muito não fazia supermercado. Foi até a

cozinha, abriu os armários e quase chorou de tristeza. Salvo alguns pacotes de biscoitos e um pacote de arroz, não tinha nada mais. Tudo vazio.

Rapidamente, fez uma lista de coisas para abastecer sua despensa. Dali para a frente, ela seria mais dedicada ao lar. Aproveitou o momento revolucionário e, antes de ir para o supermercado, pegou uma agenda que André lhe havia dado justamente para anotar suas coisas e não esquecer mais as datas de aniversários, e anotou em todas as segundas-feiras do ano: dia de mercado. Nas terças, anotou: dia de hortifruti. Anotou também alguns compromissos fixos, como manicure e pedicure, depilação, datas da manutenção do seu aparelho ortodôntico (vivia esquecendo-se de ir ao dentista), além de todos os aniversários de familiares e amigos que estavam colados em *post-its* nas laterais do refrigerador.

Quando terminou, Juli olhou para a geladeira, que voltou a exibir a sua tonalidade branca depois que tirou da porta todos os papéis com suas anotações, e pensou que André sentiria orgulho de sua atitude. Pensou, satisfeita, que aquele seria um começo. Um começo tímido, mas ainda assim, um começo.

Depois de gastar algumas horas passeando pelos corredores e redescobrimo o prazer de fazer compras em um hipermercado para cuidar de sua casa, Juli voltou para casa, guardou as compras, organizou os armários e nada de André ligar. O celular dele continuava na caixa postal e Romeo também não tinha dado notícias. Arriscou ligar mais uma vez para o restaurante:

- Oi, Romeo, sou eu de novo. André está aí?
- Não, Ju. Ele ainda não chegou.
- Mas são quase onze horas da noite. Estou ficando preocupada. E se ele sofreu algum acidente ou foi sequestrado?
- Que nada! Não pense besteiras. Notícia ruim é a primeira a chegar.

Pouco antes das 7 horas da manhã do dia seguinte, Juli tomou a decisão de ligar para dona Glória. Ela havia passado a noite praticamente em claro esperando por André, que não voltara para casa, tampouco aparecido no restaurante, e o seu celular seguia na caixa postal.

Em certa hora da madrugada, dominada pelo desespero e pelo turbilhão de sentimentos que ferviam dentro de seu peito, Juli pegou o carro e saiu pela cidade buscando por André. Chegou a parar em dois acidentes de carros, verificar quem eram os feridos e só voltou para casa quando se deu conta de que nenhum dos carros envolvidos era o de André.

Agora que o dia nascia claro e forte, ela não aguentava mais esperar sozinha. Precisava falar com alguém e dividir suas aflições. Porém, ela não sabia exatamente o que dizer para dona Glória, só sabia que precisava ligar. E se André tivesse sido sequestrado? Essas coisas acontecem a todo momento em São Paulo. *Não, isso não!*, pensou, sentindo o desespero apertar o seu peito.

— Bom dia, dona Glória, desculpe ligar tão cedo... Espero não ter acordado.

— Não me acordou, Juli. Mas o que aconteceu para me ligar a essa hora?

— Eu estou preocupada com André. Ele, por acaso, dormiu aí? — perguntou com uma voz trêmula.

— Não, ele não dormiu aqui.

— Ele não dormiu em casa e não o vejo desde ontem pela manhã...

— E onde ele dormiu?

— Eu não sei, dona Glória. Eu não consigo falar com ele. Seu celular só cai na caixa postal. Ele também não foi trabalhar ontem à noite... Acho que precisamos fazer alguma coisa. André nunca sumiu antes. Sempre avisa quando vai se atrasar... Eu estou muito preocupada.

— Calma. Eu vou conversar com Francesco e com o Romeo. Quem sabe eles têm alguma notícia. Daqui a pouco eu te ligo.

— Por favor, não me deixe esperando, dona Glória. Estou muito aflita.

— Eu sei, querida. Te ligo em seguida.

Raquel e André

— Agora é sério, eu preciso ir. Tenho que pegar o Pedro na casa da minha mãe. — disse Raquel, com o rosto apoiado nos ombros de André. Seus braços não queriam se soltar do corpo dele, apesar de a razão já ter alertado que a hora de voltar para a vida real havia chegado.

Seria aquela uma despedida momentânea ou definitiva?

Eles não sabiam.

— Precisa mesmo? Não são nem 10 horas da manhã ainda. Pedro ainda deve estar dormindo. Quer tomar um café?

— Outro?

— Mais um. O último. Como desculpa para te prender mais um pouquinho.

— Eu realmente tenho que ir. — afirmou Raquel, com uma voz manhosa.

— Quer fugir comigo?

Ela riu.

— Quero.

— Te encontro no Shopping Center Norte às 4 da tarde. Leve só o necessário para uma viagem de jipe pelo Nordeste. E vê se não me dá o cano!

Raquel sorriu adorando a proposta fantasiosa de André. Adoraria fugir com ele. Em vez de responder, ela afundou seu rosto no pescoço dele e ficou ali, perdida em um momento raro de paz. O perfume do sabonete do banho que eles tomaram juntos pela manhã, somado ao cheiro dele, a deixava inebriada. Definitivamente, ela queria fugir com ele.

— Desta vez você fugiria comigo, Raquel?

— Sim.

— SÉrio?

— Não.

Silêncio. Olhos nos olhos. Carinhos. Abraço. Beijos.

— Agora eu tenho mesmo que ir.

Outro beijo. Este mais intenso, mais apaixonado. Depois, Raquel se afastou em direção ao seu carro. Apertou o botão do alarme e destravou as portas.

— Raquel?

Ela se virou e olhou para ele.

— Obrigado pela noite mais linda da minha vida.

Na manhã daquele dia, André havia acordado mais cedo que Raquel. Achou estranho, embora maravilhoso, acordar ao lado dela. Depois de tantos anos acordando ao lado de Juli, estar na cama com outra mulher era algo que não soava bem, mesmo que tivesse sido incrivelmente bom. Com cuidado para não acordá-la, ele se virou e ficou admirando seu rosto delicado e o ritmo de sua respiração.

Tão Linda. Tão serena.

Deitado ao lado de Raquel, André tentava entender tudo que estava sentindo e o que tinha acontecido nas últimas vinte e quatro horas. E em como iria lidar com essa confusão em que seu coração havia se enfiado. Em meio a tantos pensamentos e análises cruzadas, tentou se convencer de que precisou beijar Raquel para perceber que não amava Juli como pensava amar de fato. Depois ponderou e concluiu que Raquel não foi um escape, nem uma fuga ou uma espécie de prova dos nove. Seu casamento estava praticamente acabado e só ele que não queria enxergar o óbvio. O regresso de Raquel em sua vida coincidia com o final do seu casamento com Juli. Ela, definitivamente, não era a causa central.

Com essa revelação em mãos, André, ainda deitado ao lado de Raquel, tomou a decisão de se separar de Juli. Não fazia mais sentido continuar casado com Juli se ela não o amava mais. Ele tinha certeza, Juli não era mais feliz com ele. E ele também já não sabia mais o que sentia pela

esposa. Pensava que a amava, mas cogitava a hipótese de ter ficado obcecado pela ideia de fazer o casamento funcionar de todos os jeitos só para não se sentir um fracassado.

Se ele e Raquel ficariam juntos, essa era outra história. Antes, ele precisava ter uma conversa definitiva com Juli e acertar os detalhes da separação. Dali para a frente, ele não sabia o que iria acontecer.

André e Juli

Não eram nem 10 horas da manhã de sábado e a família di Bianchi estava em peso no apartamento de Juli, articulando hipóteses, discutindo possíveis ocorridos, ligando para alguns amigos de André, buscando por notícias.

— Eu volto a insistir, acho que devemos informar a polícia. — disse Juli para seu Francesco.

— Ainda é cedo, Juli. Não vamos sair por aí tomando providências descabidas. Temos que manter a calma. — disse, acendendo um charuto.

Todos estavam ali com Juli, mostrando-se preocupados, mas ninguém estava desesperado como ela. Dona Glória, longe de parecer uma mãe à beira de um ataque de nervos, seguia sentada no sofá com um olhar *blasé*, quase irônico. Eros se ocupava em mandar torpedos para alguém, Romeo fazia algumas ligações em seu celular e seu Francesco fumava seu charuto, com os pensamentos longe dali. Francamente, só falta uma tábua de queijos e uma garrafa de vinho.

— Algo está errado, gente. André nunca sumiu assim. Nunca dormiu fora e, mesmo que dormisse, ele avisaria. Nós estamos perdendo tempo esperando aqui sem fazer nada.

— Talvez ele tenha tirado o dia para pensar, ficar sozinho. Sei lá... Quem sabe ele não foi fazer trilha? — especulou Romeo.

— Se ele realmente fez isso, é uma falta muito grande de consideração. Poderia ter nos avisado. — comentou Juli, andando de um lado para o outro. — Sumir assim não é feitiço do André. Eu ainda acho que aconteceu alguma coisa mais grave e que devemos tomar uma providência agora.

— Calma, Juli. — pediu Romeo.

Calma, Juli. Ela não aguentava mais ouvir essa frase. Dava desespero só de ver que nenhum deles estava tão preocupado quanto ela.

— Vamos esperar até depois do almoço. Se ele não aparecer, nós avisaremos à polícia. — comunicou Seu Francesco, soltando uma longa baforada de fumaça.

— É melhor assim, Juli. — aconselhou dona Glória.

Juli olhou para eles desolada.

— Ok. Se vocês acham melhor assim, fazer o quê? — comentou, abrindo os braços. — Vou me deitar no meu quarto um pouco. Se souberem de alguma notícia, por favor, me chamem. — avisou Juli. Se ela continuasse assistindo àquela cena por mais cinco minutos, teria um acesso de raiva e falaria o que não queria falar, tomaria providências por conta própria e criaria um clima desagradável com os pais de André. Por isso, resolveu se retirar e esperar.

— Claro! Vai se deitar, querida. Ficaremos aqui, atentos. — disse dona Glória.

Assim que Juli fechou a porta do quarto, seu Francesco falou em um tom de voz baixo, porém grave e sério:

— Você me garante que André está bem, Romeo?

— Sim, pai. Só não sei onde ele está, mas sei com quem ele está e que está bem.

— E por que você não quer contar pra gente quem é?

— Prefiro que André conte. Isto é, se ele quiser contar.

— Eu exijo que você me conte, Romeo. — pediu a mãe.

— Mãe, é coisa particular do André. Ele está bem. Podem acreditar em mim.

— Como André foi fazer uma coisa dessas? Um menino tão correto...
— dona Glória se lamentava inconformada — não foi assim que nós educamos vocês.

De repente, a porta se abriu, e André surgiu, levando um susto. Ainda com a mão na maçaneta, ele avistou seu pai sentado na poltrona ao lado da estante, lendo um jornal. Sua mãe assistia à TV, sentada no sofá. Romeo e

Eros, sentados à mesa de jantar, pararam de conversar assim que o avistaram.

Romeo ergueu as sobrancelhas como quem diz “até que enfim, meu!” e Eros lançou um olhar que dizia “cara, você está muito encrencado!”.

— O que vocês todos estão fazendo aqui?

— Meu filho, graças a Deus você chegou. — disse dona Glória dando um pulo do sofá e indo em direção de André, para conferir se ele estava inteiro e em boas condições. Ela constatou em duas olhadas que não havia nenhuma marca de espancamento, nem roupas rasgadas, muito menos hematomas espalhados pelo rosto. Havia somente um par de olhos brilhantes e uma feição de quem estava ótimo.

— Aconteceu alguma coisa? — André perguntou. — Por que estão todos aqui?

— Nós é que te perguntamos isso. Por onde você andou? Onde passou a noite? — perguntou o pai, ainda sentando na poltrona, sem tirar os olhos do jornal.

— Não recebeu minhas mensagens? — indagou Romeo, apontando com o celular.

André, que ainda não tinha ligado o celular, balançou a cabeça respondendo a pergunta do irmão.

— Pobre Juli... ela está muito preocupada com você, meu filho.

André entrou no apartamento e fechou a porta. Todos aguardavam ansiosos por suas respostas.

— André? — Juli gritou de lá de dentro. — É você? — e, em menos de cinco segundos, ela já estava materializada na frente dele, abraçando-o com força, sentindo-se completamente aliviada por ele estar vivo.

— Onde você estava? — ela perguntou, conferindo se estava tudo bem com o corpo dele. — Graças a Deus que você chegou!

André, que tinha gastado a última hora vagando pela cidade de São Paulo, pensava nas suas últimas vinte e quatro horas. Ele já estava com uma decisão tomada e voltou para sua casa disposto a ter uma conversa séria com Juli. Apesar da situação delicada, ele manteve a calma, e pediu sem maiores explicações:

— Pai, mãe, Romeo e Eros, por favor, poderiam me deixar sozinho com Juli, que preciso falar com ela?

— Mas, meu filho, estamos todos preocupados com você. Onde você estava, afinal?

— Está tudo bem, mãe. Passei a noite na casa de praia. Agora preciso conversar com Juli.

A casa de praia! Como não pensei nisso?, pensou Juli, sentindo-se uma idiota. André adora ir para a casa de praia quando quer ficar sozinho. Tão óbvio.

— Meu filho, não tome...

— Vamos, Glória. — ordenou seu Francesco fechando o seu jornal e se levantando da poltrona. — Romeo e Eros, vamos deixar André a sós com a Juli.

Todos se despediram e deixaram o apartamento em seguida.

A casa ficou em silêncio por alguns segundos. Juli, ainda em pé ao lado de André, aguardava o que ele tinha para dizer, mas também estava com muita vontade de contar para ele que ela havia, finalmente, entendido seu comportamento dos últimos anos e também havia repensando toda a sua vida e que queria mudar pra valer. Daquela vez de verdade, com entrega, de corpo e alma.

— Ai, Dé, preciso tanto conversar com você. Tenho tanta coisa para te dizer... — falou, experimentando uma sensação de bem-estar. Juli teve certeza de que ela conseguiria reverter a situação e fazer o seu casamento deslanchar. — Sabe, minhas últimas horas foram de agonia, por não saber por onde você andava, mas também foram de muita análise e reflexão. Venha, sente-se aqui no sofá que eu quero conversar com você. — pediu ela, puxando André pelo braço, empolgada para despejar tudo de uma só vez.

— Ontem eu tive um pesadelo horrível. Nossa, foi muito real. Eu sonhei que tinha, sei lá, uns 70 anos de idade ou mais.

— Juli, o que tem a ver isso?

— Não. Escute. — pediu Juli, contanto para André todo o pesadelo que tivera. E depois da madrugada em claro, da espera, dos momentos de

reflexão, da confusão de sentimentos... — E, finalmente, pude ver, sob outra perspectiva, a vida que vinha levando e percebi o quanto errei com você. Dé, você me perdoa por ter sido cega, burra e completamente egoísta? Eu agi como uma tola, uma infantil... Nossa! Estou tão envergonhada da forma como me comportei.

— Como? Do que você está falando? — perguntou André, surpreso com o relato de Juli.

— Eu me acomodei na relação. Você tinha razão! Me acomodei com a rotina, deixei você de lado, priorizei o trabalho, não valorizava mais o que tínhamos, o que éramos. — disse, com lágrimas nos olhos. — Fui tão egoísta com você. Inclusive, com relação ao prato que eu desenvolvi. Reconheço que estava buscando um pouco de reconhecimento pessoal.

André apenas balançou a cabeça e nem teve tempo de dizer nada porque Juli continuou:

— Eu estava cega, André. Completamente cega. Me desculpa? Mas agora eu consegui enxergar. De verdade... Puxa, quero muito ser novamente aquela Juli que você conheceu. Vem cá? — pediu, sorrindo e chorando ao mesmo tempo — Venha ver uma coisa.

Ela o arrastou para a cozinha. Abriu a geladeira e a porta dos armários e exibiu, cheia de orgulho, as prateleiras recheadas de produtos diversos. Tudo muito bem organizado e limpo, como era no início do casamento deles.

— Daqui para a frente vai ser assim, vou cuidar de você, da nossa casa e da nossa relação. Eu amo você e quero te fazer feliz. — disse com os olhos rasos d'água. — E ainda quero envelhecer ao seu lado, como sempre dissemos um para o outro.

Justiça seja feita, André arqueou as sobrancelhas e ficou satisfeito com o que viu. Mas, em seguida, surgiu uma dúvida:

— Quem garante que isso não será passageiro, como todas as suas iniciativas de tentar mudar que nunca foram adiante?

— Desta vez, vai ser diferente, Dé. Você precisa acreditar em mim. Vai ser diferente porque eu quero que seja. Você tentou me mostrar, tentou conversar sobre a relação... As meninas também tentaram... Todos vocês

me diziam a mesma coisa e eu não conseguia ouvir. Achava que vocês estavam errados em me criticar o tempo todo e eu era quem estava certa. Reconheço que estive errada esse tempo todo. Tenho consciência dos meus erros, de como me acomodei e de todas às vezes em que te deixei de lado para viver o meu mundo. Mas eu vou mudar. Aliás, estou mudando. Acredite em mim.

André encostou-se ao balcão da cozinha, cruzou os braços e soltou um suspiro triste. Sentia-se surpreso e sem saber o que pensar. O que ele mais quis nos últimos anos foi acontecer justamente quando ele não mais esperava. Quando já tinha desistido, quando tinha descoberto novos sentimentos... Por outra pessoa.

— Nossa casa vai voltar a ser alegre, vamos retomar nossos planos. — Juli tomou fôlego — Podemos fazer aquele curso de reciclagem gastronômica em Toscana que você sugeriu. Que tal? Ou quem sabe uma segunda lua de mel, para recomeçarmos nosso casamento do zero.

André, distante dali, mal ouvia o que Juli dizia. E agora, o que ele iria fazer? Esquecer Raquel, ignorar os sentimentos que se afloraram dentro dele e dar nova chance para Juli seria o certo a fazer? E quanto à sua decisão?

— Você vai ver, seremos mais felizes do que nunca! — arrematou, abraçando André pela cintura.

Juli sentia-se tão feliz agora que tinha abertos os olhos e se tocado de que ela precisava salvar as coisas antes que degingolassem de vez. Ela ficou imóvel, abraçada ao corpo de André, esperando que ele dissesse alguma coisa. Estava feliz por ter falado tudo o que queria, estava otimista com as novas possibilidades e queria começar a viver os dias felizes de sua vida novamente. Então, percebeu que André não correspondeu ao seu abraço, que não estava empolgado e falante como imaginou que estaria.

O que está errado aqui?

Ela se afastou e perguntou:

— Quando você chegou, disse que queria falar comigo.

— Sim.

— E é sobre o quê?

— Eu conheci outra pessoa.

Juli olhou para ele, sem entender. Abriu a boca e depois fechou. Achou que ele tinha falado besteira. Uma espécie de piada totalmente fora de contexto. No entanto, naquele instante Juli percebeu o que havia de errado. André não estava feliz como ela imaginou que ele ficaria ao saber da volta da velha Juli. Ele estava calado e com uma expressão séria. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, numa postura de defesa.

— Você o quê? — perguntou Juli, com uma voz enjoada.

— Eu conheci outra pessoa. — confessou. — E ontem eu estava com ela na casa de praia.

— Você o quê? — Juli perguntou, sentindo o sangue pulsar de raiva em suas veias.

— Eu conheci outra pessoa, Juli. Eu... Eu sinto muito.

Juli, que alguns segundos antes se sentia eufórica e feliz com seu resgate, foi tomada por uma onda de ódio e por um ciúme incontrolável.

— Quem é ela? Como ela se chama?

— Raquel. — respondeu André, sem pestanejar.

— A que corre com você no parque?

— Sim.

— A que pediu para você levar o filho dela no jogo de futebol?

— Sim.

— Mas você disse que ela é casada.

— Era. Se separou, recentemente.

Juli tentava dominar sua raiva. Quem era essa lambisgoia que chegou do nada, tirando o que era dela? Desde quando eles estão juntos? E dona Glória, também, não tinha nada que ficar por aí profetizando coisas.

— Quem é essa Raquel, André? Como ela surgiu em sua vida?

— A Raquel é a minha ex-namorada de colégio.

Juli cambaleou como se tivesse levando um tiro no peito. Atordoada, encostou-se ao armário atrás dela, se negando a acreditar no que ouvia. A ex dele? Aquela fulaninha que ele diz ter amado mais do que tudo na vida?

Não.

Levada por um sentimento de autodestruição, subitamente Juli queria saber tudo o que eles fizeram. Transaram ou não transaram ainda? Quantas vezes? Que tipo de roupa íntima ela gosta de usar?

— Quantas vezes você se encontrou com ela?

— Algumas vezes.

— Quantas vezes foram essas “algumas vezes”?

— Não sei quantas vezes foram, Juli. Tem pouco tempo que nos encontramos por acaso no Ibirapuera. Ela também gosta de correr e passamos a correr no mesmo horário.

A piranha gosta de correr, pensou Juli, com ódio.

— E o que mais? Quero saber tudo. Vamos André, fale!

— Almoçamos algumas vezes. Nos falamos por telefone, levei ela e o Pedro ao estádio e ...

— Ela foi junto com você naquele dia ao estádio? — interrompeu Juli.
— Não acredito! Você disse que iria sozinho com o menino.

— De última hora ela decidiu ir também. — respondeu ele, dando de ombros.

— Você transou com ela? — perguntou, sem poder esperar mais. Intimamente, torcia para ele responder que não, que só ficou conversando sobre os velhos tempos com a ex-namorada. Porém, pelo silêncio e a demora em responder, ela mesma deduziu o óbvio.

— Sim.

A resposta de André acertou a boca do estômago de Juli, fazendo a se contorcer de dor. Quando que ela poderia imaginar que o seu marido estava saindo com outra pessoa? Ele, que sempre fora tão certinho, com sua rotina, com seus valores.

— Você me traiu! Me traiu! Como você teve coragem de fazer isso comigo? — Juli, quase, gritou de tanta raiva que sentia.

— Calma, Juli. Sei que eu estou errado, mas se começarmos uma discussão agora, se começarmos a nos ofender, não chegaremos a lugar algum. Tente se acalmar.

Juli estava completamente dominada pela raiva. Se acalmar era o cacete. Ela queria quebrar metade da cozinha. Queria bater em André e ir

atrás da piranha que tinha dado em cima do marido dela. Isso era o que ela queria.

— Aqui. Beba um copo com água e procure se acalmar. — disse André, estendendo o copo.

Juli, bufando de raiva, pegou o copo e jogou a água na cara dele.

— Seu filho da mãe!

André fechou os olhos, sentindo a água gelada escorrendo pelo rosto e pescoço, cerrou os punhos e tentou se controlar para não fazer uma besteira. Secou o rosto com o pano de prato e observou Juli respirando pesado e com os olhos vidrados nele.

Não era assim que ele imaginou ter uma conversa “decente” com a esposa.

— Se você quiser conversar direito, eu espero você se acalmar. Estou lá na sala.

Juli escorregou seu corpo pela porta do armário, se sentou no chão e ficou ali por um longo tempo sem saber o que pensar. Não sentia vontade de chorar, nem de gritar, nem de quebrar nada. Sentia apenas um buraco no peito. Um vazio. Estava paralisada, incapaz de sentir qualquer tipo de emoção.

Por que ele me traiu?, era o que ela se perguntava, fitando o chão.

Juli tinha tanta confiança em André que jamais passou pela sua cabeça que um dia ele chegaria a esse ponto. Ele a amava, era louco por ela. Todos diziam isso. Como que, de repente, de uma semana para outra ele sai com a ex-namorada de anos atrás?

— Juli?

Ela pulou, se assustando com a presença de André.

— Podemos continuar conversando civilizadamente?

— Por que me traiu? — perguntou sem olhar para ele. — Recaída? Saudades da ex-namoradinha de escola?

André relevou a ironia escondida nas perguntas de Juli e, ainda assim, ele respondeu:

— Por vários motivos que não justificam uma traição. Eu não deveria ter te traído e isso é fato. Deveria ter, antes...

— Essa foi a única vez que você me traiu? — ela perguntou, cortando André.

— Claro!

— Por que, André? Por que você fez isso comigo?

— Por vários motivos. Só que nenhum deles justifica uma traição.

— Pare de responder com frases prontas. Não estou interessada na sua culpa nem em suas respostas bonitas. Só quero saber a droga do motivo. Me diz?

— Você quer saber por que deixei outra pessoa entrar na minha vida?

Juli balançou a cabeça afirmativamente, sem coragem de dizer sim. No fundo, em um lugar bem escondido de sua consciência, ela sabia a razão. Mas, afinal, quem cometeu adultério foi ele. Por que ela deveria se culpar?

— Acho que você sabe bem a resposta, Juli. — respondeu ele, como se pudesse ler seus pensamentos. — Chegou uma hora em que desisti de lutar sozinho pelo nosso casamento, em que cansei de ficar mendigando sua atenção, sua companhia, seu amor... Você me tratou com indiferença sem eu ter feito nada para merecer isso. Se trancou em seu mundo e me excluiu dele. Conseguia se divertir no trabalho e com suas amigas, mas não sentia prazer na minha companhia. Fugiu todas as vezes que eu quis conversar a respeito. Se acomodou tanto que até do seu próprio corpo e da sua saúde você se descuidou. Raquel chegou num momento em que eu estava precisando ser ouvido, precisando de companhia, de conversar, de rir... Foi assim que me envolvi com ela.

Juli apertava os nós dos dedos das mãos sentindo a raiva voltando.

— Você acha mesmo que eu nunca tentei mudar? E você com aqueles papos chatos e intermináveis sobre relacionamento? Será que você nunca se tocou de que era um saco? Eu até quis mudar, mas todas as vezes que você vinha com o seu discurso batido eu só tinha vontade de dormir.

— Fico triste em saber que era um saco. Só estava tentando fazer o que achava certo.

— Você me traiu! — berrou ela. — Você tem consciência do que fez?

— Eu sei que eu errei, Juli. E, de novo, eu sinto muito por isso.

— E o que você espera que eu te diga? Parabéns? Esqueça essa bobagem — ela disse fazendo sinal de aspas — e vamos seguir em frente como se nada tivesse acontecido? Enquanto você estava lá trepando com a outra eu estava aqui limpando a porra do armário, fazendo compras pra você. Pra você parar de reclamar que eu nunca faço nada! — despejou com ódio.

André estremeceu. Ele realmente não conhecia mais a pessoa com quem ele havia se casado.

— Juli, eu...

— E você com essa pose de certinho, cheio de moral e bons costumes... — disse com uma voz trêmula. — Se fosse mesmo esse cara certinho, jamais teria me traído.

André esfregou o rosto.

— Eu realmente tenho meus valores e opinião a respeito de traição, e a respeito de como se deve viver um relacionamento. O fato de eu ter errado não muda o que eu sou.

— Quer saber? Eu vou passar uns dias na casa dos meus pais. — disse numa explosão de angústia e esperando que André se ajoelhasse na sua frente implorando perdão. Era o que ele deveria fazer, não era?

Como André não moveu um dedo e olhava para ela com o rosto trincado, surpreso com a decisão, Juli continuou:

— E eu espero realmente que você possa pensar na bobagem que você fez. Na punhalada que você me deu pelas costas. — Ela se levantou e foi caminhando determinada para a sala de estar.

— Juli, espere!

— Esperar o quê? Eu estou com tanta raiva de você que não consigo nem olhar na sua cara. É melhor eu passar uns dias com meus pais e você pensa o que você quer da sua vida...

— Eu já pensei, Juli. Eu quero me separar de você.

Raquel

Raquel chegou na casa de sua mãe e tocou a campainha. Sentia-se tão feliz que sua vontade era de sair pelo corredor dançando e abraçando as pessoas. Era impossível parar de pensar em André e em tudo o que eles viveram na noite anterior.

— Por onde a senhora andou?

— Bom dia, mãe. — cumprimentou a mãe e depois entrou no apartamento. — E o Pedro?

— Lá dentro.

— Foi tudo bem aqui com vocês dois? — perguntou jogando a bolsa no sofá. E somente agora ela se deu conta do figurino da mãe. Um vestido curto demais para quem está acima dos 60 e sandálias de salto alto.

— Tudo ótimo. Você não vai me responder?

— Eu... — ela engoliu em seco — Ai! Eu saí, mãe. Precisava de um tempo para mim. Só isso.

— E o Alberto, tem dado notícias? Eu ainda quero falar com ele pessoalmente.

— Por que pessoalmente? O que você fez?

— Eu liguei para ele. Ora, você queria que eu ficasse quieta? — disse dona Noêmia diante da cara feia que a filha fez. — Eu liguei... E ele ouviu umas boas.

Raquel relevou. Não queria saber o que a mãe falou para Alberto e nem o que ele falou para dona Noêmia. Eles estavam separados. A única pendência entre eles era a de conversar com o Pedro no final do dia.

— O Pedro ainda está dormindo?

— Não. Está no meu quarto vendo tevê.

Raquel se jogou no sofá e pensou em André. Quase podia sentir o cheiro dele.

— Que cara é essa?

— Cara? Cara de nada, ué! Tem um café fresco aí?

— Não fiz café hoje, filha, e nem me peça para fazer. Estou de saída.

— Aonde você vai? Achei que fôssemos almoçar juntas.

— Eu tenho um... — ela engoliu em seco — É... Um compromisso.

Um encontro com as minhas amigas do clube.

— Ah, tudo bem. Eu me viro com o Pedro. Será que Angélica topa almoçar com a gente?

— Eu não sei. Ligue para ela. Eu já vou, tá?

— Tudo bem. Bom passeio. E, mãe, o médico não tinha proibido de usar salto alto por causa da sua coluna?

— Aquele médico não sabe de nada.

André

André dirigia seu carro para a casa de seus pais com sua cabeça latejando de dor. Ele não conseguia entender o que havia acabado de acontecer.

Assim que pediu a separação, Juli começou a chorar de desespero. Chegou a se ajoelhar no chão pedindo perdão pelos seus erros e prometendo que iria realmente mudar. André tentou em vão acalmá-la. Foi com muito custo e paciência que ele a convenceu a tomar um calmante. Só saiu de casa depois que ela havia dormido.

Mas estava feito. André estava consciente e seguro de sua decisão. Esperava sentir-se triste, porém só se sentia confuso e entorpecido. Em cinco anos de casado, nunca havia presenciado um comportamento desequilibrado como o que Juli apresentou. Em determinado momento, ela estava agressiva, ditando as regras; no outro, estava aos prantos implorando para que ele não se separasse dela.

André estava convencido de que a separação seria, para ela, uma espécie de alívio. Que Juli estava de saco cheio, só esperando que ele tomasse a decisão final, libertando-a, assim, daquele relacionamento sem sal. Mas não foi o que aconteceu. Quando ela se ajoelhou implorando por uma segunda chance, pedindo para ele ficar, André se surpreendeu não reconhecendo-a diante dele. Juli é uma mulher forte, não perde o controle de suas emoções, nem é de seu estilo fazer o papel de sofredora, se escabelar, gritar... Ele já não entendia mais nada.

Definitivamente, sua vida tinha dado uma guinada nas últimas vinte e quatro horas. André não se sentia dividido entre duas mulheres. Era com Raquel que ele queria ficar. Só não queria fazer Juli sofrer daquele jeito.

Ao parar em um semáforo, ligou para Raquel, para ouvir sua voz e buscar um pouco de paz:

— Oi, sou eu.

— Oi, André.

— Conte pra Juli.

— Contou? Mas...

— E pedi a separação.

— Nossa! — ela engoliu em seco. — Mas não acha um pouco precipitado da sua parte?

— Você não gostou de saber?

— Gostei. Quer dizer, não sei. Na verdade, estou confusa. Tudo aconteceu tão rápido e não esperava que você fosse voltar para casa e tomar uma decisão tão séria como essa. Meu Deus!

— Raquel, a separação iria acontecer, mais cedo ou mais tarde. Você só me mostrou que não dava mais para insistir em uma relação desgastada igual a que eu tinha com a Juli.

— Acho que você precisa pensar melhor, André. Agir por impulso nem sempre é prudente. Pense bem. Reconsidere os fatos.

— Como, se eu não paro de pensar em você?

Raquel sentiu-se culpada. Se, por um lado, ela não parava de sorrir desde que André a deixara no estacionamento do restaurante para pegar seu carro e voltar para casa, por outro, ela não esperava que André fosse chegar em sua casa e terminar tudo com Juli. Não queria ser o estopim de uma separação.

Ela precisava organizar seus pensamentos. Precisava se afastar das emoções, do sorriso bobo e pensar com frieza sobre tudo o que aconteceu entre ela e André. Só que não agora. Alberto tocava a campainha da porta de sua casa e eles tinham um assunto muito delicado e mais importante para tratar:

— Nos falamos em outro momento, Alberto está chegando aqui para conversarmos com Pedro.

— Tudo bem. Boa sorte na conversa. E lembre-se: vai dar tudo certo.

— Obrigada. Depois eu te ligo.

- Vou esperar.
- Um beijo.
- Ei?
- Oi?
- Você está se tornando, mais uma vez, muito importante para mim.

Não paro de pensar em você.

- André...
- É o meu coração que está dizendo. É mais forte do que eu.
- Alberto está me esperando do outro lado da porta...
- Tá. Não se esqueça de me ligar depois.
- Não vou esquecer.

Raquel, Alberto e Pedro

— Pai, você voltou de viagem! — exclamou Pedro, se jogando nos braços de Alberto, que o abraçou com força. Alberto tinha sentido muita saudades do filho durante aquelas últimas longas semanas. Só agora, porém, é que ele se dava conta de quanto Pedro fazia falta em seus dias. E percebeu também que iria ser muito difícil não ver o filho todos os dias dali para a frente.

— Oi, filhão, que saudades! Cara, é impressão minha ou você cresceu?

— Acho que cresci um pouco, sei lá. Você trouxe algum presente pra mim?

— Trouxe, claro! Como eu poderia me esquecer de você?

— E é o nosso trato, né, pai? Todas as vezes que você viaja, você traz alguma coisa pra mim. E o que você trouxe? Cadê?

— Aqui está: alfajores de doce de leite, seus preferidos.

— Olha, mamãe, alfajores! Você também gosta. Que tal a gente assistir a um filme e dormir todo mundo junto no tapete da sala? Vamos fazer um acampamento igual ao que fizemos outro dia?

— Filho, seu pai e eu queremos conversar com você.

— Conversar o quê?

— Um assunto sério.

— Escola de novo? O que eu fiz dessa vez?

— Não é sobre a escola, Pedro. É sobre sua mãe e eu. Vem cá, vamos nos sentar aqui no sofá para conversarmos um pouco.

— Agora não. Vamos assistir um filme primeiro. Depois a gente conversa.

— É importante, Pedro. Venha, sente-se aqui.

— Ih! Isso está parecendo aquelas conversas de adultos de vocês.

— Em parte, é uma conversa de adulto. Só que, desta vez, você também está envolvido e precisa saber o que aconteceu.

— E o que é? — perguntou o garoto, se jogando no sofá com cara de contrariado.

— Antes de tudo, gostaria de te dizer, mas isso eu acho que você já sabe, que eu e sua mãe te amamos muito. Você é nosso tesouro. Nosso bem mais precioso. E, enquanto estivermos vivos, você nunca ficará sozinho. Poderá sempre contar com nosso apoio e carinho. Você entende isso?

— Entendo. Só não estou entendendo essa conversa.

— Meu filho, quando duas pessoas se casam elas querem que seja para sempre! Mas às vezes o casal briga muito e não se entende, ou então descobre que não existe mais amor na relação. A mamãe e eu decidimos nos separar. De hoje em diante, o papai vai morar em outra casa. Você e a mamãe continuam morando aqui, e eu virei sempre te visitar.

— Não! — Pedro exclamou. — Não é verdade isso, é mamãe?

— Infelizmente sim, meu amor.

— Por quê? É por que eu dou muito trabalho? Por que sou desobediente? Eu prometo que vou obedecer, mãe. Eu prometo que vou estudar mais e não ficar tanto tempo no videogame...

— Filho, não é isso.

— E que vou tirar notas boas sempre e...

— Filho, me escuta. Não é culpa sua. Não tem nada a ver com você, meu amor. Você não é culpado de nada, entendeu? — Raquel tentou explicar, mas sua garganta estava se fechando com a aproximação das lágrimas. Olhou para Alberto, pedindo ajuda.

— Pedro, meu filho, me escute. A culpa foi minha. O erro é meu. Não seu. Você é maravilhoso, filho. Só nos deu alegrias até hoje. Por favor, não se sinta culpado por nada.

— Mas o que você fez de errado, pai? Por que você e mamãe não podem ficar juntos, morando comigo aqui em casa?

— Eu... — Alberto tomou fôlego, procurando palavras adequadas para explicar para Pedro o que não era fácil de ser explicado. — Eu conheci

outra mulher.

— E o que é que tem de errado em conhecer outra mulher?

— Bom, vou tentar te explicar de outra forma. O papai conheceu outra mulher. Uma namorada.

— Então você não gosta mais da minha mãe?

— Gosto muito da sua mãe e vou gostar para sempre. Mas não mais de um jeito para ser o marido dela.

— Você vai se casar com essa outra mulher, é isso?

— Não sei se vou me casar com ela, mas gosto dela e é com ela que eu quero ficar. Por isso, a culpa não é sua, Pedro. É minha. Eu não deveria ter conhecido ninguém.

— Eu não entendo...

— Existe uma coisa chamada coração, que fica aqui dentro do nosso peito e é onde moram todos os nossos sentimentos. E no nosso coração não é a gente quem manda. É ele quem decide de quem vai gostar... E o meu decidi gostar dessa outra pessoa. Um dia, quando você for mais velho, vai entender melhor sobre tudo isso. Terei o maior prazer em conversar com você e explicar direito o que aconteceu.

Alberto, na verdade, não podia dizer ainda para o filho que era homossexual. Seria muito mais difícil explicar. Mais tarde, quando ele conseguisse entender melhor, contaria. Então, inventou uma desculpa de que conheceu outra mulher por ser a forma mais fácil de o filho entender toda a problemática que ele criou para sua família. E, também, não queria que Pedro achasse que a culpa era de Raquel e nem dele. Se Pedro tivesse de odiar alguém pelo fim do casamento dos pais, que fosse ele.

— Eu não quero que vocês se separem. Vocês são meus pais! — disse Pedro, começando a chorar.

— E sempre seremos, Pedro. Você poderá ir à minha casa quando quiser. Eu venho te ver sempre que possível... Vamos arranjar esses detalhes para que você também passe períodos comigo. Não se preocupe que eu não vou sumir. Te prometo que nunca vou deixar você sozinho.

— Mas está me deixando agora!

— Sei que é difícil aceitar e entender, mas acredite, é melhor assim.

— Esquece essa mulher chata que você conheceu, pai, e fique com a mamãe. Olha só como ela é bonita? Por favor, não vá morar em outra casa.

— Oh, filho. Vem cá. — Alberto o envolveu com um abraço e consolou o filho enquanto ele chorava. Raquel também chorava em silêncio pelo sofrimento de Pedro. Como ela previu, não estava sendo fácil.

Foi com muito carinho e paciência que Alberto e Raquel conseguiram acalmar Pedro. Depois de conversarem, eles jantaram e Alberto ficou com o filho até o momento em que ele adormeceu em seu quarto.

Antes de deixar o apartamento, Alberto disse para Raquel:

— Obrigado. Realmente você é uma mulher incrível. Uma pessoa extraordinária. Eu não teria a sua calma, e acho que não me comportaria da mesma maneira sensata e civilizada se a situação fosse comigo. Admiro muito você.

— Para proteger o meu filho de qualquer sofrimento eu suporto tudo. Passo por cima dos meus sentimentos e das minhas dores, como fiz durante a nossa conversa. Mas não pense que foi fácil porque não foi. Não está sendo.

— Eu sei, eu sei. Pra mim também não está sendo. E me desculpe, mais uma vez, por te fazer passar por isso tudo. Juro que não planejei este sofrimento.

— O leite está derramado e começando a azedar. — disse Raquel, sem meios termos. — O que está feito está feito. E daqui para a frente, o que eu espero de você, Alberto, é que coordene toda a burocracia da separação e que cumpra com seus deveres. Do Pedro e das minhas dores, eu mesma posso dar um jeito. Agora, acho melhor você ir.

André e a família di Bianchi

André não esperava receber o apoio dos pais e dos irmãos quando revelasse sua decisão. Só queria ser franco com eles e contar o que estava acontecendo em sua vida. A reviravolta, as últimas horas, o que sentia... Nunca gostou de mentiras nem de esconder nada de sua família e, sentado diante de seus pais, ele não faria diferente.

— Muito bem, diga o que está acontecendo, André. — pediu seu Francesco.

— Vou me separar da Juli, pai.

— Ah, meu filho, não faça isso! Juli é uma boa garota. — pediu dona Glória, em defesa da nora — Vocês precisam conversar e colocar as coisas no lugar. Casamento requer muita paciência, filho. Nem todos os dias são de alegrias. Existem os problemas, as diferenças, e vocês precisam conversar para alinhar esses contratempos.

— O que está acontecendo, André? — perguntou o pai, sem rodeios. Seu Francesco não é homem de embromação. Ele gosta de ir direto ao ponto.

— Juli e eu nos distanciamos nos últimos anos, como vocês mesmo perceberam. Ela se concentrou demais no trabalho e acabou deixando o nosso relacionamento de lado. Eu fiz tudo o que podia para ela enxergar que, se continuasse agindo daquela forma, dificilmente a gente resistiria. Eu lutei por muito tempo sozinho. Chegou uma hora em que eu, simplesmente, me cansei.

— E aí você conheceu outra mulher.

— Você conheceu outra mulher, André? Eu sabia! — dona Glória interrompeu, horrorizada com essa possibilidade. Precisava ouvir do seu

filho, marido-perfeito-e-filho-exemplar, que aquelas suspeitas eram infundadas.

— Não conheci, exatamente. Eu acabei me reencontrando com Raquel, por acaso, no parque Ibirapuera.

— Que Raquel, filho?

— A Raquel, minha primeira namorada.

— A Raquelzinha? E como ela está? Que doce de menina ela era! Pena que tinha um pai muito autoritário. — dona Glória se empolgou e encheu André de perguntas. Seu Francesco precisou colocar ordem no recinto antes que o assunto principal fosse completamente esquecido.

— Vamos deixar essas perguntas para depois, Glória? Meu filho, o que aconteceu com você e Raquel?

— Pai, a Raquel não tem nada a ver com a minha decisão de me separar da Juli. Nosso casamento já estava fadado ao fracasso... E, de qualquer maneira, nem sei se Raquel e eu vamos ficar juntos. Nós nos encontramos por acaso, saímos algumas vezes para almoçar e passamos o dia de ontem no Guarujá. Ela acabou de se separar do marido, está toda confusa também... Ou seja, não sei de nada.

André tinha um relacionamento muito aberto com os pais. Eles eram mais que seus pais, eram seus melhores amigos. Pessoas a quem ele poderia contar qualquer coisa, com quem poderia dividir problemas, angústias. E, por pior que fosse a situação, ele sabia que teria o apoio deles.

— André, você não podia ter feito isso com a Juli. Passar a noite com outra mulher... Não foi isso que sua mãe e eu tentamos passar para vocês.

— Eu sei, pai. Sei que não justifica, mas foi mais forte do que eu. Vocês sabem o quanto eu gostei da Raquel. Tê-la reencontrado mexeu demais com meus sentimentos e não fui forte o suficiente para resistir.

— Pobre Juli. Fico imaginando como ela vai se sentir depois que souber.

— Ela já sabe mãe. Conte tudo antes de vir para cá e pedi a separação.

— André do céu! Meu Deus... E como ela ficou?

— Arrasada. E é o que eu não entendo até agora. Achei que ela quisesse se separar de mim, que não me amasse mais... Ela disse que quer

mudar, ser uma pessoa melhor e fazer nosso casamento dar certo. Eu já não sei mais o que pensar.

— Juli te ama, André. Tenho conversado com ela sobre vocês. Senti que ela se perdeu no meio do caminho, que se dedicou demais ao trabalho e se acomodou no casamento, como você mesmo disse. Mas, no fundo, ela ama você, meu filho. E se ela caiu em si, que bom! Sinal de que está arrependida e quer continuar ao seu lado.

— Agora já é tarde, mãe. Eu tomei minha decisão e não volto atrás.

— Nunca é tarde, filho. Pense com calma. Volte para casa e converse com sua esposa. Um casamento não pode ser descartado assim, tão facilmente. Se ela demonstrou vontade de mudar e se você ainda a ama, precisa dar uma segunda chance.

— Eu não sei mais o que sinto por Juli, pai. Estou muito confuso.

— Você contou para ela da Raquel?

— Conte sim, mãe.

— Meu Pai amado! Juli deve estar se sentindo péssima. E você a deixou sozinha em casa?

— Sim. Mas ela está dormindo. Dei um calmante para ela. Eu disse que viria aqui conversar com vocês e que voltaria para casa.

— E você, filho, como está se sentindo?

— Triste... e vazio.

— É assim mesmo que nos sentimos quando falamos a verdade para as pessoas com quem nos importamos. — filosofou Seu Francesco, dando uma tragada em seu charuto. — Fico feliz em ver o homem honesto em que você se tornou, André. Errou em trair Juli. Acertou em contar toda a verdade.

— Não me sinto nada orgulhoso, pai. Não queria que as coisas tivessem chegado a esse ponto. Vocês sabem o quanto quis que desse certo entre mim e Juli.

— Filho, não faça nada no calor da situação. Espere passar alguns dias e converse muito com a Juli. Não a deixe sozinha. Dê a ela uma segunda chance. — pediu a mãe.

André já não sabia o que pensar. A atitude de Juli o pegara completamente de surpresa e o deixara sem reação. Aquela decisão de se separar e começar uma nova fase já não era tão forte e segura como parecia de manhã, ao voltar do Guarujá. Ele precisaria repensar tudo, mais uma vez.

Alberto e Joaquim

Passava da meia-noite de domingo e Joaquim ainda não tinha conseguido relaxar. Do lado de fora da janela, o barulho da cidade ainda era o mesmo. Dentro dele, no entanto, a angústia era o sentimento da vez. Alberto não dava notícias desde que retornaram de Bogotá e ele não fazia ideia do que estava acontecendo.

Diante dele, o telefone celular mostrava as inúmeras chamadas que ele havia feito para Alberto nos últimos dias. Todas não atendidas. Joaquim ficava indignado quando Alberto sumia e não dava satisfações. Falta de consideração era pouco para traduzir o que ele sentia. Em momentos assim, ele prometia que nunca mais olharia para Alberto novamente. Mesmo que Alberto viesse bater em sua porta sem camisa e de joelhos, ele não abriria.

— *Tá pensando que eu sou o quê? Seu brinquedinho? Não vou abrir mais a minha porta para você.* — dizia para si mesmo antes de virar o último gole de vodca.

Em seguida, se jogou no sofá pensando que, se Alberto não voltasse nunca mais, por quem ele iria se apaixonar de forma tão intensa novamente. Com quem ele iria compartilhar as horas, os minutos, as ideias, as notícias, o medo e a esperança?

Os minutos se passaram e ele quase adormeceu na penumbra da sala vazia. Foi então que a campainha tocou e Joaquim sorriu. Só Alberto subia sem ser anunciado pelo porteiro.

— Não vou abrir. Pode tocar. — disse baixinho, a centímetros da porta. Depois voltou para o meio da sala, em busca de forças para resistir aos seus instintos de se jogar nos braços de Alberto.

A campainha tornou a tocar. Imaginou Alberto parado do outro lado da porta. Lembrou-se do seu cheiro, do tom da sua voz, da segurança do seu abraço e amoleceu.

— Como sou fácil! Credo!

Ajeitou rapidamente a camisa, deu uma conferida no espelho e foi para o tudo ou nada. Chegou o momento de saber o que a primeira-dama decidiu para sua vida. O dia D.

Ai, meu Deus, estou em pânico!

Tentando deixar o nervosismo de lado, ele cruzou os dedos e destrancou a porta:

— Estou com ódio de você. — desabafou, ao abrir a porta e ver Alberto parado do lado de fora, todo másculo, todo lindo e com aquela cara de falsa paz. — Não pense que vou me atirar em seus braços, porque eu não vou.

— Eu sei, Joaquim.

— Você simplesmente sumiu por dias inteiros. O que aconteceu? Voltou com a primeira-dama, foi isso? Se foi, fala de uma vez que eu não aguento mais tanto suspense.

Essa era a pergunta que martelava em sua cabeça todos os dias desde que voltaram da Colômbia. O que ele e Raquel conversaram? O que ela decidiu?

— O que é isso? — questionou Alberto ao ver Joaquim batendo no aparador de madeira de demolição que fica no hall de entrada.

— Nada. Estou nervoso.

— Posso entrar? Ou você prefere que eu volte outro dia? — pediu, com um meio sorriso.

Joaquim revirou os olhos, detestando a sua fraqueza.

— Você pode entrar, claro que pode. Entre e fique bem longe de mim. Do outro lado da sala.

Alberto atravessou o hall, sem dar muita atenção para o pequeno show de Joaquim e se jogou em um sofá de couro branco, repleto de almofadas em um tecido zebrado na confortável sala de estar.

— Raquel quis mesmo o divórcio. — falou sem mais delongas.

O quê?

Imediatamente, fogos de artifício explodiram no céu imaginário de Joaquim. Um réveillon particular explodia em sua praia de Copacabana, dando vazão à sua alegria e pondo um fim na sua angústia. Finalmente, tudo estava do jeito que ele sempre quis. Como passe de mágica, ele não estava mais magoado, nem com raiva e com muita vontade de se atirar nos braços de Alberto para brindar aos novos tempos.

— Ótimo! Não era isso que nós queríamos? — perguntou, sentindo-se tão aliviado que quase soltou um gritinho para comemorar, mas, em tempo, lembrou que Alberto detesta esses excessos.

Alberto não respondeu à pergunta de Joaquim, apenas fitou uma das estátuas em forma de gato negro, que ladeavam o sofá à sua frente. Ele não gostava daqueles gatos. Parecia que eles tinham vida e que, a qualquer momento, pulariam no seu colo, atacando Alberto feito um tigre faminto. Joaquim tinha muito bom gosto para decoração, mas aqueles gatos bizarros, definitivamente, não tinham nada a ver com o ambiente.

— Não era isso, Alberto, o que queríamos? — Joaquim tornou a insistir.

— Era... Era o que nós queríamos, sim. — falou sem convicção alguma.

— Então, está tudo certo. E onde você passou esses dias que não atendeu aos meus telefonemas, não respondeu meus e-mails e deu ordens expressas para a antipática da sua secretária não me transferir para o ramal da sua sala?

— Estava mal e queria ficar sozinho.

— Estava mal? — *Como assim?* — Por quê?

— Eu ainda estou mal, Joaquim. Não imaginei que me separar de Raquel fosse me abalar da forma como está me abalando. Não estava preparado para me sentir tão desolado. Eu estou sofrendo como nunca sofri antes.

Joaquim franziu a testa entre as sobrancelhas.

— Ih. Não vem me dizer que está tendo uma recaída? Que a primeira-dama te dispensou e você ficou arrasado? Jogado no canto feito uma maria-

mole? Tá loca?

— Joaquim, segura a onda. Não comece a desvairar demais, por favor.

— Eu estou tão feliz e você aí com essa cara? Vamos melhorar o astral, curtir, sair para badalar. Que tal um final de semana em Amsterdã?

— Estou arrasado, Joaquim. Se você puder entender que não está sendo fácil terminar um casamento de tantos anos e não me criticar... Além de tudo, acabamos de dar a notícia ao Pedro. Ele ficou arrasado. Cara, eu estou muito mal.

Ok. Tudo bem. Vamos com calma.

— Vai passar. — ponderou Joaquim. — Ele vai superar, você vai ver.

Aproveitou para preparar uma bebida para o seu homem. Era hora de cuidar do que era seu, de mostrar por que Alberto sempre volta para ele.

Sua semana tinha sido horrível pensando que poderia perdê-lo para a maldita primeira-dama. Como ele a odiou nesses dias. Mas, agora, ele a idolatrava. Era a sua deusa! Muito sábia essa Raquel. Que mulher espetacular. Forte. Decidida.

— Onde você está morando? — perguntou entregando o copo com o uísque do jeito que ele gosta.

— No flat.

— E vai ficar por lá?

— Por enquanto, sim. Estou sem cabeça para pensar em procurar apartamento.

— Como você me disse lá no aeroporto, tudo vai se ajustar. Tudo vai se ajustar.

Do meu lado! — complementou em pensamento, sentindo seu coração explodir de tanta alegria.

— Tomara que sim.

— Ei, cadê aquele Alberto destemido, determinado e que não tem medo de nada? Bola pra frente!

— Obrigado pela força, Joaquim.

— Tá. E o que eu faço agora, fico aqui olhando o seu baixo astral e te consolando com palavras bonitas, agarro você e te arrasto para o quarto ou o quê?

— Apenas beba comigo, se puder.

— É sempre um prazer.

Joaquim conseguia imaginar toda a sua vida ao lado daquele homem. A fase Viva La Vida Loca havia acabado. Agora ele entrava na fase E Que Seja Eterno Enquanto Dure.

Raquel e André

Depois de alguns dias em que contaram a Pedro sobre a separação, Raquel estava prestes a encerrar seu expediente no escritório para, em exatos dez minutos, pegar o carro para se encontrar com André. Aquela seria a primeira vez em que eles se encontrariam depois da noite que passaram juntos no Guarujá. Ela estava ansiosa e cheia de expectativas para saber o que eles iriam conversar e o que fariam de suas vidas, e principalmente, para vê-lo pessoalmente. Inesperadamente, seu celular tocou, em uma ligação a cobrar. Raquel aceitou e viu que era sua mãe, ligando de um telefone público. Ela estranhou o fato incomum, ainda mais porque sua mãe praticamente nunca ligava durante o período de trabalho.

— Onde você está, mãe?

— Em uma lanchonete do shopping Vila Olímpia.

Raquel ficou pensando se os shoppings tinham lanchonete.

Shoppings tinham cafeterias, restaurantes, sanduicherias, temakerias e mais um monte de outras invenções modernas que, na verdade, não passavam de lanchonetes, só que ninguém as chamava dessa maneira.

— O que você foi fazer do outro lado da cidade, mãe?

— Filha, por favor, venha me buscar. Aqui eu te explico melhor. — pediu Noêmia, com uma voz trêmula.

— Por que você está me ligando a cobrar de um telefone público? Onde está o seu celular?

— Você já está no carro?

— Estou no escritório. E onde está o Pedro?

— Está com Alberto. Não era o dia dele?

— Ah, sim. — Raquel ainda não havia se acostumado com o dia da semana de Alberto ficar com o filho. — Por que a senhora não pega um táxi e vai para casa? Posso te encontrar lá mais tarde. Eu tenho um compromisso...

— Filha, por favor. — interrompeu dona Noêmia. — Por favor, venha me buscar aqui. Estou muito nervosa e preciso de você.

— Tem certeza de que não é só um pequeno exagero seu, mãe?

— Desta vez eu juro que não estou exagerando. Eu realmente preciso que você venha me buscar.

— Você está me deixando nervosa com esse mistério. Não é melhor ir me contando de uma vez?

— Preciso tomar uma água e me sentar. Se apresse que minha pressão está subindo. — dizendo isso, dona Noêmia desligou o telefone.

Raquel ficou olhando para a tela do seu iPhone pensando no que a sua mãe havia se metido. Porém, o ícone de mensagem informava que ela tinha uma nova mensagem não lida. Ela tocou o dedo na pequena caixa verde e o nome André di Bianchi saltou na tela.

Mal posso esperar para te abraçar. Te vejo em meia hora.

E agora?, pensou.

Será que mãe estava mesmo em apuros ou era somente o exagero de sempre? E se dessa vez fosse mesmo verdade? Por outro lado, Raquel estava ansiosa para encontrar com André. Eles tinham marcado esse encontro para tomar decisões importantes, para conversar sobre suas vidas. Raquel queria tanto conversar com André olhando nos olhos, não ao telefone como vinha fazendo nos últimos dias. Ela queria lhe fazer perguntas importantes e sentir suas respostas.

No entanto, a mãe, mais uma vez, estava lhe cobrando atenção. Raquel olhou para a janela e ficou considerando o que fazer. Ela se sentia responsável pela mãe desde que o pai morrera e nunca negou nenhum pedido por parte dela. Mas, no momento, ela também tinha um assunto de

seu interesse pessoal para resolver. Será que deveria se privar, como sempre fizera ao longo de sua vida, em benefício do outro?

Raquel, então, se lembrou de Angélica e ligou para a irmã para pedir ajuda. Afinal, ela também era filha de dona Noêmia e podia ajudar de vez em quando.

— Eu também não posso, Raquel. Estou no meio de uma tatuagem.
— respondeu com uma voz entediada.

— E o Márcio? Será que ele...

— Também não vai dar. Além do mais, ela ligou para a “filhinha preferida”, não foi? Se ela está com problemas só você que pode ajudá-la.

Raquel desligou o telefone. Ela nunca sabia o que responder quando a irmã vinha com o velho discurso de que ela era a filha preferida. Sempre pensava que Angélica falava em tom de brincadeira, mas Raquel achava que no fundo tinha um tom de verdade e de recalque por detrás da ironia.

Sentindo raiva de si mesma por não conseguir dizer não, Raquel pegou o telefone e ligou para André:

— Oi, sou eu.

— Oi! Eu já estou saindo daqui de Moema. Em vinte minutos eu chego no Ibirapuera. — disse ele com uma voz ofegante. — E você?

— Eu não vou mais.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— É a minha mãe. — disse Raquel, com o coração apertado de vontade de estar com ele. — Ela está no shopping Vila Olímpia e pediu para eu ir buscá-la. Eu não sei direito o que aconteceu, nem o que ela foi fazer por aqueles lados... Mas acho que é algo sério.

— Mesmo? Mas ela está bem?

— Ela não me deu muita informação. Pela voz, parecia estar bem nervosa.

— Poxa, que pena! E quando eu te vejo?

— Se você puder, a gente almoça amanhã em algum lugar.

— Só amanhã? Estou morrendo de saudade de você. — reclamou André, fazendo Raquel se sentir ainda mais arrependida por ter que

cancelar seu encontro. Em seguida eles combinaram o local e horário do almoço e desligaram o telefone.

Ao desligar o telefone, André descansou o peso do seu corpo em uma coluna da garagem do seu prédio e esperou que suas emoções se acalmassem. Ele estava ansioso para encontrar com Raquel novamente. Não compreendia como era possível sentir tanta falta de alguém que voltara recentemente para sua vida. Mas sabia que sentia.

Voltou para o apartamento e pegou um livro para ler. Juli não estava em casa e ele ficou feliz em aproveitar um raro momento de paz e de silêncio.

Fazia uma semana que ele e Juli estavam vivendo como se pisassem em ovos. Só não eram como dois estranhos porque eles se conheciam muito bem e ainda estavam casados. Mas, para André, a sensação era de que ele estava dividindo a casa com uma pessoa estranha.

Ora Juli estava deprimida e chorando, ora estava alegre e prestativa, como em um dia em que ele chegou do treino e encontrou um lanche caprichado que ela fez para ele comer antes de ir para o restaurante. Exceto por isso, todas as noites quando André chegava do trabalho ela lhe perguntava se ele havia se encontrado com Raquel. Juli também havia criado o hábito de deixar bilhetes que variavam entre declarações e ameaças. O último dizia que, se ele a deixasse, ela se jogaria da janela do apartamento. Era torturante, tanto para ele quanto para Juli.

Contudo, ele continuava morando com a esposa a pedido de Raquel e da mãe. Elas achavam que ele estava se precipitando e que precisava pensar um pouco mais antes de tomar uma decisão tão séria e definitiva como aquela. O que Raquel e dona Glória não sabiam era que ele já estava decidido desde a manhã do sábado que voltou do Guarujá com Raquel. E André não voltaria atrás em sua decisão porque seu coração não pertencia mais a Juli.

Raquel e Juli

Raquel adentrou a lanchonete, que na verdade era uma cafeteria muito elegante, e, de cara, localizou a sua mãe, que se destacava do público local. Dona Noêmia era um ponto dourado e brilhante perdido entre os modelitos sóbrios tão típicos de quem trabalha em escritórios e frequenta aquele shopping.

— Oi, mãe. — cumprimentou Raquel, analisando dona Noêmia de cima até embaixo. Ela parecia bem, apesar dos olhos marejados. — E essa roupa? É nova?

Havia dias que Raquel vinha observando a transformação da mãe. Primeiro tinha sido o cabelo, depois a maquiagem, que passou de ocasional para diária, e, por fim, as roupas. Apesar de ter observado aquelas mudanças, Raquel não teve curiosidade, nem tempo, e nem cabeça, para conversar com a mãe sobre o assunto. Observava e pensava: “Outro dia eu pergunto”.

Talvez hoje seja um bom dia para isso, pensou Raquel, analisando a blusa de lamê dourada que passava bem longe do estilo jovem senhora, que Raquel tentou emplacar nas saídas às compras com a mãe: uma saia preta acima dos joelhos e as sandálias de salto que ela viu outro dia.

— Ai, minha filha, ainda bem que você chegou. Pelo amor de Deus, estava para ter um infarto bem aqui no meio da lanchonete. — confessou, enxugando os olhos com um guardanapo.

— O que aconteceu afinal? Por que você veio da Lapa para a Vila Olímpia sozinha? Você nunca vem para esses lados...

— Ai, filha... — lamentou-se dona Noêmia, com lágrimas nos olhos — Ele parecia tanto ser um bom rapaz.

— *Ele* quem mãe? Do que você está falando?

— O Candinho. Eu o conheci no *Face*.

— *Face*?

— Ééééé, o *Facebook*. — explicou, com o mesmo tom de voz que Pedro usa quando Raquel faz perguntas idiotas sobre tecnologia.

— *Facebook*? Desde quando a senhora tem *Facebook*?

— Todo mundo tem *Facebook*. — se defendeu ela. — Até você tem.

— Certo. Então, você conheceu um homem pelo *Facebook* e...?

— E eu vim aqui me encontrar com ele.

Então, como se tirassem um véu de frente dos seus olhos, Raquel entendeu toda a questão. O corte de cabelo moderno, a maquiagem exagerada, as roupas espalhafatosas, os inúmeros compromissos e saídas da mãe. Tudo aquilo porque ela estava namorando escondido ou, pelo menos, tentando namorar escondido. Raquel respirou fundo, se dando conta da gravidade do problema.

— Mãe, pelo amor de Deus, você veio aqui sozinha encontrar com um homem que você conheceu na internet? Não estou acreditando.

— Sem broncas, por favor. Estou fragilizada e a minha pressão não está boa.

— Então conte de uma vez o que aconteceu?

— O Candinho marcou o encontro comigo aqui neste shopping. Ele queria que eu fosse na casa dele, mas eu disse que não. Só se fosse em um shopping ou em uma lanchonete. Ele escolheu o shopping. Então eu peguei um táxi e vim. Nós almoçamos, conversamos. Uma conversa agradável, sabe? Falamos de turismo...

— Pula essa parte, por favor. E depois?

— Bem, depois, ele disse que queria comprar algumas coisas. Nós ficamos passeando pelos corredores, ele entrou e saiu de várias lojas... Não gostava de nada. Achei que ele era um pouco exigente, mas, enfim... — dona Noêmia assoou o nariz. — Até que ele entrou em uma loja de artigos masculinos e pediu tudo o que queria. Na hora de pagar, ele tentou passar o cartão e não conseguiu.

— E aí?

— Ele perguntou se eu não poderia pagar para ele, que depois ele me pagava, já que o cartão estava com problema.

— E você não pagou, claro! Não é?

— Paguei.

— Não acredito que você foi ingênua a esse ponto, mãe! Pelo amor de Deus, onde a senhora estava com a cabeça?

— Ele disse que assim que saíssemos da loja ele iria comigo até o caixa eletrônico sacar dinheiro para me pagar.

— E você acreditou em um estranho? Será que você não assiste mais aos telejornais? Toda hora tem uma notícia assim, de gente que aplica golpe nas pessoas.

— Ele não era um estranho, minha filha. Tem uma semana que a gente se fala pelo *chat*.

— A senhora conversa com pessoas pelo *chat*? — Raquel não parava de se surpreender com dona Noêmia. Ela parecia mesmo disposta e determinada a entrar para a era tecnológica, aprender todas as modernices e recuperar o tempo perdido nos anos de submissão ao marido fazendo tudo o que tinha vontade de fazer.

Raquel já não sabia avaliar se a morte do pai tinha sido mesmo a salvação da vida da mãe. Lembrou-se de uma conversa que teve com ela, ainda no velório do pai:

— Papai, da maneira dele, sempre quis o melhor para nós. Eu sei disso e espero que ele descanse em paz. E, você mãe, de hoje em diante, vai começar a viver a sua vida da maneira que bem entender. Sem ter que pedir permissão pra ninguém, sem se frustrar, sem se humilhar, muito menos fazer aquilo que não é do seu agrado. Quero que você aproveite seus dias e faça tudo o que não pôde fazer até hoje. Quero que você seja feliz!

Maldita hora em que Raquel foi dizer aquilo. A mãe, pelo visto, estava levando o seu conselho ao pé da letra e estava parecendo menino em baixo de pé de manga, se lambuzando toda com a liberdade recém-adquirida.

Raquel achava que, depois de viúva, sua mãe iria estudar, já que só tinha cursado o ensino fundamental, que iria fazer cursos de culinária,

computação ou qualquer coisa do gênero. Que iria viajar o mundo, relacionar-se com pessoas da mesma idade que ela e sair com as amigas para ir ao cinema. Nunca poderia imaginar que sua mãe fosse encarnar a periguetada-terceira-idade e sair por aí se encontrado com rapazes mais novos, bem mais novos, diga-se de passagem, que conhecia no “Face” e vestindo aquelas roupas extravagantes.

— Então vamos recapitular: você conheceu esse cara no *Facebook*, conversou com ele pelo *Messenger*.

— *Chat*.

— É tudo a mesma coisa. E, uma semana depois, você achou que o conhecia o suficiente para encontrá-lo pessoalmente?

— Você achou uma semana muito?

Raquel ignorou.

— Daí ele deu uma de esperto para cima da senhora, te arrastou para uma loja, comprou tudo o que tinha direito e pediu para que você pagasse a conta. Depois, disse *muito obrigado* e deu no pé.

— Não. Ele fez questão de ir até o caixa eletrônico para sacar o dinheiro.

— É mesmo? — espantou-se. — Então, não estou entendendo o que aconteceu de tão trágico, já que ele te pagou.

— Não, ele não me pagou. Aí que está. Lá no caixa, em vez de ele sacar o dinheiro e me pagar, ele levantou o casaco e me mostrou uma arma que estava escondida na sua cintura. — Raquel arregalou os olhos e levou uma das mãos à boca. — Disse que era para eu tirar todo o dinheiro que podia da minha conta e passar para ele com muita discrição e sem fazer escândalos ou ele me mataria ali mesmo.

— Meu Deus. Meu Deus! Mãe... — ela não sabia o que dizer. Será que a mãe entendia o perigo que ela acabara de passar? — E o que a senhora fez?

— Eu saquei o dinheiro e dei pra ele. E, ainda por cima, ele levou meus cartões, o dinheiro que estava comigo na carteira e o meu celular. Me deixou só com a roupa do corpo.

— E ninguém que estava por ali percebeu nada? Os seguranças, as pessoas, ninguém?

— Não. Ele fez tudo muito discreto. Me abraçou, com a arma apontada para mim por dentro da roupa, e conversava comigo, ria, sabe? Fingia que éramos um casal e estávamos apenas tirando dinheiro do caixa.

— Ainda bem que você não reagiu, mãe. Graças a Deus foi só o dinheiro embora.

— Nem me fale, minha filha. Estou tremendo até agora de tão nervosa que fiquei. Senti tanto medo de morrer...

— Agora você acredita em mim ou ainda acha que sou exagerada? Quando fico falando para a senhora tomar cuidado com quem se relaciona, para tomar cuidado com as pessoas em quem você confia. Para não ficar falando de quanto recebe de pensão... Mas a senhora e a Angélica sempre me chamam de chata quando falo essas coisas. Agora olha aí o que aconteceu.

— Eu sei. Agora vejo que você estava tentando me proteger, e não me controlar, como seu pai fazia.

— O quê? A senhora achava que eu queria controlar sua vida? Pelo amor de Deus, mãe! Nunca que eu faria isso. A senhora é adulta, livre para fazer o que quiser. Mas também é um pouco ingênua com relação às maldades do mundo. Meu pai te isolou tanto que parece que você não tem noção do que as pessoas são capazes de fazer por maldade.

— Me desculpe, filha. Achava que, de alguma forma, você queria que eu fizesse aquilo que você achava que era certo ou o que era melhor para mim. E não o que eu realmente queria fazer. Por isso que fingia que ia ao Clube da Terceira Idade.

— Não. Eu não estou ouvindo isso. — Raquel falou, balançando a cabeça — Mãe, nunca tive essa intenção. Só tentei te proteger, te ajudar a se socializar novamente. Você viveu tanto tempo dentro de casa, cuidando do pai e da gente... Nossa, mãe! Nem sei o que dizer.

— Eu fui muito ingênua mesmo. Você tem razão. É que ele parecia ser um bom garoto, sabe? O Candinho... Eu acreditei nele.

— Quantos anos ele tem, mãe?

— Uns vinte e seis.

Raquel balançava a cabeça, inconformada com a ingenuidade da mãe. Graças a Deus ela estava viva e que o pior não aconteceu. Agora era torcer para que dona Noêmia aprendesse a lição e ficasse longe dos “rapazes do Face”.

— E por que você não ligou para a Angélica vir aqui te buscar? — essa pergunta Raquel não poderia deixar de fazer. Sabia muito bem a resposta. Mas queria ouvir da boca da mãe.

— Ah, por que você tem mais jeito para essas coisas, filha. Angélica me daria um sermão daqueles, você sabe. Sem paciência, sempre com pressa e ocupada com o estúdio dela.

Claro! Angélica não gosta de problemas familiares. Gosta dos almoços e jantares em família, de rir das novidades em que a mãe tem se enfiado, mas na hora que a coisa aperta, ela cai fora e deixa para Raquel resolver os problemas.

Até quando eu vou ser a que resolve tudo nessa família?, pensou, observando quatro moças em uma mesa mais adiante. Uma delas chorava, enquanto as demais tentavam consolá-la com palavras e abraços. Será que algum canalha também lhe aplicara o golpe?

— Depois dessa, eu preciso dizer para você ficar longe desses encontros às escuras? Ou você ainda vai insistir em conhecer pretendentes pela internet?

— Encontros às escuras? O que é isso?

— Conhecer alguém pela internet e depois marcar de sair para conhecer o rapaz. Isso se chama *encontro às escuras*. É o que tem de histórias de mulheres que sofreram abusos, assaltos, estupros e foram mortas... Tem que ter muito cuidado, mãe. A gente nunca sabe quem é a pessoa que está do outro lado da foto. É muito fácil criar um perfil bacana, com uma foto bonita e falar o que ninguém pode provar ou desmentir. Na internet, todo mundo é lindo, legal e do bem. Isso é virtualmente conhecido. É que nem na prisão. Ninguém fez nada de errado. Só tem inocente quando são questionados. E você, por ser ingênua e inexperiente nessas coisas, acaba sendo presa fácil para esses marginais inescrupulosos.

— Ai, minha filha, como estou arrasada. Toda a minha pensão se foi. Este mês, eu não vou ter dinheiro nem para pagar a conta do condomínio. E os meus cartões, será que ele vai conseguir sacar mais dinheiro ainda da minha conta?

— Temos que ligar urgentemente para o banco e bloquear tudo. Eu vou procurar o número do telefone do seu banco aqui na internet. Enquanto isso, peça uma água ou um suco. A senhora precisa se acalmar.

Enquanto abria o navegador em seu celular, Raquel ouviu, sem querer, a conversa na mesa ao lado.

“Então, ele quer se separar mesmo?”, a moça loira perguntou para a moça que chorava copiosamente. Ela balançou a cabeça em afirmativa, enquanto limpava as lágrimas de seu rosto delicado.

Ao ouvir a conversa, Raquel não pôde deixar de se comover com a cena. Tantos casais se separando, parecia até epidemia. Sempre ficava triste quando ouvia casos de separação. Raquel acreditava muito no casamento, na família e em tudo o que duas pessoas podem construir juntas. E se lamentava em saber que ela era mais um caso nas estatísticas. *Tomara que essa moça não tenha filhos*, pensou, sentindo-se comovida com o momento difícil que a moça da mesa ao lado estava passando. *São eles quem mais sofrem quando os pais se separam. Os adultos conseguem se virar com suas dores. Mas os pequenos...*

— Ouviu, filha?

— Oi? Desculpe, mãe. Não ouvi. O que foi?

Raquel tinha esquecido completamente da mãe e de seu drama particular. Ficou tocada pelo sofrimento daquela moça e não pôde deixar de pensar na sua dor (que ainda doía de forma silenciosa em seu peito) e no sofrimento de Pedro. A vida adulta, às vezes, é tão complicada que chegava a sentir saudades dos tempos em que sua maior preocupação era escolher a cor para pintar um desenho e não deixar a tinta sair do contorno das figuras. Lembrou-se do que seu pai dizia: “Crescer dói, filha! Eu sei que sou tido como durão e bravo, mas um dia você vai me entender!”.

— Eu disse que você também precisa ligar para a operadora do meu telefone celular e pedir para bloquearem. E também temos que..

“E essa tal de... é Raquel o nome dela?”

“É.”

“Você acha que eles vão ficar juntos?”

“Não sei. Ele não fala muito dela. Ele diz que não é por ela que ele quer a separação. Que foi minha culpa, que eu estraguei tudo... Eu não sei se ele fala a verdade.”

— Você vai comigo? — perguntou Noêmia, dessa vez, cutucando a mão da filha.

— Desculpe, mãe. Não ouvi de novo.

— Onde você está com a cabeça, menina?

— Estou pensando nisso tudo. Nessa loucura. — disfarçou. — O que você me perguntou?

— Perguntei se você vai à delegacia comigo dar parte. Preciso denunciar esse rapaz, você não acha?

— Vou com a senhora, sim. Só me fale quando. — respondeu com os ouvidos antenados na conversa da mesa ao lado. Ela estava curiosa para saber mais.

“Sinceramente, eu nunca esperava isso do Dé. Te trair com a ex-namorada.”

“Nem eu. Ele sempre foi tão certinho e louco por você. Quem diria.”

Raquel se ajeitou na cadeira, sentindo-se levemente incomodada. Raquel, ex-namorada e separação na mesma conversa? Seria só uma coincidência? Tentou ignorar o que sua mãe estava falando e apurou o ouvido para tentar captar mais detalhes.

“Ele disse que ficou com ela só uma vez. Naquele sábado.”

“E você acredita nele?”

“Acreditei. Se ele quisesse realmente me esconder alguma coisa não teria contado que passou a noite com ela no Guarujá.”

Guarujá? Meu Deus, Raquel pensou, tendo certeza de que não era mera coincidência.

“Você perdoaria uma traição?”

“Eu perdoaria, Mari. Sabe por quê? Porque a culpa foi minha. Eu deixei que isso acontecesse...”

A moça começou a chorar novamente e ficou difícil para Raquel ouvir as frases completas.

“Não cuidei dele... Acomodada... Vocês tinham razão...”

— Raquel?

— Mãe, só um minuto. Já falo com a senhora. — pediu, fingindo que procurava algo no celular.

“Quando penso na indiferença com que o tratei nos últimos meses... Eu não me perdoou.”

“Nós tentamos abrir seus olhos.”

“Eu sei, Naty. Ah, se eu pudesse voltar no tempo e fazer tudo diferente... Isso não estaria acontecendo comigo, e André jamais olharia para essa Raquel.”

“Então, você tem que virar esse jogo, amiga. André te ama! Ele está decepcionado com você e agora deve ter se iludido com essa ex que apareceu do nada para estragar tudo”.

Meu Deus, e agora?, pensou Raquel, sentindo-se tonta e a cabeça flutuando.

Era a esposa de André, a Juli, bem ali na sua frente, chorando, inconformada com a possibilidade de André se separar dela.

E eu sou responsável por isso, constatou Raquel, engolindo em seco. Ainda com o celular nas mãos, ela pensou em como as suas escolhas podem influenciar, tanto para o bem como para o mal, a vida de outras pessoas. Pessoas que ela nem ao menos conhece. Era a lei de causa e efeito se cumprindo bem diante de seus olhos.

“Calma, amiga. Nós vamos te ajudar. Se você quiser eu posso conversar com o André. Ele sempre me ouve...”

Não suportando mais ficar sentada, presenciando o sofrimento de Juli, e de ela mesma ser, em parte, culpada por André querer se separar da esposa, Raquel tomou uma decisão:

— Preciso ir embora agora, mãe. Vamos? — pediu em um sussurro.

— Já? Você nem ligou para o banco e para a operadora...

— Eu faço isso em casa. Vamos? E em hipótese alguma diga o meu nome. — alertou em voz baixa.

— O que aconteceu?

— Só preciso ir embora agora. Por favor, vamos? — Raquel implorou, sentindo-se aflita e angustiada.

— “Vai dar tudo certo, Juli. Tente se acalmar.”

— “Eu só queria uma chance para mostrar para ele que eu mudei de verdade. Eu só queria que ele entendesse que eu o amo...”

Raquel se levantou de súbito, pegou a chave do carro, a bolsa e, o mais discretamente que conseguiu, saiu da cafeteria e dirigiu até a sua casa com o mundo desabando em sua cabeça.

André

André largou o livro que estava lendo no sofá e foi até a cozinha. Abriu a geladeira e observou a diversidade de frutas, legumes e demais comidas a sua disposição. Estava com fome e ansioso. Mais ansioso que com fome e comer era uma forma de preencher o tempo. Ele pegou duas fatias de pão e as tostou em um fio de azeite, enquanto em outra frigideira, grelhava um hambúrguer de picanha. Caramelizou rodela de cebola, misturou umas lascas de shitake e queijo emmenthal e montou tudo no pão tostado com folhas de rúcula e tomate caqui. Cozinhar para André era divertido. Em pouco menos de dez minutos ele tinha em suas mãos o que os críticos gastronômicos chamariam de sanduíche gourmet. Voltou para a sala e, depois de dar a primeira mordida no seu lanche, ligou para Romeo:

— Fala, irmão.

— Vai trabalhar hoje?

— É você quem tem furado nos últimos dias, não eu. Você não vai hoje ou vou ter que ralar sozinho de novo?

— Eu vou. — depois engoliu a comida. — Cara, não dá mais. Eu vou sair de casa.

— Por mim você já tinha saído. Mas acho que você vai matar dona Glória do coração ou de desgosto. E a Raquel, vai te receber na casa dela?

— Não sei e nem sei se iria para casa dela.

— Por que não?

— Porque não conversamos sobre isso ainda. Só que eu não suporto mais esse impasse. Ficar iludindo a Juli... Eu não a amo mais e não sei o que eu estou fazendo ainda aqui.

— Bem, então conte isso para a Juli e resolva o problema. Fodam-se os outros. A mãe não vai morrer, é só drama da parte dela.

— Acho que não consigo magoar a Juli ainda mais. Merda! Que situação.

— Mas ela foi capaz de te magoar todos os dias por dois anos. Agora que sentiu que você vai deixá-la está aí rastejando.

— Meu... Tá foda. Amanhã eu combinei de encontrar com a Raquel e eu vou falar com ela. Eu vou falar com ela, cara.

— Falar o quê?

— Tudo. Quero resolver isso logo.

— Te encontro no Madhá em dez minutos, pode ser? Vamos tomar umas e conversar sobre isso direito.

— Valeu, irmão. Estou precisando mesmo.

Raquel

Apesar da necessidade permanente de falar com André, Raquel conseguiu resistir o restante do dia e não atendeu nenhuma das quatro ligações que ele havia feito no curto espaço de três horas. Em vez disso, ela mandou uma mensagem de texto dizendo que sua mãe estava bem e que ela ligaria assim que pudesse.

Também não atendeu as oito chamadas que recebeu da Solve Solutions. Seja lá quem fosse do escritório, teria de esperar até o dia seguinte para falar com ela.

Na verdade, Raquel não sabia o que fazer nem o que pensar. Estava confusa e chocada. Depois que saiu do shopping, foi até a casa da mãe, fez tudo o que precisava fazer: bloqueou os cartões e o celular, fez café e um copo com água com açúcar e, em seguida, voltou para sua casa e se refugiou no quarto. Ela precisava ficar sozinha. Precisava pensar e digerir tudo o que havia presenciado horas antes na cafeteria sem interferência de ninguém.

Enquanto fitava o teto do seu quarto escuro, Raquel pensava no que deveria fazer. Será que deveria ligar para André e contar o que tinha presenciado? Ou será que deveria ignorar completamente o que viu e seguir se encontrando com ele, deixando as coisas fluírem e ver no que ia dar?

Mordeu o lábio com força ao se dar conta de que era isso que ela queria. Queria André, desejava e ansiava por estar com ele. Mas queria que ele estivesse livre e desimpedido, assim como ela estava no momento, para ficarem juntos sem ter que magoar alguém por isso.

Raquel analisava todos os ângulos e possibilidades, media as consequências de todas as saídas, porém, um pensamento sempre voltava à sua mente: *por que eu fui parar na mesma cafeteria que a Juli? Por que eu tive que ouvir e ver o que ela está passando?* E indo um pouco mais no passado: *Por que eu descobri neste momento que Alberto é gay? Por que em seguida eu reencontrei André?*

Tudo acontece por uma razão. Tudo tem um motivo e nada é por acaso. Raquel só não estava conseguindo juntar as peças. Não encontrava o motivo. No início, achava que era para ela e André ficarem juntos. Agora já não tinha mais certeza.

O telefone celular voltou a tocar. Raquel fechou os olhos, com o coração disparado, imaginado que seria André, tentando falar com ela mais uma vez. Prevendo que não teria coragem de resistir, ela sentou em cima das suas mãos e esperou que o aparelho parasse de tocar.

Por favor, não insista.

— Mãe, por que você não quer atender o seu telefone hoje? — perguntou Pedro, entrando no quarto de supetão.

— Ai, que susto, filho!

— Quer que eu atenda?

— Não, amor. Pode deixar tocando. Eu não quero atender.

— Por quê?

— A mamãe tem alguns problemas para resolver. Problemas sérios. E preciso pensar muito para não tomar a decisão errada. Por isso, não quero falar com ninguém.

— Você vai voltar a se casar com meu pai, é isso?

— Infelizmente, não, meu amor. Mas seremos sempre os seus pais, você sabe disso, não sabe?

Ele balançou a cabecinha de uma forma desolada.

— Isso não é justo!

— Eu sei, filho. Não é mesmo justo.

— E que problema é, então? Agora eu sou o homem da casa e também sei resolver problemas.

— Oh, meu homenzinho. Vem cá me dar um abraço. Estou precisando muito de um superabraço de um superfilho-e-homem-da-casa para me sentir melhor.

Pedro pulou na cama e abraçou a mãe com força, sentindo-se um super-herói, montado numa nave espacial maneira, tendo um exército inimigo espacial para guerrear, e ainda forte o suficiente para curar a mãe de todos problemas.

— Eu te amo muito. Você é a coisa mais importante da minha vida. Obrigada por cuidar de mim quando preciso.

— Tá. Posso ir brincar com o Francisco?

— Pode. Mas não demore, está bem? Oito horas em casa que amanhã tem escola.

— Valeu, mãe! — e sumiu pelo corredor com sua fantasia de super-homem.

— Não se esqueça de fechar a porta. — disse ela, mas sua voz foi abafada pelo telefone que voltou a tocar sem parar.

Desta vez Raquel resolveu olhar para ver quem era. Se fosse André, ela decidiu, não falaria com ele. Mas era Simone. E também era ela na chamada anterior. Raquel atendeu.

— Oi, Simone.

— Meu Deus, achei que estivesse morta, esquartejada e jogada dentro de um saco de lixo.

— Cruz credo! Vira essa boca pra lá.

— Te liguei umas dez vezes... Por onde você andou?

— Resolvendo um problema para minha mãe. Aconteceu alguma coisa no escritório, Xavier está importunando mais alguém do projeto ou o quê?

— Nenhuma das alternativas acima. Eu simplesmente tenho a solução para os seus problemas. — anunciou ela com uma voz muito animada.

— Solução? Do que você está falando?

— Gaspar me ligou de Atlanta hoje pedindo que eu arrume alguém que entenda tudo do software da empresa.

— Todo mundo da minha equipe tem total capacidade de entender e lidar com o software. Pra que ele quer essa pessoa?

— Não, não é entender. Não basta entender. Tem que dominar. Tem que responder perguntas sem piscar, tem que solucionar problemas sem duvidar. Entendeu o que ele quer?

— Hum... Ainda não.

— Bom, então vou ser mais direta.

— Por favor.

— Atlanta quer alguém daqui da nossa região, já que nós somos a região do mundo com maior faturamento, para passar uma temporada lá nos Estados Unidos. Essa pessoa irá montar um treinamento e vai viajar para todas as filiais da Solve e treinar um grupo de funcionários locais que serão replicadores e responsáveis pelo software na sua região.

— Peraí. Deixa ver se eu entendi. A Solve vai acabar com o centro de treinamento em Atlanta?

— Acabar, acabar não. A intenção dela é diminuir custos com viagens de funcionários para ir lá fazer treinamento. Se ela tiver uma pessoa que faz isso, os funcionários não precisam sair de seus países. A empresa reduz custos, o funcionário continua no seu local de trabalho, os projetos não perdem o ritmo e os clientes ficam ainda mais satisfeitos.

— Entendi. Faz sentido. Vou pensar em alguém. Até quando eu...

— Gaspar já sabe quem ele quer. — interrompeu Simone.

— E quem é?

— Você.

Raquel e André

De madrugada, reagindo por instinto, Raquel atendeu ao telefone que tocava sem parar:

— Alô.

— Raquel?

— André, é você?

— Oi, coração. Eu... Eu... — André riu, revelando toda a sua embriaguez do outro lado da linha. — Coração, eu sou louco por você! Louco. Completamente louco.

— André, o que aconteceu? Por que você está me ligando uma hora dessas?

— Você se lembra? Lembra que eu te chamava de meu coração?

— Eu me lembro.

— Você me chamava de Deco. — ele riu. Mas era um sorriso triste. — Eu quero tudo de volta. Quero você pra cacete.

— Você está bêbado, André. Onde você está?

— No meu carro, em frente ao prédio onde a gente morava. Onde eu era feliz com você.

— Você está sozinho?

— Queria que você estivesse aqui comigo, Raquel. Queria muito... Eu amo você.

— Não, André, você não me ama. Você ama a Juli. Só está confuso...

— Eu amo você. Amo. Sempre amei. E gosto da Juli... Amei a Juli sim. Mas ela não me amou quando eu a amei e daí você voltou e eu já não consigo mais sentir nada por ela.

— Não diga isso. André... — Raquel respirou fundo tentando se segurar para não chorar. Era um misto de alegria, culpa e raiva do destino por ter colocado ela nessa confusão.

— Você sente o mesmo por mim. Eu sei. — ele disse com uma voz pesada. — Não tente negar esse sentimento, Raquel. Não ache feio porque amor... Meu Deus, amar alguém não pode ser feio.

— Por favor, André. Deixe seu carro aí e pegue um táxi para sua casa. Não vá dirigir sozinho nesse estado.

— Agora eu entendo, Raquel. — ele soltou um grunhido, que mais parecia um soluço. — Eu entendo...

— O que você entende?

— Eu sempre senti falta de alguma coisa. Uma saudade contínua que não passava nunca. Era você. Sempre foi você.

Raquel não se segurou mais e deixou as lágrimas rolares. Ela também sentia essa mesma saudade. Só que ela sempre soube que era saudade dele.

— Por favor, não fuja de mim de novo, Raquel.

Alguns dias depois, Raquel tentava dirigir e controlar as lágrimas, mas era impossível, tendo Etta James cantando “I’d Rather Go Blind” na sua estação de rádio preferida. Ela ligou o rádio, pois pensava que isso iria ajudar a clarear as ideias, mas não era bem assim que estava funcionando.

Raquel estava triste e cansada, por causa do ritmo intenso no escritório na última semana e pelas noites mal dormidas, e se perguntava o tempo todo se teria coragem de levar em frente a conversa que havia ensaiado nos últimos dias diante do espelho. Não importava a ordem, a entonação ou tempo. Ela teria de conseguir.

Quando chegou à grande árvore, perto da Oca, Raquel achou que fosse fraquejar. Lembrou-se de que dois meses antes, André a encontrou lá dentro admirando uma foto e depois a levou para almoçar. Tinha sido uma tarde incrível ao lado dele. E agora, praticamente no mesmo lugar, ela se encontraria com ele mais uma vez. Provavelmente a última.

Distraída olhando o nada, Raquel demorou em identificar que era André que vinha se aproximando, de calção e camiseta apertada, realçando

o tórax e bíceps devidamente definidos. Então ela se deu conta de que precisaria arranjar um estoque extra de força e resistência, pois achou que tinha se preparado o suficiente para o encontro, mas não tinha.

— Oi. — disse ele, segurando sua garrafa de água.

— Oi. — respondeu ela, segurando seu celular com força.

Resista ao abraço. Resista à vontade de beijá-lo!

— Sente-se aqui. — ela pediu antes que ele tomasse a iniciativa de um carinho mais íntimo e fatal.

Raquel ficou em silêncio por um momento. André também não falou nada de imediato. Apenas tomava a sua água e olhava para a paisagem do Ibirapuera.

— Como está a situação na sua casa? — Raquel perguntou.

— Por incrível que pareça, está bem. Juli tem respeitado o meu tempo. Por outro lado, tem se mostrado companheira, solidária, e sem forçar a barra.

— Que bom que está sendo assim. Fiquei muito feliz por você não ter saído de casa, que decidi pensar mais e não ter abandonado a Juli tão repentinamente.

— Você sabe que não está sendo fácil. Que estou fazendo isso por que... Sei lá por quê. Acho que é por você.

— Nada é fácil, André. E não é por mim. É por vocês. Vocês merecem esse tempo para pensar e ver o que é o melhor.

Ele deu de ombros. Não era isso que ele pensava e Raquel sabia muito bem.

— E as coisas na sua casa? Como estão?

— Alberto tem ido todas as quintas pegar Pedro para sair. Pedro está mais conformado e está reagindo acima do esperado.

— Ele é um bom garoto, vai tirar essa de letra. Mas e você?

— Eu?

— Como você está?

— Pensativa.

— O que tem pensado?

— Em tudo. Em Pedro, em Alberto, na minha mãe, em mim. — ela fez uma pausa. Respirou e depois complementou — Em você.

Em você eu penso sempre. Todos os dias, todas as horas, todo tempo. O tempo todo... — como era dolorido para ela pensar aquilo. Mas optou por não dizer nada.

— E eu só penso em você. — André disse, com uma voz mais carregada do que o normal. — E pensar só não me basta.

Raquel sabia e entendia o que ele quis dizer. Este era o momento em que ela gostaria de apoiar a cabeça no peito largo de André, como fizera no Guarujá, se esquecer de todos os seus problemas, e ficar ali, perdida em seu perfume e vendo o tempo passar.

Em vez disso, engoliu em seco e falou:

— Nós nos encontramos no momento de vida errado, André. Se esse encontro tivesse acontecido alguns anos antes, quem sabe desse certo.

André preferiu não responder. Eles já tinham conversado sobre isso antes por telefone. Raquel sabia a opinião dele.

E, aproveitando o silêncio dele, ela prosseguiu:

— O que tivemos foi lindo, foi forte. Tanto no passado, como naquele dia na praia. Mas não estamos mais conectados. Nosso momento passou.

André sentiu um nó na garganta. Balançou a cabeça em negação e quando falou, Raquel pôde sentir a dor em sua voz:

— Não. Ele não passou. Nosso momento foi interrompido, mas agora estamos aqui novamente e temos a chance de voltar a ser felizes juntos. Eu tenho tanta certeza disso... Você não tem?

— Estou indo embora. — anunciou, sem perder o foco e segurando a avalanche de emoções que estava para desmoronar em seu peito.

— Indo embora? Do que você está falando?

— Estou indo com Pedro morar em Atlanta. Apareceu uma excelente oportunidade na empresa que eu trabalho. Eles me ofereceram uma vaga na área de treinamento, uma área que eu sempre quis e agora que apareceu esta chance eu aceitei.

— Você não está falando sério? Raquel, por favor, não brinque comigo. Não invente desculpas para fugir... De novo não. Diga que está inventando

tudo isso...

— Eu estou falando muito sério, André. — ela interrompeu ciente de que seu tempo estava acabando. — Conversei com Alberto e ele concordou. Vai ser bom para o Pedro, que terá a oportunidade de estudar inglês em outro país, conhecer outra cultura.

André balançava a cabeça, discordando:

— Por que você está indo embora logo agora, quando nos reencontramos?

Raquel respirou fundo antes de responder. Se ele soubesse que ela estava indo embora justamente por causa dele...

— Estamos em momentos de vidas diferentes. Você é casado, tem sua esposa. Eu acabei de me separar, me decepcionei com Alberto, tenho que cuidar de Pedro, entender o que estou fazendo aqui na Terra... Qual minha função, minha missão. Acho que não tenho estrutura para me relacionar com alguém neste momento, principalmente sabendo que isso significaria destruir mais uma família. Eu acredito muito que nada acontece por acaso, André. Muitas coisas coincidências aconteceram nas últimas semanas... E acredito que esta oportunidade de trabalho veio responder a minha dúvida: não é para ficarmos juntos. Não é.

— Meu casamento acabou, Raquel. — ele foi enfático. — Acabou!

— Será que acabou mesmo? Quem você está querendo enganar?

— Acabou e você, melhor do que ninguém, sabe disso. Já estava acabado antes de você voltar. Por favor, não invente de ir embora achando que está atrapalhando uma possível reconciliação com a Juli, porque não está.

— Acho que você pode se surpreender com a Juli. Você mesmo disse que ela está mudando. Dê uma nova chance a ela.

— Meu Deus, quantas chances eu já dei e ela não mudou? Quantas vezes ela se determinou a mudar e nunca mudou de verdade? Eu não quero mais ficar vivendo esse ciclo destrutivo. Quero ser feliz... E é com você...

— Algumas pessoas precisam de tempo para cair em si e mudar. De repente, é o caso de Juli. — Raquel disse, sem deixá-lo terminar sua frase.

Podia visualizar o rosto de Juli, chorando na cafeteria. Ela tinha certeza de que, daquela vez, Juli mudaria de verdade.

— Quanto tempo mais eu tenho que dar a ela? Mais dois anos? Cinco? Além disso, eu não sinto mais nada, a não ser carinho e respeito pela Juli.

— Tente dar uma segunda chance. Quem sabe desta vez é pra valer?

— Por que você diz isso? Por que insiste nisso?

— Intuição. — falou, dando de ombros. — Você a ama sim, mas está magoado demais para reconhecer. Está confuso com a minha presença e isso o está impedindo de ver que o casamento de vocês pode ser reconstruído e que vocês podem ser felizes novamente.

— Não diga o que você não sabe. Eu vivo com Juli há cinco anos e sei muito bem o inferno que foi os últimos dois. Ela não vai mudar. E se mudar, agora é tarde demais.

— Por favor, não desista dela. — Raquel pediu, segurando as mãos de André. — Se eu não tivesse aparecido em sua vida, o que teria acontecido? Hein, diz o que teria acontecido?

Ele não respondeu de imediato. Em vez disso, se levantou foi até a árvore e encostou a cabeça no tronco. Raquel pôde ver o momento em que ele limpou os olhos, cruzou os braços e ficou admirando o lago — à frente deles. Por fim, respondeu:

— Eu quero você. Te amei demais. Demorei anos para te esquecer... E quando você voltou, parece que nunca saiu do meu lado... Você mexe demais comigo. Eu te falei que nunca senti por ninguém o que eu sinto por você, Raquel. acredite em mim. Eu e você fomos feitos um para o outro...

— Mas não é real. É ilusório. — novamente ela o cortou. Tinha que ter muito cuidado para não se deixar levar pelas palavras dele e por suas emoções afloradas, querendo dominar o seu lado racional. — Você está confundindo a nossa adolescência com nossa vida atual. Tivemos uma história linda, nos amamos demais, mas não temos como resgatar ou continuar do ponto em que paramos. O que vivemos ficou no passado. Hoje, temos nossas vidas e elas não se cruzam mais.

— Quando você pensa em ir embora? Quanto tempo vai ficar fora?

— Viajo daqui a alguns dias. É o tempo de preparar toda a logística necessária para ir morar em outro país.

— Você tem certeza de que é isso que você quer? Está segura?

— Estou escolhendo o certo. E estou fazendo o que o meu coração está pedindo para fazer.

— O seu coração está te pedindo isso?

— Sim. — mentiu, Raquel sem olhar para os olhos de André. Era óbvio que ela não estava seguindo o seu coração. Seu coração praticamente implorava por André.

— E nós vamos nos ver antes de você partir?

— Estamos nos vendo. Melhor que nos despeçamos agora, André. Continuar nos encontrando só vai piorar a situação. O amor que eu sinto por você é real, por isso, quero fazer o que sei que é melhor para você. Dê uma segunda chance ao seu casamento, tenho a sensação de que a Juli tem condições de lhe fazer o homem mais feliz do mundo. Não desperdice isso.

— Por que eu tenho a impressão de que você está fugindo?

— Não estou fugindo. Estou indo atrás de uma oportunidade única. Minha vida pacata sofreu uma mudança muito grande. Fui traída pelo meu marido, reencontrei um amor da minha adolescência que me deixou cheia de perguntas sem respostas... Eu levei essa chacoalhada da vida por alguma razão. Preciso descobrir qual é. Quero saber o motivo de terem empurrado a minha vaquinha para que eu possa prosperar. — disse ela, ao se lembrar da parábola da vaquinha, do fazendeiro e do monge, que gosta de contar para Pedro, antes de dormir. — Vou atrás de minhas explicações, seguindo o que o coração me manda fazer.

André não disse mais nada. Desolado, ele sentou-se na grama e apoiou suas costas no tronco da árvore. Não acreditava no que estava acontecendo. Desde a noite no Guarujá que Raquel vinha evitando se encontrar com ele novamente. Eles se falavam diariamente por telefone, mas ele acreditava que ela estava sentindo o mesmo por ele, que ela só queria que ele desse um tempo e depois se separasse de Juli. Mas agora ela está dizendo que vai embora. Ele simplesmente não podia acreditar.

Raquel observava André. Ele tinha um olhar triste e distante. Parecia indefeso e com um pedido de “me abrace” estampado no olhar. Ela precisou desviar os olhos para não fraquejar. Se ela tinha conseguido chegar até ali sem esmorecer, não fraquejaria agora, que já estava acabando.

— Te desejo boa sorte e espero que seja muito feliz com Juli. Você vai ver como tudo vai dar certo. Confie em mim.

— Você já está indo?

— Sim. Preciso ir.

— Não acredito que vou perder você pela segunda vez. — disse ele, olhando para o nada. — E, desta vez, não é o seu pai que está te afastando de mim. É você mesma.

— Você não está me perdendo, André, porque você não me tem. E nem eu te tenho. O que você tem, o que é realmente seu, está na sua casa, esperando por você. Basta querer enxergar.

Ele não respondeu.

Ah, merda, por que tem que ser tão difícil? — Raquel olhou mais uma vez aquele perfil que ela tanto ama. O nariz anguloso, o tom de pele, a cor dos cabelos, os cílios longos e negros... Sem que ele notasse, ela tirou uma foto do perfil dele com o celular. Queria guardar para aquelas noites em que a saudade apertaria o seu coração com uma força esmagadora. Ela sabia que teria noites assim pela frente. Que teria de esquecê-lo pela segunda vez. Porque ele não era mais dela. Foi, um dia, e, por medo do pai, deixou que ele se fosse de sua vida. Agora terá que passar por noites de saudade novamente até que ela se torne mais amena. E aí, então, poderá apagar a foto do celular e guardá-lo com muito carinho em seu coração.

Momento depois, e enquanto Raquel estava distraída com seus pensamentos, André virou o corpo e se colocou na frente dela. Segurou suas mãos, colou a testa na dela e fechou os olhos beijando-lhe os lábios.

Após uma longa pausa, André secou uma lágrima de seu próprio rosto e disse com uma voz enternecida:

— Não quero passar mais outro tanto da minha vida pensando que deveria ter lutado mais por você. Fica comigo, Raquel. O que temos é

bonito demais para ser jogado fora.

Os olhos de Raquel se encheram de lágrimas.

Eu quero ficar com você, mas não é o correto.

Sem dizer mais nada e sem poder segurar a dor em seu peito, ela o beijou nos lábios com força, sentindo o gosto salgado das lágrimas dele e, em seguida, sussurrou:

— Vamos ter que deixar para outra vida, Deco. Nesta, não é para ser.

Levantou-se e partiu com passos rápidos, quase correndo, enquanto a avalanche de lágrimas descia pelo seu rosto.

Sua consciência, no entanto, estava tranquila por ter feito o que achava ser o certo.

André e Juli

Agora já fazia cinco semanas que André tentava curar seu coração, que foi partido mais uma vez por Raquel, e conviver de forma harmônica com Juli. Mas, por mais que tentasse, ele não estava conseguindo. Os dois não estavam sintonizados. Embora distantes, tentavam se aproximar novamente, ainda com muita cautela, medos e desconfianças. Havia entre eles uma rachadura que não deixava os sentimentos fluírem como se esperava. Ou como foi uma vez no passado.

André, que estava sentado em sua poltrona de leitura, analisava tudo a sua volta buscando o elo perdido. A centelha que reacendesse seus sentimentos pela esposa e colocasse sua vida de volta nos trilhos. Porém, tudo o que via era um apartamento impecável e arrumado demais; uma Juli que quase sempre se sentava diante da televisão numa postura dura, meio forçada e que nunca parecia à vontade; além de um vazio que ele não conseguia preencher. Ele já não sentia prazer nas pequenas coisas, não preparava surpresas, nem convidava os amigos para os almoços de domingo que tanto gostava de fazer. Apenas cumpria com sua rotina de trabalho, marcava presença nos almoços de segunda-feira na casa dos pais e esperava pelo dia em que voltaria a sentir alegria de viver.

— E então, você topa?

— Me desculpe, Juli, não te ouvi. — respondeu, baixando seu exemplar de *1984* de George Orwell, que fingia ler.

— Perguntei se você quer ir jantar na casa do Edu e da Mari. Eles nos convidaram.

Essa era a outra novidade das últimas semanas. As amigas de Juli sempre os convidavam para programas diversos: finais de semana na praia,

baladas variadas, shows, cinema. André, no entanto, não se animava para nada e recusava todos os convites com uma desculpa qualquer.

Ele olhou para Juli, que aguardava ansiosamente por uma resposta positiva, e respondeu:

— Eu trabalho hoje à noite, Juli. Não posso ir.

— Eu estava pensando... E se voltarmos a trabalhar juntos de dia? Eros poderia assumir com Romeo à noite e nós teríamos mais tempo para programas noturnos.

— Melhor deixar como está. Eros está namorando a Priscila e quer as noites livres para sair com ela.

— Mas seria bom para nós dois, voltarmos a trabalhar no mesmo período.

— Não vamos mexer nisso agora. Uma coisa de cada vez, está bem?

— É uma pena que você prefira assim. — falou Juli e depois soltou um longo suspiro. — Vou tomar um banho e me arrumar para ir à casa da Mari.

Somente depois que Juli saiu é que André conseguiu relaxar. Quando estava com ela, sentia-se tenso e pressionado. Sentia que ela esperava a todo o momento por uma reação dele, uma atitude qualquer que mostrasse a ela que ele a amava novamente. Mas, apesar de todo o seu esforço sincero, André não conseguia esquecer-se de Raquel.

Como fazia todos os dias antes de se arrumar para ir ao restaurante, André preparou uma limonada e foi para a sacada admirar o crepúsculo e as luzes da cidade. Entre um gole e outro, ele pensava em Raquel. Por onde ela estaria naquele momento, o que estaria fazendo e por que ela ignorava completamente seus e-mails. E como fazia todos os dias, antes de tomar o último gole da sua limonada, ele olhava para o céu e pensava: “um dia ainda vou te encontrar”.

Uma semana depois, André teve uma grande surpresa. Era um sábado, o último do mês de julho, e fazia uma noite muito fria em São Paulo. O restaurante estava lotado e André comandava a cozinha com sua habitual maestria preparando risotos, massas e todos os demais pratos do cardápio.

Ele e Romeo conseguiram criar, juntamente com a equipe de apoio, uma logística de preparação dos pratos que funcionava muito bem e ninguém ficava sobrecarregado com o trabalho. Era essa, sem sombra de dúvidas, a melhor parte do dia de André. Era quando ele conseguia se desligar de seus problemas e focar apenas no trabalho.

André estava tão envolvido com o ponto do risoto de queijo brie com damasco, que não prestou atenção no que havia acontecido. Ele só se deu conta que algo estava fora do normal quando viu que todos os funcionários da cozinha pararam de trabalhar. Ele olhou para a bancada de trás e não encontrou Romeo.

- Aconteceu alguma coisa, pessoal? Por que não estão trabalhando?
- Não está escutando? — perguntou o assistente de André.
- O quê? — perguntou desligando a chama.
- O silêncio.
- Do que vocês estão falando?

Só então ele percebeu que o som habitual de vozes e tilintar das taças e talheres havia sumido e fora substituído por um silêncio. André, sem tirar os olhos dos seus funcionários, depositou sua colher ao lado da panela, limpou suas mãos em uma toalha e perguntou:

- O que está acontecendo lá no salão?
- Se eu fosse você, iria lá ver. — sugeriu o assistente com um sorriso contido.

André ficou desconfiado e curioso para saber o que estava acontecendo. *Isso só pode ser coisa do Romeo.* — pensou, intrigado.

Ao abrir a porta, ele fitou o salão iluminado por pequenas velas em cima das mesas e passou os olhos pelos clientes, que estavam todos em pé olhando diretamente para ele. Virou o rosto em direção ao bar e encarou Romeo, que lhe sorria de maneira desconfortável. Ao lado dele, estavam Eros, seu Francesco e dona Glória. Eles olhavam para o filho de forma amável e com olhares de expectativa. Por um momento, André achou que fosse seu aniversário e que alguém entraria com um bolo e todos começariam a cantar o tradicional Parabéns Pra Você. No entanto, seu aniversário seria somente dali a seis meses, quase no final de dezembro.

Ao erguer os olhos para a sua direita, ele reparou num caminho iluminado por velas que começava na porta de entrada e terminava na porta dupla, que dava acesso à cozinha, onde André estava parado. Em questão de segundos, a porta se abriu e uma música, tocada por instrumentos de corda encheu o ambiente. Pelo caminho de velas, Juli entrou sozinha, carregando um pequeno e delicado buquê de flores nas mãos. Ela usava um vestido branco simples, porém bonito, e sorria para André enquanto executava a sua marcha. Logo atrás de Juli vinham Natália, Mariana e Priscila.

O trio de cordas terminou de tocar a marcha nupcial assim que Juli parou na frente de André. Ela sorriu para ele, confiante, e perguntou em uma voz trêmula:

— André, amor da minha vida, você quer se casar comigo de novo?

O restaurante inteiro, surpreso, mas no clima, começou a pedir:

— Sim, sim, sim...

Natália, Mariana e Priscila gritavam mais alto que os demais, emocionadas com a coragem e atitude de Juli, apoiando a amiga com fervor. Definitivamente, aquela operação não havia sido fácil de planejar e executar. Mas, finalmente, estava acontecendo e elas estavam felizes em participar de um momento tão especial e marcante como aquele.

André fitou Juli em silêncio, tentando compreender a situação. Sem achar as palavras adequadas, ele perguntou:

— Juli... Eu... Mas o que está acontecendo?

Ela estendeu a caixinha de veludo, a mesma que ele deu a ela havia quase seis anos e ordenou:

— Abra.

André, reagindo por impulso, pegou a caixa e abriu. Dentro tinham duas chaves.

— Chaves?

— Uma é do nosso apartamento, se você aceitar se casar de novo comigo, pode se mudar de corpo e alma para lá. — brincou ela, segurando o sorriso no rosto.

Como Juli queria ouvir logo o sim dele e se jogar em seus braços, mal podia conter a euforia em seu peito. Havia planejado esta noite com todo cuidado, tendo o apoio e ajuda dos amigos e familiares. E agora que estava acontecendo de verdade, ela mal cabia em si de tanta expectativa e ansiedade. Queria que tudo desse certo e que eles se acertassem de uma vez e ela tinha certeza de que ele aprovaria sua surpresa.

— Eu, se fosse, você aceitava. — aconselhou Eros, que assistia a tudo ao lado dos pais. — Não é todo dia que uma mulher bonita pede sua mão em casamento.

— Cara, na boa, eu também aceitaria. — apoiou Romeo, não muito animado.

Então, automaticamente, o restaurante, em peso, voltou a gritar:

— Aceita, aceita, aceita...

André deveria ter ficado feliz com aquela surpresa. Deveria pegar a caixa, que Juli segurava em suas mãos, deveria dizer “sim, eu aceito”, deveria sorrir e abraçar a sua esposa.

Deveria.

Mas ele não ficou feliz. Nem disse sim. Estava surpreso, claro. E ainda não entendia o que Juli estava fazendo ali e por que ela escolheu o Di Bianchi para fazer esse tipo de “surpresa”.

— E a outra chave?

— Eu ainda não juntei dinheiro suficiente para comprar o jipe que você tanto quer, mas consegui comprar uma mala.

— Mala? — ele perguntou, sem ânimo para metáforas.

— A que você vai levar na nossa segunda viagem de lua de mel. Partimos hoje à noite para Veneza.

Todos soltaram expressões de “Oh!”, “Uau!”, “O amor é lindo”... Teve um cliente que gritou mais alto: Me leva junto? E todos riram.

Juli encarava André esperando ansiosa por sua resposta.

— E, então, você aceita se casar de novo comigo? — perguntou, tremendo de ansiedade e com um fio de arrependimento querendo invadir suas emoções.

André não respondeu de imediato. Ficou olhando para Juli, para os olhos ansiosos dela. Para as amigas que estavam paradas logo atrás... O que era aquilo? Por que Juli o expôs diante de seus clientes, amigos e familiares? Será que ela considerou se ele gostaria de passar por uma situação constrangedora como esta?

Ele não estava preparado para voltar. E, por Deus, ela sabia disso. Tanto sabia que ainda naquela semana, eles passaram longas horas conversando sobre a relação deles, e André deixara claro que ainda não estava preparado para voltar, que ainda precisava curar suas feridas internas, que precisava resgatar sua confiança em Juli, e que precisava esquecer completamente a Raquel, antes de qualquer coisa. Será que ela não tinha entendido suas palavras? Por que não respeitou seus sentimentos, então?

Em vez de alegria, de dizer o sim que todos ali esperavam que ele dissesse, André sentiu raiva, decepção e uma tristeza avassaladora.

Com cautela, ele se aproximou de Juli e num tom de voz mais baixo, para que apenas ela escutasse, ele disse:

— As coisas não são como você quer, nem quando você quer. Achei que tínhamos tido uma boa conversa e que você estava respeitando meu tempo, assim como respeitei suas dores de cabeça, seu cansaço e seu tédio nos últimos anos do nosso casamento. Eu não estou pronto. Vir aqui, vestida de noiva e me pedir em casamento não muda nada. Não é por aí.

O burburinho alegre se calou. O clima, que antes estava agradável, de repente, ficou tenso e pesado.

— Achei que você fosse gostar... e que fosse ficar feliz. — sussurrou Juli, sentindo um frio gelado na boca do estômago.

— Aprenda a respeitar os sentimentos das pessoas, Juli. Enquanto você agir pensando somente em você, no que você quer e na hora que você quer, não vai ter volta. Me desculpe. — dizendo isso, ele deu meia volta e retornou para a cozinha deixando todos sem reação. Alguns muxoxos foram ouvidos pelo salão. Os clientes foram, aos poucos, se sentando e voltando suas atenções para seus pratos e copos.

Juli, que tentava controlar as lágrimas, foi amparada pelas amigas, que rapidamente a levaram para casa dizendo palavras de consolo, enquanto os pais e os irmãos de André tentavam reestabelecer a ordem para que o restaurante voltasse as suas atividades normais.

— O que aconteceu, irmão? — perguntou Romeo, adentrando a cozinha em passos rápidos.

— Você sabia disso, não sabia?

— Eu...

— Obrigado por ter me avisado, Romeo. Olha a situação ridícula e constrangedora que eu passei diante dos clientes. Meu Deus...! — exclamou, passando as mãos pelos cabelos.

— Desculpe, André. A Juli me fez prometer que não contaria. Ela estava tão animada...

— Cara, preciso sair daqui. Preciso dar um tempo longe daqui, eu não aguento mais.

— Calma, irmão. Não faça nenhuma besteira. Tente entender a pressa de Juli.

André não ouviu. Ele precisava de um tempo para decidir o que faria em seguida. De uma coisa ele tinha certeza, não suportaria mais ficar no mesmo apartamento que Juli.

— Vou pegar meu jipe e vou para algum lugar. Avisa o pai e a mãe. Não sei quando volto.

Juli agradeceu o apoio e a companhia das amigas, mas pediu para ficar sozinha.

— Tem certeza de que ficará bem?

— Não, Mari, não tenho certeza. Mas obrigada por tudo.

— Precisando, você sabe onde nos encontrar.

Assim que se viu sozinha, Juli fechou os olhos. Estava triste e vulnerável. Ela tinha tanta certeza de que André amaria o casamento surpresa que não pensou que poderia dar errado.

“O que você vai fazer se ele pedir o divórcio?”, Mariana lhe perguntara no carro quando estavam indo para a sua casa. Mas Juli não queria pensar

naquela pergunta. Ainda tinha esperanças.

Durante alguns minutos, ela permaneceu sentada no sofá controlando o medo e a tristeza.

Dez minutos depois, André entrou no apartamento. Juli ergueu a cabeça e observou seu semblante. E o que viu não foi animador.

— O que você queria com aquilo? Achou que eu fosse me ajoelhar aos seus pés e dizer sim? — perguntou, dando vazão a uma fúria abrasadora.

— Eu achei que você fosse gostar da surpresa, André. Só isso.

— Cacete, Juli! Quanto mais a gente conversa, menos você entende. — disse, abrindo os braços num gesto desolado. — Olha, eu não tenho mais nada para te dizer. Vou passar uns dias fora. Não consigo mais viver aqui com esse clima, com essa pressão invisível me cobrando diariamente por uma resposta. Preciso respirar!

— Para onde você vai?

— Não sei. Vou sair de jipe por aí. Preciso ficar sozinho. E acho que você também.

— Você vai atrás dela, não é? — Juli perguntou, com uma voz carregada de sarcasmo.

Sim, eu iria atrás delas se soubesse exatamente onde ela está, pensou André, sem coragem de verbalizar.

— Não vou atrás de ninguém, além de mim mesmo. — dessa vez ele disse com sinceridade.

— Não minta pra mim. Não me iluda! Se você for atrás dela, me avisa que eu vou cuidar da minha vida.

— Não vou atrás de ninguém. É sério, Juli. — assegurou ele.

— Então, por que está indo embora?

— Precisamos ficar sozinhos para sabermos se é isso mesmo que queremos. Passar os dias e as noites juntos da maneira como temos feito, forçando uma situação, não está ajudando em nada. Eu... preciso respirar! Pensar em tudo isso longe daqui.

— Eu não concordo, André. Se a gente se afastar, poderemos nos perder.

— Eu não aguento mais olhar para você e ver esse olhar de quem está esperando por uma resposta. Não dá mais para continuar fingindo que está tudo bem para todo mundo sabendo que aqui — ele bate em seu peito — dentro está tudo muito confuso. Preciso de paz, preciso recuperar meu equilíbrio, Juli. Eu preciso. Você entende? — perguntou André, com os olhos brilhando pelas lágrimas.

Houve um silêncio. Em algum lugar lá na rua, um carro freou fazendo os pneus cantarem no asfalto. Juli suspirou e engoliu o nó que se formava em sua garganta.

— Eu quero você, André. Por que não acredita em mim?

— Porque perdi a confiança, Juli. — disse André, abrindo seus braços.
— E confiança, depois que se perde, você sabe, é algo muito difícil de se recuperar.

Juli voltou a chorar, inconformada com a possibilidade de perder André justo quando ela voltava a ser quem sempre foi.

— O que você sente por ela, André?

André ficou calado, pensando no que responder. O que ele sentia por Raquel? Que nome dar para um sentimento que despertou em seu coração, fazendo com que ele sentisse vontade de largar tudo para ficar ao lado de Raquel?

— Eu não sei o que sinto por ela. — disse, por fim.

— Mas sente alguma coisa?

— Sinto.

— E por mim?

— Eu também não sei.

— Não sabe, André? Você não sabe o que sente por mim? Até outro dia você me amava... Como não sabe o que você sente por mim? — indagou Juli, olhando bem nos olhos dele.

André nunca vira Juli com tanta raiva. Os olhos dela estavam injetados e a boca era apenas uma linha dura em seu delicado rosto.

Ele respirou fundo, tentando manter o controle da voz e dos seus sentimentos. Não queria iniciar outra briga. Ele só queria ir embora.

— Desculpe, Juli. Eu realmente não sei. O que sei é que eu quero sair daqui por uns dias.

Dizendo isso, André foi para o seu quarto e preparou uma mochila com todas as coisas que precisaria para passar alguns dias viajando sem destino. Quando pegou tudo o que precisava, voltou à sala e disse:

— Juli, por favor, não me ligue durante esses dias em que eu estiver fora, a não ser quando for extremamente necessário. Respeite o meu tempo. É só isso que eu te peço.

— Você vai mesmo? Pense bem. Pense em nós.

— É em nós que vou pensar, Juli. Fique tranquila que eu não vou atrás de ninguém. Eu te dou notícias. — André respirou fundo e parou antes de colocar a mão na porta. — Se cuida, Juli.

— Por favor, Dé, não me deixe sozinha! Eu te amo! Te amo de verdade. Te amo de alma... é tão forte o que eu sinto por você! Me dê mais uma chance? — implorou Juli em meio a lágrimas. Ela estava desesperada e com medo de perdê-lo de vez. Num ato de desespero, ela correu até onde André estava e se ajoelhou no chão, pedindo para que ele ficasse com ela.

André, abalado e sentindo pena da esposa, pegou a mão dela, fazendo com que ela se levantasse. Ele limpou as lágrimas que corriam pelo rosto dela com seus dedos, ao mesmo tempo em que sentia as suas próprias lágrimas brotarem nos olhos.

— O que tiver de ser, será. E isso é muito verdadeiro. Não no seu tempo, nem no meu, mas quando estivermos prontos. Não se assuste com a distância ou com a ausência. Se houver amor em nossos corações, haverá uma força nos unindo. E tudo voltará. E quando voltar, será ainda mais forte, mais maduro e com a certeza de que foi cumprido no seu tempo. E não forçando a barra, como tem sido.

— E se não houver essa força nos unindo durante o tempo em que você ficará ausente? — perguntou ela num fio de voz.

— Então saberemos que não é para ser. É porque acabou e que deveremos seguir cada um com sua vida... — ele soltou as mãos dela. — E nós saberemos disso muito em breve.

Epílogo

Passaram-se três anos e alguns meses. Raquel conversava com Pedro, seu adolescente querido.

— Você tem certeza de que quer ir nessa viagem com o seu pai, Pedro?

— Vai ser muito irado, mãe! A galera da escola ficou alucinada quando contei que vou assistir ao clássico do Real Madrid e Barcelona no estádio *Santiago Bernabeu* com o meu pai. Nossa! Você precisava ver a cara que eles fizeram.

— E o Joaquim vai também?

— Foi ideia dele, você não sabia? Joaquim é um cara muito legal.

— Não sei. Às vezes, eu acho que seu pai mima demais você com essas extravagâncias. Onde já se viu ir para Madrid só para assistir a um jogo de futebol?

— Mãe, você não entende? É um dos maiores clássicos mundiais. Melhor que isso só uma final do Mundial de Clubes entre São Paulo e Barcelona em Tóquio.

— Só não se esqueça do casamento da sua avó. Ela vai ficar muito triste se você não estiver lá. Por favor, Pedro, não me decepcione.

— Eu vou voltar para o casamento da vó Noêmia, sim, mãe. A passagem de volta está comprada.

Pedro riu sozinho e trocou a posição das pernas.

— Do que é que você está rindo?

— Só a vovó mesmo para se casar nessa idade.

— Ai, nem fale. Ainda bem que ela tomou juízo e conheceu alguém decente.

— O que você quer dizer com isso?

— Nada não.

— Já sei. Conversa de adulto.

— É. — Raquel riu, pela lembrança do filho — Conversa de adulto.

Dona Noêmia iria se casar com Ivo, um senhor muito simpático que conheceu em uma de suas viagens com o grupo Terceira Idade Radical. Ela conheceu esse grupo no *Facebook* e adorou a ideia de turismo de aventura que eles tinham. Agora, dona Noêmia viajava o Brasil para saltar de paraquedas, andar de balão, fazer arvorismo na Floresta Amazônica, canoagem em rios de correnteza... Até de asa delta, no Rio de Janeiro, ela saltou.

Noêmia continuava com sua obsessão em recuperar o tempo perdido. Só que dessa vez, com uma turma da mesma idade que ela, praticando esportes radicais, com roupas coloridíssimas, porém, bem mais discretas do que as do tempo dos “Rapazes do *Face*”.

— Chegamos na estação Brigadeiro. Vamos descer, crianças?

Era semana de Natal e Raquel estava levando seus filhos para ver as decorações natalinas da avenida Paulista. A noite estava agradável e ela não via a hora de ver a carinha do seu pequeno John, quando ele visse o Papai Noel bem na sua frente.

— Quanta gente! — se espantou Pedro quando saíram da estação para a avenida. Fazia uma agradável noite de verão e eles caminharam pela calçada olhando os prédios decorados, ainda perdidos no meio de tantas luzes e cores. Era tudo tão lindo que ficava difícil saber para onde ir.

— Precisamos ficar juntos, senão nos perderemos. Segure firme a mão do seu irmão, Pedro.

— Que saco isso, mãe! A gente vê essas coisas no shopping e ainda escolhe um lugar maneiro para comer um hambúrguer.

— São Paulo não é só feita de shoppings. Tem tantos lugares legais pela cidade para passear, sabia? — perguntou Raquel, olhando para o filho.

Ela ficava admirada todas as vezes que olhava para ele. Com 13 anos, Pedro já era maior que ela. Ele estava com um metro e setenta e cinco de altura e calçava 42. Tinha corpo de homem feito e uma cabeça de menino. O seu super-herói estava crescendo sem deixar de ser seu companheiro. Ela sentia muito orgulho dele.

— Vamos por ali. Naquela esquina tem uma agência bancária. Sua tia disse que é a decoração mais linda da avenida.

— Tá bom. — resmungou Pedro, puxando o irmão pela mão. Eles pararam próximo ao prédio. Uma pequena multidão estava aglomerada em volta.

— Até que é bonito. Podemos ir embora agora? — pediu Pedro, sem paciência. Ele não via sentido naquilo. No ano anterior, tinha passado o natal com o pai e Joaquim em Nova Iorque e tinha visto decoração de Natal o suficiente para os próximos vinte anos.

— *Santa Claus, Santa Claus!* — John exclamou, pulando ao lado do irmão. — *Let's go there, mamãe.*

Durante o período em que morou nos Estados Unidos, Raquel adotou John, de três anos, e Claire, de um. Eles eram irmãos e foram abandonados pela mãe no orfanato em que Raquel trabalhou como voluntária. Fazia pouco tempo que eles retornaram ao Brasil e John ainda misturava os idiomas.

— Segure sua irmã, Pedro, para eu pegar o John no colo e mostrar o Papai Noel para ele. — Fique aqui com ela que já volto, Ok? Não saia daqui.

Enquanto Raquel passava Claire para Pedro, John saiu correndo em direção ao Papai Noel.

— John, volte aqui! — gritou Raquel, saindo atrás dele em disparada. O menino já tinha se misturado às pessoas ali presentes e Raquel quase derrubou algumas crianças tentando alcançar o filho.

— Com licença, por favor. Com licença. — ela pedia, abrindo espaço. Raquel conseguiu pegar o filho, que estava puxando o braço do Papai Noel, em frente à agência do banco.

— John, querido, você não pode sair correndo assim. *Be careful, ok?*

— *Santa, Santa!* — ele apontava seu dedinho, querendo tocar o enorme Papai Noel. — *I want Santa!*

Raquel pegou o pequeno John no colo e ao se virar para voltar para o lugar em que Pedro a aguardava com Claire, ela esbarrou em uma moça e quase a derrubou sem querer.

— Me desculpe.

— Tudo bem. Não foi nada.

— Desculpe mesmo. Meu filho estava escapando de mim... E eu não te vi aqui do meu lado... — Ela parou de falar e olhou para um grupo de curiosos que estava logo a frente.

— Não se preocupe que não foi nada.

Raquel não ouviu. Estava hipnotizada pelo perfil de um homem que olhava distraído as decorações de Natal.

Seu coração disparou e suas pernas fraquejaram ao reconhecer o dono daquele perfil. Era o mesmo que está até hoje em seu álbum de fotos de seu celular. O perfil de André. O *seu* Deco.

Raquel, por alguns segundos, ficou desorientada que quase se esqueceu de onde estava. Tudo o que ela sentia era uma vontade de correr até ele e abraçá-lo, tocá-lo, beijá-lo. Chegava a doer de tanta vontade que sentia.

Apesar de saber que Pedro esperava por ela e que John se agitava em seu colo querendo descer e andar, ela só conseguia olhar para André e pensar em como a vida gostava de brincar com esse assunto mal resolvido.

— *I want Santa, mom.* — John tornou a pedir, tirando Raquel dos seus devaneios.

O certo, pensou ela, *seria voltar para junto de Pedro e não mexer em emoções que estão quietas em meu coração.* Porém, seu corpo teimoso não obedeceu à sua consciência. Ela não conseguiu mover um passo de onde estava. André a atraía assim como a luz atrai a mariposa com seu brilho intenso. Naquele momento, ela era a mariposa e André, a sua luz.

André, a poucos metros de Raquel, carregava uma garotinha em seus ombros. Ele falava alguma coisa para ela, que piscava os olhinhos, admirada. Apesar de não se parecer em nada com ele, a garotinha se

mostrava muito à vontade nos ombros de André e eles tinham uma sintonia perfeita.

Raquel também reconheceu, ao lado de André, Eros junto com uma moça. Eles estavam de mãos dadas e trocavam olhares apaixonados. Era nítido que estavam felizes e que um completava o outro.

E Romeo também estava lá, ao lado de uma mulher que ela não conhecia. Ficou procurando por Juli, mas não a encontrou ao lado deles.

John, cansado de ser ignorado pela mãe, soltou um “*Santa Claus, mummy*” mais alto do que o volume das vozes locais, chamando a atenção de vários à sua volta. Ela riu do jeitinho espoleta do seu filho e tentou acamá-lo dizendo que já iam ver o Papai Noel, para que ele esperasse só mais alguns segundos. Ela só queria olhar mais um pouco para ele. Queria aproveitar aquele “presente” inesperado de Natal mais um pouco para depois, então, sair dali.

No entanto, assim como as demais pessoas presentes, André também se virou para olhar quem era o autor do pedido em inglês e encontrou com os olhos castanhos de Raquel. Os dois se fitaram por segundos, encantados com aquela coincidência, saboreando seus rostos, completamente alheios ao que acontecia à sua volta. Ele abriu um sorriso encantador. Ela retribuiu.

Então, a multidão desapareceu, assim como os carros e motos, restando apenas os dois na avenida junto com as luzes de Natal. Por muitos segundos um ficou perdido no olhar do outro até que André fez um aceno com a cabeça. Raquel acenou de volta. Sem hesitar, ele caminhou em sua direção e parou a poucos centímetros do seu rosto.

— Eu te procurei por todos os lugares do mundo e nunca, mas nunca imaginei que iria te encontrar aqui, em plena avenida Paulista.

— Um dia você me mostrou que São Paulo não é só feita de shoppings. É por isso, estou aqui. Por causa de você.

André sorriu se lembrando do passeio deles pela cidade há alguns anos. Com certeza foi uma das melhores tardes de sua vida.

— E posso saber por que você me procurou por todos os lugares?

— Meu, você não faz ideia. Fui a Atlanta, na empresa em que você trabalha, e me disseram que você estava pelo mundo, monitorando treinamentos. Acho que você me enganou quando disse que iria morar nos Estados Unidos.

Como?, Raquel pensou, tomada pelo choque. — Você foi a Atlanta? Mas e a Juli, onde ela está?

— Nós nos separamos alguns meses depois que você partiu.

— Poxa! Eu sinto muito.

— Não sinta.

Raquel não disse nada. Estava digerindo os novos fatos. Em sua cabeça, André e Juli foram feitos um para o outro. Por que será que não deu certo?

— Como eu disse, e você não quis me ouvir, meu casamento com ela já tinha acabado antes mesmo de você surgir. Acredita em mim agora? Olha só, não tenho mais uma aliança no dedo. — brincou ele. — Eu estou divorciado há três anos, esperando por você.

Raquel enfrentou o olhar de André, se esforçando para não reagir de forma eufórica demais. Em vez disso, ponderou.

— Ela deve ter ficado arrasada.

Raquel ainda se lembrava muito bem do dia em que viu Juli na cafeteria chorando desesperadamente com a possibilidade do fim do seu casamento com André.

— No início ficou arrasada. Acredito que hoje ela esteja bem. Juli foi embora para a França para estudar a gastronomia francesa.

A partir daquela frase, Raquel não duvidou mais do que André dizia. Estava aliviada. Havia pouco mais de três anos ela tinha aberto mão dos seus sentimentos e deixado André livre para voltar para Juli. Na época, ela fez o que achava ser o mais correto. Se não havia dado certo, desta vez ela não se sentiria culpada de nada.

— E essa florzinha em seus ombros, quem é?

— Minha sobrinha, Sofia, filha do Romeo e da Eva.

— Essa boneca é filha de Romeo? Não acredito!

— É uma longa história. Mas, resumindo a conversa, por que não quero ficar aqui a noite inteira falando das aventuras de Romeo... Ele

basicamente não conseguiu administrar as quatro namoradas por muito tempo.

— Quatro? Mas não eram três?

— Eram três até que ele conheceu a Eva na fila do caixa do supermercado e começou a namorar com ela também.

— Gente, quatro namoradas!

— Mas minha cunhada, que é uma mulher esperta e muito individualista, não se deixou ser enrolada e o colocou na linha. O que eu achei que nunca seria possível... Mas, veja só, milagres acontecem.

— Nossa! Inacreditável.

— Olhando para você aqui, tão linda na minha frente, eu só posso concluir que a vida é mesmo inacreditável. E que eu tenho um anjo da guarda muito, mas muito competente. Não posso me esquecer de agradecer a ele por esse reencontro.

Raquel enrubesceu. Com certeza o anjo da guarda dela também deveria ser um sujeito muito competente e teimoso.

— Por que você diz isso?

— É que eu fui praticamente arrastado pela Sofia, não foi Sofia? — a garotinha balançou a cabeça em resposta. — Ela queria ver as luzes de Natal comigo e eu vim depois de muita chantagem emocional e alguns beijinhos.

— Fico feliz por você ter atendido ao pedido de sua sobrinha.

— E esse pequeno curioso que quer ver o Santa Claus, quem é? — perguntou, fazendo carinho nas bochechas de John, que reagiu ao contato de André.

Raquel acalmou o filho e esclareceu. — É o meu filho, John.

— Você se casou novamente? — André perguntou num sobressalto. Em seguida, baixou o olhar para a mão esquerda de Raquel, e sentindo uma pontada de dor em seu peito.

— Não, não me casei. Eu o adotei junto com a Claire, a irmã mais nova dele.

André soltou um suspiro aliviado. E sem muitos rodeios, ele perguntou:

- Você ainda pensa em mim, Raquel?
- Às vezes, durante o dia, eu penso em você. E antes de dormir e depois que eu acordo também. E você, tem pensando em mim?
- Hum... Só durante o período em que estou acordado.
- Eles sorriram um para o outro.
- Senti tanto a sua falta...
- E eu senti a sua.
- Tio, quem é essa moça?
- Essa moça aqui na minha frente?
- É.
- Essa moça bonita aqui, Sofia, é o amor da minha vida. Diz se ela não é linda?
- Ela é bonita sim, tio.
- Obrigada. — agradeceu Raquel, sentindo o rosto ficar vermelho.
- O que foi? Duvida da minha certeza?
- Não mais.
- O que você vai fazer agora?
- Acabei de chegar com meus filhos. Pedro está me esperando aqui com Claire.
- O são paulino está aqui? Como ele está?
- Está ótimo! Superou a minha separação com o pai numa boa... Cresceu, amadureceu... Meu filho se tornou meu grande companheiro.
- Que bom. Eu quero vê-lo, posso?
- Pode. Mas você não está com os seus irmãos?
- Eu estou com eles todos os dias, semanas e meses... Tenho certeza de que não irão se importar se eu trocá-los por você.

Raquel sorriu. Por dentro estava explodindo de tanta felicidade. Havia três anos ela tinha feito uma escolha: disse não para o homem que amava convicta de que estava fazendo a escolha certa. E fez: foi para Atlanta desenvolver o curso para a Solve, depois viajou para vários países e cidades monitorando os treinamentos, passou bons momentos ao lado de Pedro, o que foi fundamental para fortalecer a relação mãe e filho, doou seu tempo, atenção e amor a quem precisava trabalhando como voluntária em um

orfanato, adotou John e Claire e voltou para o Brasil completamente realizada. Agora ela era outra pessoa: mais equilibrada, mais serena, amadurecida. Seu coração, no entanto, nunca deixou de amar André.

— Se é assim, vou adorar a sua companhia.

— Me dê dois minutos que vou levar essa princesa para o pai dela e já volto.

Raquel fez cara de quem estava tomando uma decisão muito séria e respondeu:

— O que são dois minutos para quem te esperou a vida inteira?

E sem demorar mais, André a beijou matando um pouco da saudade que havia se acumulado em seu peito durante esse tempo todo que viveu longe dela. Foi um beijo rápido, mas que traduzia todo o seu sentimento por aquela que sempre esteve em sua vida. Em seguida, foi falar com Romeo e Eros e deixar Sofia com eles. Quando voltou, ele pegou a mão de Raquel e perguntou:

— Você está pronta?

— Só quero te lembrar de que, às vezes, não é sempre, mas, às vezes eu sou complicada demais.

— E quem não é?

— Além disso, eu tenho meus momentos de solidão, minhas manias e defeitos, não gosto de futebol, nem de festas de aniversário e não gosto da culinária italiana.

— Neste caso, posso fazer um intensivão de gastronomia japonesa e montar um restaurante japonês, já que essa é a sua comida preferida.

— Não quero que mude nada por minha causa. Gosto de quem você é.

— Não vá pensando que manias e defeitos são uma exclusividade sua. Eu também tenho os meus. — disse, abrindo seu sorriso torto, que Raquel tanto adora.

— Ah, você tem defeitos?

O bom é que você já conhece parte deles.

— E eu quero muito conhecer os demais.

— Sério ou será que você não vai fugir de mim?

— Hum, hum. Nunca mais vou fugir de você. — garantiu ela, consciente de que daquela vez não o deixaria por nada neste mundo.

— Então é isso? São apenas algumas manias e defeitos que estão me impedindo de te beijar?

— Ainda tem mais.

— O quê?

— Bem, eu tenho três filhos, um ex-marido *gay* que vive um relacionamento intenso com Joaquim, que por sinal é meu amigo e vive me pedindo conselhos e dicas de como viver bem com Alberto, uma mãe maluca que em breve vai se casar e me dar um padrasto que eu não conheço direito; uma irmã mais maluca ainda, um cunhado chato pra caramba... Acabei de voltar para o Brasil, estou desempregada e procurando um lugar para morar.

— Só isso? — perguntou fazendo pouco caso, tendo um meio sorriso sarcástico em seus lábios. — Você acha mesmo que eu não dou conta de uma complicada feito você? Está me subestimando, Raquel?

Raquel ajeitou John em seu colo e se jogou nos braços dele, lembrando-se da manhã seguinte após a noite no Guarujá. Na viagem de volta a São Paulo, André perguntou se ela ainda achava que eles foram feitos um para o outro. Raquel se lembrou de ter hesitado para responder, pois houve uma época em que ela tinha certeza disso. Mas já não sabia mais o que achar.

Naquele instante, porém, sob as luzes natalinas daquela noite quente de verão, não lhe restavam mais dúvidas: ela e André foram feitos, sim, um para o outro. E era pra ser.

E ainda *nesta* vida.